

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Raquel Filipa Leitão Carvalho

**EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO SOCIAL COMO
RESPOSTA À PROBLEMÁTICA DO DESEMPREGO
UM ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO DE INCUBADORAS SOCIAIS**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Serviço Social, orientada pela Professora Doutora Cristina Vanessa Coimbra Nunes, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social

Março de 2024



F A C U L D A D E
DE PSICOLOGIA E DE
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Raquel Filipa Leitão Carvalho

**EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO SOCIAL COMO
RESPOSTA À PROBLEMÁTICA DO DESEMPREGO
ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO DE INCUBADORAS SOCIAIS**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Serviço Social, orientada pela Professora Doutora Cristina Vanessa Coimbra Nunes, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social

Agradecimentos

Agradeço à coordenação do Mestrado em Serviço, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, e respetivos/as docentes que me acompanharam ao longo de toda a minha jornada académica por Coimbra. Uma enorme gratidão por me terem possibilitado grandes desafios e mostrado o quão apaixonante e estimulante esta área pode ser «Não damos o peixe, ensinamos a pescar».

Agradeço à Professora Doutora Cristina Vanessa Coimbra Nunes, pela sua dedicação, disponibilidade, exigência e tolerância ao longo dos últimos e longos meses. O seu conhecimento assim como a sua orientação e amizade foram veículos para o desenvolvimento coerente deste trabalho. Gratidão por me ter incentivado a apostar num tema fundamental para o Serviço Social e mergulhar em intervenções mais inovadoras e sustentáveis para enfrentar problemas sociais complexos.

Especialmente, quero expressar a minha profunda gratidão à minha Mãe, Pai e Irmã pelo seu apoio constante, conforto e companheirismo ao longo desta viagem de procura por conhecimento e crescimento pessoal. Agradeço-lhes por me encorajarem a seguir em frente, perseguir os meus sonhos e não desistir mesmo quando as coisas parecem difíceis. Têm sido um farol na minha jornada, guiando-me nos desafios e celebrando comigo cada conquista.

Por sempre acreditar em mim e no meu potencial, um especial agradecimento ao meu namorado. Pela sua presença em todos os momentos, pelo incentivo contínuo a aprimorar as minhas habilidades e competências, por me levantar quando necessário e me orientar com sabedoria, pelo seu amor e amizade, que muito significam para mim.

Ainda, um especial agradecimento especialmente aos meus avós, pelas suas palavras de estima e carinho, que têm sido como uma luz no meu caminho, dando-me a coragem necessária para enfrentar os desafios.

Um enorme obrigada à minha cunhada pelo seu apoio inabalável, tendo sido um verdadeiro impulso para a minha autoconfiança, por sempre estar disposta a estender a mão amiga, e por cada palavra de estímulo e gesto de ajuda.

Similarmente muito agradeço à Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de Coimbra por toda a camaradagem, carinho, boa energia, momentos de confraternização e ensinamentos ao nível da ética profissional e humanização dos cuidados.

Aos meus amigos da terrinha e melhores amigas da faculdade que, mesmo longe geograficamente estiveram presentes e deram-me apoio de coração. Obrigada pela partilha de gargalhadas, desabafos pessoais e espaço para crescermos juntos/as.

Todo o esforço empreendido neste trabalho reflete um grande compromisso pessoal em concretizar mais uma etapa no percurso académico e profissional. A minha sincera gratidão por todas as pessoas que se envolveram neste estudo e que voluntariamente decidiram contribuir para a sua realização.

A todos/as o meu sincero obrigada!

“Curiosidade, criatividade, disciplina e, especialmente, paixão são algumas das exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade”

Mirian Goldenberg

“A coisa mais indispensável a um homem [e a uma mulher] é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento”

Platão

Resumo

O paradoxo entre a complexidade dos problemas sociais contemporâneos e da crescente preocupação com as suas necessidades, que não são atendidas nem pelo Estado nem pelo mercado, é uma problemática crucial. O empreendedorismo e a inovação social, são conceitos presentes na literatura publicada, que têm vindo a ganhar espaço na maioria dos países ocidentais. A par desta situação, o empreendedorismo social tem sido apresentado nas políticas públicas como uma resposta à problemática do desemprego. Nesse sentido, o estudo incidiu sobre o empreendedorismo e a inovação social enquanto ferramenta com capacidade de fomentar a empregabilidade através do processo de incubação, que se apresenta como um paradigma inovador e facilitador do desenvolvimento social. Assim, através de metodologia qualitativa, foi realizado um estudo de caso múltiplo, investigando de que forma as incubadoras sociais facilitam a inserção no mercado de trabalho da população desempregada, uma vez que se apresentam como mecanismos de criação e desenvolvimentos de negócios e/ou projetos criativos, inovadores e sustentáveis. Para cumprir este objetivo, foram recolhidos dados com recurso a entrevistas semiestruturadas às/aos participantes das incubadoras sociais e aos técnicos/as superiores das equipas, que posteriormente foram tratados através de análise categorial. Em termos geográficos, o estudo foi limitado à região centro do país, mais concretamente a duas incubadoras sociais do distrito de Coimbra. Os resultados evidenciam que as incubadoras sociais têm um papel crucial no fomento do desenvolvimento económico e social. Estas promovem também a inovação e experimentação local, estimulando a criatividade e a experimentação dentro da comunidade ao fornecer recursos, serviços, orientações e um ambiente propício para desenvolverem as suas ideias inovadoras. Ademais, atuam como laboratórios experimentais de políticas públicas, testando e melhorando as mesmas, por forma a apoiar o empreendedorismo e a contribuir significativamente para mitigar o desemprego e promover o emprego sustentável. As incubadoras sociais não são, todavia, uma solução única para esta problemática, e o empreendedorismo pode não ser uma resposta adequada para todos, sendo significativo efetuar abordagens personalizadas para enfrentar as complexidades e desafios inerentes.

Palavras-Chave: Desemprego; Políticas Públicas de Emprego, Empreendedorismo Social; Inovação Social; Incubadoras Sociais

Abstract

The paradox between the complexity of contemporary social problems and the growing concern about their needs, which are not met by either the state or the market, is a crucial issue. Entrepreneurship and social innovation are concepts present in the published literature, which have been gaining ground in western world. Alongside this, social entrepreneurship has been presented in public policies as a response to the problem of unemployment. This study focussed on entrepreneurship and social innovation as a tool with the capacity to foster employability through the incubation process, which is presented as an innovative paradigm that facilitates social development. Thus, using a qualitative methodology, a multiple case study was carried out, investigating how social incubators make it easier for unemployed people to enter the labour market, since they are presented as mechanisms for the creation and development of creative, innovative and sustainable businesses and/or projects. In order to fulfil this objective, data was collected using semi-structured interviews with participants from the social incubators and senior staff from the teams, which was then processed using categorical analysis. In geographical terms, the study was limited to the centre of the country, more specifically to two social incubators in the district of Coimbra. The results show that social incubators play a crucial role in fostering economic and social development. They also promote local innovation and experimentation, stimulating creativity and experimentation within the community by providing resources, services, guidance and a favourable environment in which to develop their innovative ideas. In addition, they act as experimental laboratories for public policies, testing and improving them in order to support entrepreneurship and contribute significantly to mitigating unemployment and promoting sustainable employment. Social incubators are not, however, a one-size-fits-all solution to this problem, and entrepreneurship may not be the right answer for everyone, so it is important to take personalised approaches to tackle the complexities and challenges involved.

Keywords: Unemployment; Public Employment Policies, Social Entrepreneurship; Social Innovation; Social Incubator

Résumé

Le paradoxe entre la complexité des problèmes sociaux contemporains et la préoccupation croissante pour leurs besoins, qui ne sont satisfaits ni par l'État ni par le marché, est une question cruciale. L'entrepreneuriat et l'innovation sociale sont des concepts présents dans la rare littérature publiée, qui ont gagné du terrain dans la plupart des pays de l'ouest. Parallèlement, l'entrepreneuriat social a été présenté dans les politiques publiques comme une réponse au problème du chômage. Dans cette optique, l'étude s'est concentrée sur l'entrepreneuriat et l'innovation sociale en tant qu'outil capable de favoriser l'employabilité par le biais du processus d'incubation, qui est présenté comme un paradigme innovant facilitant le développement social. Ainsi, à l'aide d'une méthodologie qualitative, une étude de cas multiples a été réalisée, examinant comment les incubateurs sociaux facilitent l'entrée des chômeurs sur le marché du travail, puisqu'ils sont présentés comme des mécanismes de création et de développement d'entreprises et/ou de projets créatifs, innovants et durables. Pour atteindre cet objectif, des données ont été collectées à l'aide d'entretiens semi-structurés avec des participants des incubateurs sociaux et des cadres des équipes, qui ont ensuite été traitées à l'aide d'une analyse catégorielle. Sur le plan géographique, l'étude s'est limitée au centre du pays, plus précisément à deux incubateurs sociaux dans le district de Coimbra. Les résultats montrent que les incubateurs sociaux jouent un rôle crucial dans la promotion du développement économique et social. Ils encouragent également l'innovation et l'expérimentation locales, stimulant la créativité et l'expérimentation au sein de la communauté en fournissant des ressources, des services, des conseils et un environnement favorable au développement d'idées novatrices. En outre, ils agissent comme des laboratoires expérimentaux pour les politiques publiques, qu'ils testent et améliorent afin de soutenir l'esprit d'entreprise et de contribuer de manière significative à la réduction du chômage et à la promotion de l'emploi durable. Les incubateurs sociaux ne constituent toutefois pas une solution unique à ce problème, et l'entrepreneuriat n'est peut-être pas la bonne réponse pour tout le monde. Il est donc important d'adopter des approches personnalisées pour faire face aux complexités et aux

Mots-clés: Chômage; Politiques publiques d'emploi, entrepreneuriat social; Innovation sociale ; Incubateurs sociaux

Índice de abreviaturas, siglas e acrónimos

AF	Agregado Familiar
CEE	Comunidades Económicas Europeias
DCD	Desempregado de curta duração
DLD	Desempregado de longa duração
ES	Empreendedorismo Social
ENDS	Estratégia Nacional para o Desenvolvimento Sustentável
FFMS	Fundação Francisco Manuel dos Santos
IEFP	Instituto de Emprego e Formação Profissional
IIES	Iniciativas de Inovação e Empreendedorismo Social
INE	Instituto Nacional de Estatística
LEED	<i>Local Economic and Employment Development</i>
MTSSS	Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
NESTA	<i>National Endowment for Science, Technology and Arts (NESTA)</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OES	Organizações de Economia Social
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAE	Políticas Ativas de Emprego
PPE	Políticas Públicas de Emprego
PIB	Produto Interno Bruto
UE	União Europeia

Índice de Figuras

Figura 1.	As crises do século XXI (2000-2023), em ordem cronológica.....	25
Figura 2.	Taxa de desemprego: total e por género (taxa %).....	149
Figura 3.	Taxa de desemprego: total e por grupo etário (taxa %)	145
Figura 4.	Taxa de desemprego: contributo por duração (indivíduo-milhares).....	150

Índice de Tabelas

Tabela 1.	Resumo dos Perfis de Pobreza em Portugal.....	37
Tabela 2.	Políticas Ativas e Passivas de Emprego.....	43
Tabela 3.	Medidas Ativas de Emprego.....	45
Tabela 4.	Medidas e Instrumentos de financiamento do Portugal Inovação Social 2020.....	60
Tabela 5.	Medidas e Instrumentos de financiamento do Portugal Inovação Social 2030.....	62
Tabela 6.	Categorização referente à análise de conteúdo das entrevistas das pessoas em processo de incubação	75
Tabela 7.	Categorização referente à análise de conteúdo das entrevistas das Técnicas Superiores dos projetos de incubação.....	77
Tabela 8.	Codificação dos/as participantes no estudo.....	79
Tabela 9.	Caracterização das incubadoras sociais em estudo.....	81
Tabela 10.	Caracterização sociodemográfica dos/as participantes em estudo.....	84
Tabela 11.	Caracterização das incubadoras sociais quanto às suas componentes e etapas de formação.....	102
Tabela 12.	Critérios de admissão aos programas de incubação.....	114
Tabela 13.	Princípios de atuação e singularidades das incubadoras em estudo.....	116
Tabela 14.	Caracterização das pessoas participantes nas incubadoras sociais em estudo.....	122
Tabela 15.	Incubadoras de Inovação Social do Programa Portugal Inovação Social.....	157

Índice geral

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
Résumé.....	ix
Índice de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	x
Índice de Figuras.....	xi
Índice de Tabelas.....	xii
Introdução.....	15
.....	21
PARTE I - Enquadramento Teórico-Conceptual.....	21
Capítulo I. Desemprego, Pobreza e Exclusão Social.....	22
1. Desemprego, Precariedade e Subemprego.....	22
1.1. Entre crises e oportunidades: Impactos na Economia e reflexos no emprego em Portugal ²⁵	
1.2. Consequências pessoais e sociais do desemprego.....	32
2. Pobreza e Exclusão social na teia do Desemprego.....	35
Capítulo II. Empreendedorismo Social em Portugal: Uma Janela de Oportunidades.....	42
1. Políticas Públicas de Emprego em Portugal.....	43
2. Abordagens do conceito de empreendedorismo e empreendedorismo social.....	46
2.1. Potencialidades e limites do empreendedorismo social.....	49
Capítulo III. Inovação social, sustentabilidade e estratégias.....	51
1. Inovação e Inovação social: conceptualização.....	51
2. A Inovação Social como Política Pública em Portugal.....	57
Capítulo IV. Incubadoras sociais enquanto mecanismo de inovação territorial.....	63
1. Incubadoras Sociais enquanto conceito.....	63
PARTE II- Estudo Empírico.....	68
Capítulo V. Métodos e Procedimentos de estudo.....	69
1. Pertinência científica e social do tema.....	69
2. Objetivos de investigação.....	70
3. Procedimentos Metodológicos.....	71
3.1. Tipo de estudo.....	71
3.2. Seleção da amostra e procedimentos de amostragem.....	72
3.3. Instrumentos e Técnicas de recolha de dados.....	72
3.4. Procedimento de tratamento e análise de dados.....	73
3.5. Considerações éticas e morais.....	79

Capítulo VI. Apresentação e análise de dados	81
1. Caracterização das incubadoras sociais em estudo	81
2. Caracterização sociodemográfica dos/as participantes em estudo	84
3. Ramificações na situação socioeconómica da pessoa desempregada	86
4. Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo	88
5. Apoios: As Redes de Suporte como recursos formais e informais	94
6. Medidas de Emprego.....	97
6.1. Posicionamento face às medidas de emprego	97
6.2. Estratégias de adequação ao mercado de trabalho - Humanização e Personalização no desenvolvimento Profissional	100
6.3. Participação na vida social - Entre o estigma e a oportunidade: O impacto do desemprego na participação social e política	101
7. Estratégias adaptativas ao mercado de trabalho.....	105
8. Participação em Programas de Incubação de ideias e/ou projetos	108
8.1. Motivações para o processo de mudança	108
8.2. Dificuldades e/ou obstáculos da mudança.....	110
9. Modelos de Incubação Social.....	111
9.1. Funcionamento	111
9.2. Competências e aprendizagens adquiridas e/ou reforçadas.....	117
9.3. Potencialidades e limites da incubação	119
9.4. Caracterização das pessoas participantes incubadas	122
10. Empreendedorismo enquanto ferramenta de Emprego.....	123
10.1. Autoemprego como alternativa à situação de desemprego	124
11. Autoperceção das mudanças de vida no futuro.....	125
11.1. Perspetiva da Vida Durante o Desemprego.....	125
12. Avaliação final dos projetos financiados	126
Conclusão.....	130
Referências Bibliográficas	137
Anexos / Apêndices.....	148

Introdução

O impacto das crises económico-financeiras, sociais e pandémica tem uma fatura económica e social bastante significativa, verificando-se, na sociedade portuguesa, uma elevada taxa de desemprego e, conseqüentemente, um agravamento da pobreza e exclusão social (Sousa, 2013). A componente da exclusão social é tida como um processo que pode originar outros estados de desvantagem, na qual se pode verificar uma rutura de laços do indivíduo com a sociedade e onde, colateralmente, “surgem novos grupos de risco que se encontram numa situação de rutura com as quatro esferas de inserção - Trabalho, Estado, Comunidade, Família” (Sousa, 2013, p.12).

Apesar da existência dos mecanismos ditos ‘tradicionais’ estes parecem não dar uma resposta fácil aos problemas sociais e, neste sentido, Portugal tem vindo a financiar a criação, desenvolvimento ou crescimento de projetos de inovação social, apostando em soluções criativas perante um contexto instável, de profundas desigualdades e com novos desafios. O país reconhece as potencialidades destes projetos como uma ferramenta para a criação de valor social na comunidade, no sentido de gerar uma melhor qualidade de vida às pessoas e contribuir para o desenvolvimento sustentável local/territorial. Segundo Martinelli et al. (2003, citado por Sousa, 2013) a inovação social tem como propósito satisfazer as necessidades humanas, não satisfeitas pelas vias tradicionais, promover a inclusão social e acesso aos direitos, assim como capacitar os indivíduos. Para Bignetti (2011, p. 4) a mesma surge como “uma alternativa viável para o futuro da sociedade humana”, tendo como fim último a mudança social.

O surgimento de novas estratégias potenciadoras da capacidade de fomentar a empregabilidade podem passar por processos de incubação de ideias de negócios e/ou projetos a desenvolver. As incubadoras, enquanto "centros de capacitação e aprendizagem individual e coletiva" que “contribuem para o aumento do emprego, para a mobilização e aprendizagem, para a participação coletiva e para a criação de atividades que criem valor social" (Sousa, 2013, p.5), assumem-se como uma estratégia a este respeito. As mesmas apresentam uma grande diversidade de tipologias, todavia as incubadoras em estudo nesta investigação são as incubadoras sociais pelo seu papel vital na promoção do empreendedorismo social, fornecendo suporte a empreendedores que procuram abordar problemas sociais. Estudar as incubadoras sociais revela-se crucial para analisar a eficácia das estratégias utilizadas de forma a incentivar o surgimento de ideias inovadoras e socialmente impactantes. Capazes de fornecerem um ambiente de apoio para

reduzir riscos e barreiras sentidas pelos empreendedores sociais. Compreender como as incubadoras funcionam e abordam os desafios específicos pode fornecer lições valiosas para melhorar o ecossistema de empreendedorismo social assim como fornecer *insights* para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam o empreendedorismo e abordem questões sociais.

As incubadoras sociais estão associadas aos movimentos da economia social e solidária assim como ao terceiro sector, evidenciando uma preocupação relacionada à sustentabilidade e ao impacto social (Ferreira, 2010). A economia social parece avançar rapidamente uma vez que as estruturas existentes e as políticas públicas estabelecidas revelam-se insuficientes para combater os problemas sociais (Bignetti, 2011). A incubação social assume-se como um mecanismo promotor de empreendedorismo social. O mesmo pode ser uma resposta inovadora à problemática do desemprego, criando soluções inovadoras, sustentáveis e socialmente conscientes para criar oportunidades de emprego e melhorar as condições das pessoas. A par desta situação, a promoção do empreendedorismo tem vindo a ganhar o seu espaço na maioria dos países capitalistas, constituindo-se como um valor transversal a toda a vida quotidiana. O empreendedorismo social e a inovação estão intrinsecamente ligados, pois ambos desempenham papéis essenciais no desenvolvimento económico, na criação de empregos e na resolução de problemas e avanço da sociedade. O empreendedorismo social tem sido destacado como uma solução a vários problemas sociais. As múltiplas crises de que é exemplo a crise económico-financeira de 2008 e pandémica de 2019, assim como o contexto de guerra na Ucrânia e mais recentemente na Faixa de Gaza, têm implicações nas situações de desemprego e, neste contexto, o empreendedorismo tem sido apresentado nas políticas públicas como sendo uma forma de solução também a este problema social.

O presente estudo irá focar-se nesta relação, no sentido de compreender de que forma as incubadoras sociais, enquanto estruturas de inovação social e promotoras de empreendedorismo social, facilitam a inserção no mercado de trabalho da população desempregada. Pretende-se estudar os elementos diferenciadores das incubadoras sociais que potenciam a capacidade de fomentar a empregabilidade. A relação entre inovação e emprego tem levado a diferentes questões de pesquisa (Serra, 2018), sendo que o discurso em torno destes conceitos vem a assinalar “novas formas de socialização do mundo do trabalho e emprego” (p. 288). Os estudos sobre inovação social enquanto resposta ao desemprego ainda não se constituem como um conteúdo consolidado de conhecimentos.

Na realidade, é possível afirmar que o tema é menos conhecido quando comparado com a imensa literatura existente sobre a inovação no seu sentido mais amplo (Bignetti, 2011).

Tendo por base o objetivo de investigação, foi desenvolvido um estudo de abordagem qualitativa, descritivo e exploratório, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimento através da descrição e interpretação dos fenómenos em estudo (Fortin, 2009). Este estudo qualitativo tem por base o paradigma interpretativista, onde os dados foram recolhidos *in loco*, cujos fenómenos em análise foram compreendidos através dos pontos de vista das pessoas participantes no estudo (Vilelas, 2017), privilegiando o método indutivo. Essa abordagem pressupõe a necessidade de observações e medições precisas e objetivas, além de uma análise detalhada e rigorosa dos dados para alcançar conhecimentos científicos. O fundamento da estratégia indutiva, o positivismo, implica suposições ontológicas sobre um universo composto por eventos observáveis e distintos. Do ponto de vista epistemológico, entende-se que o conhecimento é produzido pelo uso dos sentidos humanos e da análise experimental ou comparativa.

Adaptar a estratégia indutiva torna-se importante para objetivos exploratórios e descritivos, alinhando-se a este estudo com o propósito de descrever fenómenos e identificar padrões que necessitam de exploração/investigação adicional (Blackie et al., 2022). Deste modo, foi privilegiado o estudo de caso múltiplo, utilizando duas técnicas: as entrevistas semiestruturadas e um mapeamento e caracterização das incubadoras sociais em Portugal. A amostra foi constituída por duas incubadoras sociais do distrito de Coimbra, sendo auscultados dois elementos das equipas técnicas e quatro participantes do processo de incubação. Para cumprir o objetivo geral desta investigação, os dados foram recolhidos através de uma entrevista semiestruturada e a uma análise de conteúdo segundo Bardin (2020).

Do ponto de vista estrutural, esta Dissertação de Mestrado é constituída pela presente Introdução e duas partes, mais especificamente a Parte I – Enquadramento Teórico-Conceptual e Parte II – Estudo Empírico.

Na primeira parte, estão contemplados 4 capítulos. O Capítulo 1 “Desemprego, Pobreza e Exclusão Social”, onde são descritos e analisados os principais conceitos e abordadas noções teóricas que estão ligadas, de certa maneira, à exclusão social e ao progressivo desvanecimento da coesão social. O desemprego não remete necessariamente à pobreza ou à exclusão social, uma vez que o mesmo pode ser temporário e os recursos suficientes para uma pessoa conseguir manter-se nas redes sociais existentes (Bento, 2010). Todavia, Caleiras (2015) refere que a perda de «*status*» assim como as alterações

na participação comunitária e a pobreza podem advir de situações de desemprego. Nas situações em que o desemprego é prolongado, os recursos individuais praticamente inexistentes, as redes de suporte informal frágeis e os sistemas públicos de proteção social se assumem débeis, as consequências pessoais tendem a ser mais penosas para os indivíduos. Todos estes fatores potenciam o risco de gerar círculos viciosos de pobreza e exclusão (Caleiras, 2015), uma vez que o emprego além de ser uma fonte de rendimento é também um promotor de redes, estatuto e identidade social (Centeno et al., 2000, citados por Bento, 2010). Ainda no mesmo capítulo é apresentado um quadro internacional, afunilando para o contexto de Portugal, no qual são expostos dados estatísticos fornecidos pelas bases de dados do Instituto Nacional de Estatísticas e PORDATA.

Seguidamente, o Capítulo 2 “Empreendedorismo Social em Portugal”, apresenta o conceito de empreendedorismo social, de modo a ser possível clarificar, através de obras científicas de referência (e.g., Murray et al. (2010); Parente et al., 2011) as ideias, estudos, conceptualizações e análises destas áreas. O empreendedorismo social é considerado como uma estratégia de combate ao fenómeno de desemprego, apresentando-se no plano das políticas públicas de emprego, que assumem um cariz de ativação.

O Capítulo 3 “Inovação Social, estratégias e sustentabilidade de iniciativas de inovação” abre caminho à conceptualização da inovação e inovação social, ultrapassando a perspetiva *mainstream* de abordagem à inovação enquanto mudança tecnológica que conduz ao crescimento económico e emprego. Neste campo, considera-se a inovação como uma melhoria das condições de vida num contexto de mudança social e de responsabilização coletiva (Guerra, 2009). A inovação social tem como propósito satisfazer as necessidades humanas, não satisfeitas pelas vias tradicionais, promover a inclusão social e acesso aos direitos, assim como capacitar os indivíduos. Para Bignetti (2011, p. 4) a inovação surge como “uma alternativa viável para o futuro da sociedade humana”, tendo como fim último a mudança social positiva. No mesmo capítulo é abordada a inovação social como política pública em Portugal através da iniciativa “Portugal Inovação Social”, sendo o pioneiro desta iniciativa o Programa Equal, que estimulou a inovação social no país.

O Capítulo 4 “Incubadoras Sociais enquanto mecanismo de inovação territorial”, debruça-se sobre as várias naturezas de incubadoras, centrando-se posteriormente nas incubadoras sociais, uma vez que são estas o objeto de estudo. Existem diferentes tipologias de incubadoras sociais, que podem ser agrupada em quatro grupo principais: (i) base tecnológica, cujos destinatários trabalham diretamente com empreendimentos

tecnológicos; (ii) tradicionais, que oferecem suporte a empresas que operam em setores da economia mais tradicional; (iii) mistas, que atendem tanto empreendimentos de base tecnológica como tradicionais; (iv) sociais, que se focam em cooperativas e associações (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores, 2012) A título ilustrativo as incubadoras apoiadas pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), cuja Portaria n.º 205/2021, de 12 de outubro, apresenta a criação de uma rede de Incubadoras Sociais de Emprego, destinadas a apoiar a procura ativa de emprego das pessoas em situação de desempregado e a potenciar a sua (re)inserção no mercado de trabalho. Este projeto piloto foi inspirado no modelo espanhol de Lanzaderas de Empleo, criado pela Fundação Santa Maria La Real. O projeto surgiu como forma de testar a transferibilidade desta metodologia para o contexto português e preparar alargamento das incubadoras sociais de emprego no território nacional (IEFP, 2021).

Neste capítulo consta ainda um mapeamento das incubadoras sociais existentes em Portugal ao abrigo da iniciativa do programa Portugal Inovação Social, uma vez considerado método e ferramenta ideal para uma análise comparativa das mesmas (e.g. entidade implementadora, natureza, região, localidade, problema social, metodologia e financiamento total). Este mapeamento resultou de uma análise documental, tendo sido esta uma das técnicas considerada para o caso de estudo múltiplo.

Na segunda parte é apresentado o Estudo Empírico, identificando a delimitação do objeto de estudo, objetivos, tipo e abordagem de estudo, seleção de amostra e procedimentos de amostragem, instrumentos e técnicas de recolha de dados, procedimentos de tratamento e análise de dados assim como as considerações éticas e morais do estudo. Todas estas componentes estão inseridas no capítulo V “Métodos e Procedimentos de Estudo”.

A recolha de dados foi efetuada através de entrevista semiestruturada, realizada aos participantes das incubadoras sociais e respetivos elementos das Equipas Técnicas, sendo esta uma técnica utilizada para a recolha de dados em investigação qualitativa de acordo com Fortin (2009), seguindo os guiões de entrevistas. A transcrição das entrevistas seguiu as 6 etapas propostas por Azevedo et al. (2017). Para o processo de análise de dados recorreu-se à análise de conteúdo segundo Bardin (2020), e ao software de suporte à análise qualitativa *MAXQDA Analytic Pro 2024*. Através de um raciocínio indutivo, método empírico, foi realizada a codificação e categorização dos dados recolhidos em segmentos. A confidencialidade e anonimato foram garantidos ao longo de todo o estudo, desde a recolha de dados até à publicação dos resultados.

Segue-se o capítulo VI “Apresentação e análise dos dados”, que representa o domínio dos resultados obtidos, no qual são apresentados e discutidos os mesmos.

Por fim, encontram-se as principais conclusões obtidas através deste estudo, respetivas limitações e possíveis melhorias futuras do desempenho e aperfeiçoamento dos processos de incubação. Foi executada, em todos os capítulos, uma reflexão em paralelo com os últimos acontecimentos decorrentes da crise de 2008, crise pandémica COVID-19, Guerra Rússia-Ucrânia e sucessiva crise inflacionista e energética, cuja investigação empírica procura ser mais ajustada à realidade atual, valorizando a dimensão interpretativa da relação entre o empreendedorismo social e a inovação social com a dimensão do desemprego.

PARTE I - Enquadramento Teórico-Conceptual

Capítulo I. Desemprego, Pobreza e Exclusão Social

Neste primeiro capítulo será abordado o nexo da relação entre desemprego, pobreza e exclusão social bem como os seus conceitos. Serão abordadas noções teóricas que estão ligadas, de certa maneira, à exclusão social e ao progressivo desvanecimento da coesão social. Isto porque o desemprego não remete necessariamente à pobreza ou à exclusão social, uma vez que o mesmo pode ser temporário e os recursos suficientes para uma pessoa conseguir manter-se nas redes sociais existentes (Bento, 2010). No entanto, quanto mais tempo uma pessoa estiver fora do mercado de trabalho, mais vulnerável está, uma vez que o emprego além ser uma fonte de rendimento é também um promotor de redes, estatuto e identidade social (Centeno et al., 2000 citados por Bento, 2010). Este capítulo, além de procurar enquadrar estes conceitos, procura também analisar os dados estatísticos resultantes do impacto destes fenómenos na sociedade portuguesa, uma vez que o passado do país foi marcado por taxas de crescimento baixas e sucessivas crises económicas severas (Silva, 2020). Portugal foi particularmente afetado pela crise económico-financeira de 2008 e subsequente crise da dívida soberana entre 2011 e 2013. A retoma do país começou em 2014 a passos curtos uma vez que a sua recuperação foi lenta, pois só em 2018 é que a economia havia superado as duas crises consecutivas. Porém, esse período durou pouco tempo dado que o início de 2020 ficou pautado pelo desencadear da pandemia Covid-19, que levou ao confinamento e encerramento de vários setores de atividade, culminando numa grave crise económica (Silva, 2020). Quando a economia global ainda não tinha recuperado totalmente da pandemia, dá-se o conflito armado, desencadeado pela Rússia contra a Ucrânia, em fevereiro de 2022 (Gourinchas, Conselheiro Económico e Diretor do Departamento de Estudos do FMI, 2022). A guerra veio agravar a tendência inflacionista e, consequentemente atingir as camadas mais vulneráveis da sociedade “acelerando a degradação de uma situação já precária” (FFMS, 2022, p.1). A juntar a estes eventos, recentemente a situação de conflito/guerra na faixa de Gaza veio complexificar a conjuntura socioeconómica e política atual.

1. Desemprego, Precariedade e Subemprego

Desde sempre que os impactos das crises (e.g., económica, financeira, geopolítica) tiveram e continuam a ter uma fatura económica e social bastante terrível, verificando-se um aumento do desemprego e, consequentemente, um agravamento da pobreza e exclusão social (Sousa, 2013). Para Tavares et al., (2020, citados por Carmo et al., 2021)

o desemprego é um fenómeno bastante sensível às crises conjunturais e representa um dos maiores flagelos das sociedades contemporâneas, provocando danos consideráveis nas dimensões pessoais e sociais difíceis de reverter a médio e longo prazo. Segundo Centeno (2013), o processo de criação ou perda de emprego que se verifica na economia, origina que mesmo em períodos de pleno emprego, os economistas prevejam situações de desemprego. Para o Instituto Nacional de Estatística (2019) essas mesmas situações abarcam

Todas as pessoas acima de uma determinada idade que, durante o período de referência, estão sem trabalho (num emprego remunerado ou num emprego por conta própria) ou disponíveis para trabalhar (num emprego remunerado ou por conta própria) ou à procura de trabalho (tendo feito diligências específicas num período recente especificado no sentido de procurarem emprego remunerado ou por conta própria).

Essas situações podem configurar-se como Desemprego de Curta Duração (DCD) ou Desemprego de Longa Duração (DLD). O primeiro corresponde ao período inferior a 12 meses sem exercer atividade laboral, enquanto o desemprego de longa duração corresponde ao período superior a 12 meses sem exercer atividade laboral, sendo considerado como um problema social complexo, uma vez que existem várias versões sobre a natureza e a extensão do problema. Não têm uma só solução ou conjunto de soluções e, por isso, não pode ser resolvido apenas a partir da responsabilidade de um único ator, implicando sempre a coordenação de vários atores a várias escalas (Fialho, 2013).

O desemprego pode apresentar-se como friccional ou natural; estrutural; conjuntural ou cíclico e sazonal (Fialho, 2013). O desemprego friccional ou natural diz respeito ao desemprego de curta duração (DCD) e não está associado a uma insuficiência de ofertas de trabalho, mas sim ao facto de existirem sempre pessoas que em algum momento se encontram desempregadas, seja por estarem à procura do primeiro emprego, seja por estarem em transições entre empregos (Centeno, 2013). Este facto, de acordo com Bairrada (2000, citado por Fialho, 2013), dá origem a que, mesmo em períodos de pleno emprego económico, a taxa de desemprego nunca seja nula. Também Samuelson e Nordhaus (1993 citados por Fialho, 2013) argumentam que este tipo de desemprego ocorre devido aos movimentos constantes das pessoas entre diferentes regiões e empregos

ou pelas diferentes etapas do ciclo de vida, sendo por isso considerado desempregado voluntário. Na perspectiva de Centeno (2013), no mercado de trabalho existem fatores que condicionam o reajuste dos preços provocando desequilíbrios entre os dois lados do mercado. Os fatores que condicionam este equilíbrio resultam em desemprego estrutural. Assiste-se frequentemente a desequilíbrios estruturais em determinadas atividades ou regiões do país, quando determinados setores ou regiões crescem e outros reprimem e, a oferta de trabalho não se ajusta aos processos de mudança e inovação. A introdução de novas tecnologias e processos de fabrico podem colocar em causa as competências dos trabalhadores, e consequentemente perderem o posto de trabalho (Fialho, 2013). Tudo isto obriga a que os trabalhadores procurem constantemente requalificar-se, exigindo desde logo tempo e esforço, pelo que o desemprego estrutural pode manter-se durante um longo período (Fialho, 2013). Segundo Michael Parkin et al., (1997, citados por Fialho, 2013, p. 6), este tipo de desemprego “é mais penoso, especialmente para os trabalhadores mais velhos”. Todavia, este tipo de desemprego também poderá verificar-se igualmente nas camadas mais jovens e qualificadas. Por sua vez, o desemprego conjuntural ou cíclico ocorre quando a taxa de emprego diminui, em resultado de um desequilíbrio entre a oferta e procura, sendo comum afirmar-se que, por norma, coaduna com os ciclos económicos resultantes de uma crise, guerra, catástrofe climática, entre outros eventos (Fialho, 2013). O desemprego sazonal “ocorre em função das variações no ritmo e na frequência da atividade económica em razão de certas atividades serem exercidas em épocas muito específicas do ano”, como é o caso da agricultura, do turismo ou do comércio, sendo acontecimentos que se repetem anualmente (Fialho, 2013, pp.5-6).

Segundo Carmo e D’Avelar (2020) o flagelo do desemprego atinge um crescente número de pessoas em idade ativa¹, sendo o resultado das turbulências ocorridas no mercado de trabalho. Nas últimas décadas, o emprego tem sofrido mutações que o colocaram em causa, gerando impacto em termos sociais. De facto, a ocorrência de grandes crises à escala mundial, alteraram profundamente as dinâmicas das sociedades. Remeteram, em muitos casos, vários trabalhadores à precariedade laboral e consequentemente perda de direitos. Para Carmo et al., (2021), “a precariedade laboral significa em muitos casos a antecâmara do desemprego” (p. 27). Uma das dimensões da precariedade é o subemprego. Segundo a definição do Instituto Nacional de Estatística

¹ População Ativa – “População com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, constituía a mão de obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico (população empregada e desempregada)” (INE, Sistema de Metainformação, 2006)

(INE), que se alinha à europeia, uma pessoa² que está em situação de subemprego tem um emprego remunerado ou não, cuja duração habitual do trabalho é inferior à duração normal do mesmo e, por esse motivo, declara pretender trabalhar mais horas (INE, 2006). Para os autores Carmo et al., (2021), esta forma de trabalho é considerada uma espécie de meio caminho entre estar na situação de empregado e estar numa situação de desemprego, que coloca os indivíduos numa situação de vulnerabilidade, de precariedade laboral, insegurança económica e por sua vez, desproteção social (Carmo et al., 2021).

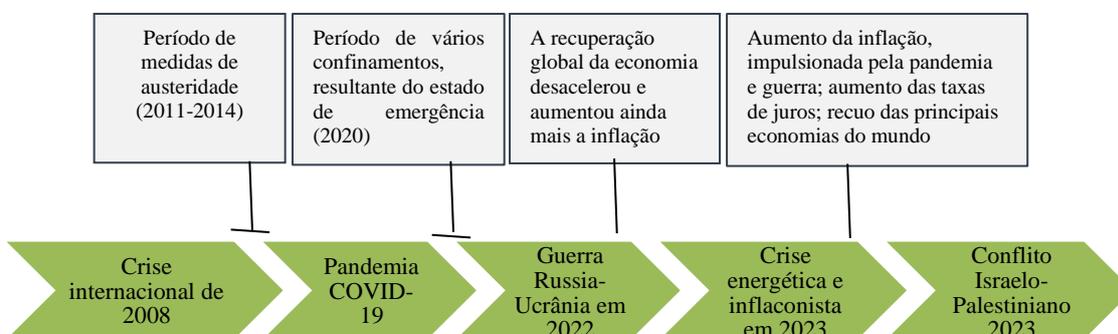
O desemprego e a precariedade são fruto do modelo neoliberal que gera crises que, por sua vez, levam a situações de desemprego e sucessivamente exclusão social. Para Caleiras (2015) o desemprego é concebido como um problema social e económico, sendo característico das sociedades modernas, decorrente dos desequilíbrios no mercado de trabalho.

1.1. Entre crises e oportunidades: Impactos na Economia e reflexos no emprego em Portugal

Com o intuito de uma maior reflexão sobre este fenómeno urge a necessidade de um enquadramento socioeconómico e político entre 2003 e 2023 (últimos 20 anos). Nesse sentido, este enquadramento debruçar-se-á sobre a crise económico-financeira de 2008, período pandémico, invasão da Ucrânia pela Rússia e sucessiva subida da inflação. A juntar a estes eventos, surgiu o conflito israelo-palestino em 2023, com repercussões na economia mundial. Portugal tem mergulhado em sucessivas crises com fortes impactos económicos, políticos e sociais que carecem de uma análise para uma compreensão dos fenómenos em estudos e da formulação de políticas públicas sociais.

Figura 1

As crises do século XXI (2003-2023), em ordem cronológica



² Com idade mínima de 15 anos (INE, Sistema de Metainformação, 2006)

Na realidade, a crise internacional de 2008 apresentou-se como uma grave crise económico-financeira, tendo como epicentro o sistema capitalista (Sabariego & Matos (2017), trazendo à Europa a pior recessão das suas últimas décadas da história, expandindo-se rapidamente pelos quatro cantos do mundo. A crise não começou na Europa, mas as instituições e os Estados-Membros da União Europeia (UE) tiveram de reagir prontamente para atenuar os seus efeitos e suprir as fragilidades da União Económica e Monetária. De acordo com Carmo e D’Avelar (2020, p.14):

Foi, de facto, a partir desta data que se verificaram em Portugal “profundos choques no mercado laboral, aos quais se juntou uma série de políticas públicas que visavam a efetiva desvalorização do mercado, desregulação das leis laborais e da negociação e contratações coletivas”. Muitas destas medidas foram impostas pela troika sobretudo entre os anos de 2011 e 2014³.

Este período, então subjugado às políticas de austeridade, abalou fortemente a economia nacional, com efeito em várias áreas, tais como: (i) o emprego; (ii) as pensões; (iii) as prestações sociais; (iv) o crescimento económico e (v) a competitividade internacional (Sabariego & Matos, 2017).

Em Portugal com a implementação das medidas de austeridade “colocadas em marcha numa tentativa de salvaguardar os mercados” (Sabariego & Matos, 2017, p. 374), a taxa de desemprego apresentou um aumento substancial e contínuo, que atingiu o seu valor mais elevado de toda a série temporal em janeiro de 2013, refletindo-se em 17,1% (Caleiras & Caldas, 2017; Cantante & Carmo, 2018, citados por Carmo et al., 2021; FFMS, 2023), sendo esta a maior taxa de desemprego desde o início da democracia em Portugal (Figura 1 – Anexo 1).

Para os autores Carmo e D’Avelar (2020),

a crise económica e financeira e as respetivas políticas de austeridade não representaram a única causa das dinâmicas da precarização laboral e do aumento significativo do desemprego. Não há dúvida de que elas produziram uma

³ Portugal ao sofrer os impactos adversos resultantes da crise de 2008, viu-se obrigado a dirigir à Troika um pedido de ajuda externa no que concerne a um novo rumo económico, político e social uma vez que também ele apresentava um significativo nível de endividamento e défice insustentável (Sabariego & Matos, 2017). Nessa sequência, foi celebrado um memorando, assinado por José Sócrates, na altura Primeiro-Ministro de Portugal, que englobava assumir medidas de restrição de despesa pública (Sabariego & Matos, 2017).

aceleração desses processos funcionando assim como um catalisador com repercussões muito profundas, mas difíceis de reverter completamente (p. 14).

Após este período dramático da economia portuguesa, embora ainda com algumas quebras significativas do Produto Interno Bruto (PIB), o país foi caminhando a par de uma tendência descendente da taxa de desemprego a nível internacional. Esta descida foi evidenciada entre os anos 2014 e 2019. De acordo com os dados estatísticos, 2019 foi o ano que apresentou uma descida recorde, com um valor na ordem dos 6,6% (FFMS, 2023). Todavia, no final de 2019 e início de 2020, a taxa de desemprego voltou a apresentar um expressivo aumento, fruto da pandemia COVID-19⁴ (Anexo I). Consequentemente com o confinamento imposto pelos Governos, como forma de controlar o novo coronavírus SARS-CoV-2, evidenciou-se uma vaga de desemprego composta por trabalhadores precários, trabalhadores informais, trabalhadores independentes e os chamados “falsos recibos verdes”, em suma, por trabalhadores mais vulneráveis e desprotegidos, com vínculos contratuais frágeis ou simplesmente inexistentes, aos quais se juntaram os trabalhadores que estavam em período experimental e que não continuaram, sendo todos eles excluídos automaticamente do mercado de trabalho (Tavares, et al., 2021 citados por Carmo et al., 2021). A pandemia veio assim desestabilizar novamente a economia portuguesa, tendo sido a eliminação de muitos postos de trabalho uma das consequências mais imediatas. Apesar das várias medidas tomadas pelo Governo português para ajudar as famílias e empresas⁵, estas apenas tiveram o efeito amortecedor no respeitante ao aumento do desemprego, pois, na realidade, não o conseguiram eliminar.

O número de desempregados/as inscritos nos IEFP em agosto de 2020, superou os 490 mil inscritos, que representa um total de 549 624 pedidos de emprego. Ao analisar o ano de 2020, consta que agosto foi o mês com pior cenário no indicador de mercado de trabalho. “Contribuíram todos os grupos do ficheiro de desempregados, com destaque para as mulheres, adultos com idade igual ou superior a 25 anos, os inscritos há menos de um ano, os que procuravam novo emprego e os que possuem como habilitação escolar o secundário” (IEFP & MTSSS, 2020). Efetivamente, em poucos meses a pandemia passou de uma crise de saúde pública a uma crise económica, tendo a mesma acabado com o

⁴ A 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde declara o Coronavírus COVID-19 como uma pandemia de âmbito mundial.

⁵ *Lay-off simplificado*, os complementos, as moratórias, o regime de sucessão do *lay-off* simplificado e outros apoios sociais.

progresso no mercado de trabalho. O levantamento gradual das medidas de confinamento tornou possível a retoma (parcial ou total) dos vários setores da economia bem como a mobilização da população. Esta retoma progressiva destaca a descida da taxa de desemprego, embora ainda com valores pouco expressivos (Anexo 1). Embora a taxa de desemprego tenha aumentado, a mesma não atingiu os números recorde na sequência da crise de 2008. Após 2020, ano em que se iniciou oficialmente a COVID-19, Portugal caminhou a par de uma tendência novamente descendente da taxa de desemprego, de uma forma contínua (Anexo 1). Segundo dados publicados do INE, Portugal terminou o ano de 2021 com estatísticas de desemprego abaixo dos níveis pré-pandemia, contra todas as previsões do Governo (Histórico XXII Governo - República Portuguesa, 2022). A juntar à crise gerada pela Pandemia Covid-19, a Guerra na Ucrânia veio agudizar ainda mais a situação socioeconómica. Embora não estivesse a ter um impacto significativo no desemprego, a taxa de desemprego aumentou no decorrer do ano 2022. Ao analisar a informação mensal do mercado de emprego dos serviços de emprego, verificou-se uma subida gradual do número de indivíduos desempregados a partir de agosto, sendo outubro o mês com maior taxa de pessoas desempregadas registadas. Estes aumentos devem-se aos efeitos da Guerra, Inflação e subida dos juros. Acresce ainda que Portugal está a passar por um período de transição digital, sendo esta uma expressão natural das crises, que implica novas formas de trabalho e alteração de profissões. Na verdade, e de acordo com Silva (2020), o mundo adaptou-se ainda mais ao digital com a pandemia. Houve a necessidade de distanciamento e restrições que levaram a uma rápida adoção dos meios tecnológicos. Algumas empresas, na altura, foram forçadas a recorrer ao trabalho remoto para manter a continuidade dos seus negócios. Outras, afetadas financeiramente pela pandemia, tiveram forte impacto negativo na criação e manutenção de postos de trabalho. É certo que houve áreas do mercado de trabalho que sofreram um maior impacto que outras, nomeadamente os setores mais tradicionais passaram a enfrentar maiores desafios. Nesse sentido, a taxa de desemprego é, também, em parte, justificada pela transição digital. De referir que a pandemia demonstrou que o acesso equitativo é essencial para a participação na economia digital. As pessoas com mais competências digitais podem ter melhores oportunidades de emprego que outras, por isso o investimento na capacitação das pessoas pode ser essencial para responder aos desafios atuais do mercado de trabalho.

Por esse ângulo, Portugal deve implementar políticas para apoiar a transição digital⁶ e promover a criação de emprego. A transição digital deve ocorrer de forma justa e inclusiva, para tal é necessária uma abordagem holística.

De acordo com os dados oficiais, o género feminino é o mais afetado pelo desemprego, desde sempre. É, ainda, possível constatar que desde o período de austeridade, que ambos os géneros apresentavam uma tendência ascendente no desemprego de longa duração, tendo-se invertido em 2019, com a pandemia. Porém, de referir que nos últimos anos tem-se verificado uma aproximação do desemprego feminino ao nível de desemprego masculino (Anexo I- Figura 2). Esta explicação deve-se em parte pelo aumento progressivo da participação da mulher no mercado de trabalho. Apesar de cada vez mais o género feminino ganhar espaço no mercado de trabalho, as mulheres representam ainda uma parcela menor em relação aos homens.

O aumento do desemprego é um fenómeno que afetou todos os grupos etários, mas foi particularmente proeminente nos jovens (Anexo I- Figura 3). Os números revelam que o país está a desperdiçar uma nova geração de recursos humanos, que se apresentam muito qualificados e capazes de concorrer tanto a nível europeu como mundial, essencial para incrementar o potencial de crescimento da economia portuguesa (Costa, 2014). Na perspetiva de Costa (2014, pp. 8-9), “em períodos de recessão, as circunstâncias que rodeiam a chegada de jovens ao mercado de trabalho têm consequências negativas significativas e persistentes sobre a sua carreira, o seu rendimento, a sua mentalidade e a sua inserção social.” Por estes motivos, o autor afirma que uma das prioridades a assumir na sociedade portuguesa é a redução do desemprego nas camadas mais jovens. A resolução deste problema passa pela promoção da aquisição e/ou reforço das qualificações e das competências que permitam capacitar e empoderar os jovens de forma que possam tirar maior partido das suas capacidades assim como a “responder às necessidades do setor produtivo de uma economia competitiva”, sendo necessário “um alinhamento de esforços entre o governo, os setores da educação e da formação profissional e das empresas” (Costa, 2014, p.9).

O nível de escolaridade é também um indicador a analisar no contexto português. Ao confrontar a evolução dos dados estatísticos pode-se observar que as pessoas sem

⁶ A título ilustrativo, o Plano de Recuperação e Resiliência (PPR) apresenta a dimensão da transição digital, que assenta em 5 componentes: “capacitação e inclusão digital das pessoas através da educação, formação em competências digitais e promoção da literacia digital, transformação digital do setor empresarial e digitalização do Estado”, num período de execução até 2026 (PPR- Recuperar Portugal, 2023).

escolaridade são as que representavam a maior percentagem de pessoas em situação de desemprego. Em resposta a isso, Portugal tem vindo a adotar medidas para apostar na formação e na equivalência de formação com o intuito de promover a aquisição e/ou reforço de competências e promover a inserção laboral destas pessoas. Contudo, sabe-se que o perfil das pessoas desempregadas tem vindo a alterar-se no decorrer dos anos. Atendendo às últimas estatísticas divulgadas pela PORDATA, através da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), em 2023, é o género feminino o mais afetado por esta condição, com idades inferiores a 25 anos, com incidência acima dos 45 anos, sobretudo do setor terciário, há procura de emprego há menos de 1 ano (FFMS, 2023).

O desemprego e a precariedade são consequências do fracasso das políticas públicas. Ao longo dos tempos tem-se vindo a assistir a um aumento do desemprego de longa duração. No período de 2008 a 2013, ocorreu um aumento crescente da taxa de desemprego, tendo maior expressividade a procura por emprego há mais de um ano. O pico decorrente da crise financeira de 2008, chegando a atingir 530,8 pessoas (FFMS, 2023). No período de COVID-19, verifica-se uma contradição, são as pessoas à procura de emprego há menos de 1 ano, que apresentam uma tendência ascendente fase aos que procuravam há mais de 1 ano emprego. Em 2023 a taxa de desemprego volta a disparar para 6,5 %, com maior expressividade nos jovens com menos de 25 anos de idade. (FFMS, 2023).

A elevada duração do desemprego gera graves problemas económicos e sociais e cria dificuldades acrescidas de empregabilidade. É preciso ter presente que muitas das pessoas desempregadas têm níveis de rendimentos baixos e restrições de liquidez particularmente ativas. A duração do desemprego também tem efeitos na produtividade e na evolução do mercado de trabalho, dado que o capital humano tende a depreciar-se (Costa, 2014).

Não obstante do referido anteriormente, é fulcral salientar que as estatísticas do desemprego e emprego apresentam limitações bastante significativas, desde logo nos “critérios conceptuais e analíticos utilizados, que visibilizam a captura real da expressão deste fenómeno” (Carmo, et al., 2021, p. 25). Para tal, alguns autores (e.g., Caleiras & Caldas, 2017; Cantante & Carmo, 2018) propõem uma visão mais alargada do fenómeno

do desemprego remetendo-a para a “inatividade como é o caso dos designados «inativos desencorajados⁷» ou do subemprego” (citados por Carmo, et al., 2021, p. 25).

Segundo Costa (2014), a redução da população ativa, acompanhada pela redução da taxa de atividade, diminui o potencial de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) da mesma forma que pronuncia o potencial de crescimento do PIB *per capita*. Assim, de acordo com Costa (2014),

torna-se (...) mais difícil alcançar a sustentabilidade tanto da dívida pública como do modelo social, com efeitos nefastos sobre os mecanismos de equidade intergeracional, sobre a rede de segurança contra os riscos de exclusão e sobre a igualdade de oportunidades no acesso à educação, base de num sistema socioeconómico que tirar pleno proveito do talento e do mérito (pp.10-11).

O aumento do desemprego não é apenas cíclico, evidenciando-se uma subida acentuada do desemprego estrutural. Desde o início do século XXI que houve um aumento acentuado e contínuo da taxa de desemprego estrutural. Este é um dos fenómenos mais preocupantes da evolução da economia portuguesa e revela disfuncionalidades e desajustamentos entre a oferta e a procura de emprego. A absorção do desemprego estrutural não será alcançada com a mera retoma da atividade económica (Costa, 2014).

Conforme Costa (2014), os postos de trabalho a respeito do setor de bens não transacionáveis foram criados durante mais de 10 anos:

em resultado de uma forte dinâmica da procura interna alimentada por crédito abundante e barato. Esta alimentação da procura desvaneceu-se quando a crise financeira de 2008 veio revelar que os presentes níveis de endividamento de todos os agentes económicos se encontravam no limite da sua sustentabilidade (pp.11-12).

Sabe-se que a sociedade enfrenta múltiplos desafios no mercado de trabalho, perante um contexto cada vez mais instável e imprevisível pelo que os próprios postos de

⁷ “A estimativa dos inativos desencorajados resulta da soma de duas séries estatísticas apuradas pelo INE, mutuamente exclusivas entre si: a que respeita à «população inativa à procura de emprego mas não disponível» e a que se refere a «população inativa disponível, mas que não procura emprego». (Carmo et al., 2021, p.282).

trabalho são postos em causa, com baixos salários, aumento da inflação e baixa produtividade. Antigamente, os indivíduos exerciam atividade laboral de uma forma contínua e, em grande parte, na mesma área, sendo algo estruturante na sociedade. Hoje, isso já não se verifica, por um lado, pelo facto de algumas pessoas terem de ser cada vez mais versáteis, procurando novas experiências e conhecimentos e partilhando vários contextos laborais. Por outro, pelo facto de o mercado de trabalho ser instável e as pessoas procurarem novas formas de subsistência com vista a um futuro melhor (Carmo, et al., 2021). Para Martinho (2009), o desemprego gera um impacto não apenas social, mas também humano, afetando de maneira mais intensa e direta os indivíduos. Ao longo dos últimos anos, assiste-se ao aumento do desemprego e subemprego, sendo que tudo isso traz repercussões noutros setores (Carmo et al., 2021).

1.2. Consequências pessoais e sociais do desemprego

Segundo Hespanha et al. (2007), a situação de desemprego deve ser igualmente analisada à escala individual, uma vez que são postas em causa as modalidades de participação na vida social e política dos indivíduos e das famílias pela via do trabalho. De acordo com estes autores, a experiência de desemprego vivida pela pessoa na esfera social e económica contamina também a esfera da vida privada e familiar (Hespanha et al., 2007). Ainda segundo o mesmo autor, o desemprego afeta as pessoas com recursos e atributos diferentes, razão pela qual a situação de desemprego não é vivida da mesma maneira por todos os indivíduos e famílias. A mesma também será diferentemente vivida tendo em conta a idade, o género e as habilitações literárias de quem é atingido por esta situação, ou dos próprios níveis de proteção e de solidariedade presumidos. Em relação às famílias também este efeito pode ser distinto, e isto porque se trata de um agregado atingido que pode ser por inteiro ou apenas por um dos cônjuges. Será igualmente distinto tendo em conta os impactos dos comportamentos consoante os compromissos da dívida anteriormente assumida pelo agregado ou pelo número de elementos do agregado familiar (Hespanha et al., 2007). Na verdade, as consequências mais imediatas do desemprego, nomeadamente de longa duração, é sem dúvida a perda de rendimento salarial, de uma forma regular, levando a baixos rendimentos decorrentes das prestações sociais de desemprego ou, quando não for elegível a essa prestação, total ausência de rendimentos, conduzindo a uma degradação das condições de vida e, conseqüentemente, a uma diminuição do bem-estar e qualidade de vida (Pereira, 2018).

Segundo o estudo de Drydakís (2014, citado por Pereira, 2018) a perda de rendimento está relacionada à dificuldade de acesso aos cuidados de saúde e, conseqüentemente, a uma maior taxa de mortalidade. Em tempos de crise económica, as reduções dos custos com os serviços de saúde por parte do Estado, sobretudo em períodos de crise económica, tendem a contribuir para a deterioração das condições de saúde da população. A saúde é afetada por fatores sociais e económicos e, por isso, torna-se evidente que o desemprego tenha impacto na saúde física e psicológica dos indivíduos (Carmo e D’Avelar, 2020).

Segundo Carmo e D’Avelar (2020) os estudos sobre saúde mental e desemprego têm vindo a ser estudados desde a grande depressão de 1929. Naquela época, autores como Philip Eisenberg e Paul F. Lazarsfeld já haviam concluído que o desemprego tende a aumentar a instabilidade emocional das pessoas em comparação com o período anterior à situação de desemprego. Mais recentemente, em 2008, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) analisou a relação entre estes saúde mental e desemprego através de estudos longitudinais em 5 países (Austrália, Canadá, Coreia do Sul, Suíça e Reino Unido), cujo estudo veio comprovar que a passagem de empregado para a condição de desempregado ou inativo afeta negativamente a saúde mental das pessoas, embora os contornos se alterem, dependendo do contexto. Em Portugal, o mal-estar psicológico teve aumento significativo entre o início da crise económica de 2008 a 2015. Carmo e D’Avelar (2020) referem que autores como Margaret W. Linn, Richard Sandifer e Shayna Stein (1985) comprovaram os impactos do desemprego na saúde física e psicológica. Segundo os seus estudos, os indivíduos apresentam maiores níveis de ansiedade e depressão quando vivenciam situações de desemprego. Acresce ainda que em indivíduos com menor autoestima, o impacto negativo do desemprego é muito maior, “muitas vezes associados a melhores e mais amplas redes de apoio” (p.85). Para Caleiras (2015), a ausência de trabalho leva a conseqüências na construção da identidade social e na autoestima das pessoas.

Na perspetiva de Nichols et al. (2013, citados por Pereira, 2018) esta problemática tem repercussões em outras dimensões, tais como a diminuição da taxa de fertilidade, menor estabilidade familiar e aumento do número de divórcios. Para Guerra e Pinto (2015) um indivíduo ao assumir a responsabilidade de sair de uma situação de desemprego, leva-se a questionar sobre a sua capacidade pessoal, sentindo-se simultaneamente culpado e vítima num percurso de vida individual num sistema capitalista, onde se contam com poucos apoios para além do familiar. Para Pereira (2018)

o desemprego é “considerado um dos mais importantes fatores de risco para o bem-estar individual, relacional e comunitário, sendo que os seus efeitos são agravados quando atentamos na problemática do desemprego de longa duração” (p.27).

Muitas vezes, criam-se estigmas que podem afetar severamente as ligações ao mercado de trabalho e culminar no desencorajamento das pessoas, levando a caminhar para a inatividade. Frequentemente as pessoas em situação de desemprego são alvo de preconceitos e estereótipos, sendo vistas como “responsáveis pela sua própria condição, por desleixo, incúria ou preguiça, outras vezes, pelo contrário, como pessoas simples na vida sobre os quais repousa a virtude da humildade” (Bastos, 1997, citado por Capucha, 2015, p.52), “livres dos vícios da avareza e da luxúria consumista” (Capucha, 2015, p.52). Este fenómeno é particularmente grave, tendo em conta que nos últimos anos se registou em Portugal uma redução da população ativa e da taxa de atividade (Pereira, 2018). Atendendo ao facto de cada vez mais sermos confrontados com alterações no mundo laboral, cujas relações tendem a ser cada vez menos estáveis e protegidas, é de referir que o desemprego é considerado como uma “forma de exclusão social económica”, sendo que se apresentam como conceitos interligados (Carrasquinho, 2016, p. 65). Salienta-se que a exclusão social remete a várias esferas sociais (e.g., a privação de recursos associada à pobreza pode ter origem no desemprego) (Carrasquinho, 2016). O desemprego é, assim, encarado um dos princípios da fragilidade e vulnerabilidade, uma vez que o trabalho é considerado como um mecanismo de coesão social, no qual as pessoas além dos rendimentos, procuram alcançar estatuto social e estabelecer laços sociais (Carrasquinho, 2016). De facto, “para uma parte significativa da população desempregada a desqualificação social é um processo que se inicia prematuramente nas suas vidas” (Carmo, et al., 2021, p. 29). Segundo a pesquisa de Caleiras (2015), a nível dos processos sociais mais complexos que podem advir de situações de desemprego, pode apontar-se a perda de «*status*», de disciplina a nível temporal, a dificuldade em estabelecer rotinas diárias, a desagregação da vida familiar, a pobreza, alterações na participação comunitária e sentimento de comunidade. Nas situações conjugadas de DLD, (in)existentes recursos individuais, debilidade dos sistemas públicos de proteção social e fragilidade das redes suporte informal, “as consequências pessoais serão mais corrosivas e, portanto, o risco de serem gerados círculos viciosos de pobreza e exclusão será potenciado” (pp.43-44).

2. Pobreza e Exclusão social na teia do Desemprego

Segundo Araújo e Jordão (2011), o desemprego não remete necessariamente à pobreza ou à exclusão social na medida em que a situação de desemprego em que o indivíduo se encontra pode ser de caráter temporário e os recursos que dispõe podem ser suficientes para manter as suas redes sociais existentes. Nesse sentido, quanto maior for o período em que o indivíduo esteja fora do mercado formal de trabalho, mais suscetível está a uma situação de pobreza ou a um processo de exclusão social. De salientar que, um indivíduo ao ter emprego não significa necessariamente que esteja a salvo destas situações. A título ilustrativo referem-se as pessoas empregadas, todavia com baixos salários (e.g., Diogo et al., 2021). São ainda abordados os trabalhadores com contratos de trabalho a prazo, prestadores de serviços a recibos verdes, trabalhos temporários ou em subemprego. Neste seguimento, é de referir que, estes trabalhadores são empurrados para situações de vulnerabilidade e que, posteriormente, os podem conduzir a um processo de exclusão social.

Ao longo das últimas décadas os estudos sobre a pobreza têm vindo a ser cada vez mais crescentes. Em primeiro lugar, a ruptura com preconceitos e estereótipos profundamente inscritos nas representações das pessoas em situação de carência económica (Bastos, 1997, citado por Capucha, 2015). Em segundo lugar, a identificação dos fatores estruturais que produzem o fenómeno juntamente com a análise das características dos grupos mais vulneráveis possibilitam a formulação de políticas mais ajustadas e eficientes (Capucha, 2015). É necessário chamar a atenção para a natureza política deste problema complexo, isto é, para a existência de direitos humanos não realizados e considerar o lado ativo dos sujeitos e dos contextos em que vivem, como acontece com uma abordagem não apenas de carências e privações, mas também das capacidades e potencialidades das pessoas para alcançar uma existência digna em sociedade mais justas e coesas (Capucha, 2015).

De forma a contextualizar a temática da pobreza e exclusão social em termos quantitativos, de acordo com os dados do Eurostat, Portugal apresentava em 2021 uma taxa de 22,4%, colocando o país na 8ª posição na União Europeia (Governo da República Portuguesa, 2023). Consolidando estes dados, em 2021, 262.210 portugueses beneficiaram do Rendimento Social de Inserção, 145.750 do subsídio de desemprego e 6.621 do subsídio social de desemprego, segundo dados da FFMS (2022). No entanto, fora das estatísticas, encontram-se: a) pessoas que exercem atividades cujos rendimentos salariais são baixos; b) pessoas a trabalhar em regime de part-time; c)

trabalhadores a recibos verdes e d) outras formas de precariedade que os colocam em situações de fragilidade e lhes condicionam os acessos à participação e aos direitos de inclusão sociolaboral (Simões, 2013).

Segundo a pesquisa de Diogo et al., (2021) pode-se destacar quatro grupos de indivíduos em situação de pobreza em Portugal (Tabela 1). O primeiro perfil corresponde aos **reformados**, destacando-se como sendo o grupo com menor escolaridade e o mais idoso. O estado civil com maior percentagem é casado, seguidos dos viúvos. Este grupo tem como principal fonte de rendimento familiar as pensões de reforma. O segundo perfil é apresentado como **precários**, sendo constituído por indivíduos de ambos os sexos, cuja faixa etária situa-se na sua maioria entre os 18 e 64 anos. De grosso modo, são indivíduos solteiros, cujo grupo é detentor de maior escolaridade face ao conjunto. É também neste grupo que se concentra a maior percentagem de pessoas com habilitações académicas e profissionais superiores. A nível da condição perante o trabalho, a maioria não exerce atividade laboral uma vez que são pessoas em situação de desemprego, seguindo de estudantes, domésticos(as), outros inativos e contrastam com a existência de poucos empregos. Este grupo tem grande enfoque na inatividade, pela via do desemprego, condição de doméstico(a) e de estudante, sendo que a sua principal fonte é o trabalho e pensões. O terceiro grupo é composto por **desempregados**, com idades entre os 45 e os 64 anos, logo, a indivíduos em idade ativa, com predomínio de divorciados/as e de solteiros/as, na sua generalidade com o ensino básico ou escolaridade inferior. Neste grupo, conforme o nome já o indica, existe uma relação particularmente difícil com o mercado de trabalho, seja pela responsabilidade dos próprios, seja dos agregados familiares onde se enquadram, bem como por percursos familiares. Este perfil tem um número elevado de indivíduos a viver isolados ou em famílias monoparentais, cuja principal fonte são as transferências sociais. O quarto grupo diz respeito aos **trabalhadores**, com maior proporção nas mulheres, e nos indivíduos com idades entre os 25 e os 64 anos. Em relação ao estado civil apresentam-se, na generalidade, pessoas casadas e as restantes solteiras. A escolaridade assume a mesma linha em relação aos restantes perfis, ou seja, quase todos têm o ensino básico ou escolaridade inferior. Neste perfil a fonte de rendimento do agregado familiar é o rendimento do trabalho.

Ambos os perfis têm em comum estarem em situação de pobreza (Diogo, 2021). Todavia, pode-se destacar a disparidade significativa ao nível de idade, estado civil, nível de escolaridade, atividade laboral e fonte de rendimento. De forma geral, a dependência das pensões de reforma em grupos como os reformados destaca a importância do sistema

da segurança social, e a existência de pessoas desempregadas em idades ativas indica desafios específicos para este grupo em relação ao mercado de trabalho. Estruturar a pobreza nestes perfis assume uma importância nas respostas providenciadas a problemas específicos, com abordagens também elas distintas. A mesma, além de permitir uma constante atualização e aprofundamento do conhecimento sobre a pobreza em Portugal, abre também espaço para a discussão da problemática e suas implicações ao nível das políticas públicas sociais (Diogo, 2021), por forma a abordar as necessidades de cada grupo e promover a equidade.

Tabela 1
Resumo dos Perfis de Pobreza em Portugal

Reformados	Precários	Desempregados	Trabalhadores
<ul style="list-style-type: none"> ▪ (+) Mulheres; ▪ (+) Indivíduos de nacionalidade portuguesa; ▪ Grupo com menor escolaridade; ▪ Perfil (+) rural do conjunto. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (+) Incidência entre os 18-24 anos; ▪ Maior percentagem de pessoas com Ensino Secundário ou Superior; ▪ Os trabalhos exercidos, por norma, são respeitantes à categoria: (i) serviços pessoais; (ii) serviços de proteção; (iii) serviços de segurança; (iv) vendedores e (v) trabalhos não qualificados. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os que exercem atividade laboral, apresentam-se como trabalhadores não qualificados, trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (+) Mulheres; ▪ Idades distribuídas de forma muito semelhante; ▪ Destaca-se pela sua inserção laboral; ▪ Grupo com (+) crianças nos AF contrapondo aos reformados.

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Diogo et al., (2021).

Segundo Alves (2015) os perfis da pobreza persistentes permitem concluir que os grupos mais vulneráveis são as famílias monoparentais, famílias idosas e agregado familiar com menor participação no mercado de trabalho.

Seguindo a perspetiva de Paugam (2003), a pobreza marca a identidade das pessoas que experienciam a situação de pobreza, como se correspondesse a um status social específico, que é por si, considerado inferior e desvalorizado.

Para Capucha (2005), os fatores da pobreza e da exclusão social podem ser de dois tipos: fatores objetivos e fatores subjetivos. Os primeiros referem-se aos baixos

rendimentos económicos, benefícios sociais escassos, baixas ou inexistentes qualificações escolares e/ou profissionais, dificuldade de acesso a serviços ou equipamentos coletivos, inacessibilidade a transportes e más condições habitacionais. Os fatores subjetivos dizem respeito à autoimagem desvalorizada, a acomodação perante a escassez de oportunidades, falta de motivação, indisciplina pessoal e menor capacidade de desempenho social regular.

A pobreza e a exclusão social estão estreitamente relacionadas. Para Alfredo Bruta da Costa (2008), é de todo pertinente fazer a distinção entre pobreza e privação, isto porque a pobreza inclui a privação, todavia a privação não implica necessariamente pobreza, apenas o “uso adequado de recursos” (p.63). Para Mookherjee (2006, citado por Alves, 2015), a privação material persistente tem implicações significativas sobre o nível de bem-estar e sobre a capacidade de participação dos indivíduos na sociedade, que se pode mesmo transmitir em termos intergeracionais (Mookherjee, 2006, citado por Alves, 2015). Nos últimos anos, os trabalhadores com baixas qualificações, com trabalhos precários e com remunerações baixas assim como os pensionistas, de baixos rendimentos, cujas condições já eram de extrema escassez, não conseguiram escapar aos cortes e impostos, vendo as suas situações mais agravadas (Capucha, 2015). Todos estes fatores levam o indivíduo a entrar numa espiral descendente de precariedade e desânimo e consequentemente ocorre uma quebra de coesão social. A não obtenção ou a perda do vínculo salarial é sentida com uma maior ameaça de desfiliação, isolamento, desagregação, exclusão e mesmo segregação social, do mesmo modo que o trabalho além do principal meio de aquisição de bens, constitui a principal fonte de integração social, ideia sustentada por diversos autores, de diversos quadrantes teóricos, entre os quais se destaca Castel (1998), Harvey (1977), Petras (1991) e Sennert (2001), citados por Silva (2015). De forma geral, o desemprego é visto como uma “forma de exclusão social económica” (Carrasquinho, 2016, p. 65).

Efetivamente, o fenómeno da exclusão social tornou-se num dos mais graves problemas das sociedades pós-modernas onde se verificou um aumento do individualismo e consequentemente quebra da solidariedade tradicional (Sousa, 2013). De acordo com Alfredo Bruto da Costa (1984,1998), a componente da exclusão social é tida como um processo que pode originar outros estados de desvantagem, nos quais se pode verificar uma rutura de laços do indivíduo com a sociedade. Onde, colateralmente, “surgem novos grupos de risco que se encontram numa situação de rutura com as quatro esferas de inserção - Trabalho, Estado, Comunidade, Família” (Sousa, 2013, p.12). Segundo Castel

(1998, citado por Silva, 2015, p. 41), a problemática da exclusão social deverá ser “equacionada num contexto histórico no quadro da questão social e das suas metamorfoses ao longo do tempo e dos diversos tipos de sociedade”. O reconhecimento da pobreza enquanto fenómeno dinâmico, permite abrir espaço a importantes questões do ponto de vista analítico e na definição de políticas, ou seja, permite centrar as políticas públicas nos segmentos da população mais vulneráveis à persistência da pobreza e criar as condições estruturais para aumentar as transições de saída da pobreza. Neste sentido, revelam políticas de longo prazo, centradas nomeadamente na qualificação da população, bem como políticas de incentivo à criação de emprego e à participação no mercado de trabalho. Esta abordagem de intervenção contrasta com as políticas tradicionais, também elas importantes, de combate à pobreza mais vocacionadas para mitigar situações temporárias de insuficiência de rendimento (Alves, 2015). As políticas sociais são muitas vezes moldadas por uma segmentação da população em grupos, tendo em vista a identificação de grupos vulneráveis que se tornam, assim, alvos ou beneficiários de programas específicos de assistência social. Estão muito alinhadas com uma abordagem bastante padronizada ao longo do ciclo de vida, que reflete na idade cronológica, dinâmica da formação da família e participação no mercado de trabalho, bem como os ritmos biológicos (Lopes, 2015). Nesta lógica de pensamento, Isabel Guerra e Teresa Pinto (2015), alegam que

As mudanças da sociedade atual estão a alterar os perfis da pobreza e da vulnerabilidade tornando estas situações, por um lado, cada vez mais presentes e transversais a vários grupos sociais e, por outro, reajustando o papel das instâncias tradicionais de socialização face às novas vulnerabilidades introduzidas por um Estado cada vez menos providência e cada vez mais colado à lógica da competitividade a todo o custo (p.167).

Estas situações têm fortes impactos nos indivíduos e nas famílias, obrigando ao funcionamento de novas estratégias de sobrevivência e ao equacionar o seu lugar no mundo e nas expectativas face ao futuro. Estamos perante fenómenos de pobreza e exclusão social cuja dimensão estrutural escapa à capacidade de ação do sujeito, sendo vividos com grande dramaticidade nos palcos quotidianos. O sujeito vê-se obrigado a reestruturar a sua identidade e os seus modos de vida para suportar os limites de sobrevivência que lhe são impostos e, pelo menos no caso português, com os fatores de

proteção são essencialmente familiares e por vezes comunitários, tal situação exige frequentemente a reestruturação das redes sociais (Guerra & Pinto, 2015).

Atente-se que na sociedade contemporânea, a entrada no mercado de trabalho não apenas reflete uma necessidade económica, mas também desempenha um papel crucial na construção da identidade social. Isso abrange uma variedade de formas de emprego, incluindo trabalho formal, informal e atividades na economia paralela, entre outras (Guerra & Pinto, 2015).

A lógica de acumulação do modelo de desenvolvimento atual faz-se à custa do indicador do trabalho, diminuindo salários, precarizando e degradando as condições laborais e deteriorando o custo de mão-de-obra múltiplas formas, incluindo o trabalho formal, informal, economia paralela, entre outros (Guerra & Pinto, 2015). Como referem diferentes relatórios da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a economia não está a gerar emprego suficiente e a qualidade do trabalho gerado também parece insuficiente. O mercado de trabalho sempre foi um recurso importante para as estratégias de sobrevivência nas suas múltiplas formas, incluindo o trabalho formal, informal, economia paralela, entre outros (Guerra & Pinto, 2015). É possível constatar-se a progressiva exclusão dos indivíduos dos mercados a que tradicionalmente tiveram acesso, como do trabalho, dos apoios sociais, das medidas de discriminação positiva do ponto de vista fiscal, do suporte em políticas habitacionais, de saúde, entre outros. A desregulação das condições de trabalho e de salários e o aumento do trabalho na economia informal têm maior incidência em determinados perfis: as mulheres, os mais velhos, os migrantes, a etnia cigana, entre outros (Guerra & Pinto, 2015). Segundo as mesmas autoras, na realidade atual, a inclusão no mercado de trabalho é cada vez menos um fator de fuga à situação de pobreza (Guerra & Pinto, 2015). Seguindo as suas linhas de pensamento, Guerra e Pinto, referem que a falta de oportunidades implica um forte sofrimento identitário que se organiza através de três dimensões fundamentais:

Em primeiro lugar, pela auto culpabilização pela situação, em segundo lugar, por um forte sentimento de injustiça e de desigualdade na distribuição das oportunidades e, finalmente, pela reestruturação das formas de estar no mundo, suprimindo necessidades e reduzindo as expectativas através de uma racionalidade prática de quem está perante o inevitável. De referir que a pobreza e a não satisfação das necessidades tem forte impacto na construção identitária dos

sujeitos atingidos, efeitos que decorrem de uma construção social da realidade em larga medida, paradoxal (Guerra & Pinto, 2015, p. 175).

O desemprego, a doença e as ruturas familiares parecem explicar uma parte significativa da situação de necessidades e de apoio social. Estas situações não são meramente individuais. As investigações mais recentes, identificando alguns perfis individuais de vulnerabilidade, revelam, sobretudo, dificuldades ao nível das oportunidades, nomeadamente ao atual funcionamento do mercado de trabalho e a incapacidade de os sistemas de proteção social fazerem face aos riscos de forma adequada. Assim, a atual situação de crise tem forte impacto nos indivíduos e nas famílias, gerando novos fatores de instabilidade social e de vulnerabilidade. Esta instabilidade é sentida como uma crise de oportunidades, de valores e de expectativas e, sobretudo, de confiança no país e nos outros (Guerra & Pinto, 2015).

De acordo com Araújo e Jordão (2011), o nexos da relação entre desemprego, pobreza e exclusão social levam a duas consequências nocivas ao nível da formulação de políticas públicas. Em primeiro lugar, o erro de pensar que as ajudas monetárias deixam de fora situações de exclusão social. Em segundo, a resposta de combate à pobreza está ligada ao desenvolvimento económico e ao crescimento da população. Simões (2013) aponta uma perspetiva distinta de análise aos impactos das crises, podendo analisar as mesmas de uma outra forma, através de oportunidade de empreender. Perante o desemprego é necessário criar medidas e estratégias inovadoras como é o caso do empreendedorismo. Neste sentido, urge procurar respostas criativas, inovadoras, flexíveis e presumíveis a estas problemáticas presentes na sociedade.

Capítulo II. Empreendedorismo Social em Portugal: Uma Janela de Oportunidades

O segundo capítulo abre portas ao empreendedorismo social, na sua génese e adaptação do conceito à realidade portuguesa, direcionado para a inovação e para a construção de formas de trabalho alternativas e da criação do próprio emprego, dado a tendência para a instabilidade laboral e para o desemprego, conforme é explanado no capítulo 1. O desemprego associado à emergência de novas formas de pobreza, tem levado ao agudizar das desigualdades sociais sem encontrar solução nos meios de proteção social ou nas formas de incentivo à promoção e criação de emprego (Pereira, 2018). Neste sentido, o empreendedorismo social pode ser trabalhado como uma possível solução a esta problemática.

A literatura refere que a prática empreendedora foi impulsionada a crescer nas décadas de 70 e 80 (Morgado, 2013), apesar de só ter ganho maior relevância em Portugal a partir dos anos 2000, dado ser apresentado como um recurso aos problemas sociais identificados na sociedade. Muitas das empresas sociais que existiam tinham sido criadas por iniciativas de profissionais da área social e da área da saúde mental bem como professores, que no final dos anos 70, viram-se descontentes com as políticas públicas, pois eles próprios encontravam-se em situação de desemprego, tendo esta situação sido motor para o desenvolvimento de soluções organizacionais de resposta a problemas sociais diversos, incluindo os seus próprios empregos (Quintão, 2004). Segundo a mesma autora, existe uma forte dependência de financiamento público por parte das organizações privadas de solidariedade social, existência de necessidades de formação e de profissionalização dos seus dirigentes, fraco dinamismo da comunidade civil e grande peso das instituições religiosas no setor designadamente através das misericórdias e dos centros paroquiais (Quintão, 2004). De facto, esta matéria despertou muito interesse na comunidade, sobretudo académica, tendo sido fundamental para o seu reconhecimento e posterior desenvolvimento. Foram vários os tipos de empreendimentos sociais que surgiram ao longo da história, revelando diferenças entre os vários países. O empreendimento social abre espaço e reconhecimento a empreendimentos de negócios cujos propósitos são sociais. Atualmente, os/as cidadãos/ãs reconhecem que é necessário e, cada vez mais, urgente fazer mudanças, e apontam falhas ao governo referentes ao cumprimento do seu papel social. Para Quintão (2004), existem várias barreiras (e.g., limitações políticas, insuficientes apoios estruturais, fraco financiamento e falta de

informação), que podem colocar em causa esta prática, seja qual for o contexto territorial. O empreendedorismo social tem-se revelado como um novo segmento a tornar possível, de desenvolvimento sustentável e distribuição de riquezas de forma mais equitativa (Morgado, 2013). Este é um conceito cada vez mais reconhecido como uma metodologia mais específica e também ela atual da prática do terceiro setor, sendo reconhecido como uma fonte de mudança social (Morgado, 2013). Neste sentido, o empreendedorismo social apresenta-se como uma recomendação, no âmbito das políticas de emprego e desenvolvimento económico e social, sendo referenciado como possuidor de um significativo potencial no âmbito das temáticas do emprego, da ação social, da educação, entre outras (Pereira, 2018).

1. Políticas Públicas de Emprego em Portugal

De acordo com a classificação do Eurostat (2018), as Políticas Públicas de Emprego (PPE) dividem-se em três grupos: Serviço Nacional de Emprego, Medidas de Políticas Ativas de Emprego (PAE) e Medidas Passivas. Em Portugal, as medidas de PAE são executadas pelo serviço público de emprego, designadamente o IEFP e as medidas passivas, de carácter monetário, são operacionalizadas em articulação com o Instituto da Segurança Social, I.P. Neste quadro, o Estado intervém através da criação de medidas legislativas (proteção ao emprego e desemprego), de transferências monetárias (subsídios de desemprego e do rendimento social de reinserção) e por último, pela disponibilização de serviços de apoio ao emprego e de formação profissional. De forma geral, pode afirmar-se que as políticas de mercado de trabalho visam mitigar as situações de desemprego, quer seja em termos de impactos sociais como individuais (Centeno & Novo, 2008, citados por Nunes, 2021). A intervenção governamental focaliza-se em duas áreas: (i) políticas ativas; (ii) políticas passivas, ambas estão interligadas e complementam (Centeno, 2013). No quadro 2, encontram-se as diferenças entre ambas as medidas.

Tabela 2.

Políticas Ativas e Passivas de Emprego

Políticas Passivas de Emprego	Políticas Ativas de Emprego (PAE)
Objetivo: proteger os/as cidadãos/ãs em situação de desemprego, garantindo-lhes uma fonte de rendimento durante o período em que estão a	Objetivo: dotar os/as cidadãos/ãs em situação de desemprego de qualificações e competências

<p>exercer atividade laboral, de forma a minimizar o impacto.</p> <p>Instrumentos: subsídio de desemprego, subsídio social de desemprego e subsídio complementar (apoios financiados através das contribuições efetuadas à Segurança Social).</p> <p>- O subsídio de desemprego é o principal componente.</p>	<p>que permitam integrar os/as mesmos/as e (re)inserir-los/as no mercado de trabalho.</p> <p>- Procuram acelerar e melhorar a transição do desemprego para o emprego.</p> <p>Instrumentos: formação profissional, medidas de apoio à criação de emprego e de procura de emprego, assim como outras formas de intervenção que promovam diretamente o emprego</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Nunes (2021) e Centeno (2013).

As medidas passivas visam garantir uma fonte de rendimento durante o período de desemprego, sendo particularmente úteis para aqueles que têm mais dificuldade em autofinanciar o período de procura por um novo emprego. As implementações destas políticas contribuem para a correção das falhas do mercado, apoiando o combate ao desemprego e promovendo uma melhoria da inserção das pessoas no mercado de trabalho, com o conseqüente aumento de sua produtividade e remuneração (Fialho, 2013). Por outro lado, as políticas ativas desempenham um papel essencial nos processos de ajuste do mercado de trabalho, razão pela qual têm vindo a ser alvo de crescente prioridade política, quer a nível orçamental quer a nível do desenvolvimento de instrumentos. Para a OCDE (2013, citada por Nunes, 2021, p.61), as PAE "incluem todas as despesas sociais (que não sejam de educação) destinadas a melhorar as perspetivas dos/as beneficiários/as no que toca a encontrar emprego remunerado ou a aumentar de outro modo a sua capacidade de auferir um rendimento". De acordo com a Comissão Europeia (2017, p.1, citada por Nunes, 2021, p.61), o principal objetivo das PAE "é aumentar as oportunidades de emprego para aquelas que o procuram e melhorar a adequação entre os postos de trabalho (vagas) e os trabalhadores (ou seja, os desempregados)". As mesmas variam entre formação até à criação de emprego protegido e apoiado ou mesmo a incentivos à criação de autoemprego (Comissão Europeia, 2017). Estas medidas têm como objetivo dotar as pessoas em situação de desemprego com qualificações necessárias de forma a reduzir a duração do desemprego, ou seja, minimizar o tempo em que se encontram fora do mercado de trabalho. Nesta dissertação não se quer enaltecer a contenção de custos da Segurança Social, mas sim a minimização do impacto que tal situação tem a nível pessoal e social. Segundo as definições da OCDE e do Eurostat, as PAE apresentam-se como um conjunto de políticas direcionadas para o mercado de trabalho. Estas políticas dirigem-se

para pessoas que podem estar empregadas, mas a necessitar de melhorar as suas condições de trabalho, e a pessoas desempregadas que precisam de melhorar as suas condições de empregabilidade (Adelino & Matos, 2015, citados por Nunes, 2021). As políticas ativas devem estar em sintonia com os diferentes objetivos de atuação: (i) Combate ao desemprego; (ii) Aumento das qualificações dos recursos humanos; (iii) Inserção de desempregado/as; (iv) Promoção da qualidade e estabilidade do emprego (Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, 2016, citado em Nunes, 2021). Nesta matéria, Portugal dispõe de um leque significativo de instrumentos que desempenham um papel chave na estruturação do mercado de emprego, colmatando défices de qualificação de candidatos/as a emprego, proporcionando aos jovens que estejam à procura do primeiro emprego experiências em contexto laboral e quebrando o isolamento, que muitas vezes pende sobre públicos em situação de maior exclusão (Fialho, 2013). Apesar da sua diversidade, é possível identificar quatro grupos de medidas existentes (Quadro 2).

Tabela 3
Medidas Ativas de emprego

Formação Profissional	Visa dotar os indivíduos de competências, nomeadamente capacidades para mobilizar conhecimentos, aptidões e atitudes, necessárias ao exercício de uma atividade profissional. Ou seja, “permite a acumulação de capital humano de forma a aumentar a produtividade dos trabalhadores e, por essa via, potenciar a sua empregabilidade” (Fialho, 2013, p.12). Politicamente, a formação é um chavão associado à empregabilidade (Centeno, 2013)
Apoio à criação de emprego	Conjunto de iniciativas que visam fomentar a criação de empregos no setor privado. Procuram oferecer uma possível resposta para aqueles que estão em situação de desemprego, incentivando a criação de seus próprios empregos (Fialho, 2013).
Emprego subsidiado no setor público	“Conjunto de medidas dirigidas a trabalhadores de baixa empregabilidade que operam pela via da sua colocação temporária em entidades do setor público ou em entidades privadas sem fins lucrativos ou ainda na realização de atividades socialmente úteis” (Fialho, 2013).
Aconselhamento e orientação vocacional	Conjunto de medidas elaboradas para intensificar e aprimorar os esforços de procura de emprego, visando reduzir o risco moral associado às abordagens passivas de emprego (Fialho, 2013).

Fonte: Centeno (2013) e Fialho (2013).

Os desafios impostos aos Serviços Públicos de Emprego, mais concretamente o crescimento do desemprego estrutural, a exclusão social e o trabalho precário, conjugados com a entrada no mercado de trabalho de entidades privadas, fruto da “liberalização e da desregulamentação dos serviços de colocação, obrigaram a repensar estratégias no sentido de inculcar aos serviços uma maior competitividade” (Fialho, 2013, p.13). Segundo Nobre (2012), a literatura sugere que as políticas públicas diminuem os números do desemprego pela via do empreendedorismo, mas não promovem necessariamente o crescimento económico. Visam, sobretudo, encorajar as pessoas em situação de desemprego a serem empreendedores/as. Nesse sentido, pode afirmar-se que o empreendedorismo é encarado como uma possível estratégia de combate ao desemprego.

2. Abordagens do conceito de empreendedorismo e empreendedorismo social

O conceito de empreendedorismo social resulta de uma apropriação do termo ‘empreendedorismo’. A sua evolução resulta de transformações sociais, refletindo a passagem de uma sociedade caracterizada pela produção manufaturada e trabalho agrário para uma produção mercantil, industrial e até chegar à produção contemporânea (Carmo et al., 2021; Vale, 2014). A história demonstra que o termo ‘empreendedorismo’ recebeu contribuições em várias áreas, que resultaram em distintas definições deste termo (Carmo et al., 2021). O termo empreendedorismo remete para a arte de criar algo com criatividade ao mesmo tempo que se assume um comportamento proativo para a resolução de questões societárias (Baggio & Baggio, 2014). Nesse sentido também um empreendedor dos dias de hoje se distingue de um empreendedor percecionado inicialmente, pois estes primeiros empreendedores viviam em contextos socioeconómicos mais estáveis, sendo os mesmos detentores de certos ofícios ou tradições que passavam de geração em geração (Vale, 2014). Os empreendedores atuais encontram-se num mundo marcado por rápidas e distintas transformações sociais, gerando alta competitividade (Vale, 2014).

O empreendedorismo alcançou o seu ápice com o aumento da concorrência, que por sua vez, resultou em múltiplas falências em diversas empresas (Carmo et al., 2021).

Por conseguinte a esse acontecimento, muitas pessoas perderam o seu emprego, tendo havido uma adaptação do capitalismo, que passou a considerar o empreendedorismo como uma solução à crise do emprego (Carmo et al., 2021). De acordo com as teorias do neoliberalismo, o empreendedorismo resulta numa alternativa ao

desemprego a nível mundial, cujo objetivo é combater o desemprego, sem possibilitar a relação formal (Tavares, 2018). Para Parente et al., (2011), os factos de as instituições governamentais apresentarem uma incapacidade e desadequação em solucionar os novos problemas sociais, levou ao estímulo em procurar novas práticas alternativas por parte da sociedade civil que respondam às novas necessidades sociais que não estão a ser atendidas pelo estado nem pelo mercado.

O empreendedorismo social emerge em contexto de crise e de desafios sociais, económicos e ambientais e origina-se através de iniciativas, normalmente dinamizadas por pessoas ou pequenos grupos de cidadãos na procura por soluções alternativas (de carácter inovador e criativo) que respondam às necessidades sociais não atendidas nem pelo Estado, nem pelo mercado (Almeida & Santos, 2017; Parente et al., 2011). O mesmo ganhou maior visibilidade internacional nos anos 90, do século XX, em particular através do grande sucesso da ferramenta Microcrédito, enquanto modelo de negócio social (Almeida & Santos, 2017). O empreendedorismo social visa a criação de valor social, aliando a aplicação de um comportamento empreendedor com o intuito de maximizar a capacidade de gerar valor social. O termo empreendedorismo tem como finalidade a geração de riqueza ou lucro (Parente et al., 2011), enquanto o empreendedorismo social tem como missão criar e maximizar valor social por intermédio de atividades inovadoras (Parente et al., 2011). O empreendedor social combina o objetivo social com o carácter dinâmico e inovador do negócio (Parente et al., 2011).

O termo empreendedorismo social tem origens no conceito clássico de empreendedorismo e que se têm debruçado sobre o papel do empreendedor enquanto indivíduo agente de mudança social. O empreendedorismo social acumula à característica de empreendedorismo a inovação, a procura de novas oportunidades e a criação de valor social. A promoção do empreendedorismo tem vindo a ganhar espaço nos países capitalistas, enquanto respostas a vários problemas sociais (Martinho & Quintão, 2019).

Não obstante, a definição do conceito de empreendedorismo social não gera muito consenso entre os diferentes especialistas, mas, apesar das diferentes definições, é possível identificar pontos em comum, tais como a criação de valor social (cujo objetivo não é gerar lucro, nem valor monetário) e o processo de inovação. Assumindo, neste contexto, o pensamento de Bill Drayton, nas décadas de 80, o empreendedorismo social assume-se como um “processo de encontrar e implementar soluções inovadoras e sustentáveis para problemas importantes e negligenciados da sociedade que se traduz em Inovação Social” (Santos, 2012, citado por Jacob & Rosário (2019, p.7). Para Alvord et

al. (2004) o papel do empreendedorismo social concentra-se em criar soluções criativas e inovadoras para questões sociais urgentes. Ao invés de simplesmente reagir aos problemas, os empreendedores sociais procuram mobilizar uma variedade de idades, recursos, capacidades, incluindo os acordos sociais, para promover mudanças positivas e duradouras na sociedade. Essa abordagem visa não apenas resolver no imediato os problemas, mas criar transformações sustentáveis que beneficiem a comunidade numa perspectiva a longo prazo.

A partir da visão de Peredo e McLean (2006), citados por Jacob & Rosário (2019) o empreendedorismo social é exercido quando uma pessoa ou um grupo: (1) visa criar valor social; (2) demonstrar capacidade para reconhecer e tirar vantagens de oportunidades que criam valor; (3) empregam inovação; (4) estão dispostos a aceitar um nível de risco para criarem e disseminarem a criação de valor social; (5) não se deixam vencer pela escassez de recursos na prossecução da sua iniciativa social.

De forma geral, e partindo das várias concepções de distintas obras (e.g., Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010); Parente et al., 2011; Parente et al., 2014) o empreendedorismo social assume-se um processo de implementação e desenvolvimento de ideias criativas e inovadoras capazes de responder aos desafios da sociedade atual, cujo Estado e Políticas Públicas não conseguem dar a devida atenção. O empreendedorismo social mobiliza recursos em prol da resolução de problemas individuais, familiares, de grupos e de comunidades, gerando inovação, emprego e oportunidades. De salientar que o mesmo gera valor social e beneficia a sociedade, visando um fim social e, frequentemente, também económico.

Apesar de ser um conceito ainda bastante recente, o empreendedorismo social está cada vez mais ligado à economia circular, às preocupações ecológicas e à sustentabilidade (Jacob & Rosário, 2019).

Apesar de o empreendedorismo ser visto como um caminho a seguir é necessário que a pessoa possua um perfil empreendedor. Há muitos empreendimentos que não tem como fim o lucro, pois muitas atividades desenvolvidas geram impacto social. Esse impacto coloca a inovação ao serviço da comunidade local e global. Nesse sentido, a missão do empreendedorismo social surge em benefício da comunidade uma vez que procura resolver um problema, produzindo produtos e serviços com o intuito de combater as desigualdades e promover a inclusão, promover rendimento e que sejam economicamente rentáveis. Visa ser um negócio que além de lucrativo promove um desenvolvimento na sociedade. Os projetos na base do empreendedorismo social

procuram geral capital social, inclusão e emancipação, com o propósito de dar autonomia e oportunidades às pessoas em vez de intervir de forma assistencialista. Para Mulgan (2010), a prática do empreendedorismo social é forte e está a tornar-se mais sólida, parcialmente devido às redes bem financiadas que agora existem para apoiar os empreendedores sociais, embora esta situação não seja tão linear e visível no contexto português.

2.1. Potencialidades e limites do empreendedorismo social

A preocupação de implementar práticas empreendedoras está presente na ordem das diversidades, desafios e oportunidades atuais da sociedade e nas novas estruturas e dinâmicas societárias. A atenção dada à instabilidade social, económica e política é cada vez mais evidente não só num contexto nacional, mas também a nível europeu. A afluência de programas e políticas capazes de atenuar situações de exclusão social e pobreza são constantes. A intenção está em encontrar uma relação favorável entre o que representa hoje a economia e a variabilidade do contexto social. A combinação entre a aceleração, (re)estruturação da economia e um contexto social que não consegue acompanhar este avanço cria uma disparidade e uma desigualdade que contribui para um retrocesso a nível político, social e económico. Como referem Parente e Quintão (2014), o empreendedorismo social é um fenómeno ligado ao desenvolvimento de iniciativas e organizações dedicadas a responder a problemas sociais emergentes quanto persistentes, assim como à conceção de novos modelos de intervenção que se situam na interseção entre o Estado, o Mercado e a Comunidade. Estes pilares representam várias dimensões na teoria e na prática.

Por outras palavras, essas práticas visam promover uma sustentabilidade integrada, englobando aspetos económicos, sociais e ambientais, tanto para aqueles que as promovem quanto para aqueles que delas se beneficiam (Parente & Quintão, 2014). Propõe formas de instigar uma mudança social, em que as ações, neste contexto, devem ser direcionadas, cada vez mais, para um processo de sustentação e de desenvolvimento do potencial humano. Estes programas evidenciam a urgência em desenvolver estruturas sólidas, capazes de mitigar situações de pobreza e exclusão social (Parente & Quintão, 2014).

A instabilidade nos dias de hoje afeta as estruturas pessoais e sociais fazendo com que as desigualdades e disparidades sociais sejam cada vez mais crescentes. Ou seja, a criação de respostas é cada vez mais num sentido de (re)adaptação ao espaço e que tenham

também uma duração mais prolongada. Nesta lógica, a promoção do empreendedorismo social num contexto de instabilidade incita a captar o potencial do crescimento do setor económico e do valor que desenvolve, especialmente ligado ao setor social (Rodert, 2011, citado em Viveiros, 2016). No entanto, as barreiras mais comuns à implementação desse conceito, como a falta de investimento/ recursos e o acesso limitado à educação formal, persistem. Diante das dificuldades impostas pelos mercados capitalistas, surge o investimento em microcrédito como uma estratégia para aumentar a riqueza e o bem-estar, permitindo que as pessoas com recursos limitados desenvolvam e construam pequenos negócios de modo a subsistirem na esfera capitalista. No entanto, mesmo com essa abordagem, persistem as barreiras culturais, como desentendimentos linguísticos ou pouco investimento na educação, principalmente em países em vias de desenvolvimento, sendo esses que necessitam de uma maior assistência (Dávilla & Vásquez, 2008, citados por Transmontano, 2014).

Tomando esses aspetos em consideração, as estratégias de empreendedorismo social podem ser um mecanismo para desenvolver a inovação social, tornando-se uma ferramenta crucial para dar resposta às situações de crises decorrentes de fatores como o envelhecimento, a pobreza, o desemprego e mudança nos modos e relações de vida (Viveiros, 2016).

Capítulo III. Inovação social, sustentabilidade e estratégias

Segundo os autores Alvord et al. (2003), Martim e Obsberg (2007), o empreendedorismo social caracteriza-se entre outras dimensões por um processo de inovação social, que se constitui como uma ferramenta essencial à intervenção orientada para atingir resultados com impacto social e que promovam uma mudança sistémica (citados por Parente et al., 2014). A mesma tem como fim último a criação de valor social, utilizando recursos e métodos para garantir a sustentabilidade económica, tornando exequível o impacto social (Anderson & Dees, 2006; Peredo & MacLean, 2006; Dees, 2001; Defourny & Nyssens, 2010, citados por Parente et al., 2014). A inovação social não só promove a criação de emprego, especialmente na esfera da economia social que apresenta potencial para responder de forma adequada aos problemas sociais que o Estado e o mercado, muitas vezes, não conseguem resolver, apesar da existência dos mecanismos ditos “tradicionalis” (Katarsis, 2009, citado por Instituto de Geografia e Ornamento do Território, Universidade de Coimbra, 2013). A promoção da inovação social no âmbito do emprego dependa da capacidade das políticas públicas por forma a incentivar os atores individuais ou coletivos a constituírem redes que facilitem o acesso aos recursos necessários e promovam a igualdade de oportunidades (Katarsis, 2009, citado por Instituto de Geografia e Ornamento do Território, Universidade de Coimbra, 2013). Nesse sentido, em Portugal, à semelhança de outros países, observa-se um maior investimento, apoio e financiamento, de iniciativas de cariz inovador, apostando em soluções criativas perante um contexto instável e complexo, de profundas desigualdades e com novos desafios. De facto, muitas vezes, é na crise e em tempos vulneráveis que se encontram soluções criativas e inovadoras. Para Bignetti (2011) a inovação surge como “uma alternativa viável para o futuro da sociedade humana”, tendo como fim último a mudança social positiva.

1. Inovação e Inovação social: conceptualização

A inovação tornou-se num dos temas obrigatórios nas discussões sobre competitividade e desenvolvimento económico. No entanto, a sua vulgarização levou a um afastamento do seu significado inicial estabelecido por Joseph Schumpeter (1985) no sentido de que a inovação se vincula à criação de valor económico (Bignetti, 2011).

Tradicionalmente, a inovação tem sido vinculada ao aspeto económico e à criação de lucro. Na **teoria Schumpeteriana** existem dois tipos de mudanças: 1. **Adaptação,**

que resulta de estímulos externos à economia. Os mesmos envolvem ajustes para se adaptar a novas condições, como as mudanças do mercado, os avanços tecnológicos, as políticas governamentais, entre outros. Essas mudanças procuram manter a competitividade num ambiente económico em constante mutação; 2. **Desenvolvimento**, em que a mudança surge de dentro da economia. Schumpeter destaca o papel do empreendedor neste tipo de mudança, uma vez que é considerado como um agente económico que introduz inovações disruptivas, como o surgimento de novos produtos, processos ou modelos de negócios, que causam impacto no mercado. As mesmas surgem através de um processo penoso de progresso, envolvendo falências, desemprego ou outras formas de instabilidade económica antes que um novo equilíbrio seja atingido (Swedberg, 2006). Para Schumpeter (1985) o desenvolvimento é definido por combinações que englobam cinco situações, tais como:

- a) Criação de um novo bem ou qualidade (produto novos ou produtos existentes com melhorias significativas);
- b) Introdução de novo método de produção (implementação de novos processos de fabricação, métodos mais eficientes ou tecnologias inovadoras na produção);
- c) Abertura de novo mercado em que a empresa ainda não está inserida;
- d) Aquisição de nova fonte de matéria-prima ou bem semiestruturado;
- e) Estabelecimento de nova organização de qualquer setor industrial, como criação de monopólio (citado por Bignetti, 2011).

Para Byrd e Brown (2003), citados por Bignetti, (2011) a inovação consiste na combinação entre a criatividade e a tomada de risco.

A inovação é caracterizada como fruto da aplicação de conhecimento aplicado às necessidades sociais, por meio da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, criando e sustentáveis soluções para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade como um todo. Embora a inovação seja recente, a sua génese data dos anos 90 como uma forma de suprir as falhas e inconsistências do modelo de crescimento neoliberal e pelas mudanças introduzidas pelo avanço das novas tecnologias (Bignetti, 2011; Hubert, 2010; Vieira et al., 2017). Normalmente, a inovação está ligada à mudança tecnológica, ou seja, ao ganho económico e à geração de lucro (Bignetti, 2011), centrada nos objetivos e produtos (Diogo, 2010).

Contudo, este conceito tem aberto espaços a outras disciplinas e incorporou significados que o tornaram mais amplo e sistémico, incluindo, entre eles, a inovação social (Bignetti, 2011). Ao abordar este conceito deve-se ter em conta a sua génese social,

uma vez que a sociedade civil forneceu o ímpeto para a inovação social (e.g. grupos de autoajuda, microcrédito, cooperativas, sindicatos, novos modelos de cuidados à infância, habitação, apoio social e desenvolvimento comunitário), segundo Mulgan (2010), O conceito de inovação social desenvolveu-se na segunda metade do século XX, com maior incidência no século XXI. O mesmo surgiu como um novo paradigma para resolver soluções negligenciados pela sociedade civil para agir sobre si mesma, para a procura por novas soluções para os problemas identificados, sobre os quais as estruturas locais não conseguem responder (Almeida & Santos, 2017). O impulsionar da inovação social não é a concorrência (André & Abreu, 2006; Mulgan et al., 2007), mas sim a necessidade de superar adversidades e riscos, o que envolve uma iniciativa que transcende à ordem estabelecida, como uma nova abordagem de pensamento ou realização de pensar ou fazer algo. Desta forma, a inovação social é uma resposta nova e socialmente reconhecida, com o objetivo de suprimir necessidades sociais não satisfeitas por via do mercado, promovendo a inclusão social e a capacitação de agentes ou atores envolvidos em processos de exclusão e/ou marginalização social (André & Abreu, 2006).

Para Diogo (2010) a inovação social distingue-se pelo atributo de uma natureza não mercantil, com um carácter coletivo e com o objetivo económico de gerar mudança. Isto não significa que a inovação social não se possa aliar a elementos tecnológicas, pelo contrário, quanto mais complexos forem os projetos e diversificados os intervenientes, maior será a capacidade de promover a mudança social a nível sistémico (Diogo, 2010).

A longa passagem da sociedade industrial capitalista a sociedade programada cria zonas de grandes incertezas, fluidas, desreguladas, com enormes riscos de manipulação e alineada, mas ao mesmo tempo potencialmente inovadoras (André & Abreu, 2006). É nestes tempos de incertezas que se criam os contextos para que vários tipos de organizações utilizam os seus recursos de forma a aproveitar oportunidades, ultrapassando adversidades, minimizando riscos, com intuito de responder aos desafios que enfrentam.

Segundo Mulgan et al. (2007), as inovações mais representativas são promovidas por organizações sociais, operando onde os Estados falham. A inovação social é entendida como um processo de transformação nos padrões de resposta a necessidades sociais profundas, através da rutura com as normas vigentes, valores instituídos e estrutura da distribuição do poder e recursos. Neste sentido, implica uma mudança criativa e significativa na forma como uma sociedade lida com um determinado problema social complexo, anteriormente sem qualquer resposta como é o caso da pobreza, a

violência e degradação ambiental (Nilsson, 2003, citado por Diogo, 2010). O enfoque está sobretudo no âmbito dos processos da inclusão, da capacitação e da cooperação, realçando a capacidade que a sociedade tem para agir (Huberto, 2020; Murray et al., 2010). De referir que qualquer processo de mudança enfrenta algumas barreiras, tais como “a resistência psicológica à mudança, a preocupação com a manutenção do funcionamento das relações sociais, a preocupação com a eficiência dos modelos e métodos de trabalho ou atuação. Contudo, a mudança ocorre porque estas barreiras começam a ceder” (Mulgan, 2010, pp. 27-28).

Para Mulgan et al. (2007), as pessoas são as próprias intérpretes das suas próprias vidas e são elas que se encontram a lidar com os seus próprios problemas a partir das abordagens e das relações construídas por elas. Assim, para perceber que a inovação social não serve só as populações vulneráveis vírgulas como é servida por elas.

A inovação social rompe com pressupostos de carácter assistencialista de intervenção social e perspetiva resultados e impactos sociais a médio e curto prazo. Procura visões de transformação social num sentido de promover bem-estar e valor social, ambiental e económico, através de uma abordagem com contributo para o debate teórico ideológico dos desafios sociais atuais (Martinho & Quintão, 2019). Um processo de inovação social mede-se pela escala que atinge (número de pessoas, área geográfica), pelo seu alcance (capacidade de atingir diversas dimensões sociais) e pela ressonância que provoca (intensidade com que capta a imaginação das pessoas) (Nilsson, 2003, citado por Diogo, 2010). É necessário entender que a adesão dos parceiros é tão fundamental para garantir o sucesso de uma iniciativa como as capacidades da própria organização do projeto, em termos de gestão, fundos, liderança, governança, relações-públicas e flexibilidade (Mulgan et al., 2007). O trabalho em rede conduz a mudança estrutural, permitindo integrar de forma sistémica uma nova realidade social (Diogo, 2010).

As inovações podem ser disruptivas e generativas, isto é, podem romper com padrões de produção, consumo e distribuição e gerar mais ideias e inovação. A inovação social é distinta do empreendedorismo social, sendo este último um termo utilizado para descrever os comportamentos e atitudes dos indivíduos envolvidos na criação de iniciativas com objetivos sociais, incluindo a disposição de assumir riscos e de encontrar formas criativas de usar ativos subutilizados (Mulgan, 2010). Para Alvord et al. (2003) e Martim e Obsberg (2007), o empreendedorismo social caracteriza-se entre outras dimensões por um processo de inovação social, que se constitui como uma ferramenta essencial à intervenção orientada para atingir resultados com impacto social e que

promovam uma mudança sistémica (citados por Parente et al., 2014). A inovação social promove também a criação de emprego, como forma de respostas aos problemas sociais que o estado e o mercado não conseguem atender. Tal como o empreendedorismo ou a criatividade e liderança, o empreendedorismo social é difícil de captar, de investigar, e mais ainda de medir (Mulgan, 2010). As áreas do empreendedorismo social e da inovação social, estão à procura de uma nova fusão entre o «negócio» e o «social» (Mulgan, 2010).

A inovação social transcende fronteiras setoriais, níveis de análise e abordagens metodológicas para descobrir os processos, estratégias e teorias da mudança, que produzem impacto um duradouro e podem implicar apoiar as organizações e empreendimentos que criam. Mas certamente implica compreender e fomentar as condições que produzem soluções para os problemas sociais (Revista *Stanford social Innovation*, citada por Mulgan, 2010). Existem várias alternativas em termos de definição de inovação social. Para Phills et al., (2008), citados por Mulgan (2010) a inovação social apresenta-se como

uma solução nova para um problema social que é mais eficaz, eficiente, sustentável ou justo que as soluções existentes, e em que o valor criado beneficia primeiramente a sociedade como um todo e não indivíduos em particular. Uma inovação social pode ser um produto, um processo de produção uma tecnologia (com uma inovação em geral), mas também pode ser um princípio, uma ideia, uma peça legislativa, um movimento social, uma intervenção uma combinação delas (Mulgan, 2010, p. 55).

O *National Endowment for Science, Technology and Arts (NESTA)* do Reino Unido define inovação social de uma forma bastante semelhante. Na perspetiva de Harris e Albury (citados por Mulgan, 2010), a inovação social é

explicitamente para o bem social e público (...) inspirada pelos eixos de ir ao encontro das necessidades sociais que podem ser negligenciadas por formas tradicionais de provisão pelo mercado através das empresas, e que foram sempre mal servidas ou não servidas de todo pelos serviços do Estado. A inovação social pode ter lugar dentro ou fora dos serviços públicos (p. 55).

Uma definição ligeiramente diferente já é oferecida pelo programa *Local Economic and Employment Development* (LEED) da OCDE, que inclui um fórum de inovações sociais. A sua definição afirma que

a inovação social “procura novas respostas para problemas sociais através da identificação e a oferta de novos serviços que melhoram a qualidade de vida dos indivíduos e comunidades; identificando e implementando novos processos de integração no mercado de trabalho, novas competências, novos empregos e novas formas de participação, com como diversos elementos cada qual contribuindo para melhorar a posição dos indivíduos na força de trabalho (Mulgan, 2010, p. 55).

Ao refletir sobre todas as perspectivas respeitantes à inovação social, pode-se indicar de forma simples e incisiva que as inovações sociais são inovações que são sociais tanto nos seus fins como nos seus meios. Ou seja, poderá definir-se inovações sociais como novas ideias sejam elas produtos, serviços e ou modelos, que simultaneamente vão ao encontro de necessidades sociais, ou seja de forma mais eficaz que as alternativas, e criam relações sociais ou colaborações. São inovações que simultaneamente beneficiam a sociedade e aumentam a capacidade de a mesma atuar (Mulgan, 2010).

A inovação social costuma ser considerada reserva privada do terceiro setor, mas estas perspectivas mais recentes enfatizam que a inovação social ocorre em todos os setores⁸. A mesma desempenha um papel crítico na criação de movimentos sociais como os direitos de deficientes (Mulgan, 2010). Uma característica comum da inovação social em todos eles, contudo, é que é raramente apenas *top down* e *bottom up*. Ideias promissoras precisam de algum momento de encontrar apoio de pessoas com dinheiro ou poder. A mudança social depende, entre outras palavras, de alianças (Mulgan, 2010).

Há muitas razões para haver muito interesse na atualidade sobre a resolução de desafios da inovação social (Mulgan, 2010). Em todo o lado, as inovações dão origem a pressões para uma mudança mais ampla, na forma como as economias são geridas, oferta e colocação de trabalho adequado, em novas infraestruturas e Fontes de energia em novas formas de consumo e na organização e financiamento do governo (Mulgan, 2010).

⁸ Podem surgir no: (i) setor privado (e.g. financeira ética ou responsabilidade social das empresas, ou os novos modelos de negócios colaborativos); (ii) setor público. Em termos de políticas como de modelos de serviço; (iii) terceiro setor; (iv) família.

O modelo de inovação social mostra um modelo linear de inovação, com seis estágios: inicia-se com os despoletadores, que conduzem à inovação. Vão desde uma crise à identificação de uma necessidade, avançando por propostas e protótipos. As mesmas tornam-se posteriormente sustentáveis e escalados, atingindo posteriormente a mudança sistémica. Algumas inovações desenvolvem-se desta forma e por isso este esquema é bastante útil para ajudar a pensar de uma forma mais rigorosa sobre os métodos, mas muitos não se desenvolvem de uma forma assim tão linear. Alguns avançam rapidamente para uma escala maior e depois tem de se adaptar rapidamente à luz da experiência. Outros, evoluem como soluções à procura de problemas. Assim, cada uma destas fases pode ser pensada como um espaço, com métodos e culturas também elas distintas (Mulgan, 2010). Segundo o mesmo autor, é com as crises, cortes orçamentais, desempenho e estratégias menos positivas que se os problemas se tornam visíveis, evidenciando a necessidade de inovar. Fazer crescer uma ideia é uma inovação depende de uma oferta efetiva e de uma procura efetiva, sendo que a mudança sistémica é, pela sua natureza, altamente social. “A mudança é um processo mais aberto, mais colaborativo e sem dúvida nenhuma mais criativo, mas também um em que existem métodos a serem aprendidos e que podem aumentar a possibilidade das boas ideias terem impacto” (Mulgan, 2010, p. 74).

2. A Inovação Social como Política Pública em Portugal

A estratégia Europa 2020 reconhece a inovação social como um elemento estruturante para promover o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo. No contexto das políticas europeias, a inovação social é entendida como o desenvolvimento de novas ideias, sejam elas produtos, serviços ou modelos de intervenção, que respondam a necessidades sociais de forma mais eficaz do que as alternativas existentes, ao mesmo tempo que fomentam a criação de novas relações sociais ou colaborações (Martinho & Quintão, 2019).

No contexto português é notória a visibilidade cada vez mais crescente da inovação social, tanto a nível académicos como político, como na comunicação social e no dia a dia das Organizações de Economia Social (OES), pelas condicionantes de acesso a mecanismos de financiamento dos fundos estruturais e cada vez mais a mecanismos de financiamento privado (Martinho & Quintão, 2019).

O Programa de Iniciativa Comunitária ‘EQUAL’ foi o primeiro programa que estimulou a inovação social em Portugal, executado durante o período de 2000-2010, enquanto processo aliado à parceria, cooperação territorial e igualdade de género. O mesmo surgiu com um carácter experimental e dinâmico, enquadrado na estratégia europeia de emprego, dinamizado pela Dr.^a Ana Vale, com vista a obter “soluções para combater as discriminações no mercado de trabalho e responder de forma mais eficaz aos problemas das comunidades e das pessoas mais desfavorecidas” (Vale, 2010, p.8). O Programa EQUAL introduziu novas abordagens à intervenção social ao procurar fortalecer a autonomia e o poder tanto das pessoas como das organizações, potenciando o autoemprego, a criação de emprego e o desenvolvimento dos territórios e das comunidades (Vale, 2009). Portanto, a inovação é crucial para otimizar o uso de recursos consagrados às políticas sociais (Vale, 2010). Um dos requisitos fundamentais da inovação social, são as soluções centradas nas pessoas destinatárias, cujas soluções devem ser construídas com as mesmas. Essas respostas sociais têm em conta a diversidade dos problemas, uma vez que os mesmos mudam assim como os contextos de vida, não esquecendo os diferentes ritmos de aprendizagem das pessoas. Este princípio está associado ao *empowerment*, que assegura que as políticas e intervenções sociais são orientadas para os, e pelos, efetivos interesses das pessoas, tornando-as muito mais eficazes e eficientes (Vale, 2009), levando a uma mudança de atitude. Procura uma transição de abordagens assistencialistas para iniciativas solidárias e proativas, que colocam a capacidade de iniciativa dos mais vulneráveis no centro da ação, fomentando a sua autonomia e responsabilização (Vale, 2009). Destaca a importância da autonomia e responsabilização dos mais vulneráveis, promovendo uma mudança de perspectiva que vê na diversidade um potencial a ser capitalizado (Vale, 2009). Enfatiza a necessidade de respostas integradas e parcerias de desenvolvimento para enfrentar problemas complexos, sendo que a especialização não pode significar desintegração, é necessária uma abordagem holística (Vale, 2009). A colaboração entre diferentes atores é vista como fundamental para alcançar soluções inovadoras e fortalecer comunidades locais. Em primeiro lugar, porque estimula a mobilização coordenada de capacidades, a negociação entre atores e o desenvolvimento de práticas individuais institucionais convergentes ou em parceria, polarizadas por uma lógica de desenvolvimento territorial. Em segundo lugar, valorizam a diversidade territorial e a participação cívica, potenciando o ajustamento de estratégias, políticas e instrumentos pensados de forma genérica e abstrata. Segundo o mesmo autor, a disseminação de soluções inovadoras é considerada

essencial para a melhoria contínua, aprendizagem e cooperação. Esta nova governação deve saber aproveitar as ideias geradas, valorizá-las e transformá-las em novos recursos e mais implementar, em benefício da inovação dos sistemas e das políticas (Vale, 2009). Salieta-se a importância de construir parcerias, comunidades de prática e redes para promover a inovação social, enfatizando a necessidade de um contexto favorável e apoio financeiro específico e pragmático. Ressalta-se que a mudança é percebida como uma ameaça, mas é uma responsabilidade coletiva superar esse obstáculo e caminhar a passos com a mudança (Vale, 2009).

A **Iniciativa Portugal Inovação Social, surge no seguimento do Equal**, e foi criada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 73º, de 16 de dezembro de 2014, assumindo como objetivo “Desenvolver e dinamizar o mercado de investimento social para apoiar a Iniciativas de Inovação e Empreendedorismo Social (IIES) em Portugal”. As IIES são entidades como “projetos que preconizam respostas inovadoras que se distinguem das respostas tradicionais na resolução de problemas sociais pelo seu potencial de impacto sustentabilidade” (Diário da República n.º 242/2014, 1º Suplemento, Série I de 2014-12-16). O investimento social pressupõe uma “aplicação de capital em projetos, organizações ou fundos para o desenvolvimento de IIES, com o objetivo de obter um retorno do capital e retorno do valor para a sociedade”. Este conceito traz uma nova abordagem para a ação social, diferente da subsídio ou caridade, donativos, mecenato ou patrocínios” A obtenção de retorno financeiro está associado ao impacto social (Martinho & Quintão, 2019, p. 416). No plano político, pode afirmar-se que esta é uma iniciativa por si só de inovação, propondo-se experimentar uma nova política pública no país. Portugal foi o pioneiro a nível de Estado Membros a desenhar e implementar uma política pública a partir de fundos estruturais europeus.

Esta é, pois, uma expressão política das várias possibilidades e dinâmicas de transformação social. Por um lado, procura promover e financiar projetos sociais inovadores e por outro estimular o mercado de investimento social (Almeida & Santos, 2017). Para responder aos objetivos do empreendedorismo e inovação social no país, de forma a capacitar os atores melhorando os níveis de resposta e sustentabilidade económica e financeira das OES e de dinamizar o mercado de investimentos social, a iniciativa propôs-se a criar quatro medidas ou instrumentos de financiamentos, que assentam numa lógica de complementaridade às respostas tradicionais (Almeida & Santos, 2017), como apresentado na Tabela 4.

Tabela 4.

Medidas e Instrumentos de financiamento do Portugal Inovação Social 2020

Capacitação para o Investimento Social
A pobreza surge como um grupo que é extremamente marginalizado. Remete para as pessoas que não conseguiram acompanhar o ritmo do crescimento e as normas impostas pelo desenvolvimento industrial. O estatuto das pessoas, neste tipo, é desvalorizado, e do ponto de vista da sua relação com a sociedade, ela é fundada na tutela por parte das instituições e profissionais da área social. Existe uma manutenção ou redução progressiva da solidariedade familiar que deixa de ser tão importante como no primeiro caso. O desemprego é residual e o recurso ao RSI é limitado.
Parcerias para o Impacto
Procura apoiar a criação, desenvolvimento e crescimento de projetos de inovação e empreendedorismo social, com confinamento de investidores sociais, capazes de investir pelo menos 30% do valor total de financiamento. Este instrumento de financiamento procura desenvolver projetos e/ou serviços que respondam a problemas sociais identificados e produzam impacto social, quantitativamente mensurável, e tendente à transformação social.
Títulos de Impacto Social
Financiamento destinado a testar novas soluções de prestação de serviços públicos através do IIES (natureza privadas), procurando alternativas mais eficientes, eficazes e geradores de impacto quando comparadas a outros já existentes. Esta tríade propõem prestar um determinado serviço público através de um modelo inovador, e o estado irá reembolsar os investidores se os resultados sociais contratualizados forem alcançados (p.418).
Fundo de Inovação Social (FIS)
Natureza financeira diferente dos anteriores. É um instrumento que objetiva responder à estruturação dos produtos e serviços do sistema financeiro propriamente dito. É a estrutura de base e centralidade que organiza e gere os fluxos financeiros deste mercado. Os fundos são um elemento fundamental ao desenvolvimento de soluções e modelos de intervenção inovadores, que visam responder adequadamente a problemas sociais existentes em diversas áreas da esfera política.

Fonte: Portugal Inovação Social, 2019.

Para Martinho e Quintão (2019), urge convocar todos os atores sociais a participar na construção de respostas multidimensionais, integradas e sistémicas. A Inovação Social desempenha assim um papel fundamental no desenvolvimento de políticas públicas uma vez que são consideradas novas formas de abordar questões sociais (Adam & Hess, 2010, citados por Carneira, 2021). A inovação social é uma ferramenta essencial na procura de novas soluções para combater as discriminações no mercado de trabalho e para responder de forma mais eficaz aos problemas enfrentados pelas comunidades e pelos grupos mais desfavorecidos (Vale, 2009, p. 7).

Em relação ao contexto nacional, a iniciativa Portugal Inovação Social em 2022 já contava com um total de 623 projetos aprovados em território nacional. A nível de instrumentos de financiamento, foram as parcerias para o impacto que tiveram maior volume de projetos em desenvolvimento. Constavam 346 projetos aprovados, 341 investidores sociais e 14,5 milhões de euros de investimento social mobiliado. Foi na região do Norte que se concentraram mais projetos financiados por este instrumento (n=144), seguindo-se a região centro (n=125). Com menor número de projetos surgiu o Alentejo (n=25). O tipo de investidor apresentava-se na sua maioria na qualidade de empresa privada (n=461), seguindo-se os Municípios (n=166), outros investidores (n=100), as entidades de economia social (n=45), as fundações (n=20) e, por último, os estrangeiros (n=17). A nível nacional, os projetos desenvolvidos na área das Incubadoras de Inovação Social, somam-se num total de 28 projetos apoiados, 2 846 178 € de Investimento Social e 6 641 084 € do programa de financiamento Portugal 2020. Os projetos desta natureza surgem com maior incidência na região do Centro (11), seguindo-se Lisboa (6) e Norte (5), com menor incidência na região do Algarve. No respeito às incubadoras de inovação da região Centro, é no Distrito de Coimbra que se encontram mais projetos desta natureza (Portugal Inovação Social, 2023).

Esta iniciativa pública evidenciou a viabilidade de dinamizar um ecossistema de inovação social através de políticas públicas que despertem o potencial empreendedor e incentivem o investimento (Portugal 2030, 2023). O seu sucesso é reconhecido tanto na Europa quanto globalmente, frequentemente considerado como uma referência internacional e um exemplo para outros países. Diversos estudos e publicações científicas internacionais citam e detalham a experiência inovadora da Portugal Inovação Social, visando a sua replicação em outros países (Santos, 2021).

Em junho de 2023, foi apresentado o Portugal Inovação Social 2030, cuja iniciativa foi criada pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 54/2023, de 9 de junho com o objetivo de desenvolver e dinamizar o empreendedorismo, a inovação social e o investimento de impacto em Portugal, contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em linha com os princípios do Pilar Europeu dos Direitos Sociais. No seguimento da continuidade à iniciativa Portugal Inovação Social, criada no âmbito do Portugal 2020, a iniciativa Portugal Inovação Social 2030 destina-se a entidades públicas e privadas, incluindo as entidades da economia social, que desenvolvam, capacitem, fomentem ou apoiem projetos de inovação social, geralmente denominados de Iniciativas de Inovação e Empreendedorismo Social (Portugal 2030,

2023). Ao contrário do Portugal 2020, esta iniciativa é operacionalizada através de 5 instrumentos de financiamento:

Tabela 5.

Medidas e Instrumentos de financiamento do Portugal Inovação Social 2030

Capacitação para a Inovação Social
Financiamento não reembolsável para o desenvolvimento de competências de gestão necessários à execução de iniciativas de inovação social.
Parcerias para a Inovação social
Procura apostar na execução e avanço de projetos de inovação social através de apoios não reembolsáveis, em parceria com investidores sociais para o cofinanciamento.
Títulos de Impacto Social
Financiamento destinado a financiar a experimentação de soluções de cariz inovador em áreas consideradas prioritárias da esfera política pública, atribuídos mediante o atingimento de resultados mensuráveis e previamente contratualizados.
Centros para o Empreendedorismo de Impacto
Apoios não reembolsáveis, em formato de cofinanciamento com investidores sociais, para a criação e fortalecimento de incubadora, aceleradoras e centros locais ou regionais visando impulsionar os ecossistemas de inovação e empreendedorismo social. Este instrumento tem como objetivo específico a inclusão ativa e empregabilidade, especialmente para grupos desfavorecidos; destinando-se ao setor público e privado.
Contratos de Impacto Social
Financiamento direcionado para a experimentação de soluções de cariz inovador em áreas consideradas prioritárias da esfera política pública, com pagamento vinculado à economia de despesas públicas resultante do alcance de resultados mensuráveis e previamente acordados por contrato, sem vinculação a custos.

Fonte: Portugal Inovação Social, 2023.

O quadro comunitário de apoio a Portugal no período de 2021 a 2027, procura consolidar o seu papel como referência mundial da Inovação Social, através da criação de práticas de melhoria contínua de políticas públicas e desenvolvimento de soluções inovadoras, em parceria colaborativa com a sociedade civil, o setor social e o setor privado (Santos, 2021). Esta iniciativa acredita nas potencialidades dos cidadãos enquanto agentes de mudança através de práticas de empreendedorismo social sendo o mesmo o motor de um processo de inovação social (Almeida & Santos, 2019).

Capítulo IV. Incubadoras sociais enquanto mecanismo de inovação territorial

De forma a efetivar a concretização das políticas de inovação social é importante salientar a necessidade de uma perspectiva que integra três vertentes, segundo Roulanda (2012, citado por Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, 2013): 1. Ligação da inovação social a prioridades sociais, ou seja atender a necessidades não satisfeitas assim como a desafios sociais a médio e longo prazo; Integração da inovação social no “*policy making*” quer a nível de cooperação e parcerias, no quais entram as incubadoras, quer a nível de mecanismos de financiamento; 3. *Scale up* e mainstream das soluções efetivas, com base na experimentação em políticas sociais, adoção de boas práticas e tomada de decisões políticas adequadas, além da monitorização e avaliação dos impactos da inovação social.

Para Sousa (2013), as constantes transformações sociais a que temos vindo a assistir, fruto das novas exigências impostas pelo mercado de trabalho e potenciadas pelas crises, têm mobilizado parte da sociedade civil na procura por novas estratégias de combate ao desemprego e à exclusão social. Segundo Singer (2002, citado por Sousa, 2013), para resolver este problema é necessário fornecer à população uma oportunidade real de inserção na economia por sua própria iniciativa. Nessa perspectiva, a própria incubadora é ela um produto da inovação social, que fornece uma solução para aquele problema específico, através da inclusão social de trabalhadores em situação de vulnerabilidade social no mercado de trabalho. Segundo Sousa (2013), as incubadoras sociais, são apresentadas enquanto paradigma inovador e facilitador do processo de desenvolvimento social local, funcionam como um espaço de “capacitação e aprendizagem individual e coletiva”, sendo associadas, “entre outros, ao contributo para o aumento do emprego, para a mobilização e aprendizagem e para a participação coletiva e a criação de atividades elevado com valor social” (p.5).

1. Incubadoras Sociais enquanto conceito

O surgimento de novas estratégias potenciadoras da capacidade de fomentar a empregabilidade podem passar por processos de incubação de ideias de negócios e/ou projetos a desenvolver. As incubadoras, enquanto "centros de capacitação e aprendizagem individual e coletiva, contribuem para o aumento do emprego, para a

mobilização e aprendizagem, para a participação coletiva e para a criação de atividades que criem valor social" (Sousa, 2013).

O conceito de incubadoras de empresas surgiu no final dos anos 70 e, desde então tem proliferado incubadoras como um instrumento catalisador de novas experiências, desempenhando um papel significado para criar emprego (Wennekers & Thurik, 1999, citados por Santos, 2013), sobretudo autoemprego, no estímulo à inovação e desenvolvimento local regional ou nacional (Sousa, 2013). As incubadoras sociais apresentam-se no âmbito de incubadoras de primeira geração e traduzem-se pela instalação de empresas de carácter inovador, cujos projetos procuram gerar elevado impacto social (Sousa, 2013).

As incubadoras sociais pretendem responder a vários elementos de mudanças e de vários desafios, sendo um espaço onde se cruzam vários atores sociais e metodologias, que mobilizam consequentemente o conhecimento como um fator de inovação para o impacto social. Com o intuito de fazer uma breve contextualização, importante será referir que as incubadoras sociais, difundiram-se nos anos 90, sendo esta uma referência ao modelo e funções das incubadoras ligadas ao setor empresarial, cujo conceito surgiu nos anos 50 nos Estados Unidos da América. Uma das referências das incubadoras sociais com foco na integração económica é as incubadoras de empresas sociais e empreendimentos solidários da Europa. Segundo Ferreira (2010) “as incubadoras sociais estão associadas aos movimentos da economia social e solidária bem como ao terceiro sector, manifestando a preocupação ligada à sustentabilidade e ao impacto social das inovações” (p.2). As mesmas apoiam empreendimentos sociais e projetos inovadores com o objetivo de melhorar a sociedade, focando em metas sociais e ambientais e, contrastando com uma abordagem que prioriza o lucro. Destacam a importância da participação ativa da comunidade na identificação de necessidade e na criação de soluções, reforçando o compromisso para com a sustentabilidade social e ambiental. Diante das limitações do Estado em responder a todas as necessidades sociais identificadas, as incubadoras sociais emergem como uma alternativa para suprir as lacunas, promovendo soluções mais flexíveis e adaptáveis aos desafios específicos da comunidade. Dessa forma, observa-se uma aceleração da economia social, uma vez que as estruturas existentes e as políticas públicas estabelecidas revelam-se insuficientes para combater os problemas sociais vigentes (Bignetti, 2011). Além de associadas ao surgimento deste tipo de organizações da economia social, também são preocupadas com

a sustentabilidade económica das iniciativas como forma de resolução de problemas perante a integração no mercado de trabalho e inclusão social (Ferreira, 2010).

Em Portugal, as incubadoras sociais ainda ganham terreno, havendo algumas experiências em desenvolvimento, mas também muitas iniciativas que não chegaram a ser concretizadas (Ferreira, 2010). Na realidade, muitas das tarefas desempenhadas pelas incubadoras, nomeadamente os serviços de consultadoria, apoio técnico e formação, já eram prestados anteriormente por outro tipo de organizações. Segundo Ferreira (2010), “o que há de diferente em relação às incubadoras sociais é o facto de envolverem quer os municípios quer as universidades quer ainda as empresas e serem o resultado de parcerias abrangendo um leque vasto de atores sociais”.

Em Portugal, no ano de 2022, a iniciativa Portugal Inovação Social contou com um total de 28 projetos de incubadoras a nível nacional, 2 846 178 € de investimento social e 6 641 084 € de investimento do Portugal 2020. Os projetos desta natureza surgiram com maior incidência na região do Centro (11), seguindo-se Lisboa (6) e Norte (5), com menor incidência na região do Algarve. No respeito às incubadoras de inovação social da região Centro, é no Distrito de Coimbra que se encontram mais projetos desta natureza (Portugal Inovação Social, 2023).

A Tabela 11, apresentada no Apêndice IV, destaca uma diversidade de empreendimentos sociais em várias regiões de Portugal, tanto áreas urbanas quanto rurais, os quais se dedicam a solucionar uma ampla variedade de questões sociais, desde o desemprego e a exclusão social, o despovoamento do interior do país até à falta de reconhecimento da Inovação Social. As entidades implementadoras variam de associações sem fins lucrativos e instituições de utilidade a organizações sociais e ONG'S. Cada iniciativa tem um público-alvo-específicos, desde pessoas em situação de desemprego, jovens empreendedores, pessoas adultas idosas a comunidades locais. As metodologias e/ou procedimentos adotados variam desde a criação de incubadoras e programas de capacitação a desenvolvimentos de soluções inovadoras. A respeito do financiamento, ambas recebem do fundo Portugal Inovação social (70%) tendo acrescidos montantes dos investidores sociais (30%). De forma geral, o mapeamento destaca o crescente interesse e compromisso com o empreendedorismo social em Portugal, demonstrando uma abordagem multifacetada para abordar os desafios sociais e promover o desenvolvimento sustentável.

PARTE II- Estudo Empírico

Capítulo V. Métodos e Procedimentos de estudo

O presente capítulo apresenta a metodologia utilizada no estudo empírico expondo a pertinência científica e social do tema; definição da questão de partida associada aos objetivos de investigação, e, ainda, os procedimentos metodológicos, que incluem o tipo de estudo, constituição da amostra, técnicas e os instrumentos de recolha de dados; Seleção da amostra e procedimentos de amostragem, considerações éticas e morais de investigação e, por fim, os procedimentos de tratamento e análise dos dados recolhidos.

1. Pertinência científica e social do tema

As crises económico-financeiras que as sociedades tem testemunhado, ao longo do último século, são exemplos paradigmáticos sobre a pertinência da inovação social, uma vez que esta torna-se, nestes contextos, cada vez mais urgente e encontra terreno propício a ser desenvolvida. A inovação social tornou-se fundamental para colmatar os efeitos das crises, que alteraram profundamente as dinâmicas das sociedades. As necessidades tendem a crescer exponencialmente, devido às mudanças da sociedade, procedentes dos avanços tecnológicos (e.g. difusão de novas tecnologias de comunicação e informação, digitalização do trabalho), pressão competitiva da globalização da economia, envelhecimento da população e aumento do desemprego (Foroudia et al., 2021; citados por Cardeira, 2021; Hubert, 2010). Ademais, os problemas sociais das sociedades contemporâneas tendem a intensificar-se e a diversificar-se pelo que as necessidades tornam-se mais difíceis de serem atendidas pelo Estado e pelo mercado (Parente et al., 2011). Uma das vias de desenvolvimento da Inovação Social é o Empreendedorismo Social, que emerge nestes contextos através de iniciativas da sociedade civil na procura por práticas alternativas para a resolução das necessidades identificadas (Parente et al., 2011), como é exemplo as questões relativas à empregabilidade. A relação entre inovação social e emprego tem levado a diferentes questões de pesquisa, abrindo espaço a outras disciplinas e incorporando novos significados e abordagens que a torna mais abrangente e sistémica (Bignetti, 2011). Os estudos sobre empreendedorismo social e inovação social enquanto resposta à problemática do desemprego ainda não se constituem como um conteúdo consolidado de conhecimentos. De acordo com Bignetti (2011), é possível afirmar que o tema é

menos conhecido quando comparado com a imensa literatura existente sobre a inovação no seu sentido mais amplo.

2. Objetivos de investigação

O objeto de estudo desta pesquisa incide nas incubadoras sociais financiadas pelo Programa Portugal Inovação Social, cuja investigação se centra em perceber de que forma as incubadoras sociais, enquanto “ferramentas” de inovação e empreendedorismo social, facilitam a inserção no mercado de trabalho da população desempregada. Assim, a pergunta de partida assume a seguinte formulação: De que forma as incubadoras sociais facilitam a inserção no mercado de trabalho da população desempregada, em Portugal?

O objetivo geral da presente investigação é compreender de que forma as incubadoras sociais facilitam a inserção no mercado de trabalho da população desempregada.

Os objetivos específicos de investigação e de acordo com a finalidade da pesquisa referem-se aos seguintes indicadores de análise teórica e empírica:

1. Mapear e caracterizar as incubadoras sociais em Portugal dirigidas à população desempregada (e.g., serviços disponibilizados, canais de comunicação e divulgação) e compará-las entre si (*Benchmarking*);
2. Identificar e caracterizar os recursos (e.g., recursos humanos, recursos materiais, infraestruturas) e modelo de funcionamento (e.g., protocolo de incubação, serviços disponibilizados) das incubadoras sociais;
3. Analisar as estratégias e eixos de atuação direcionadas para a população desempregada das incubadoras sociais;
4. Analisar as dinâmicas (formais e informais) de ligação ao território destas incubadoras (e.g., redes de parcerias, redes de colaboração);
5. Caracterizar a nível sociodemográfico e sociofamiliar as pessoas participantes do processo de incubação;
6. Caracterizar as ideias de negócio ou projetos a desenvolver pelos/as participantes;
7. Analisar as competências desenvolvidas pelas pessoas participantes;
8. Analisar as expectativas iniciais e perceção após a incubação, dos/as participantes acerca do impacto deste processo no seu percurso de inserção laboral;

Os objetivos do presente estudo remetem para a compreensão das incubadoras sociais enquanto mecanismos facilitadores da inserção sócio laboral, analisando os seus programas de processos de incubação, procurando promover melhorias nos mesmos, tornando-os cada vez mais potenciadores na promoção de bem-estar social, melhoria da qualidade de vida, dignidade económica e humana bem como desenvolvimento local. Além disso, é esperado aumentar a literatura sobre a inovação social assim como dar mais visibilidade ao trabalho das incubadoras sociais enquanto estratégias potenciadoras da capacidade de fomentar a empregabilidade através de projetos e negócios sociais.

3. Procedimentos Metodológicos

3.1. Tipo de estudo

O tipo de estudo que norteou a pesquisa empírica a respeito dos procedimentos técnicos foi o estudo de caso múltiplo para a obtenção de dados sobre as incubadoras sociais, e seu relacionamento entre as variáveis que, neste estudo, caracterizou-se pela compreensão de como as incubadoras se constituem ferramentas para a inserção no mercado de trabalho da população em situação de desemprego. Esta opção é justificada pelo uso de “narrativas ou descrições do fenómeno, onde as hipóteses estão subordinadas à compreensão do caso” (Vilelas, 2013, p.195). A presente pesquisa possuiu uma abordagem qualitativa, baseada numa lógica indutiva, concentrando-se em “demonstrar a relação dinâmica que existe entre o mundo e o sujeito”, bem como a interpretação e significações dadas perante o fenómeno em estudo (Le Compte & Preissle, citado por Fortin, 2009, p.322; Vilelas, 2017, p.163). As mesmas surgiram através das narrativas dos atores inquiridos compreendendo as suas lógicas, ideias, perceções e experiências, permitindo a triangulação de dados. Este método revela-se diferenciado pela obtenção e validação de informação, com recurso à revisão da literatura de forma a afunilar o objeto de estudo. Neste seguimento, o ambiente natural foi a fonte direta da investigadora principal a respeito da recolha de dados (Vilelas, 2017), sendo que o estudo procurou ser descritivo e exploratório, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimento através da descrição e interpretação dos fenómenos em estudo (Fortin, 2009). No âmbito do estudo de caso múltiplo, foram utilizadas duas técnicas: as entrevistas e o estudo comparativo através do mapeamento das incubadoras sociais em Portugal.

3.2. Seleção da amostra e procedimentos de amostragem

Nesta pesquisa foi envolvida uma conjugação de múltiplos casos, tendo sido necessário ter em atenção o **critério de amostragem** que, neste estudo, foi através de uma amostra não probabilística por conveniência (Vilelas, 2017). Foram alvo de estudo duas incubadoras sociais do distrito de Coimbra, as quais foram selecionadas por conveniência relacionada com a proximidade das entidades implementadoras dos projetos e com a facilidade de acesso aos participantes em estudo, através dos seguintes critérios de inclusão:

- Incubadoras sociais financiados pelo Programa Portugal Inovação Social;
- Localizadas no distrito de Coimbra;
- Desemprego, enquanto problema social;
- Projeto em período de execução, à data da entrevista.

Nesse sentido, foram selecionadas as incubadoras COL.ECO - Colaboração na Organização Local de Economia Eco Sustentável do Concelho de Coimbra, e Microninho. Considerando o tipo de amostra, as pessoas entrevistadas foram selecionadas por facilidade de acesso, através de um contacto prévio institucional. A mesma foi constituída por dois elementos das equipas técnicas de cada projeto (n=2) e por dois participantes do processo de incubação em fases distintas em cada incubadora⁹ (n=4), conforme explicitado na Tabela 8.

A peculiaridade deste estudo foi procurar ser aprofundado e exaustivo de um objeto de investigação, permitindo um conhecimento pormenorizado e vasto sobre o mesmo (Vilelas, 2017).

3.3. Instrumentos e Técnicas de recolha de dados

A respeito das técnicas de recolha de dados foram privilegiadas a análise documental e entrevistas semiestruturadas. A análise documental teve como objetivo mapear e caracterizar todas as incubadoras sociais financiadas pelo programa Portugal, Inovação Social entre o período 2014 a 2020, cujos dados estão espelhados na Parte I. Esta análise foi feita com recursos à consulta das páginas online de cada projeto identificado pelo Portugal Inovação Social como incubadoras sociais, em agosto de 2023. Para esse efeito foi criada uma grelha de registo de informação com um conjunto de variáveis e indicadores, tais como identificação do projeto, identidade

⁹ Duas pessoas entrevistadas em processo de incubação e duas pessoas na fase final do processo.

implementadora, sua natureza e objetivo, área geográfica de abrangência, problema social identificado, público-alvo, metodologia¹⁰ e financiamento total (Apêndice IV).

Para cumprir o objetivo geral desta investigação, os dados foram recolhidos através de uma entrevista semiestruturada por ser uma técnica que permite uma maior flexibilidade ao investigador e à pessoa entrevistada, abrindo espaço para a exploração de novos tópicos. Nesse sentido, revela-se uma técnica de uma enorme riqueza de dados, uma vez que permite obter respostas mais detalhadas e ajustar a entrevista conforme necessário, garantido uma validade interna mais robusta ao longo do estudo. As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com base num guião de entrevistas: um destinado aos/às participantes do processo de incubação (Apêndice II) e outro para os elementos das Equipas Técnicas dos projetos em estudo (Apêndice II). Atendendo à amostra do estudo foram definidas questões de investigação distintas para os dois grupos assim como a introdução de novos domínios para os Técnicos Superiores. No entanto, os guiões apresentam na sua maioria domínios iguais, conforme explícito no Apêndice II. As entrevistas decorreram entre os dias 31 de janeiro de 2023 e 7 de maio de 2023, e tiveram uma duração máxima de 2h38 e mínima de 1h12. Das seis entrevistas, quatro entrevistas decorreram em formato presencial num ambiente confortável e seguro para a pessoa participante, por forma a assegurar a confidencialidade e o anonimato das informações recolhidas. Em formato online, através da plataforma *Zoom*, decorreram duas entrevistas, pela impossibilidade de as pessoas participantes deslocarem-se ao local identificado.

3.4.Procedimento de tratamento e análise de dados

A transcrição das entrevistas seguiu-se em seis etapas, conforme proposto por Azevedo et al. (2017):

(1) Preparar: Atribuição de um código a cada entrevista realizada por forma a garantir a confidencialidade de anonimato das pessoas (e.g. TSC1; TSM2; PIC1; PIC2; PIM3;PIM4¹¹); Realização de duas cópias de segurança das gravações; Ferramentas utilizadas: *Microsoft Word* “Ditar” e o *software MAXQDA Analytic Pro 2024*; Construção da folha de rosto com o local e data da entrevista, bem como a caracterização geral das

¹⁰ Sobretudo para as incubadoras que visam o combate ao desemprego.

¹¹ TSC1 – Técnica Superior da COLECO; TSM2- Técnica Superior da MICRONINHO; PIC –Participante da Incubação COLECO; PIM – Participante da Incubação MICRONINHO

peças participantes; Identificação da investigadora principal e pessoa entrevistada; Esquema de transcrição: Linear; Tipo de transcrição: Abordagem naturalista.

(2) Conhecer: Organização das anotações recolhidas ao longo da entrevista; Audição repetida das gravações na sua íntegra.

(3) Escrever: Transcrição do áudio para texto; Codificação ou remoção de alguns dados¹²; Criação de uma versão primária através da utilização do *Microsoft Word* “Ditar”.

(4) Editar: Repetição da audição da entrevista; colocação da pontuação e reter aspetos emocionais e não verbais.

(5) Rever: Comparação do áudio da entrevista com a transcrição efetuada.

(6) Finalizar: Destruição do áudio das entrevistas.

Para o processo de análise de dados, recorreu-se à análise de conteúdo defendida por Bardin (2020) e ao software *MAXQDA Analytic Pro 2024*, para o processamento de dados da investigação. Durante o processo de análise, realizou-se uma análise preliminar, através de observações reflexivas. Sucessivamente, através de um raciocínio indutivo, método empírico, foi realizada a codificação e categorização dos dados recolhidos em segmentos. De acordo com o modelo proposto por Bardin (2020), as unidades foram organizadas por domínios, categorias e subcategorias (Tabelas 6 e 7). As categorias remetem para o conceito, ou seja, palavra-chave do que se quer reter, como se se tratasse de um tema, enquanto as subcategorias traduzem-se numa divisão desse conceito, como se apresentassem subtemas. No modelo teórico de Bardin (2020), as unidades de significado correspondem aos segmentos retirados do texto transcrito que serão utilizados com base para a categorização e, posteriormente interpretados, cujo objetivo é dar suporte ao estudo., cada segmento de unidade só deve constar numa categoria ou subcategoria, não se encontrando presentes mais do que um. Conforme sublinhou o Laurence Bardin (2020), um bom sistema categorial deve possuir objetividade e fiabilidade, ou seja, a mesma informação deve ser codificada da mesma forma, mesmo quando sujeita a várias análises. Para o autor, este tipo de análise remete a uma interpretação de informação que oscila entre a objetividade e subjetividade. Para Coutinho (2022), as unidades caracterizam-se por serem exaustivas, exclusivas, objetivas e pertinentes.

¹² Aquando da sua solicitação ou quando é evidenciado a identidade de alguém.

Tabela 6

Categorização referente à análise de conteúdo das entrevistas das pessoas em processo de incubação

Domínios	Categorias	Subcategorias	Indicadores de análise
Caraterização entrevistados/as	Dados sociodemográficos dos/as entrevistados/as		<ul style="list-style-type: none"> - Idade, género, sexo, habilitações literárias, local de residência, composição do AF (nº de dependentes); - Profissão/ situação laboral.
Situação de desemprego (antes do processo de incubação)	Situação socioeconómica	Situação perante desemprego	<ul style="list-style-type: none"> - Período de desemprego; - Situação (in)esperada; - Alterações sentidas na vida.
	Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo	Sentimentos/atitude experienciadas	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos expressos; - Aspectos positivos e negativos da situação de desemprego; - Perceção do self; - Relações sociofamiliares.
	Apoios	Rede Informal	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação de elementos desempregados do AF (se aplicável); - Apoio monetário e emocional; - Pressão (in)existente encontrar trabalho.
		Rede Formal	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio instrumental e monetário; - Inscrição no IEFF.
	Medidas de emprego	Posicionamento face às ajudas para a procura de emprego	<ul style="list-style-type: none"> - (Des)adequação das ajudas/apoios existentes ao seu perfil.
		Estratégias de adequação ao mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Melhorias e/ou sugestões às estratégias existentes de apoio à procura de emprego.
		Participação na vida social	<ul style="list-style-type: none"> - Participação na vida social, política e académica; - Alargamento da rede social. (Elemento capacitado);

	Estratégias adaptativas		<ul style="list-style-type: none"> - Investimento em formação ou similares; - Mudança de atividades laboral; - Autoemprego e empreendedorismos. 	
Processo de incubação	Participação em programa de incubação	Motivações pessoais para o processo de mudança	- Motivações para implementar um negócio e /ou projeto.	
		Dificuldades e/ou obstáculos à mudança	- Económicas, pessoais, familiares, etc.	
	Modelo de incubação	Funcionamento	<ul style="list-style-type: none"> - Critérios de seleção dos/as participantes; - Elementos da equipa Técnica do projeto; - Moldes e dinamização das sessões/formações (componentes e etapas); - Eixos de atuação do projeto; - Atividades desenvolvidas; - Parcerias e colaborações de ligação ao território. 	
			Competências/aprendizagens adquiridas	- Competências profissionais, pessoais e transversais.
			Potencialidades/Limites da Incubação	- Vantagens e desvantagens de ser um projeto incubado.
	Ferramenta de emprego	Autoemprego como alternativa à situação de desemprego	<ul style="list-style-type: none"> - Ferramentas e /ou mecanismos de facilitação ao mercado de trabalho; - Criação do próprio negócio ou projeto pessoal. 	
Término do processo de incubação	Autoperceção das mudanças de vida no futuro	Perspetiva de vida perante situação de desemprego	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção da vida com base a experiência do processo de incubação; - Mudanças sentidas com a incubação. 	

Tabela 7

Categorização referente à análise de conteúdo das entrevistas das Técnicas Superiores dos projetos de incubação

Domínios	Categorias	Subcategorias	Indicadores de análise
Caraterização dos/as entrevistados/as	Dados sociodemográficos dos/as entrevistados/as		<ul style="list-style-type: none"> - Idade, sexo, habilitações literárias, estado civil, local de residência; - Experiência profissional (anos).
Situação de desemprego	Impacto do desemprego no bem-estar	Sentimentos/atitude s experienciadas pelas pessoas em situação de desemprego	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação de sentimentos experienciados; - Dimensões relacionais, sociais e pessoal possivelmente afetadas.
	Medidas de emprego	Posicionamento face às ajudas para a procura de emprego	<ul style="list-style-type: none"> - Ajudas existentes para a procura de emprego; - Adequação das ofertas aos perfis das pessoas desempregadas; - Informação disponibilizadas pelas várias entidades estatais sobre a condição de desempregado/a, seus direitos e deveres assim como apoios sociais.
		Estratégias de adequação ao mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Melhorias e/ou sugestões às estratégias existentes de apoio à procura de emprego.
		Participação na vida social	<ul style="list-style-type: none"> - Participação política, económica e civil.
	Estratégias adaptativas		<ul style="list-style-type: none"> a) Investimento em formação ou similares; b) Mudança de atividades laboral; c) Autoemprego e empreendedorismo.

Processo de incubação	Modelo de incubação	Funcionamento	<ul style="list-style-type: none"> -Critérios de seleção dos/as participantes; -Elementos da equipa Técnica do projeto; - Moldes e dinamização das sessões; -Eixos de atuação do projeto; - Atividades desenvolvidas; -Parcerias e colaborações de ligação ao território.
		Caracterização dos/as participantes incubados/as no projeto	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterização geral dos/as participantes de incubação. (sexo, idade, nacionalidade, habilitações literárias, duração de desemprego, situação sociofamiliar, agregado familiar, tipos de empreendimentos)
		Competências/aprendizagens trabalhadas	<ul style="list-style-type: none"> -Pessoais e profissionais.
		Potencialidades/Limites da Incubação	<ul style="list-style-type: none"> - Eg...,Vantagens/desvantagens de ser um empreendimento incubado
	Ferramenta de emprego	Autoemprego como alternativa à situação de desemprego	<ul style="list-style-type: none"> - Ferramentas e /ou mecanismos de facilitação ao mercado de trabalho.
		Financiamento	<ul style="list-style-type: none"> - Programa de financiamento; -Montantes e percentagens; - Investidores sociais; - Período de financiamento.
Término do processo de incubação dos/as participantes	Impacto do modelo de incubação	/	<ul style="list-style-type: none"> - Número de projetos que incubados com sucesso; - Número de projeto que se emanciparam; - Áreas dos projetos emancipados; - Localidades onde se implementaram;

Avaliação do projeto	Avaliação final dos projetos Financiados	/	<ul style="list-style-type: none"> - Tipo de avaliação/ técnicas e instrumentos utilizados; - Identificação de possíveis melhorias; - Possível replicação do projeto a outras áreas do país.; - Integração em Política Pública.
----------------------	--	---	---

É de realçar que os dados recolhidos no decurso da investigação não assumem pretensões de generalização, restringindo-se apenas à realidade dos casos analisados neste estudo.

Tabela 8

Codificação dos/as participantes no estudo

Projetos Sociais					
Incubadoras Sociais em Estudo			Codificação	N	
		COL.ECO (Colaboração na Organização Eco Sustentável do Concelho de Coimbra)	Elemento da Equipa Técnica	TSC1	1
Participante em fase inicial do processo de incubação			PIC1	1	
Participante em fase final do processo de incubação (já formalizada)			PIC2	1	
			N=3		
MICRONINHO- Incubadora Social		Elemento da Equipa Técnica	TSM2	1	
		Participante em fase inicial do processo de incubação	PIM3	1	
	Participante em fase final do processo de incubação (já formalizada)	PIM4	1		
			N=3		
Total	Entidades implementadoras N=2	Participantes em estudo		N= 6	

3.5.Considerações éticas e morais

A pesquisa obedeceu a um conjunto de compromissos com as exigências metodológicas e éticas da investigação científica, garantindo, desta forma, a proteção dos

direitos e das liberdades das pessoas. Para formalizar o processo de recolha de informação, foi solicitado junto das entidades implementadoras dos projetos e pessoas participantes a devida autorização e consentimento informado¹³ para dar início às entrevistas (Apêndice I).

Ao longo do estudo foi implícito o princípio ético da confidencialidade e anonimato, sendo estes uma obrigação no desempenho profissional e um direito fundamental das pessoas (Fortin, 2009), sendo assegurados e respeitados todos os procedimentos no âmbito da recolha e tratamento de dados tal como a não interferência nas dinâmicas dos projetos em curso¹⁴. Com o objetivo de respeitar a identidade dos sujeitos, os participantes do estudo foram codificados (Tabela 8). De referir que o áudio das entrevistas foi gravado, após o consentimento informado, e transcrito, tendo sido posteriormente destruído.

¹³ Aquando da realização da entrevista em formato online, o consentimento informado foi enviado por email, e foi solicitado o seu envio.

¹⁴ A confidencialidade e anonimato foram garantidos ao longo de todo o estudo, desde a recolha de dados até à publicação dos resultados.

Capítulo VI. Apresentação e análise de dados

O estudo abrangeu duas incubadoras sociais do distrito de Coimbra tendo a sua caracterização sido feita a partir de vários indicadores, tais como identificação do projeto, identidade implementadora, sua natureza jurídica e objetivo geral, área geográfica, problema social identificado, público-alvo, metodologia¹⁵ e financiamento total (Apêndice IV).

1. Caracterização das incubadoras sociais em estudo

De salientar que dentro de cada projeto foram entrevistadas três pessoas, duas delas na qualidade de participantes do processo de incubação (em estágios distintos) e uma delas na qualidade de elemento da equipa técnica do projeto, que perfaz um total de seis entrevistas realizadas.

Tabela 9.

Caracterização das incubadoras sociais em estudo

	INCUBADORAS EM ESTUDO	
	COL.ECO ¹⁶	MICRONINHO ¹⁷
Data de início do projeto	Dezembro 2021	Setembro 2017
Financiamento	Portugal Inovação Social (POISE/ Portugal 2020/ Fundo Social Europeu)	Portugal Inovação Social (POISE/ Portugal 2020/ Fundo Social Europeu)
Entidade Implementadora	Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra (APBC)	Associação de Desenvolvimento Social e Cultural dos Cinco Lugares (ADSCCL)
Investidor Social	Câmara Municipal de Coimbra	Conjunto de Municípios: -Município da Lousã;

¹⁵ Sobretudo para as incubadoras que visam o combate ao desemprego.

¹⁶ <https://coleco.pt/about/>

¹⁷ <https://adscl.pt/microninho/>

		- Município de Condeixa-a-Nova.
Natureza Jurídica	Associação sem fins lucrativos	Associação sem fins lucrativos, com estatuto de IPSS e utilidade pública
Região	Centro	Centro
Localidade	Coimbra (Coimbra)	Lousã (Coimbra)
Problema Social	Desemprego/Precariedade Laboral	Desemprego/Precariedade Laboral
Público-alvo	Pessoas em situação de desemprego ou subemprego, que tenham uma ideia de negócio ou projeto.	Pessoas em situação de desemprego ou subemprego, pessoas que queriam criar o seu emprego.
Objetivo	Procura dinamizar a Baixa de Coimbra e promover a inclusão social, a capacitação e a integração económica de pessoas em situação de desemprego, promovendo os seus negócios com base em modelos ecológicos e sustentáveis.	Procura promover a criação de projetos de vida alternativos e sustentáveis para pessoas em situação de desemprego e famílias em situação de vulnerabilidade, através do modelo do micro empreendedorismo inclusivo.
Metodologia de intervenção	<p>(1) Componente de formação coletiva (50 horas), nas áreas de gestão estratégica e financeira, comunicação, redes e multimédia, inovação e ecodesign, capacitação para a colaboração, bem como no desenvolvimento de outras competências pessoais e transversais;</p> <p>(2) Acompanhamento individual permanente, atendendo às especificidades de cada pessoa/projeto.</p>	<p>Consultoria e acompanhamento dos projetos a desenvolver:</p> <p>(1) Criação de ideia e do plano de negócio;</p> <p>(2) Ajustamento ao território;</p> <p>(3) Captação de investimento e financiamento;</p> <p>(4) Formação na área empresarial e de apoio a negócio;</p> <p>(5) Apoio psicossocial;</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da ideia de negócio e /ou projeto; - Criação do plano de negócio; - Ligações ao território (comércio justo, circuitos curtos, comércio local, redes regionais); - Apoio na captação de investimento e financiamento; - Apoio na área fiscal e legal referente ao negócio; - Apoio psicossocial; - Formalização e legalização da empresa; - Apoio a nível de comunicação e redes; - Criação da marca e respetiva imagem; - Espaço de cocriação; - Espaço de exposição de produtos e serviços na loja colaborativa. 	<ul style="list-style-type: none"> (6) Acesso a tutoria especializada na área de negócio; (7) Formalização e legalização da empresa; (8) Apoio na reinserção laboral; (9) Acompanhamento à empresa e ao agregado familiar, durante 12 meses; (10) Criação de plano de marketing e de comunicação; (11) Criação da marca e respetiva imagem do negócio; (12) Espaço físico de incubação ou coworking.
Equipa Técnica	<ul style="list-style-type: none"> -Coordenadora do Projeto, com funções de mentora de capacitação interna; -Gestora Social; -Técnica de Capacitação; -Técnica de Comunicação; -Técnica de Gestão Estratégica e Financeira; -Técnica Jurídica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenadora do Projeto; - Socióloga; - Psicóloga; - Assistente Social; - Contabilista; -Consultores nas áreas de marketing e comunicação; - Técnica Jurídica.
Financiamento total do projeto	129 601 €	414 759 €

Data término do projeto	Maio 2022	Ainda em execução
--------------------------------	-----------	-------------------

2. Caracterização sociodemográfica dos/as participantes em estudo

No seguimento das informações apresentadas, seguem-se os dados respeitantes à caracterização das pessoas participantes do estudo.

Tabela 10.

Caracterização sociodemográfica dos/as participantes em estudo

Códigos Entrevistas		Incub. Sociais	Idade	Sexo	Habilitações Literárias	Estado civil	AF
TSC1	Elemento da Equipa Técnica	COL.ECO	47	F	Licenciatura Sociologia	solteira	4
PIC1	Participante em processo final de Incubação		53	F	12º ano	Casada	4
PIC2	Participante em processo inicial de Incubação		29	F	12º ano	Solteira	3
TSM2	Elemento da Equipa Técnica	MICRO NINHO	35	F	Mestrado Integrado Psicologia	Casada	S/I
PIM3	Participante em processo inicial de Incubação		39	F	Mestrado em Educação Digital	União de Facto	4
PIM4	Participante em processo final de Incubação		36	F	Equivalência ao 12º ano	União de Facto	3

No total, o estudo contou com seis entrevistas do sexo feminino (TSC1; PIC1; PIC2; TSM2; PIM3; PIM4), com idades compreendidas entre os 29 anos e os 53 anos de idade. No que concerne às habilitações literárias, as participantes de incubação têm na sua maioria o 12º ano de escolaridade, à exceção da PIM3, que possui mestrado. Ambas as Técnicas Superiores são detentoras de grau académico, a TSC1 possui Licenciatura em Sociologia e a TSM2 um Mestrado Integrado em Psicologia. Por questões de anonimato

os cargos a desempenhar não poderão ser revelados. Quanto à antiguidade de exercício, as duas Técnicas Superiores exercem funções na área social há vários anos.

“Já, há mais de vinte anos. (...) Não todos na parte da inclusão laboral. Estive em vários projetos ligados com as questões da integração da população imigrante, muitas coisas relacionadas com as questões de igualdade de género, prevenção de violência no geral e prevenção de violência de namoro em particular. E também estive em vários projetos de intervenção comunitária, principalmente os mais ligados às questões, também estas, da sustentabilidade ambiental e (...) da economia social solidária.” [TSC1]

“(...) eu já estou cá a trabalhar desde dois mil e dezassete. (...) fiquei muito, muito entusiasmada, porque achei que realmente era um trabalho muito diferente (...) mas estes chavões de inovação social, empreendedorismo social, para mim era completamente desconhecido (...) entretanto, fomos fazendo várias formações, pós-graduação na FIL, de empreendedorismo e da , da economia social, da economia social, mas não...aliás, há toda uma evolução, e eu noto desde dois mil e dezassete até agora, dois mil e vinte e três, que é muito diferente dizer em dois mil e dezassete trabalho na área da social e dizer agora em dois mil e vinte e três. "Trabalho na área da inovação social" as pessoas já ficam a perceber muito, mas, mesmo assim. ... [TSM2].

Note-se que ambas as Técnicas Superiores das incubadoras apresentam experiências relacionadas com o trabalho social e as questões sociais. De facto, a vasta e/ou longa experiência profissional, podem a ser consideradas como um aspeto positivo uma vez que a aquisição de um conhecimento diversificado e vasto dos problemas sociais, dos diferentes indivíduos e realidades lhes dá maiores possibilidades para o sucesso de um projeto, ao aplicar a sua experiência e conhecimentos a diferentes abordagens. Todavia existem fatores que combinados podem determinar o sucesso de um projeto, desde a experiência e aprendizagem da equipa, as suas *soft skills*, mas também a inovação e criatividade. Acresce o trabalho em equipa e a colaboração/parceria. Nesse sentido, considera-se que o sucesso de um projeto é multifatorial e depende da combinação de competências e habilidades, abordagens e conhecimentos.

No entanto, Bharadwaj et al., (2004, citados por Almeida, 2017) contrapõe esta realidade, destacando precisamente as várias possibilidades de abordagem e a sua importância para o sucesso de um projeto. Para os autores, o êxito está diretamente ligado à aprendizagem e à assistência oferecidas por meio de um programa de apoio ao autoemprego. Os mesmos afirmam que, mesmo quando as pessoas desempregadas não possuem muitas características empreendedoras pessoais, os seus comportamentos empreendedores podem ser "desenvolvidos" através de assistência e apoio sistemático, sublinhando assim a importância do apoio técnico prestado por estas equipas.

Com base nas informações obtidas nas entrevistas, procedeu-se, então, à análise compreensiva de quatro categorias que se erguem como fundamentais para a compreensão do fenómeno em estudo – **Ramificações na situação socioeconómica da pessoa desempregada; Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo; Apoios; Medidas de emprego e estratégias adaptativas** perante a situação de desemprego.

3. Ramificações na situação socioeconómica da pessoa desempregada

A subcategoria “situação socioeconómica perante situação de desemprego”, procurou identificar as consequências e efeitos que o desemprego podia ter em várias áreas da vida de uma pessoa, incluindo aspetos sociais e económicos. Vários discursos informam (n=3) que as suas transições para a situação de desemprego foram forçadas devido a circunstâncias alheias ao seu controlo, pelo que são evidenciadas situações de desemprego involuntário.

“Eu tava a trabalhar num restaurante. Entretanto, engravidei... (...) e o meu patrão era daquelas pessoas que não querem... pessoas grávidas a trabalhar e que não queria pessoas com filhos a trabalhar. Quando eu voltei ao trabalho, ele fez tudo o que pôde para... que eu me fosse embora. (...) Não foi porque eu quisesse. Eu gostava muito de lá trabalhar e trabalhar lá. Trabalhei lá sete anos...” [PIM4].

“Já se ouvia falar, mas era assim tão expectável. (...) não se contava (...)” [PIC1].

“(...) eu sabia que podia acontecer. Só que eu ficava sempre com a esperança de que, ao ser um programa online, ia me dar a possibilidade, porque tinha... eu trabalhava nesse programa durante doze anos, onze anos... e tivemos sempre ali a ideia de todos os docentes desse programa, termos a possibilidade de trabalhar online.” [PIM3].

É de notar como, numa das participantes (n=1), os eventos significativos da vida, tal como a gravidez, influenciam a relação das entidades empregadoras e empregados/as, levando muitas vezes ao afastamento, de forma involuntária, do ambiente de trabalho. Isso sublinha a maneira como os aspetos profissionais e pessoais se entrelaçam. A pesquisa de Caleiras (2015) aponta o despedimento como uma das principais causas do desemprego, dando enfoque especial no impacto sobre o género feminino, que muitas vezes desempenha o papel de cuidadora, seja dos filhos ou dos seus ascendentes, ou poderem tornar-se mães, o que as torna as primeiras vítimas dessa situação.

Adicionalmente, o desemprego destaca o impacto financeiro e a necessidade de depender de apoios familiares, refletindo assim, as pressões económicas enfrentadas pelas

pessoas assim como a importância das redes de apoio pessoa durante esse mesmo período (n=1).

“(...) a nível mais de, de situação financeira, né tenho de, por exemplo, tenho que viver em casa dos meus pais ah... e depender deles.” [PIC2].

Esta narrativa destaca como a perda de rendimento obriga a depender do suporte financeiro e habitacional de familiares. No caso da entrevistada PIC2, que é a entrevistada mais nova, foi reconhecida a incapacidade financeira para a autonomização, sendo visível no seu discurso o desconforto e constrangimento. Caleiras (2015), corrobora tais afirmações através do seu estudo. Para o autor, em geral, a permanência prolongada em casa dos pais ou o seu retorno após tentativa de autonomização causa incómodos aos jovens, dado que para além de não terem dependência, vêem-se destituídos de privacidade.

Ainda subjacentes nas narrativas, revelam-se os temas da adaptação e da resiliência perante a situação de desemprego experienciada, onde duas participantes (n=29) descrevem as estratégias à situação de desemprego para garantir algum fundo de rendimento, como se se tratasse de uma «almofada», nomeadamente a procura por formação e qualificação perante a ausência de trabalho, ilustrando a resiliência e a proatividade na sua adaptação à nova realidade.

“(...) eu tive desempregada, ah... em três anos. (...) A fazer uma formação, porque eu não fiz o décimo segundo.” [PIM4].

De referir que estas formações permitem, em muitas vezes, a acumulação com as prestações de desemprego. Esta atitude demonstra pelas participantes, em que o desemprego foi encarado como oportunidade para aumentar conhecimentos e possivelmente aumentar as oportunidades de empregabilidade, será abordada mais detalhadamente num ponto seguinte, a propósito das estratégias pessoais para enfrentar a situação.

Atualmente, com a sociedade cada vez mais adaptada ao trabalho remoto, especialmente após a pandemia, foi possível verificar mudanças na política de trabalho, tendo uma das entrevistadas (n=1) sentido a transição forçada para o desemprego.

“(...) morava no México, eu estava lá durante doze anos, então a minha vida profissional realmente foi lá e eu, quando veio a Portugal, eh, tive a possibilidade de continuar a trabalhar online, como era o programa online ... só que, depois da pandemia, voltaram todos ao trabalho presencial. E a regra era para todos. Não importava se era um programa presencial ou não. Todos tinham que voltar ao gabinete. A universidade de campus ia estar lá e, obviamente, eu

estava aqui e não ia voltar para o México, então tive que desistir, tive que pedir a demissão e fiquei sem trabalho.” [PIM3].

Esta narrativa ilustra a força das circunstâncias externas, como a pandemia e decisões corporativas subsequentes, capazes de moldar a trajetória profissional dos indivíduos.

4. Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo

A categoria referente ao impacto do desemprego no bem-estar subjetivo, foi analisada a partir da **subcategoria sentimentos e/ou atitudes experienciadas** na situação de desemprego. Pretendeu-se apreender o impacto social e psicológico do desemprego nas pessoas participantes que vivenciaram a situação. No conjunto de testemunhos recolhidos foi possível verificar a existência de uma associação entre o reduzido bem-estar mental e o desemprego, cuja incerteza em relação ao futuro pode levar a preocupações constantes e afetar negativamente a saúde mental das pessoas, confirmada explicitamente pelas quatro participantes dos programas de incubação (n=4).

“O que sempre me assustou foi o medo de tudo. (...) o receio é sempre o incerto. É o receio do futuro, de vir a conseguir trabalho, trabalhar ou não (...)” [PIC1].

“(...) acabo por sentir um pouco, um bocado inútil.(...) eu tenho sempre um bocado de vergonha. (...) falta de autonomia, sentimo-nos mais infantilizados (...) não nos conseguirmos sentir pessoas completas de certa maneira.” [PIC2].

“(...) sentia que foi uma injustiça, a forma em que aconteceu. (...) Toda a vida tive trabalho, e para mim é uma parte importante da minha identidade... ser uma, a independência também. (...) talvez a segurança que eu sentia, já não tinha. (...) eu não dormia bem depois de ficar desempregada. Houve um tempo em que não conseguia dormir. Eu ficava à noite a pensar e acordava durante a noite e também a pensar a pensar, sim. (...) eu tinha preocupações, as incertezas do que ia acontecer, como ia ser o futuro (...)” [PIM3].

“A pessoa estando a trabalhar tem uma vida ativa e depois de repente fica em casa, sem fazer nada, pode sentir-se assim um bocado... imprestável. (...) senti-me um bocado injustiçada.” [PIM4].

Paralelamente, ambos os discursos das Técnicas Superiores dos projetos (n=2) enfatizaram o impacto negativo do desemprego no bem-estar das pessoas.

“(...) ficam com esse estigma, de que não estão a contribuir para a sociedade (...) E isso é um bocado absurdo. (...) Como nós temos aqui alguns casos, depois de trabalharem muito tempo num sítio, e acham que não sabem fazer outra coisa, que a sua identidade está muito ligada àquilo que era o seu trabalho e a sua função anterior.” (...) há estigma (...) culpa (...) acho que

é mais até como a sociedade os olha, que depois também faz as pessoas olharem para si de uma certa formas (...) [TSC1].

“(...) questão da vergonha, da... da tristeza, da raiva também, muitas vezes que trazem por terem perdido o trabalho, por... por estarem numa situação inesperada, muitas vezes a revolta contra o... e quando isto acontece, às vezes é muito difícil. (...) É preciso muito trabalhar a revolta contra o país, a revolta contra as condições de trabalho, pronto, e muitas vezes trazem essa revolta. E, muitas vezes, essa própria revolta é um motivo, é um dos fatores que dificulta a própria reintegração no mercado de trabalho. Porque depois, em contexto de entrevista, acabam por manifestar muito essa revolta, mas são principalmente essa vergonha, a revolta, a tristeza, pronto, o medo... o medo, o medo de não conseguir dar a volta.” [TSM1].

De facto, os sentimentos ou atitudes experienciadas revelam-se na sua maioria idênticos. Evidenciam-se a baixa autoestima, a falta de autoconfiança e a vergonha, que podem ter origem em diversas fontes, como a pressão social, as expectativas e os objetivos em relação à carreira e ao sucesso profissional. O desemprego pode ser percecionado como uma falha pessoal levando à vergonha por não estarem a contribuir de forma ativa para a sociedade. O desânimo é resultado da falta de perspetivas, da desmotivação e da desesperança pela dificuldade em encontrar novas oportunidades de emprego. A ansiedade surge como efeito das sucessivas preocupações sobre o futuro financeiro e a incerteza. De acordo Carmo et al. (2021), a incerteza é um estado dominante da precariedade em relação ao futuro. Este cenário torna-se incógnito, resultando em crescente ansiedade, que por sua vez pode levar ao mal-estar que se pode repercutir em situações que afetam a saúde mental.

A falta de autonomia financeira é evidenciada por três entrevistadas (n=3), sendo considerada como extremamente importante em várias esferas da vida pessoal.

“(...) quanto mais dependente está, mais está próxima de uma certa infantilidade (...) pra mim pesa mais, tipo, tou envelhecer e ainda estou tipo dependente.” [PIC2].

“(...) Eu não gosto de depender do meu marido financeiramente... sinto estranho (...) [PIM3].

A dependência económica é considerada uma questão importante, pois pode impactar negativamente a autoestima, a sensação de controlo sobre a própria vida e a capacidade para tomar decisões financeiras independentes. A mesma pode ser uma fonte significativa de stress, uma vez que pode gerar dependência exclusiva de outros membros da família, do estado ou de instituições que prestem apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade. É ainda evidenciada a constante preocupação perante a

liquidação das despesas gerais assim como a menor segurança financeira contra imprevistos e dificuldades que possam surgir, afetando negativamente a saúde mental e emocional. Um dos exemplos dado foi no âmbito da saúde.

“Eu tenho um amigo que tá em situação de desemprego, ele também tem questões psicológicas, (...) claro que isto é, é individual, de certa maneira, mas o indivíduo também não está separado da sociedade e ele precisa de apoio psicológico. Já ele, basicamente passou a vida toda dele em desemprego, já tem trinta e tal, só há emprego precário... claro que isto depois também são situações psicológicas, mas ele já tá tipo há meses à espera de uma carta para ter consulta no público, porque ele realmente não tem, não é depois, depois uma pessoa tá nesta situação, se está nesta situação, não consegue pagar consultas ao privado e está dependente disto. [PIC2].

Outro sentimento identificado no estudo foi a culpa. As pessoas sentem-se culpadas pela situação em que se encontram, como se fossem responsáveis pelo sucedido, por não estarem a contribuir financeiramente para as suas famílias e por estarem em dificuldades em se inserir novamente no mercado de trabalho.

Caleiras (2008) corrobora essas observações através da sua pesquisa, realizada com pessoas em situação de DLD. Segundo o seu estudo, os indivíduos nessa situação experienciam frequentemente sentimentos de desânimo, angústia, desvalorização e até mesmo inutilidade, aos quais se somam à sensação de injustiça e revolta. Adicionalmente, Pereira (2018) ressalta a desestruturação do padrão de vida anteriormente estabelecido, a incerteza em relação ao futuro, o adiamento de projetos pessoais e a frustração diante das expectativas não atendidas. Consequentemente, isso pode levar a um sentimento de culpa por parte da pessoa em situação de desemprego, resultando numa sensação de desqualificação que pode paralisar a procura por soluções e alternativas, contribuindo para o agravamento da sua situação (Pereira, 2018).

Para autores como Carmo e D’Avelar (2020), o desemprego pode piorar a saúde mental, todavia, os problemas de saúde mental também podem levar a situações de desemprego ou dificultar a integração do indivíduo no mercado de trabalho, tratando-se de uma relação simbiótica. O desemprego produz efeitos financeiros como não financeiros, sendo que estes últimos podem ir desde a perda de rendimentos, de autoestima, do contato social até ao estigma social. Seguindo essa linha de pensamento, o estudo de Jaccard (1974, citado por Almeida, 2017) destaca que o trabalho representa uma necessidade intrínseca do ser humano, derivada de satisfação

e realização, partindo do princípio de que certas condições psicológicas, morais e sociais estejam asseguradas com o mesmo.

No concerne ao âmbito das relações pessoais e familiares importa considerar que o desemprego pode colocar sobre as mesmas uma pressão significativa. A falta de autonomia (anteriormente já identificada) pode criar tensões e conflitos, fruto dos poucos recursos financeiros disponíveis. No entanto, essa pressão pode ser sentida de forma diferente por cada indivíduo.

“(...) mas eu acho que depende também muitíssimo das circunstâncias. Acho que isso aí é fulcral, porque a situação de desemprego é... abarca um conjunto de, de, pessoas, o mais heterogéneo possível, com os percursos mais heterogéneos, com as necessidades mais diferentes.” [TSC1].

Caleiras (2015) endossa a afirmação, alegando que o grupo de pessoas em situação de desemprego é heterogéneo, logo as experiências vividas também são distintas, resultante das variáveis como a idade, sexo, classe social, trajetória pessoal e até período de desemprego.

Contudo, é relevante ressaltar que duas das participantes (n=2) do processo de incubação, provenientes de ambas as incubadoras estudadas, destacaram não apenas os sentimentos negativos, mas também os sentimentos positivos perante a situação de desemprego. Embora os aspetos negativos fossem evidentes, foi notável que estavam insatisfeitas com o trabalho anterior.

“(...) estava muito desgastada com o trabalho e, de certo modo, essa parte deu-me alguma tranquilidade.” [PIC1].

“(...) por outro lado eu sentia-me livre, porque já não tinha que pensar naquele outro trabalho, já podia fazer o que eu queria fazer.” [PIM3].

De salientar que existem vários fatores capazes de amenizar o impacto negativo das situações de desemprego em relação ao bem-estar mental, desde logo uma rede de suporte, laços sociais fortes e relações de apoio (Wilkinson & Pickett, 2018, citados por Carmo & D’Avelar, 2020).

Dentro desta categoria a análise distingue duas perspetivas, ligadas aos aspetos positivos e negativos de estar numa situação de desemprego. O fator económico surge para a maioria das participantes como a primeira questão e a mais relevante, considerada como principal impacto negativo da situação de desemprego a perda de rendimento pela ausência de trabalho.

“Estava mais por casa, também, não gastava, não é? Obviamente não ganhava o que ganhava a trabalhar” [PIC1].

“A desvantagem é que o dinheiro é sempre menos, ou seja, temos mais tempo para gozar, mas não temos muito dinheiro para usar nesses tempos.” [PIM4].

Na ausência de rendimento, os indivíduos tendem a ficar dependentes de apoios sociais ou familiares, quando estes existem, nomeadamente o subsídio de desemprego, apoios monetários de familiares e ajudas institucionais perante a situação de precariedade e vulnerabilidade económica. No seguimento desta linha de pensamento, Caleiras (2015) corrobora estas afirmações, alegando que as transições do mercado de trabalho para situações de desemprego, mesmo com apoios direcionados à proteção em caso de desemprego (sendo estes uma forma de rendimento de substituição) continuam a representar uma quebra significativa de rendimento.

De acordo com Hespanha et al. (2007, citados por Almeida, 2017), quer o desemprego quer o "mau emprego" podem acarretar consequências negativas, tanto ao nível individual como social. Segundo estes autores, o "mau emprego" não se limita à instabilidade nos vínculos laborais, aos baixos rendimentos, à qualidade de vida e à proteção social dos/as trabalhadores/as, mas também resulta na desqualificação do/a trabalhador/a restringindo esses indivíduos a empregos sem perspetivas de crescimento pessoal e profissional. Todavia, apesar do forte impacto negativo a nível financeiro, sublinham-se alguns aspetos positivos vivenciados em situação de desemprego pelas três participantes de incubação (n=3) e uma Técnica Superior (n=1).

“(...) Neste caso, foi... foi o empurrão para uma coisa que eu queria fazer. E, ao mesmo tempo, sair de um trabalho que me estava a dar um ordenado, mas que já me estava a desgastar muito pessoalmente.” [PIC1].

“(...) apesar de estar nessa situação tinha mais tempo para encontrar o que realmente queria (...)” [PIC2].

“(...) a pessoa tem mais tempo em casa (...) eu, como tava a fazer o curso, acabava por ter um horário (...) ... ah, tipo, um horário de trabalho, não é? (...) Tinha os fins de semana em casa, os feriados...” [PIM4].

“(...) uma oportunidade, mas, na realidade, acaba por uma pessoa poder, em situações de desemprego, repensar ou ter um tempo para pensar como é que vê o seu futuro? Como é que vê o seu projeto de vida? Como é que pode conciliar algo que goste de fazer, com um rendimento que... que... que seja bom, que lhes permita ter uma boa vida?(...) as pessoas em situação de desemprego são muito mais do que essa situação. São um milhão de coisas, têm muitos dons, muitas competências, (...) quando se classifica, (...) as

peças desempregadas ficam com aquele selo dos coitadinhos desempregados que, na realidade, não faz sentido nenhum, (...) porque é uma situação (...), que qualquer pessoa pode passar. É uma coisa que, é muito fácil colocar-se nessa situação, especialmente quando, na, na sociedade atual, quando se fica com uma certa idade, e que se começa a achar que as pessoas já não são adequadas. E no caso português também, (...) há muito desemprego de jovens (...) e aquilo que se tem que pensar não é só o desemprego (...) [TSC1].

Embora o desemprego seja frequentemente associado a desafios e adversidades, é possível identificar aspetos mais positivos e aproveitar os mesmos para um enriquecimento pessoal e até profissional, especialmente com o apoio de amigos, familiares e recursos comunitários, que podem ajudar a transformar o desemprego numa oportunidade de crescimento e até renovação. De forma geral, as entrevistadas pontuaram a importância da ação ao nível de:

- a) Maior tempo para reflexão, permitindo reavaliar os objetivos pessoais, profissionais, interesses e valores, e estabelecer um ajuste na sua trajetória profissional;
- b) Exploração de novas oportunidades (e.g. explorar novas áreas de interesse ou considerar possíveis alternativas de carreira);
- c) Maior sentimento de liberdade para explorar novos interesses, passar tempo com a sua rede de suporte informal ou dedicar-se a atividades de lazer;
- d) Redução do stress e da pressão profissional;
- e) Satisfação laboral, em contraposição à insatisfação pessoal no trabalho anterior.

A situação pode ser percecionada como uma pausa na carreira, permitindo que as pessoas reavaliem os seus objetivos profissionais, podendo levar a alterações de carreira e aquisição de novas habilidades (e.g. participação em cursos, workshops e formações). A falta de emprego pode inspirar a criatividade e o empreendedorismo, levando à criação dos seus próprios negócios. Conforme destacado por Deli (2011, citado por Almeida, 2017), é comum observar situações de desemprego intermitente ou iminente, bem como condições laborais desfavoráveis ao trabalhar por conta de outrem. Diante disso, alguns indivíduos podem considerar o autoemprego como a única opção viável.

5. Apoios: As Redes de Suporte como recursos formais e informais

A análise de conteúdo centrada na categoria “Apoios” explora os tipos de apoios recebidos por pessoas em situação de desemprego. A mesma integra várias subcategorias, nomeadamente a rede formal e a rede informal, uma vez que desempenham papéis distintos no suporte às pessoas. Foram analisados simultaneamente os apoios monetário, emocional e instrumental e a pressão (in)existente para encontrar trabalho (Apêndice V). Pretendeu-se compreender melhor as necessidades identificadas pelas pessoas, analisar a conceção que as mesmas têm das medidas de apoio, com o intuito de contribuir para uma estratégia de intervenção mais eficaz. Importa, assim, acautelar que se encontram aqui em causa as perceções individuais sobre os apoios sociais e a apreciação que os mesmos fazem do seu impacto nas suas vidas. Nesse sentido, não se pretendeu, portanto, realizar uma avaliação objetiva do funcionamento destes apoios, mas sim explorar as representações e experiências subjetivas das pessoas entrevistadas.

Neste seguimento e, no respeito à rede formal destaca-se o papel do IEFP, como importante fonte de apoio, através da concessão do subsídio de desemprego como forma de mitigar a ausência de remuneração resultante da perda involuntária de emprego. Várias participantes (n=2) alegaram beneficiar do subsídio de desemprego.

“Na altura não foi assim...tão preocupante. O subsídio de desemprego...”
[PIC1].

“(...) eu fiquei a receber do fundo de desemprego” [PIM4].

Para Caleiras (2015), os apoios monetários apresentam-se como um rendimento de substituição perante a situação de desemprego. Contudo, os mesmos continuam a representar uma quebra significativa de rendimentos. Ainda que auferam do subsídio de desemprego ou subsídio social de desemprego, estes são valores inferiores ao montante correspondente ao salário proveniente de um trabalho. Ademais, estes apoios monetários são atribuídos por um determinado período a que se tem direito, ou seja, estas medidas assumem um cariz mais assistencialista, tendo-se a esgotar atendendo ao período de concessão das prestações de desemprego. No que concerne a dimensões mais normativas e/ou institucionais, como o apoio auferido, o desemprego é regulamentado através de políticas públicas voltadas para a promoção e proteção do emprego. Nesse cenário, Craigh et al. (2008, citados por Almeida, 2017) destacam o papel do Estado e das instituições privadas de solidariedade social. No entanto, as redes familiares e informais de suporte também exercem um papel crucial na gestão dessa experiência. De salientar que a

situação de desemprego se caracteriza como um contributo para a continuidade das rotinas sociais.

Todavia, outras duas participantes (n=2), alegaram não terem auferido de apoio monetário.

“Não fiz, porque eu queria ultrapassar a situação antes de eu ter que fazer isso. Sabia que era uma possibilidade, mas fiquei sempre com aquela ideia de que não ia ser possível, não ia ser necessário.” [PIM3].

“Não, porque eu ahn... a maior parte do trabalho que fiz foi sem contrato.” [PIC2].

Podemos verificar que, numa das participantes, o facto de não ter contrato de trabalho, pois realizava trabalho de carácter informal foi o motivo pelo qual não teve direito à prestação social; no caso da outra entrevistada, a razão prende-se ao desconhecimento do funcionamento do sistema de proteção social português. Todas as participantes da incubação, à exceção de uma (n=3), afirmaram estarem inscritas no IEF, na procura por novo trabalho.

Atinente à subcategoria rede de suporte informal, todos os discursos das participantes, dos processos de incubação, enfatizaram o recurso ao apoio da família e/ou amigos (n=4) em situações mais críticas.

“(...) todos apoiaram e sim, o meu marido em particular.” [PIM3].

“Assim monetariamente, foi mesmo só a minha sogra sim.(...) mais emocional a minha família do meu lado, também é, é, tudo pobre. Então, por muito que queiram, também não podiam ajudar monetariamente.” [PIM4].

“Apoio emocional, monetário não. (...). Eu sentir apoio por parte de outras pessoas senti, das pessoas lamentarem, e, lá está, essa situação em que é uma idade complicada para ficar desempregada. Nesse sentido, senti apoio de amigos.” [PIC1].

“Eu acho que acaba por ser reconfortante, tipo às vezes sentir que tipo que as nossas amigas também compreendem minimamente a situação e que e que dão esse apoiozinho pode ser pouco, mas acaba por ser bastante importante, nem que seja a nível de nos sentirmos compreendidos.” [PIC2].

Atente-se que o apoio emocional é na sua maioria prestado pelos amigos e família, sendo que esta última presta, em muitas situações, o suporte financeiro. Caleiras (2015) corrobora as afirmações indicando que a família desempenha um papel importante de suporte afetivo, como se se tratasse de um “porto de abrigo” para as pessoas desempregadas. Para o mesmo autor, essa “função não se afigura como mecanismo compensatório suficiente por si só para proporcionar ao desempregado uma vivência

autónoma da sua condição” (p.41). Esse apoio configura um reforço da dependência familiar, que se agrava quanto maior for o período de desemprego, tornando-se mais problemático à medida que esse período aumenta e mais agudas forem as dificuldades financeiras sentidas pela família (Caleiras, 2015). Ainda neste âmbito, Carmo e D’Avelar (2020) reforça que historicamente tem sido a família a desempenhar o papel de rede de segurança informal em Portugal, com base no princípio da solidariedade e nas relações de parentesco, acabando por criar situações de dependência e responsabilização, face à resposta insuficiente do Estado Social, constituindo assim uma consequência.

A respeito do indicador de análise da pressão sentida em encontrar trabalho, o mesmo agregou relatos neste sentido, embora haja uma entrevistada que não sentiu tal pressão.

“Sim (...) a nível dos meus pais, até acaba por ser um, um, pouco ao contrário, na verdade, porque eles (...) são académicos e então há sempre aquela pressão de estudar e (...) para depois conseguir tipo uma melhor situação profissional e normalmente, até me desencoraja um bocado, porque eu às vezes penso não. Eu quero..., quero ter a minha autonomia financeira agora!” [PIC2].

“Sim, quando o curso acabou (...)” [PIM4].

Com estes relatos distintos ficou evidente que a pressão para encontrar emprego pode ter várias origens e simultaneamente influenciar diversas vertentes, desde o impacto na autoestima, às expectativas pessoais, familiares e sociais, assim como às preocupações financeiras relacionadas à vontade de garantir estabilidade financeira o mais rápido possível.

De acordo com o estudo de Gonçalves e Coimbra (2007, citados por Santis, 2022), mesmo diante do aumento da escassez e da precarização do emprego, assim como das discussões que questionam a relevância do trabalho, é inegável que este continua a desempenhar um papel fundamental na vida das pessoas, sendo considerado uma das principais fontes de autonomia e cidadania. Para Rifkin (1995, citado por Ferreira, 2006), a perda do emprego gera impactos significativos na autoestima e no senso de cidadania dos indivíduos. Portanto, estar desempregado significa estar "destituído de valor" e de poder.

Em suma, a questão relacionada com a pressão para encontrar trabalho envolve uma complexidade de fatores como a crise no âmbito laboral, as medidas resultantes em políticas sociais, e as perspetivas sociológicas associadas a esses acontecimentos,

constituindo muitas vezes um paradoxo em que, por exemplo o incentivo/apoio acarreta além do benefício também um dever/custo.

6. Medidas de Emprego

Tendo por base a informação obtida através das entrevistas, procedeu-se de seguida à análise compreensiva da categoria **Medidas de Emprego** e subsequentemente as subcategorias “**Posicionamento face às medidas de emprego**”, “**Estratégias de adequação ao mercado de trabalho**” e “**Participação na vida social**”.

6.1. Posicionamento face às medidas de emprego

De acordo com a Comissão Europeia (2017), as políticas ativas de emprego desempenham um papel fundamental, procurando aumentar as oportunidades de emprego para as pessoas que o procuram assim como ajustar as ofertas de emprego aos perfis das pessoas candidatas a emprego, sendo o IEFP, a entidade pública que faz a intermediação entre a oferta e a procura em Portugal.

Neste campo, foram frisadas ilações num outro sentido. De acordo com as entrevistas realizadas às participantes da incubação, assinalaram-se que o perfil das pessoas candidatas a emprego não está ajustado às ofertas a que são propostas. Várias participantes de incubação (n=3) pronunciaram-se acerca do imperativo que assume o facto de as ofertas de trabalho disponíveis estão desadequadas aos perfis das pessoas que procuram emprego, nomeadamente a respeito dos seus currículos pessoais, aptidões e habilitações.

“(...) quando me chamaram para ir a uma entrevista de emprego, nem sequer tinha nada a ver com aquilo que eu poderia fazer, me propunha a fazer, ou não fazia sentido... (...) por exemplo, chamaram-me para uma IPSS para fazer tudo, dentro do que é a nível de idosos ou de crianças, independentemente da formação que a pessoa tem. E quando cheguei lá disseram-me, como é lógico, que tinha que haver uma formação adequada para cuidados paliativos, ou para lidar com crianças...” [PIC1].

“(...) o centro de emprego, acho que nunca, nunca me ajudou muito. Ahn... acho que das únicas vezes que me chamavam era para coisas aleatórias tipo, fui, fui uma para me recrutarem para o exército. Portanto, nunca senti muito esse apoio no centro de emprego.” [PIC2].

“(...) Uma pessoa imagine, uma pessoa que está há dez anos a trabalhar num lar. (...) Fica desempregada, se calhar o melhor é mandá-la para uma oportunidade de trabalho também, seja no lar ou alguma coisa parecida do que ela costuma fazer.” [PIM4].

No tocante a esta subcategoria, as duas Técnicas Superiores dos projetos (n=2) sublinharam que os participantes dos processos de incubação apresentam-se incomodados perante a falta de cuidado na adequação dos seus perfis às ofertas a que são propostos.

“(...) eles vêm muitas vezes incomodados com isso. Noto que está inquieta, "mas eu... a minha experiência é completamente diferente e estão a mandar fazer isto. Nem olharam para o meu currículo!" E isso cria alguma revolta. E depois em termos de oferta formativa, a oferta formativa que, muitas vezes, repetitiva e que não é ajustada àquilo que é as necessidades do próprio território, mas também sei que isso, às vezes, tem muitas justificações por... e que são válidas.” [TSM1].

“O que fazem é aquelas coisas esquisitas, que até são um bocadito embaraçosas, a maior parte das vezes, para as pessoas, que é aquelas chamadas do IEFP, que fazem não sei quantas pessoas diferentes irem, e depois está desde o senhor do Bangladesh, que não fala uma palavra de português... há a pessoa que, que, que que teve vinte e cinco ou trinta anos a trabalhar numa empresa, e depois acabaram por decidir que ela estava mais velha, ou miúdo de dezoito anos que ainda que... (...) Depois há também a situação de, de, de algumas pessoas, que nem sequer nunca chegam a (...) esse apoio, nem ao IEFP” (...) eles são muito criteriosos com quem está a receber apoios, sejam subsídios de desemprego... a maior parte das vezes tem a ver com o RSI, ou, ou outro tipo de... abonos, cabazes, Etcetera. (...) Há muitas, há muitas pessoas que passam pelos pingos da chuva (...) aqui também temos algumas pessoas que são imigrantes, e a maior parte delas não conhece de todo essas respostas.” [TSC1].

Todavia, ambas reconhecem que os serviços também apresentam aspetos positivos (n=2).

“(...) há formações, e nós já fizemos grupos de discussões em que o próprio IEFP nos falou destas questões, e há formações que até se consegue abrir, mas depois não têm candidatos. Portanto, às vezes (...) há um outro lado que às vezes também (...) não se vê, pronto. (...) as generalizações são perigosas e são injustas. E eu acho que os serviços têm procurado melhorar e evoluir muitos deles em diversas áreas, nesta questão da aproximação às pessoas e do ajustamento. Seria injusto (...) se eu não admitisse isso. (...) depois temos dois lados da mesma moeda: muitas vezes as pessoas vêm já um pouco incrédulas e bem revoltadas, que as coisas não são ajustadas e que estão e que estão fartos. Mesmo os que estão cansados e que... e da pressão e tudo mais, e que não querem fazer formação, e que estão, não é... e que estão fartos de formação, e que só lhe dão formação e que não dão trabalho (...) e depois temos, temos alguns vestígios de desempregados que já fizeram um imenso em curso de formação e que (...) acaba por contribuir para a diminuição da taxa de desemprego, Mas essas pessoas continuam com a sua situação não resolvida, e muitas vezes chegam " não, mas eu quero, eu quero mesmo É trabalho!" Pronto... Mas depois temos um outro lado das pessoas que já estão, de alguma maneira, já estão habituadas a este sistema, e quando lhes oferecemos algo muito mais personalizado e muito mais ajustado, (...) não estão à espera, ficam na dúvida, têm alguma resistência. (...)” [TSM1].

“(...) os gabinetes de inserção profissional, que é uma resposta que o... que os IEFP'S, e bem, têm tido ao longo dos anos, já tem há muito tempo (...) pelo menos há uns quinze anos que têm, que partem de um bom pressuposto que é, são associações que têm uma implementação local, e que fazem esse apoio às pessoas que estão em situação de desemprego (...), para a inserção laboral de uma forma muito mais próxima (...)” [TSC1].

Em jeito de conclusão, as narrativas das participantes enumeraram que ação do IEFP perante o problema do desemprego apresenta aspetos negativos, mas, também, positivos, estando os primeiros ligados sobretudo à despersonalização e aplicação cega de medidas padrão de inserção no mercado de trabalho e muitas vezes ineficazes, e os segundos relacionados maioritariamente com a existência de gabinetes de apoio e de medidas de formação. O apoio da parte dos/as técnicos/as do IEFP é uma das medidas ativas de apoio ao emprego que exige uma postura ativa dos desempregados na procura de emprego, sob pena de sanções em caso de incumprimento dos requisitos de procura de emprego e consequente penalização na atribuição de apoio. Vejamos o exemplo da obrigação por procura de emprego de forma autónoma com determinada periodicidade, com a apresentação de comprovativos, os conhecidos “carimbos” de entidades empregadoras que supostamente comprovam que o indivíduo foi, por sua iniciativa, à procura de emprego nessas entidades. Hespanha et al., (2007) chamavam a atenção para o grau de coação associado às medidas ativas e aos potenciais impactos na autonomia dos beneficiários. A título ilustrativo, temos os carimbos para comprovar a procura de trabalho. Para explorar essa preocupação, eles compartilham um depoimento no qual é mencionada a “aceitação forçada” de uma atividade como uma condição para manter o acesso a benefícios sociais. Esse relato questiona a compatibilidade dessa compulsão com a promoção da corresponsabilização e autonomização dos indivíduos. Avaliar a real eficácia deste tipo de medidas é difícil, embora o IEFP faça relatórios da sua execução. Sem questionar a justificação por trás da intervenção deste organismo público no mercado de trabalho de diversas formas, as dificuldades decorrentes da mesma são evidentes. Não só é um desafio avaliar os efeitos que desencadeia, mas também é visível a existência da criação de obstáculos para os beneficiários das medidas e para as entidades encarregadas de administrá-las. Ambos os grupos se deparam com um labirinto em constante mudança de opções, tornando complexa a tarefa de identificar a(s) medida(s) mais adequada(s) para cada pessoa candidata e aumentar os custos associados à sua gestão.

No estudo de Caleiras (2015), as dificuldades sentidas pelo serviço de emprego concentram-se nas dimensões sociais do desemprego, que se tornaram particularmente

evidentes desde que a implementação das Medidas Ativas de Emprego. A sua pesquisa destaca a necessidade de uma capacidade de resposta alargada, dada a exigência de competências muito específicas nos domínios de análise social e psicológica. É notável que o estudo de Caleiras (2015) aborda uma mudança sentida no perfil exigido pelos empregadores, que cada vez mais valorizam as competências pessoais, sociais e relacionais das pessoas candidatas em detrimento das competências técnicas e profissionais. Isto ressalta a importância de fornecer mais informações, de forma mais detalhada, quer ao nível do trabalho quer do perfil do candidato. No mesmo é identificado que o serviço de emprego reconhece que ainda tem de procurar melhorar e aprimorar a metodologia no que respeita ao ajustamento entre oferta e a procura.

Em suma, torna-se evidente que a evolução das medidas de apoio ao emprego e a sua adequação ao contexto social atual e a cada indivíduo são imperativas e o Estado pode aqui desempenhar um papel fundamental, passando de uma intervenção direta (através do IEFP), para uma de acompanhamento, avaliação e controlo da eficácia das mesmas.

6.2. Estratégias de adequação ao mercado de trabalho - Humanização e Personalização no desenvolvimento Profissional

A análise de conteúdo focada na subcategoria “estratégias de adequação ao mercado de trabalho” permitiu identificar várias melhorias direcionadas aos serviços de apoio à procura de emprego, perceptíveis nas narrativas da Técnica Superior da incubadora Microninho e da participante de incubação COL.ECO (n=2).

“(...) acho que podem ser mais personalizadas, mais ajustadas àquilo que as pessoas precisam, mais ajustadas às pessoas e mais ajustadas ao território, isto é, mais ajustadas... Mas o que eu acho que é a questão da proximidade com as pessoas, do ajustar àquilo que as pessoas precisam, de personalizar as ofertas, de ter aqui todo... um trabalho mais próximo e personalizado, daquilo que é não só o perfil e o percurso profissional da pessoa, mas também as competências socioprofissionais, que neste momento é um dos grandes desafios (...)” [TSM1].

“Eu acho que seria, seria, necessário mais, mais divulgação (...) acho que se houvesse um acompanhamento mais... (...). Mais próximo, mais individual, porque, porque, eu acho que esta situação não é só, sei lá. Se temos a lidar com seres humanos nê, temos a lidar com pessoas, não são máquinas que não estão a trabalhar e depois é só aliar, ou seja, eu acho que eu acho que também destas questões que nós estivemos a falar, as questões psicológicas, a maneira como afeta psicologicamente. Acho que falta muito essa, essa parte mais individual, porque isto não é só um problema social (...)” [PIC2].

Pode-se verificar que os discursos apresentam foco numa abordagem mais personalizada e ajustada ao território, considerando as especificidades locais e individuais. A mesma traduz-se em programas de formação ou apoio ao emprego que tenham em conta as competências das pessoas, o seu perfil profissional bem como o contexto socioeconómico e cultural. Este grupo da sociedade já apresenta uma considerável fragilidade, lidando com múltiplas interrupções ao longo das suas vidas. Em muitos casos, já estão afastados do mercado de trabalho por um período substancial. Dessa forma, no processo de reintegração social, que envolve a inclusão no mercado de trabalho, revela-se importante oferecer um acompanhamento próximo e o suporte necessário para prevenir novas interrupções. A personalização, subjacente nos discursos narrados, poderá assim aumentar significativamente a eficácia destes programas, uma vez que responde diretamente às necessidades e potencialidades de cada pessoa, garantindo que as mesmas estejam informadas sobre as oportunidades disponíveis e que recebam um apoio contínuo e individualizado, com base numa abordagem mais humana e menos padronizada.

Nas narrativas, são ainda referenciadas as competências socioprofissionais, revelando consciência da sua importância, que vai além das técnicas e académicas, conforme já mencionado por Caleiras (2015), e que são cada vez mais valorizadas no mercado de trabalho atual, volátil e competitivo, em que as competências pessoais e sociais podem revelar-se num fator diferenciador e de destaque positivo na emancipação do indivíduo no mercado de trabalho.

6.3. Participação na vida social - Entre o estigma e a oportunidade: O impacto do desemprego na participação social e política

No tocante à subcategoria “Participação na vida social”, os discursos valorizam as perspetivas sobre o desemprego e as suas implicações ao nível da participação social, política e académica nas pessoas em situação de desemprego. Da análise em torno desta subcategoria, as ilações das duas Técnicas Superiores emergem em vários direcionamentos (n=2).

“(...) Depende muito, porque há pessoas bastante privilegiadas em termos económicos que, quando ficam desempregadas, ficam com uma... e nós tivemos isto aqui no programa. Pessoas que estavam em situação de desemprego, com uma participação política, pública, académica incrível! (...) Porque o facto de estarem desempregadas, a receber um subsídio de desemprego digno, lhes permitia estarem a contribuir de outra forma e a escreverem artigos e a

participar em grupos de investigação e a participarem em outras coisas no seu bar, na sua comunidade, várias coisas, essas pessoas que conseguem ter estar desempregadas e receberem um... um rendimento decente durante o seu período de desemprego, acho que não se aplica, sinceramente. (...) Claro que há sempre assim um bocado, aquela coisa da vergonha e do estigma. Mas acho que não é assim tanto, especialmente porque geralmente são pessoas que, como já eram muito ativas, as pessoas que eram muito ativas, mantêm-se ativas e continuam a fazer... a fazer muitas coisas e a trabalhar.” [TS1C].

“(...) Depende (...) os nossos desempregados são pessoas muito ocupadas, muitas delas acabam por se ocupar muito de outras funções, nomeadamente relacionadas com a família, e com a procura de trabalho e tudo mais. (...) Muitas vezes também desenvolvem aqui a crença de que, não tendo dinheiro, não têm como participar.(...) a crença de que o facto de não estar a trabalhar é muitas vezes ali um fator de exclusão.(...) muitas vezes se calhar também é associada à tal vergonha social (..) e acaba por também provocar ali uma autoexclusão.” [TSM1].

Através das suas narrativas é visível que a participação social não ocorre em níveis homogéneos e transversais a todos os indivíduos em situação de desemprego. Esta pode ser condicionada pelo nível de participação já pré-existente, ou seja, antes de ficar na situação de desemprego o indivíduo poderia já estar envolvido em vários projetos ou grupos da sociedade, tornando mais fácil essa atividade, uma vez que não exige uma nova integração numa atividade ou grupo, que poderia ser mais difícil se a iniciativa fosse tomada já na condição de desempregado(a). Por sua vez, são referidos outros fatores que podem influenciar a participação e que têm a ver com os próprios efeitos da situação de desemprego, tais como a escassez económica como meio de financiar as atividades sociais e o estigma associado ao rótulo de “desempregado/a”, que acabam por criar uma autoexclusão e podem desse modo dificultar a participação na sociedade, inclusive em quem já era antes muito participativo, devido ao sentimento de “vergonha” também referido pelas Técnicas Superiores da incubadoras.

Nessa linha de pensamento, o estudo de Clavel (2004) refere precisamente que a “vergonha” decorrente da situação de desemprego faz com que o indivíduo se afaste das redes de pessoas que construiu no meio laboral, demonstrando que o trabalho é um elemento estruturador da vida e da participação social. O autor destaca ainda o direito à educação como outro dos elementos que influenciam a participação social, já que segundo este a formação está relacionada com a obtenção de emprego (citado por Pereira, 2017). Para Caleiras (2015), as pessoas nestas situações “experenciam sentimentos de insegurança no presente e uma incerteza perante um futuro, por restrições ao uso dos seus direitos e por complicações acrescidas no cumprimento de deveres, ou seja, por limitações ao exercício pleno da cidadania” (p.49).

Outra questão enfatizada é a importância do valor do apoio auferido em situação de desemprego como contributo para a continuidade das rotinas sociais e até para o desenvolvimento de outras atividades profissionais.

No que concerne a dimensões mais normativas e/ou institucionais, o desemprego é regulamentado através de políticas públicas voltadas para a promoção e proteção do emprego. Nesse cenário, destaca-se o papel do Estado e das instituições privadas de solidariedade social (Craig et al., 2008, citados por Almeida, 2017). No entanto, as redes familiares e informais de suporte também exercem um papel crucial na gestão dessa experiência. Portanto, a participação social pode ser englobada em duas esferas, sendo que uma é mais economicista e está relacionada com as preocupações com os rendimentos e outra mais focada no indivíduo e nas suas relações, sendo que podemos considerar que as duas esferas se complementam.

É verdade que um indivíduo com recursos limitados enfrentará maiores desafios para atender às suas necessidades essenciais, o que pode dificultar a manutenção de uma relação satisfatória com os sistemas sociais que geram renda. No entanto, não devemos reduzir a vida humana à simples conexão entre a satisfação de necessidades básicas e a obtenção de rendimentos. É essencial ampliar a nossa perspectiva e reconhecer que a vida do indivíduo na sociedade é também moldada pela sua relação "com diversas instituições, pelas características dos territórios que habitamos, pelas referências identitárias que construímos e que nos permitem ser reconhecidos e reconhecermos-nos como parte dessa sociedade (...)." (Costa, 2008, p. 65)

Neste âmbito, os mecanismos de proteção social têm vindo a alterar-se, nomeadamente o papel do Estado como interventor na participação social, através da aplicação de medidas que vão além da perspectiva económica de oferta e que considerem a interação de fatores individuais e externos para a participação das pessoas no mercado de trabalho.

A respeito das narrativas das participantes, observou-se diferentes posições (n=2).

"(...) as próprias relações acabam por ser diferentes. (...) Quem são as tuas relações, é o resto da malta que tá completamente perdida, deprimida, desempregada. E isto depois cria (...) uma bolha em que depois tu deprime e depois deprimos os outros e os outros deprimem a ti, e ficas meio analista, porque não há essa esse contexto. (...) Eu acho que depende do trabalho, há, há trabalhos pronto, mas idealmente um contexto de trabalho em que realmente que nós gostamos, do que fazemos, sentimos que estamos a criar um impacto positivo na sociedade. (...) Temos um objetivo comum de trabalhar para um para um certo objetivo, isso é super importante e alimenta muito a pessoa." [PIM2].

“Já não participava socialmente desde antes, então não houve ali grande mudança com o meu trabalho, era online. E com a pandemia, essa atividade que eu fazia eh... deixaram de, de existir. Não tinha assim muita participação. Tinha alguns amigos e seguia vê-los. Mas fora disso...” [PIM3].

“Acho que não. É se calhar um bocadinho, mas lá está como comecei logo a fazer o curso e etc. (...) Já me sentia minimamente proativa. Não tava só á espera de receber o desemprego e só, pronto era. (...) Eu (aí) não senti diferença [em relação à participação social durante o período de desemprego].” [PIM4].

Através das narrativas das três participantes da incubação (n=3), é perceptível mais uma vez a vivência dos efeitos do desemprego, nomeadamente na participação social, que varia de indivíduo para indivíduo. Para a PIM2 ter um trabalho revela-se estruturante para a construção de uma rede e para o sentimento de realização e utilidade. No entanto, percebe-se a degradação das relações e do bem-estar mental como uma fatalidade inevitável decorrente da situação de desempregada, uma vez que fazer parte do conjunto de pessoas nessa situação acarreta a partilha das consequências negativas e que acaba por ter um efeito de contágio, face à dificuldade de interromper o ciclo de negativismo. Já outras duas participantes não consideram que a perda de trabalho seja fulcral para a manutenção de atividade social. A PIM3, com a pandemia, passou a trabalhar remotamente e os seus contactos já antes se cingiam ao meio familiar e círculo de amizades, e a PIM4 também afirma não ter sentido uma diferença significativa, justificada pelo início de uma formação e ser detentora de uma visão proativa e, mantendo o foco na mudança positiva que futuro pode trazer. Portanto, observa-se que não só a forma de trabalho exercida antes de ficar na situação de desemprego, como também as crenças limitadoras (ou não) de cada indivíduo e ainda a integração em medidas de apoio por parte das instituições (como a participação em formações), afiguram-se como fatores de influência direta no nível de participação social da pessoa desempregada, o que mais uma vez demonstra a necessidade de um acompanhamento personalizado e adaptado à realidade de cada um/a.

Também Jorge Caleiras (2015) se debruça sobre esta pluralidade de causas, afirmando que as consequências do desemprego se inserem numa multidimensionalidade constituída pelas dimensões económica, social, cultural, política e simbólica da vivência do desemprego. O mesmo explica que na realidade estas dimensões não aparecem isoladas, mas sim combinadas diferentemente no percurso de vida de cada um, e acrescenta que a preocupação central deve ser, por isso, conhecer as consequências do desemprego ao nível de cada caso concreto: “o desemprego não pode ser olhado como

uma realidade - seja ela social, económica, ou política - ontologicamente dissociada dos indivíduos, isto é, separada dos desempregados” (p. 30).

De igual modo, Hespanha et al. (2007) referem que a situação de desemprego é diferentemente vivida pelas pessoas, causando impactos e formas de adaptação à situação de desemprego distintas. Face a este quadro, é natural que os governos e classes dirigentes giram o problema com fórmulas diferentes, entre elas as medidas de ativas de emprego. Os autores denominam-nas como trampolins entre a exclusão e a inserção, mas alertam para a tendência do seu desajustamento e a criação de um mercado paralelo, com permanência de níveis elevados de desemprego e risco de marginalização. Parece consensual a ideia de que o Estado ou as instituições de inserção têm um papel preponderante no apoio a dinâmicas que satisfaçam as necessidades sociais, todavia é necessário um reexame das medidas existentes que se ajustem aos novos públicos e à diversidade de situações emergentes.

Ainda subjacentes nas narrativas, revelam-se os temas da adaptação e da resiliência perante a situação de desemprego experienciada, nomeadamente estratégias de garantia de rendimento face à situação de desemprego.

“(...) eu tive desempregada (...) três anos. (...) A fazer uma formação, porque eu não fiz o décimo segundo.” [PIM4].

Observa-se a frequência em formação e investimento em mais qualificações perante a ausência de trabalho, ilustrando, a resiliência à proatividade na sua adaptação à nova realidade. Estas atitudes demonstram que o desemprego foi encarado como uma oportunidade para aumentar conhecimentos, ocupar o tempo disponível e possivelmente aumentar as oportunidades de empregabilidade.

7. Estratégias adaptativas ao mercado de trabalho

Perante a ausência de emprego, as pessoas apresentam um investimento em alternativas que façam face à situação de desemprego. Segundo Caleiras (2015) muitas pessoas optam por ter como atividades de substituição a criação do próprio emprego e a frequência em ações de formação, com vista ao reforço e/ou aquisição de conhecimentos assim como reconversão profissional. Essas alternativas foram evidenciadas nas narrativas de todas as pessoas incubadas entrevistadas, bem como das técnicas.

“(...) eu assim que fiquei desempregada, passado pouco tempo, eu comecei a procurar formação. Procurei sempre trabalho e comecei a procurar formação, porque achei que uma solução que eu tinha era arranjar o meu próprio trabalho. (...) Eu tentei explorar outras áreas a nível de informática e línguas, mas direcionei logo para uma formação...

média (...) de empreendedorismo e gestão de projeto. Era aquilo que eu queria, e achava que fazia sentido para o que eu estou agora a fazer.” [PIC1].

“(...) E podem, para além das formações que são do próprio IEFP, que no caso de Coimbra são... são principalmente na zona da Pedrulha... Há, há muita formação, então esta do... do Provia para o empreendedorismo, eles já vão, sei lá em quantas em quantas edições.” [TSC1].

“É a parte da formação sim, é... eu também... eu estava a ver quais eram os percursos de formação, que havia, e eu já tinha feito... em dois mil e vinte e dois, antes de acontecer tudo isso de desemprego, eu tinha feito o curso inicial da formação inicial pedagógica para formadoras.” [PIM3].

“Eu mandava currículos online na altura por causa... também tinha que ser tudo também online. Cheguei a fazer uma entrevista ou duas presencial, mas não sei se foi antes se foi depois, foi antes de certeza (discurso impercetível) mandar currículos e etc.” [PIM4].

As narrativas revelam uma valiosa visão sobre as estratégias adotadas por pessoas em situação de desempregado, seja para preencherem o tempo disponível seja para procurarem novas oportunidades. É evidente que a procura por formação é uma das principais abordagens adotadas. Caleiras (2015), corrobora os dados empíricos, indicando que a formação se caracteriza por ser um recurso também muito procurado pelas pessoas em situação de desemprego. Muitas pessoas apresentam baixos níveis de instrução e qualificações, por terem abandonado precocemente o ensino e procurando superar essa lacuna. Para o mesmo autor, a formação enquadra-se nas Políticas Ativas de Emprego, sendo uma das medidas com maior utilização perante a situação de desemprego, permite aumentar os níveis de empregabilidade. Contudo, também se apresenta como uma resposta instrumental, ao nível do prolongamento das prestações sociais associadas à sua frequência.

Além disso, é ainda de notar uma ênfase na escolha de cursos que estão alinhados com as aspirações profissionais das pessoas. Um dos exemplos, é da participante PIC1, que procurou uma formação na área do empreendedorismo e gestão de projetos, considerando-a relevante para suas metas futuras. Para além desta estratégia adotada, a participante PIC2 mencionou a persistência na procura, através do envio de currículos online e, subsequentemente, entrevistas de emprego. Esta abordagem revela determinação e esforço contínuo perante as adversidades da procura. A procura ativa de emprego, alinhada com os objetivos profissionais e pessoais e investimento em maiores qualificações, são fundamentais para maximizar as possibilidades de reintegração laboral.

Algumas entrevistadas (n=4) compartilham elementos que evidenciam que as pessoas que se encontram desempregadas veem nas participações em grupo um conforto e conexão umas com as outras. Todas as narrativas destacam a importância da interação interpessoal, encontrando compreensão umas com as outras, percebendo que não estão sozinhas nessa condição.

“Existiam vários grupos de pessoas desempregadas, que se juntavam para conversar e que acabava até por ser uma coisa até interessante, porque as pessoas acabavam por perceber essa coisa óbvia, não é, que elas eram muito mais do que a sua condição de... de pessoas desempregadas, e que eram muito mais do que isso. E acabavam também por encontrar algum conforto em estarem com pessoas super... que tinham muitos dons, como elas, e que também estavam desempregadas e então as pessoas também pensavam: "olha, isso não é um problema só meu, não é?" também reconheciam-se uns aos outros naquela condição, e pronto.” [TSC1].

“(...) acabamos por conhecer outras pessoas, algumas mais ou menos na situação, como nós quer dizer, todas eram desempregadas. Tínhamos muito em comum. (...) acabamos por criar amizades e para além do conhecimento. (...) Mas nós também não achamos que somos, pra eu não achar que era a única pessoa no mundo que era, estava a ser injetada por um patrão só por decidir ter um filho.” [PIM4].

“(...) E depois também há um aspeto emocional, porque vimos que há muita gente de todas as idades na nossa situação e também, ou porque estão desempregados, ou porque estão a iniciar a vida de trabalho e têm que procurar, de alguma forma, de se orientar que não apenas a formação académica.” [PIC1].

De facto, os excertos das entrevistas apresentadas sugerem que as pessoas em situação de desemprego nestas participações grupais compreendem que são muito mais do que a sua condição de desempregado/a. As mesmas reconhecem as suas potencialidades além das limitações que lhes são impostas pela ausência de trabalho. Ainda nestes discursos é evidenciado uma menção à formação como um meio não só para compartilharem experiências idênticas assim como para construir relacionamentos. Isso contribui para reduzir o sentimento de isolamento e reforçar o reconhecimento de que este é um problema generalizado. Na narrativa da TSC1 é possível identificar que a participação em grupo das pessoas desempregadas proporciona uma sensação de empoderamento e valorização das pessoas. Posto isto, destaca-se a importância do apoio emocional para lidar com os desafios do desemprego. Acresce ainda o impacto psicológico positivo da participação das pessoas em grupos integrados, no âmbito das

medidas de apoio formal, tendo como resultado a diminuição do isolamento e a criação de amizades, formando-se assim uma rede de apoio emocional informal. Neste sentido, e, de acordo com as narrativas das entrevistadas, parece ser evidente que as estratégias adaptativas ao mercado de trabalho e fazer frente a situação de desemprego, como a participação em ações e/ou cursos de formação ou em programas de apoio à criação do próprio emprego, são de grande importância, não só por terem um papel no desenvolvimento das competências individuais, mas também pelo seu papel mais abstrato, ao contribuir para a estruturação do tempo e de redes sociais.

Hespanha et al. (2007) trazem uma outra perspectiva sobre a sociabilidade entre as pessoas em situação de desemprego. No seu estudo, os autores sublinham a natureza dessa nova rede em que as pessoas desempregadas vão participando e que é composta, sobretudo, por pessoas na mesma situação e que, por essa razão, pode revelar-se insuficiente enquanto suporte psicológico. Ou seja, para estes autores existe um declínio da sociabilidade entre pessoas que experienciam a mesma situação, havendo, assim, a necessidade de questionar as capacidades do sistema para fazer face ao stress psicológico, uma vez que a resposta tem passado pelo recurso a mecanismos informais da sociedade, como redes de suporte compostas por familiares e amigos. Atendendo às várias perspectivas, será importante uma reflexão posterior sobre o envolvimento com a comunidade e a participação na esfera local, enquanto eixo estratégico a ter em conta no desenvolvimento destas medidas, em que se o objetivo é a adaptação das pessoas desempregadas ao mercado de trabalho.

8. Participação em Programas de Incubação de ideias e/ou projetos

A análise da categoria relativa à participação em programas de incubação, destaca-se aspetos associados à capacidade de criar o próprio emprego, como sendo uma das muitas facetas do empreendedorismo. A análise de conteúdo focada na participação das pessoas em situação de desempregado nas incubadoras sociais permitiu distinguir em termos de classificação e codificação várias subcategorias.

8.1 Motivações para o processo de mudança

No âmbito da subcategoria “motivações para o processo de mudança”, salientam-se os contributos em torno da oportunidade de flexibilidade e tempo livre, satisfação pessoal e das necessidades identificadas na comunidade.

“O que me motivou foi, primeiro, o desemprego foi um empurrão (...) antes disso acho que não ia conseguir nunca fazer, porque não ia abandonar o certo, pelo o incerto. Depois foi (...) minha experiência de contacto com o público, e eu gostar de ser comunicadora. (...) sempre fui uma comunicadora, sempre... sempre há muitos anos, eu tenho trabalhado com, de certo modo, ligada a pessoas... e foi isso, e era ter uma coisa pessoal. (...) De imprimir o meu cunho pessoal a alguma coisa.(...) surgiu porque tenho ligações à aldeia, e acho que pensei que trazer cada vez mais ao conceito de recuperação das tradições (...) E a mercearia, pronto, é mesmo isso. É o recuperar, é fazer um comércio de proximidade, não é? Ser pessoal, conseguirmos estabelecer relações humanas e ligações. O local é porque eu gosto da baixa... também pelas pessoas, pela proximidade, acaba por ser tudo um bocadinho motivado pelo mesmo. Porque desde que vivo em Coimbra sempre trabalhei na baixa, e gosto de passear pela baixa, e acho que são sempre sítios enriquecedores, os centros históricos. O conceito também, lá está. É o imprimir, é eu ter a liberdade de colocar uma parte de mim naquilo que faço.” [PIC1].

“(...) eu queria ter a possibilidade de tomar decisões que tinham impacto. De fazer o que eu queria fazer, e não ter que seguir sempre as regras (... “partiu inicialmente de pensar nas minhas habilidades, conhecimentos e o que era que eu podia fazer. Eu já investi muito tempo e dinheiro na minha formação, então eu queria seguir... trabalhar naquela área, porque foram muitos anos. (...) Já percebi que aqui na Lousã há muitos ingleses, e estão a chegar cada vez mais. E como eles não aprendem português, a maioria, pois os Lousanenses têm essa necessidade, de comunicar sobre... o projeto foi pensado inicialmente para os comerciantes e os empresários de cada zona, para eles conseguirem, de alguma forma...” [PIM3].

“A ideia inicial foi do (marido da participante) e depois, entretanto, os amigos lá do trabalho. começaram a fazer umas coisitas. Começamos a ter algumas encomendazinhas para fazer e ele tinha o trabalho dele, e eu estava em casa e podia fazê-las, né? (...) Comecei a perceber que realmente ia haver um retorno. (...) Sendo bem feito e etc (...) é trabalho satisfatório, quase por fazer realmente artes manuais.(...) acabo por ter um bocadinho mais liberdade do que nos meus horários(...) acabo por ter mais tempo livre pra mim (...)” [PIM4].

É possível identificar que, para as quatro entrevistadas (n=4), o desemprego foi o impulso para procurar novas oportunidades. Destacam-se a procura por liberdade na tomada de decisões, a satisfação de trabalhar em algo gratificante e o desejo de deixar a sua marca pessoal nas suas atividades. Há uma consciencialização sobre as habilidades e conhecimentos adquiridos, levando à procura de novas oportunidades que permitam aplicar essas competências. Em alguns casos, a motivação vem da perceção de uma necessidade na comunidade e do desejo em preenchê-la. Para algumas empreendedoras, a capacidade de gerir o seu próprio negócio, oferece a vantagem de ter tempo próprio e uma maior liberdade nas suas atividades, incluindo a oportunidade de trabalhar em casa ou em horários mais flexíveis. No geral, essas narrativas revelam uma variedade de

motivações que impulsionam as pessoas a empreender, desde a necessidade económica à procura por realização pessoal e liberdade profissional.

8.2. Dificuldades e/ou obstáculos da mudança

Nesta subcategoria foram destacados vários pontos em comum, desde desafios financeiros, a burocracias e obstáculos administrativos, assim como à necessidade de formação e capacitação dos indivíduos. Nas várias narrativas, foi fortemente referida a importância do apoio e/ou recursos financeiros.

"As dificuldades que se encontram principalmente a nível financeiro. (...) É menos confortável do que estar a receber um ordenado certo todos os meses, mesmo que seja pouco, do que saberes que tens contas para pagar todos os dias, e que não vais conseguir tirar um ordenado tão cedo e há uma alteração muito grande na vida, até em casa, porque a nível financeiro deixa de haver, pelo menos até ao princípio, deixa de haver um valor. (...) Falta de dinheiro, as burocracias... para não falar desta situação agora, que já é burocracia, falta de colaboração camarária. Pronto, e também as rendas muito altas, que aí entram os senhorios (...)" [PIC1].

"(...) na fase em que estamos, ah é mesmo falta de opção a nível de espaços... porque ou é tudo muito, muito caro. (...) e há poucos há muito poucos na baixa (...). A Câmara também não dá propriamente apoios financeiros (...)" [PIC2].

"(...) vai se fazendo e vai se gastando." [PIM4].

Associada ao desemprego ou ao empreendedorismo encontra-se a incerteza financeira, resultado da escassez de recursos financeiros e da dificuldade em encontrar espaços acessíveis para o projeto, somadas à constante luta para suprir todas as despesas. Outro facto narrado consistiu na presença de barreiras devido à burocracia, restrições de acesso a determinados recursos ou serviços, assim como a dificuldade em obter apoio financeiro de instituições financeiras ou governamentais devido a vários motivos, como histórico de empréstimos anteriores, regras de elegibilidade específicas ou falta de interesse dos bancos.

"(...) através do Microninho, eles ajudaram a ter contato, por exemplo, com a Câmara Municipal, com a Associação Empresarial..." [PIM3].

"Havia formações para (...) esta área e eu tentei inscrever-me, mas era só para pessoas que estivessem a receber o desemprego ou alguma coisa assim. (...) mas depois os bancos, não se mostraram interessados, porque nós já tínhamos comprado uma máquina antes. (...)Então nós queríamos mesmo era comprar só o computador e tal e não podíamos estar a fazer mais empréstimos. (...) Nas redes sociais, é onde nós estamos a vender as nossas coisas, não é. É só online, é só no instagram e no facebook. E a minha dificuldade sempre foi e ainda é um bocado isso. (...) Ainda tenho um bocado em, em fazer publicações bastantes em perceber como funciona realmente as diferenças nos posts, nos reels nos stories

(...) "Pedimos um empréstimo e compramos esta máquina, agora já é maior. (...) nunca tivemos propriamente uma formação nisso." [PIM4].

Foi, ainda, sublinhada por uma das participantes de incubação (n=1) a percepção de riscos significativos e desafios emocionais associados ao desemprego e à criação de um negócio.

"É menos confortável do que estar a receber um ordenado certo todos os meses, mesmo que seja pouco, do que saberes que tens contas para pagar todos os dias, e que não vais conseguir tirar um ordenado tão cedo e há uma alteração muito grande na vida, até em casa, porque a nível financeiro deixa de haver, pelo menos até ao princípio, deixa de haver um valor. (...) É um risco muito grande. (...) Eu sabia que não era fácil. (...) A parte numérica é a pior." [PIC1].

9. Modelos de Incubação Social

Apresentam-se neste ponto os resultados da análise de conteúdo desencadeada em torno da **categoria “Modelo de Incubação”** a qual agrega várias subcategorias: **a) Funcionamento; b) Competências/aprendizagens adquiridas; c) Potencialidades.**

9.1. Funcionamento

Deste modo e no que concerne à subcategoria, funcionamento, a Técnica Superior da Incubadora COL.ECO assinalou a presença de uma formação coletiva estruturada e abrangente, combinando a componente teórica com a prática, bem como o desenvolvimento de atividades individuais e coletivas. Foi ainda destacada a construção de relações positivas e a promoção de um ambiente de confiança e colaboração entre os participantes. Estes elementos sugerem que o programa é projetado para fornecer uma experiência enriquecedora e eficaz.

“O programa da (...) formação coletiva tem (...) cinquenta horas. Foram feitas três edições (...) formação teórica e prática (...) são divididas em individuais e coletivas. (...) é dividida por sessões e... e uma sessão muito importante é nós conseguirmos criar ligação no grupo. Ao criarmos ligação no grupo, quebramos o gelo e acabamos por criar relacionamento, ligações, cumplicidade, que é muito bom em termos de partilha (...) [PIC1].

No que concerne à Incubadora MICRONINHO, a Técnica Superior auscultada informou que o programa é planeado para uma duração de três meses com a possibilidade de extensão, se necessário. O mesmo é projetado para atender às necessidades de capacitação e desenvolvimento dos participantes, com uma abordagem teórico/prática. O programa procura agrupar pessoas em estágios semelhantes, facilitando a colaboração e

troca de experiências entre participantes. As atividades são variadas e podem incluir workshops, com uma abordagem flexível que se adapta às necessidades individuais dos participantes. Além disso, há uma ênfase na inclusão da família no processo de empreendedorismo, reconhecendo a importância do apoio familiar para o sucesso do empreendimento.

“O plano está preparado na lógica para três meses.(...) por vezes, naturalmente, que se estende, okay, mas esta parte das capacitações, da criação e tudo mais, o plano está preparado para três meses. Vai sendo reavaliado, muitas vezes tivemos de estender (...) O que fazemos é tentar juntar grupos que estejam ali nas mesmas... nas mesmas fases.(...) nós temos sempre duas vertentes: individual e em grupo. Existe uma vertente mais geral, que é em grupo e que vamos trabalhando também, até, a família. No caso do empreendedorismo, a família é (...) extremamente importante, porque há toda uma mudança. Há todo um risco associado a todo.... há toda uma necessidade de compreensão e de cedência, e de gestão, trabalho, família, Etcetera (...) Há sempre uma geral, que toda a gente tem acesso, e depois depende das necessidades daquela pessoa.(...) são muitas vezes em formato de workshop (...)” [TSM1].

De seguida, procede-se à abordagem de um tópico crucial no contexto do empreendedorismo e desenvolvimento profissional: as componentes e etapas da formação na incubação, as quais apresentamos na tabela 11. Este é considerado fundamental para entender como as pessoas e os seus projetos podem ser desenvolvidos dentro de um espaço protegido e estruturado para fomentar o crescimento e sucesso pessoal e profissional.

Tabela 11.

Caracterização das incubadoras sociais quanto às suas componentes e etapas de formação.

COL.ECO	MICRONINHO
<p><i>“Há três componentes da (...) formação. É exatamente a componente da colaboração, que é muito importante, e da construção de redes, e que também apoia muito na capacitação, para aquilo que são consideradas, digamos, soft skills, de comunicação, de estar, de pensar o seu projeto, de como é que se posiciona etcetera.” [TSC1].</i></p> <p><i>“Depois tem uma parte de comunicação, que vai desde pensar a imagem corporativa, ou como é que se vão posicionar nas redes sociais, ou como é que podem fazer um site, ou como é que é mais interessante, em que pontos é que se... que se devem mostrar ou comunicar, e de</i></p>	<p><i>“(...) E primeiro de tudo, há uma entrevista de avaliação (...) vamos criar um plano e é esta a nossa meta. É um plano de vida para aquela família. Posto isto, as fases, as fases depois existem... existe uma, existe toda uma parte de capacitação individual, não é, que é o tal perfil de empreendedor, primeiro de tudo. Há a parte da ideação e depois a parte toda de... do empreendedorismo não é, que é o maior projeto toda a parte, toda a parte, o plano mais... toda a parte do plano de negócios e plano de marketing e plano financeiro, até a pessoa reunir condições para abrir. Paralelamente- isto é individual-paralelamente, existe capacitações em</i></p>

<p>que forma? (...) depois uma outra componente, que é a parte da <u>visão estratégica e financeira</u>, que é onde basicamente as pessoas pensarem onde é que se querem ver daqui a um ano, a cinco anos, a dez anos e fazer toda a parte da previsão económica de como é que isso pode funcionar.” [TSC1].</p> <p>“E dessa parte também, quais são os pontos fortes e fracos? Fazer as fofas, as SWOT'S dos negócios, como componente, também, dos planos de negócios. Fazerem um bocadinho a análise de mercado, fazerem um bocado também um trabalho que já foi necessário que foi feito, que é fazer aquele plano de negócios base, que depois é necessário quando as pessoas precisam, ou de financiamento, ou de resgatar os vários subsídios de desemprego que ainda têm à frente no pedido do centro de emprego. Ou quando têm de apresentar o projeto a parceiros ou outros investidores, terem assim, o básico, daquilo que é o projeto. E isso é <u>componente a componente coletiva</u>. Depois ao nível da <u>componente individual</u>, existe, existe esse acompanhamento. Nós costumamos fazer todas as semanas... Há uma hora aberta para toda a equipa funcionar, em termos, portanto, de o apoio psicossocial, a comunicação, a visão estratégica, financeira às várias pessoas e darem a visão do projeto e de apoiarem neste seguimento, ahmm com atendimentos, e depois têm um atendimento individual (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) partir do momento em que termina a formação. Depois há uma disponibilidade da das formadoras de apoiar depois o processo.” [PIC2].</p>	<p><u>grupo</u>, em que juntamos vários empreendedores, até numa lógica de criar sinergias entre eles, capacitações em grupo, quer no âmbito do empreendedorismo, quer no âmbito do agregado, pronto. Individualmente, também... também existem capacitações de agregado e acompanhamento ao agregado em termos individuais.” [TSM1].</p> <p>“(...) despiste de competências, como no treino de entrevista... esta capacitação e fortalecimento em termos socio profissionais, ou seja, o Microninho não vai substituir o que já existe, vai tentar colmatar (...)” [TSM1].</p> <p>“(...) mapa de redes (...)” [TSM1].</p> <p>“O projeto <u>pode ser qualquer área, qualquer área</u>. Nós tentamos é que depois, no processo todo de ideação e incubação, é que ele tenha as <u>componentes de sustentabilidade</u>, a todos os níveis. <u>Sustentabilidade ambiental, sustentabilidade social, sustentabilidade financeira...</u>” [TSM1].</p> <p>“(...) depois, dentro disso que a pessoa sabe fazer, vai se enquadrar num projeto que seja sustentável, que tenha também uma <u>componente de inovação</u>. E temos também projetos de inovação social.” [TSM1].</p> <p>“depois também tentamos <u>ajustar ao território e às necessidades do território</u> (...) E se a pessoa vem com uma ideia de fazer um produto, ok, mas se esse produto não é propriamente daqui, então, vamos pegar nos produtos daqui e vamos transformar.” [TSM1].</p>
--	---

As incubadoras sociais COL.ECO e MICRONINHO apresentam componentes e etapas da formação semelhantes no processo de incubação. Ambas apostam na capacitação dos indivíduos para o empreendedorismo e prestam apoio no desenvolvimento de ideias de negócio sustentáveis, desde o plano de negócios, às estratégias de comunicação e criação de redes. Ambas dispõem de uma equipa técnica

multidisciplinar capaz de apoiar os/as participantes desde a área financeira e social até à comunicacional. Aposta num apoio contínuo no desenvolvimento de competências pessoais e transversais, bem como um apoio especializado na área do negócio. As metodologias de trabalho podem ir desde sessões de capacitação/colaboração, através de dinâmicas grupais informais, até sessões de desenvolvimento de metodologias mais científico-técnicas num registo mais formal. Ao longo das entrevistas realizadas às quatro participantes do programa de incubação foi visível a existência de uma metodologia mista, ou seja, o percurso é marcado por sessões dinamizadas em grupo, onde existe a partilha de conhecimento, experiências e preocupações, criando um círculo de interesses/sentimentos comuns, mas também a existência de sessões individuais, respeitando o estágio de desenvolvimento de cada projeto, assim como as necessidades concretas de cada participante.

A seleção criteriosa dos/as participantes nas incubadoras sociais desempenham um papel fundamental no sucesso dos seus projetos individuais assim como da eficácia do projeto financiado. Os critérios de admissão, apresentados na tabela 12, permitem garantir que os/as candidatos/as estão alinhados/as com os objetivos e valores destes programas de incubação.

Tabela 12.

Critérios de admissão aos programas de incubação

<p>MICRONINHO</p>	<p><i>“Em <u>situação de desemprego ou precariedade</u>. E têm que ser residentes nos concelhos de atuação... nos concelhos de atuação, neste caso. Ou quererem vir trabalhar ou empreender num destes concelhos.” [TSM1].</i> <i>“Essa entrevista¹⁸ é feita com a gestora de cá, que é a nossa colega, que é educadora social, que faz toda a avaliação dos critérios e que depois é discutida em equipa.” [TSM1].</i> <i>“(...) depois, uma outra pequena parte, mais da avaliação emocional e tudo mais... depois há, ou seja, essa primeira entrevista, para avaliar o quê? o prisma todo, em termos da família (...) se a pessoa preenche ou não preenche critério. e depois entro eu e vai entrando o resto da equipa.” [TSM1].</i> <i>“A idade é dos dezoito anos para cima.” [TSM1].</i></p>
<p>COL.ECO</p>	<p><i>“(...) que a pessoa tivesse uma ideia de negócio que se enquadrasse no projeto, isto é, que tivesse ou pretendesse ter <u>princípios ecológicos e sustentáveis</u>, porque é uma das condições do projeto e pronto.” [TSC1].</i> <i>“(...) não tínhamos condições nem de idade, (...) só desempregado, <u>em situação de desemprego ou subemprego</u>.” [TSC1].</i></p>

¹⁸ Entrevista de avaliação.

Por sua vez, a Técnica Superior da incubadora COL.ECO, enuncia critérios distintos para a participação de projeto específico de empreendedorismo no programa de incubação. Enquanto um dos critérios dá enfoque na natureza da ideia de negócio e /ou projeto a implementar, tendo de estar alinhada aos princípios ecológicos e sustentáveis, o outro critério aborda mais amplamente a condição de estar em situação de desemprego ou subemprego. O primeiro critério destaca a importância de garantir que as ideias e/ou projetos propostos contribuam para a sustentabilidade ecológica, refletindo uma abordagem preocupada com questões ambientais. Por outro lado, o segundo critério considera a situação de desemprego dos participantes como um fator determinante, enfatizando a necessidade de direcionar o apoio a indivíduos que enfrentam dificuldades na reintegração ao mercado de trabalho. Enquanto o primeiro foca na natureza e no propósito dos negócios candidatos ao programa de incubação, o segundo aborda mais diretamente a situação socioeconómica das pessoas. Essa variedade de critérios de admissão reflete a seleção cuidadosa dos empreendimentos para que os projetos e pessoas estejam alinhados ao propósito da incubadora, contribuindo para garantir uma abordagem inclusiva e eficaz no apoio aos empreendedores.

Por sua vez, a Técnica Superior da incubadora Microninho, enunciou que a seleção das pessoas candidatas passa por uma série de critérios cuidadosamente avaliados por forma a garantir uma admissão que seja meritocrática, mas também atendendo às necessidades e potencialidades individuais. Na mesma linha da COL.ECO, apresenta como critério estar numa situação de desemprego ou numa situação de precariedade laboral. Acresce o requisito de que os candidatos sejam residentes nos concelhos de atuação da incubadora, ou demonstrem interesse em trabalhar ou empreender nessa área específica. A avaliação dos critérios é conduzida por uma entrevista, realizada pela gestora. Esta etapa de avaliação não se limita apenas à análise objetiva dos critérios, mas também incorpora uma dimensão emocional, na qual se procura analisar as circunstâncias familiares e individuais dos candidatos à incubação, sendo este também um elemento fundamental na incubação dos projetos. Nesta etapa, é avaliada a adequação do perfil da pessoa candidata aos critérios estabelecidos para a participação na incubadora. A idade dos candidatos apresenta-se como fator idêntico em ambas as incubadoras, sendo estabelecido como requisito mínimo os dezoito anos de idade.

Em suma, ambas as incubadoras procuram que os/as candidatos/as admitidos/as aos programas estejam verdadeiramente alinhados com os objetivos e valores das

incubadoras sociais, e que demonstrem o seu potencial por forma a contribuir para o desenvolvimento de seus negócios e projetos pessoais.

Aos aspetos anteriormente referidos, acrescem alguns detalhados subjacentes nos discursos proferidos pelas Técnicas Superiores, nomeadamente os princípios de atuação e singulares das incubadoras, que representam um acréscimo valioso das mesmas, conforme exposto na tabela 13.

Tabela 13.

Princípios de atuação e singularidades das incubadoras em estudo

MICRONINHO	<p><i>“(…) nós tentamos sempre que os nossos projetos de empreendedorismo, qualquer um, qualquer um, tem uma componente social, uma componente de inovação, uma componente de "OK, bom para mim, bom para a comunidade, bom para o mundo (...)” [TSM2].</i></p> <p><i>” (...) Tentamos sempre que elas possam empreender com o mínimo de investimento possível, para que fiquem com o mínimo de endividamento possível e, dependendo da situação, tentamos recorrer às medidas existentes e consoante a tipologia do projeto.” [TSM1].</i></p> <p><i>“(…) nós avaliamos principalmente... principalmente a questão da propensão ao risco. “[TSM1]. (...) o nosso princípio máximo é nunca deixar nenhuma família numa situação pior do que aquela que se encontravam.” [TSM1].</i></p> <p><i>“(…) eu, para participar, tinha que entregar já um... como um resumo do projeto. Então começámos a trabalhar, a aprofundar nas ideias que eu tinha, e havia ali como um mapa dos... dos passos para que... para fazer um plano de negócio... trabalhámos no documento com... com todos os elementos que... que são necessários considerar antes de lançar...” [PIM3].</i></p> <p><i>“(…) tive um apoio ali, personalizado (...) Eu tive muita sorte, porque foi um acompanhamento muito individual.” [PIM3].</i></p>
COL.ECO	<p><i>“Nós temos apoio social, temos em alguns casos, onde houve necessidade desse tipo de intervenção.” [TSC1].</i></p>

Em análise aos princípios de atuação da cada incubadora, revelaram-se várias dimensões críticas no processo de apoio ao empreendedorismo. As narrativas evidenciam um enfoque holístico e estrategicamente pensado para o empreendedorismo, destacando a importância de integrar valores sociais, a inovação e a sustentabilidade nos projetos incubados. Foram destacadas nos discursos da Técnica Superior da Microninho, a inclusão de uma componente social e de inovação, reforçando o impacto positivo que os empreendimentos individuais podem ter, assim como do seu impacto para a comunidade. A incubação Microninho, atual com base na estratégia de redução de risco e minimização de investimento inicial, demonstrando um esforço consciente em criar um ambiente

seguro e sustentável de negócio. A avaliação cuidadosa da propensão ao risco das pessoas participantes e o compromisso em não deixar nenhuma família numa situação ainda mais vulnerável refletem uma abordagem ética e cuidadosa para com os futuros/as empreendedores/as. Isso indica uma preocupação profunda não apenas com o desenvolvimento de negócios, mas também com o bem-estar geral dos indivíduos e das suas famílias, sublinhando um senso de responsabilidade e proteção. Adicionalmente, a fase preparatória é crucial para apoiar os/as participantes a delinear as suas ideias e estratégias, através da apresentação de resumos do projeto e desenvolvimento de um plano de negócio, assegurando uma base sólida para o sucesso futuro. De referir que a construção destes elementos, passam por um apoio contínuo e individualizado. Por fim, de salientar o apoio personalizado aos empreendedores, destacando o suporte robusto e adaptado às necessidades individuais e específicas de cada projeto. Este nível de atenção e cuidado é fundamental para maximizar as possibilidades do sucesso dos projetos incubados. Juntas, estas dimensões estratégicas conferem uma abordagem compreensiva e responsável ao empreendedorismo, demonstrando evidências de um modelo de apoio e suporte que visa não apenas o sucesso económico, mas igualmente o impacto social positivo, a sustentabilidade e o bem-estar dos/as envolvidos/as nestes projetos.

A respeito da incubadora COL.ECO, foi evidenciado no discurso da Técnica Superior, a capacidade desta resposta em oferecer apoio social às pessoas participantes, sempre que necessário. Este aspeto representa uma singularidade da incubadora, sugerindo uma preocupação constante com o bem-estar e o suporte integral dos empreendedores para além do desenvolvimento das suas ideias, projetos ou negócios, assim como do seu compromisso com uma abordagem holística dos/as participantes.

9.2. Competências e aprendizagens adquiridas e/ou reforçadas

No que concerne às competências e aprendizagens adquiridas e/ou reforçadas foram recorrentes a colaboração e empoderamento coletivo, as competências pessoais e profissionais tal como o pensamento estratégico.

“(...) capacidade de se pensar o projeto a longo prazo, esta parte estratégica (...) Flexibilidade (...)” [TSC1].

“(...) competências sociais e pessoais como a capacidade de tomada de decisão, resistência à frustração, a gestão das emoções e toda essa parte. A questão de conseguir medir os riscos, a impulsividade, a autoconfiança, toda essa parte e depois, em termos de empreendedorismo, desde conhecer bem os fatores de risco do negócio, a gestão de stock, gestão de clientes, atendimento, ou seja, prestarem

atendimento, gestão de como fazer um orçamento, gestão de horários, em explicar a diferença dos tipos de empresa...” [TSM1].

“(...) espírito mais de colaboração e de redes e de empoderamento coletivo.(...) estabelecer mesmo redes e ligações, e procurar, por exemplo, neste caso, procurar fornecedores, pronto.” [PIC1].

“(...) espírito mais de colaboração e de redes e de empoderamento coletivo.(...) as questões financeiras, tipo sei lá, mais facilmente consigo ler, tipo o regulamento de um apoio, agora, do que se calhar no início, que para mim era tudo chinês.” [PIC2].

“Como eu disse, eu não sabia nada do setor empresarial. Então, com essa parte de como é que funciona o negócio? Como cresce, como fazer o marketing, por exemplo.... Pensar na parte financeira, com.... eu sou muito mau para por preços no serviço. Eu sempre quero vender mais barato, certo? Mas ajudaram muito nessa parte.” [PIM3].

“Aprendi a tirar melhor as fotografias para perceber como fazer melhor ali um contexto das coisas. (...) a parte de contabilidade (...) a gestão do tempo. Acho que faço melhor a gestão do tempo, sim, agora.(...) sentido de responsabilidade (...)” [PIM4].

A análise desses relatos revela as aprendizagens e conhecimentos adquiridos e/ou reforçados pelas pessoas ao longo da sua integração nos programas de incubação. Estas aprendizagens podem ser divididas em várias categorias-chave: Primeiramente, os/as participantes destacaram a importância de desenvolver habilidades de pensamento estratégico para projetar os seus negócios e projetos. Isso sugere a importância da viabilidade e da sustentabilidade dos empreendimentos. Além disso, a flexibilidade foi mencionada como uma qualidade crucial, indicando a capacidade de adaptar e ajustar os planos de negócios conforme necessário para responder às mudanças que possam surgir. Em seguida, os discursos enfatizaram a importância da aquisição de competências pessoais e sociais. Isso inclui competências como a tomada de decisão, a resistência à frustração, a gestão emocional, a medição de riscos e a autoconfiança. Essas competências são essenciais para enfrentar os desafios e incertezas inerentes ao empreendedorismo e para manter uma mentalidade positiva e proativa. Além disso, as entrevistadas também destacaram a aquisição de conhecimentos mais técnicos e específicos, como a gestão de stock, o atendimento ao cliente, a elaboração de orçamentos, a diferenciação entre tipos de empresas e estratégias de marketing. Todos esses conhecimentos práticos são fundamentais para o desenvolvimento e crescimento contínuo dos projetos. Por fim,

foram ainda mencionadas o desenvolvimento de um espírito de colaboração e a construção de redes de contactos. De forma geral, os resultados mostraram-se significativos perante a sua participação nos programas de incubação. Essas conexões são essenciais para obter suporte, compartilhar conhecimentos e explorar oportunidades de parceria e colaboração, mesmo entre participantes do processo de incubação. Em suma e, de acordo com as entrevistadas, com estes dois modelos de incubação oferecem aos empreendedores um apoio valioso para adquirir conhecimentos e recursos essenciais para o desenvolvimento e sucesso nos negócios e, conseqüentemente, integração no mercado laboral. Procuram ainda capacitar as pessoas a enfrentar os desafios do mercado de trabalho com confiança e resiliência, enquanto procuram oportunidades de crescimento e inovação nos seus projetos ou negócios.

9.3. Potencialidades e limites da incubação

Por seu lado e quanto à subcategoria, potencialidades e limites da incubação, foram analisados de acordo com cada projeto de incubação. A respeito da incubadora COL.ECO vários discursos destacam como potencialidades a colaboração e apoio mútuo, como elementos essenciais nos projetos de incubação e empreendedorismo, contribuindo para o sucesso pessoal e coletivo dos/as participantes. Os mesmos ressaltam a importância de criar um ambiente de trabalho colaborativo e solidário, onde os empreendedores possam se apoiar mutuamente e crescer juntos.

“(...) criar as ligações, as redes, as parcerias, não é? Ter a noção da importância disso, principalmente. E até interligar os projetos, interligar as pessoas e fazê-las trabalhar em conjunto (...) tem qualquer tipo de desvantagem. São dadas oportunidades de mostrar, mostrar as ideias, mostrar produtos, aperfeiçoar estratégias, portanto, não... (...) Temos apoio de outras pessoas. Nós estamos... quando temos dificuldade, sabemos que podemos contar com as pessoas, com a ajuda profissional. (...) Trouxe outro impulso para aquilo que eu queria fazer, mais vontade. Estou convencida que sozinha não tinha sido a mesma coisa, até por todo o entusiasmo e todo o apoio psicológico que as pessoas deram, isso mudou de certeza absoluta. Deu a oportunidade de conhecer outras pessoas.” [PIC1].

“(...) essa parte mais humana e mais coletiva.(...) esse espírito de colaboração (...) Conhecemos coisas, conhecemos iniciativas, conhecemos pessoas, conhecemos e há (...) esta esta rede de partilha de conhecimentos que acho que se calhar se uma pessoa estiver só no seu projeto só (...) focada no seu projeto, depois também não cresce nesse sentido (...) acho que é muito, muito positivo, tanto aprendermos com, com os outros. (...) Senti que depois também se criava um bocado esse ambiente de né. De bem-estar e de energia positiva ah, que era que era muito, muito frutífero.(...) conhecer novas pessoas e às vezes, de encontrar um bocado, esse esses objetivos em comum (...)” [PIC2].

Complementarmente, a Técnica Superior do COL.ECO, destaca a importância das incubadoras enquanto espaços que oferecem apoio, estrutura e oportunidades para os empreendedores desenvolverem as suas ideias e /ou projetos. Enfatiza os benefícios potenciais de criar um ambiente seguro e colaborativo para o sucesso dos empreendimentos.

“As potencialidades é exatamente criar uma rede e um apoio, que acaba não só por servir de modelo para quem aqui está, não é, uma espécie de uma raiz e uma estrutura que lhes vai permitir levar a bom porto os seus negócios, e que se vai manter, mesmo terminando o projeto. E por outro lado também, e capacidade de nós sermos um bocadinho um exemplo de como é que se pode fazer um tipo de incubadora que tem estas componentes várias, onde existe esta... esta possibilidade das pessoas aplicarem na prática, e esta questão da gestão colaborativa de todo o espaço (...) Aquilo que as pessoas têm dito é, principalmente esta coisa de ser um espaço muito seguro.” [TSC1].

Ademais, também reconhece os desafios da incubação do COL.ECO associados à gestão colaborativa e participativa, fazendo comparação com uma abordagem top-down. Embora a participação tenha potencial para gerar ideias criativas e inovadoras, ela também pode trazer dificuldades adicionais devido à necessidade de coordenação e consenso entre os elementos.

“(...) a gestão colaborativa dá muito mais trabalho do que... do que existir uma coisa que é... que é de cima para baixo. E a participação... A participação tem, tem, tem uma... uma potencialidade incrível, porque se conseguem criar coisas completamente diferentes, nunca pensadas, mas depois também tem essas... essas dificuldades, não é? Não é um projeto que ...que seja bom para implementar só um ano, precisava mais tempo.” [TSC1].

Na incubadora MICRONINHO foi possível identificar através das pessoas participantes (n=2), o apoio emocional e a confiança depositada no empreendedor pelo projeto. Ter alguém que acredita no projeto pode ser fundamental para impulsionar o empreendedor, fornecendo um sentido de encorajamento para superar os desafios.

“(...) recebi todo o apoio, os conhecimentos que eu precisava, que eu não tinha antes, e também foi o impulso porque eles estão ali a acompanhar. Então eu tenho que cumprir com certas atividades para tal data, fazer aquilo. E acho que para mim isso ajudou muito, porque eu sozinha talvez não conseguia fazê-lo. E depois a parte de... sim, de todos os conhecimentos que eu não tinha isso... ia ser muito mais difícil, sem esses (...) também através de ... dos contatos que eu fiz com outras entidades, ajudaram a desenvolver o projeto, e isso era só por causa deste espaço, se não, não teria conseguido isso.” [PIM3].

“(...) temos alguém que nos está a apoiar, acredita no nosso projeto (...)” [PIM4].

Considerando as narrativas da Técnica Superior da MICRONINHO, o processo de incubação apresenta como vantagens o acompanhamento personalizado e multidisciplinar e a família como unidade de base.

“(...) acompanhamento multidisciplinar e personalizado, e do ajustamento ao território. Ah, toda a parte da capacitação a nível individual, a nível familiar. (...) eu acho que aqui o modelo, o trabalhar-se, a família trabalhar-se um plano de vida é uma... é aqui um fator muito diferenciador, trabalha-se um plano de vida daquela família e a família como unidade de base. E isso é claramente uma grande potencialidade! (...) Ah, depois lá está, toda a parte do território e toda a parte do ajustamento ao território. (...) há um acompanhamento, a proximidade com as pessoas (...)” [TSM2].

Paralelamente, a família foi indicada como potencialidade uma vez que, do ponto de vista sistêmico e comunitário, trabalhar com a família faz sentido para o desenvolvimento do território e da comunidade, sugerindo que fortalecer a família pode ter um impacto positivo para além do empreendedorismo individual. Apoiar as famílias pode ser uma estratégia eficaz para promover o desenvolvimento económico e social. Contudo, também se apresenta como um desafio à intervenção, pois a família sugere uma compreensão complexa das dinâmicas familiares e o seu envolvimento e impacto no esforço de desenvolvimento e empreendedorismo.

“A própria questão da família pode ser vista como uma, uma, uma limitação ou como um grande desafio, um grande desafio à própria intervenção. Não é uma limitação, acho que é sempre uma potencialidade, em termos do ponto de vista sistêmico, e do ponto de vista daquilo que se quer para a comunidade, para o desenvolvimento do território, trabalhar a família faz todo o sentido. Então se estamos a falar de empreendedorismo, faz todo o sentido fortalecer toda aquela família. Mas, do ponto de vista de intervenção, é um desafio muito, muito grande trabalhar, portanto, acaba por ser uma potencialidade.” [TSM2].

Para além desta limitação, foi salientado o desafio na articulação com o exterior e na aceitação do modelo de capacitação, destacando a importância de comunicar eficazmente a validade dos benefícios do modelo para ganhar aceitação e apoio da comunidade e de outras partes interessadas.

“(...) outro desafio é, muitas vezes- agora, cada vez menos, ainda bem- mas sentimos muito este desafio é a própria articulação com o exterior, a própria articulação com o exterior, de conseguir um... mostrar-lhes, a validade... acho que cada vez mais ele, ele, as pessoas já vêm, mas ao princípio era mostrar a validade deste modelo. É completamente ... completamente um bocadinho recente, então as pessoas ficam sempre, pronto (...) [TSM2].

Apesar das duas amostras serem distintas, ambos os projetos de incubação apresentam limitações e desafios em comum, nomeadamente as restrições financeiras, duração limitada do projeto e a sua dependência financeira.

“(...) as limitações são... é o facto de ser um projeto limitado. O financiamento acaba por ser aqui uma grande limitação (...)” [TSM2].

“Os limites, é esta questão de terminar e de nem sempre toda a gente ter este perfil para projetos, que algumas pessoas estão a ser mais direccionadas para terem um trabalho por conta de outrem, por... por vários motivos. Este modelo tem as suas limitações, porque sendo um modelo que é um pouco fechado no tempo, são projetos limitados no tempo. E existe um investimento muito grande, por exemplo, aqueles quatro meses aqui de obras e de criar um espaço incrível para fazer uma coisa de incubação que depois é colocada em risco, porque, porque não existe continuidade no financiamento e e a organização que o promove não tem financiamento. Já é muito oneroso os custos extra do próprio projeto, quanto mais ainda prolongar, mais isto.” [TSC1].

A continuidade e sustentabilidade dos projetos são um foco, para além da duração inicial. Isto sugere uma preocupação com o impacto a longo prazo e a manutenção do suporte oferecido aos empreendedores. É ainda manifestada a ênfase na participação colaborativa dos envolvidos nos projetos.

9.4. Caracterização das pessoas participantes incubadas

Respeitante à subcategoria, caracterização das pessoas inseridas nos programas de incubação de cada projeto, a tabela 14 explana as informações sociodemográficas e socioeconómicas dos/as participantes assim como a identificação dos produtos ou serviços disponibilizados e prestados pelos mesmos/as.

Tabela 14.

Caracterização das pessoas participantes nas incubadoras sociais em estudo

Incubadora	COL.ECO	MICRONINHO
Idade	\sum 40	“(...) entre os trinta, trinta e oito, quarenta e cinco, por aí. (...) [TSM1].
Sexo	“Mais mulheres. Quase noventa por cento.” [TSC1].	S/Inf.
Nacionalidade	S/Inf.	“Maioria portuguesa, Sim. (...)”

Habilitações literárias das pessoas participantes dos programas de incubação	<p>“(…) acho que é bastante distintivo deste, deste programa - pessoas com qualificações de qualificação superior, praticamente grande parte, a maioria, temos uma percentagem elevadíssima de pessoas a fazer doutoramento, ou... ou até com doutoramentos concluídos.” [TSC1].</p>	<p>“Na maioria, é ali é ali o décimo segundo... o décimo segundo, sim.” [TSM1].</p>
Período de sem situação de desemprego [DCD ou DLD]	<p>“Deve ser metade. Depende um bocadinho (...)” [TSC1].</p>	<p>“(…) a maioria é de curta duração, sim, mas com uma diferença de dez por cento em relação, em relação à de longa duração (...) desde a pandemia, houve um aumento grande de desempregados de curta duração.” [TSM1].</p>
Forma de desemprego	<p>S/INF.</p>	<p>“(…) a maioria é involuntário, sim.” [TSM1].</p>
Produtos ou serviços desenvolvidos/as pelos/as participantes¹⁹	<p>Produtos: Cerâmica; Madeira, sabonete artesanais, croché, macramé; ilustrações; artigos em papel, fotografia e reciclagem criativa.</p> <p>Serviços: Visitas Guiadas em Coimbra; Cooperativa de história pública; Serviços Ligados à Saúde Comunitária; Projeto com base numa intervenção pela arte; Aulas de Música Inclusivas; Comida inclusiva: Vegan e Vegetariana; Mercearia Tradicional; Editora.</p>	<p>Produtos: Artesanato</p> <p>Serviços: Restaurantes, Cabeleiros; Arquitetura; Design; Turismo; Formação.</p>

10. Empreendedorismo enquanto ferramenta de Emprego

Ainda ao nível do processo de incubação, foi analisada a subcategoria “Autoemprego como alternativa à situação de desemprego”, destacando a complexidade das questões relacionadas ao emprego, empreendedorismo e à capacitação, reconhecendo as particularidades e necessidades de cada indivíduo.

¹⁹ De referir que a informação apresentada na tabela tem por base as entrevistas realizadas assim como a consulta das páginas oficiais de cada projeto.

10.1 Autoemprego como alternativa à situação de desemprego

Através das diversas narrativas (n=4), destacou-se a importância das abordagens flexíveis e adaptativas.

“(...) realmente pode ser uma resposta ou não. Só pode ser uma resposta, quando a pessoa ficar efetivamente melhor. Se se conseguir um projeto bem estruturado, se a coisa fizer sentido.(...) Porque o empreendedorismo compulsório, e há pessoas que não têm ou condições de vida, ou condições específicas pessoais, perfil para serem empreendedores ou microempresários... não têm.(...) não queremos, nunca, nunca que ninguém saia daqui pior, ou em pior situação do que e entrou, e esta questão do empreendedorismo é complicada, porque as pessoas podem efetivamente cair numa situação em que ainda ficam pior do que começaram. E é muito comum, muito comum.(...) Porque o empreendedorismo compulsório, e há pessoas que não têm ou condições de vida, ou condições específicas pessoais, perfil para serem empreendedores ou microempresários... não têm.” [TSC1].

“É, depende... é mesmo isto, é olhar para as pessoas como pessoas, e com a sua singularidade, porque não ... mesma solução não serve a toda a gente.(...) O Microninho nasce para, como incubadora, a parte de empreender. A empregabilidade, depois, veio por acréscimo e aprendemos que muitas vezes essas pessoas podem realmente não ter perfil para empreender- algumas têm e para o microempreendedorismo, para fazer as suas as suas coisinhas, e com muito sucesso- mas, muitas delas, precisam é de realmente capacitação, de fortalecimento para conseguir regressar ao mercado de trabalho. (...) É, depende... é mesmo isto, é olhar para as pessoas como pessoas, e com a sua singularidade, porque não ... mesma solução não serve a toda a gente.” [TSM2].

“O empreendedorismo é também uma solução para o desemprego.” [PIC1].

“Eu acho que depende da pessoa. Há dez anos, eu talvez não teria considerado isso.” [PIM3].

Estas observações merecem destaque: primeiramente, o empreendedorismo é reconhecido como uma opção viável para responder ao desemprego, contando que resulte numa melhoria efetiva em suas vidas. Em seguida, observa-se um entendimento generalizado entre as entrevistadas de que nem todos possuem as condições necessárias para serem empreendedores, destacando a singularidade de cada indivíduo (e.g. uma solução eficaz para uma pessoa pode não ser adequada para outra). Esta análise sugere uma abordagem mais adaptativa e personalizável. Alguns excertos realçam a importância da capacitação e do fortalecimento de habilidades e competências, que é disponibilizado nestes projetos de incubação, preparando a pessoa para o mercado de trabalho. Por fim, é destacada a influência das experiências e do contexto de vida de cada pessoa.

Para Batista e Thurik (2007), citados por Nobre (2012), o desemprego tem sido uma problemática predominante nas agendas políticas, enquanto o empreendedorismo é considerado como uma estratégia para impulsionar o crescimento económico e criar postos de emprego. Esses autores estabelecem uma relação entre as duas ideias: o desemprego estimula um aumento da atividade empreendedora «*refugee effect*», enquanto o empreendedorismo contribui para a redução do desemprego «*entrepreneurial effect*». Como destacado na literatura, as políticas públicas têm como intuito reduzir o desemprego por meio do estímulo ao empreendedorismo, embora nem sempre resulte em crescimento económico. Tais políticas têm como objetivo incentivar as pessoas em situação de desemprego a iniciar os seus próprios empreendimentos (Nobre, 2012).

11. Autoperceção das mudanças de vida no futuro

Neste estudo também se reconhece a importância de analisar a percepção de vida dos/as participantes que experienciam um programa de incubação. Em primeiro lugar, permite uma compreensão mais profunda do modelo destas incubadoras sociais, reconhecendo os seus desafios e oportunidades, bem como o impacto dessa experiência na vida pessoal e profissional dos/as participantes. Em segundo, essa análise pode servir como um indicador do sucesso destes programas, uma vez que a percepção dos/as participantes sobre sua qualidade de vida e progresso profissional durante e após a incubação reflete o cumprimento dos objetivos dos mesmos. Analisar esta categoria também torna possível identificar possíveis melhorias nos programas de incubação em estudo, seja em termos de recursos, suportes fornecidos ou estrutura dos programas, abrindo espaço a uma reflexão que pode levar a intervenções mais eficazes junto dos/as destinatários/as dos mesmos, assim como contribuir para o fortalecimento da comunidade empreendedora como um todo.

11.1. Perspetiva da Vida Durante o Desemprego

Argumentos relacionados ao empoderamento e à incerteza foram igualmente destacados como pertinentes durante a análise do período de desemprego.

“Claro que eu me sinto muito mais empoderada e sinto-me muito mais com muito mais ferramentas e não só com mais ferramentas, mas também ciente de que tenho ferramentas em mim que se calhar não estava ciente antes. Agora, epá também não vou mentir também ainda estou muito insegura, não é porque, porque é um bocado, são anos de não é de uma pessoa estar meio perdida e não ter algo fixo ou sentir que está a crescer neste. (...) Eu acho que traz muita insegurança porque, porque não sabemos qual é o nosso futuro.” [PIC2].

“(...) Uma pessoa que pensa Ah, eu vou criar um negócio e vou ter muito mais tempo para mim, vou ganhar mais dinheiro... não uma pessoa para ganhar mais dinheiro também não vai ter assim tanto tempo para ela, tem que tentar arranjar um equilíbrio (...) uma pessoa quando está desempregada nunca se sabe muito bem o que é que será o seu futuro. A menos que tenha ali alguma coisa já mesmo delineada. Eu acho que tive um bocado de sorte, porque coincidiu mais ou menos com o início do curso. Era um curso que eu realmente gostava de fazer, e tive sorte nisso. Comecei a dizer uma coisa que eu não gostava. Se eu tivesse que trabalhar, não tinha oportunidade para fazer.(...) uma pessoa, se não tiver logo ali alguma coisa que realmente gosta, que se interessa para tentar planejar o futuro melhor, mais estruturado, né? Acho que a pessoa acaba por ficar assim... um bocado desamparada sem saber o que fazer.” [PIM4].

“(...) necessidade de tomar a iniciativa (...) Sabia que ia ser quase que um dia de cada vez, não é? Todos os dias são diferentes. (...) Uma pessoa quando está desempregada, tem sempre... eu, pelo menos senti, isso, tem o receio da incerteza do futuro. (...) Foi sempre o que eu senti, porque, enquanto houvesse, eu pensava "enquanto houver subsídio de desemprego, eu não vou sentir assim tanta diferença"... há diferenças! Não temos subsídio de férias, não temos subsídio de Natal. Mas... quer dizer, há diferenças para levar ... para concretizar certas coisas.” [PIC1].

Por um lado, há um sentimento de empoderamento e uma sensação de adquirir novas ferramentas e habilidades que antes talvez não fossem reconhecidas. No entanto, mesmo com esse crescimento pessoal, muitas pessoas ainda se sentem inseguras diante do desconhecido que o futuro reserva. A incerteza em relação ao futuro profissional é uma fonte constante de preocupação, especialmente quando se considera a possibilidade de iniciar um novo negócio. A ideia de que o empreendedorismo pode proporcionar mais tempo e dinheiro é contrabalançado pela realidade de que isso exige um equilíbrio delicado e um investimento significativo de energia e recursos. Para alguns, o desemprego pode representar uma oportunidade para se dedicar a algo que verdadeiramente traga satisfação pessoal. Para outros, pode ser uma experiência desamparada, deixando-os sem direção ou um plano estruturado para o futuro. A necessidade de tomar a iniciativa e encarar cada dia como único é uma realidade presente para aqueles que enfrentam o desemprego. Mesmo com alguma estabilidade financeira, como o subsídio de desemprego, ainda há diferenças significativas e desafios a superar.

12. Avaliação final dos projetos financiados

No que toca às avaliações dos projetos financiados, foram reconhecidas similaridades entre ambas as incubadoras sociais. Primeiramente, há uma ênfase na avaliação e monitorização dos projetos. É evidente a avaliação interna, realizada por meio de reuniões periódicas (semanais e mensais) para acompanhar o progresso e identificar as necessidades dos/as participantes. Acresce o objetivo da replicabilidade noutras regiões

do país. Ambas também lançam o desafio destes modelos de intervenção serem publicamente reconhecidos e integrados em políticas públicas. As incubadoras mencionam a importância da sustentabilidade financeira dos projetos, cujo desafio passa por manter o projeto financeiramente viável. No entanto, há diferenças notáveis entre ambas. Enquanto a incubadora Microninho descreve um processo de avaliação mais estruturado, com reuniões regulares e avaliações realizadas internamente, a incubadora COL.ECO menciona para além da avaliação interna, a contratação de uma entidade externa para avaliação de impacto.

“Sim, [o modelo da COLECO poderia ser replicado em outras regiões do país] acho que sim, faz todo o sentido. (...) Existe uma entidade que... que está a ser paga, não é, para fazer avaliação do impacto, e que já começou o ano passado, e que irá continuar durante este prazo e depois faz toda a avaliação on going, mas depois também vai fazer a avaliação final.(...) temos reuniões semanais todas as segundas-feiras de manhã e vai sendo feito sempre a avaliação daquilo que vai sendo feito, o planeamento. E também fazemos um bocadinho aquela volta aos participantes a ver o que é que é necessário para cada um, o que é que faz sentido (...) De equipa são semanais e as gerais são mensais.” [TSC1].

“Neste momento somos nós que fazemos, fazemos de satisfação no final e após. (...) Os questionários de Satisfação após a nossa intervenção, não é, quando damos a pessoa, a família como autonomizada, e depois passado x tempo da sua... no fundo da incubação, ou do apoio que demos.(...) há sempre aspetos a melhorar. (...) Existem pessoas desempregadas, como vai haver sempre, mas não é um problema social proeminente. Ah, é esta questão se calhar da adaptação socioprofissional no mercado, de várias faixas etárias, vários níveis de qualidade. Nós temos jovens licenciados que, em termos de competências pessoais e sociais têm, têm muito para trabalhar e que depois baixa resistência à frustração, vá... com expectativas, muito, muito desajustadas. Portanto, uma das coisas a melhorar é responder... é responder exatamente àquilo que são as necessidades atuais, não é? (...) o Microninho, ah, já fez um scaling up, que é o... é a Figueira da Foz.(...) existem muita, muita gente que concorda que, com o modelo e tudo mais, mas não podemos esquecer que este modelo trabalha de forma completamente gratuita para as pessoas, pronto, nós... o documento está integrado dentro de uma associação sem fins lucrativos. (...) isto era tornar-se realmente uma política pública (...) Na inovação social, nenhum modelo é fechado, e este é um outro grande desafio. (...) é um outro grande desafio e temos que estar sempre alerta, mas na minha ótica, e tudo aquilo que fazemos devia ser, na minha ótica, (...) era essa política pública, todo este sistema de acompanhamento, às pessoas, pronto, seria por aí. Agora, não depende só de nós (...) a nossa taxa de sucesso atual é de oitenta e quatro vírgula sessenta e sete por cento, ou seja, cento e vinte e sete famílias, com o problema resolvido.(...) é um problema resolvido. Ou através da empregabilidade, através do empreendedorismo... (...) é este ajustamento àquilo que são as necessidades do território, é este envolvimento com o território.” [TSM1].

Isto sugere que estes projetos, vendo reconhecido o seu impacto, poderiam integrar as práticas bem-sucedidas e os princípios fundamentais deste modelo em

políticas governamentais mais amplas. Verificada a eficácia na incubação de projetos sociais e no apoio ao empreendedorismo social, estes projetos poderiam ser considerados para adotar políticas que incentivem ou financiem programas semelhantes em outras regiões ou localidades, com financiamento mais duradouro além do período de execução inicial. Isso pode envolver o envolvimento em programas de financiamento, criação de estruturas de apoio, ou mesmo a integração destes modelos em programas já existentes. É importante ressaltar que os projetos possuem maturidades distintas, o que pode levar a diferentes abordagens de avaliação e foco.

Na mesma corrente de ideias, Neves (2009) afirma que um dos maiores desafios às políticas públicas é a sua capacidade de resposta às situações concretas, centradas em necessidades individuais ou coletivas. Nesse sentido, devem adotar-se abordagens sistêmicas e integradas, que transcendam as limitações resultantes de uma organização mais influenciada pela natureza da intervenção do que pelos resultados alcançados. O grande desafio centra-se no trabalho em rede e parceria, sobretudo na Administração Pública, como também entre esta e os diferentes atores da sociedade civil. Para dar resposta efetivamente às situações concretas é necessário inovar na conceção, implementação, monitorização e avaliação de políticas públicas, conforme enfatizado por Neves (2009). A inovação das políticas públicas requer uma disposição para adotar novas abordagens, por vezes novas apenas para contextos específicos. Além disso, é igualmente importante destacar os desafios que se colocam às políticas públicas no âmbito da sustentabilidade. Uma área crucial da inovação está relacionada com o domínio da democracia, da participação e da afirmação da cidadania (Neves, 2009). As políticas públicas devem ser palco privilegiado para a inovação social. A interseção entre a inovação social e a intervenção do estado, traduz-se não apenas na própria inovação das políticas públicas, mas também no papel das entidades públicas, que funcionam no domínio social como agentes de inovação nas relações coletivas e na abordagem às necessidades sociais. Ainda no seguimento do estudo desta autora, os países com níveis mais elevados de pobreza são os mesmos onde a inovação está menos presente. Neste sentido, a situação de Portugal deve ser encarada como um desafio não apenas à inovação económica, mas também à inovação nas políticas públicas sociais. De referir ainda que a liberdade de expressão e a criação de espaço para o debate são essenciais para fomentar a inovação social, no sentido em que criar caminhos promove a experimentação e a procura por soluções criativas e inovadoras. Por fim, Neves (2009), indica que a

participação ativa dos diversos atores sociais envolvidos é fundamental para garantir a pertinência e eficácia das soluções inovadoras.

Conclusão

A investigação que esteve na base desta dissertação procurou evidências empíricas sobre a forma como o empreendedorismo social e a inovação social atuam enquanto ferramentas de aproximação ao mercado de trabalho. Similar a outras investigações realizadas por abordagens metodológicas qualitativas, ir ao encontro do empírico permite colocar em espaço público um conjunto de situações sociais que têm pouca visibilidade. Nesse sentido, este estudo concentrou-se na análise de discursos diretos proferidos na primeira pessoa, procurando dar visibilidade a atores sociais que dificilmente têm palco em torno do debate político e social. Apesar da predominância da lógica interpretativa nos discursos das pessoas entrevistadas, a análise revelou a existência de visões que divergem dessa dicotomia. Este estudo procurou colmatar lacunas nos estudos qualitativos sobre a inovação social e o empreendedorismo social como respostas ao desemprego, sendo este uma problemática comprovada no nosso país. Adicionalmente, procurou apresentar um conjunto de dados e de reflexões que poderão ser relevantes e úteis para atenuar o impacto de futuras crises com reflexo direto no aumento da taxa de desemprego.

As narrativas aqui apresentadas revelam a dureza dos quotidianos vividos recentemente pelas pessoas em situação de desemprego, sendo estes marcados pela acumulação de dificuldades, que podem ressurgir de maneira mais pronunciada e intensa, evidenciando assim os desafios da sociedade contemporânea. Os discursos evidenciam não só o desemprego e a exclusão, cada vez mais multidimensionais e complexos, como também a dificuldade da compreensão destes fenómenos. As dimensões da experiência de desemprego podem ser de natureza económica, social, cultural, política e mesmo simbólica. É altamente provável que estas manifestações não se apresentem de forma isolada, mas sim combinadas com várias formas numa trajetória individual (Caleiras, 2015). As implicações do desemprego são diversas, e os debates recentes esclarecem que as suas consequências não se restringem apenas à falta ou à perda de recursos materiais e financeiros. O impacto do desemprego estende-se muito além disso, afetando dimensões mais profundas e menos tangíveis relacionadas à identidade pessoal e à cidadania (Caleiras, 2015). Para este autor as privações ou carências materiais não se traduzem apenas na impossibilidade de acesso a determinados bens e serviços básicos, mas também às dimensões mais subjetivas e relacionais. Estas últimas são as menos visíveis como é o

caso dos sentimentos, dos comportamentos, dos relacionamentos ou mesmo de expectativas individuais (Caleiras, 2015).

Neste seguimento, importa realçar que, ao nível das consequências psicológicas, o presente estudo empírico demonstrou que o desemprego pode resultar em sentimentos de baixa autoestima, desespero, vergonha, desesperança, sensação de inutilidade, perda de objetivos pessoais e profissionais, desânimo, falta de confiança, ansiedade e incerteza perante o futuro. Ao um nível mais complexo, as ramificações sociais desta problemática incluíram não apenas uma situação socioeconómica mais vulnerável, como também a quebra de rotinas e alterações na participação social.

Para Caleiras (2015), a necessidade de reduzir gastos, decorrentes da insuficiência de rendimentos surge como uma estratégia adaptativa inicial para as pessoas que se encontram numa situação de desemprego, sendo também estes indicadores observáveis no presente estudo. Ao nível do contexto da rede de suporte informal, a família desempenha um papel crucial de suporte, sobretudo afetivo, considerado como um refúgio para os indivíduos desempregados. O estudo do Carmo & D’Avelar (2020) aponta na mesma direção, apresentando evidências da importância das redes familiares, como fonte de apoio. O mesmo demonstra que independentemente do tipo de apoio prestado, aqueles que a esse recorrem expressam geralmente sentimentos negativos ou de desconforto, decorrentes dessa necessidade.

Contudo, os estudos de Caleiras (2015) e Carmo e D’Avelar (2020) indicam que o papel da família não é suficiente por si só de assegurar que a pessoa desempregada possa viver de forma independente perante a sua situação, nunca devendo ser encarado como uma resposta viável perante os desafios enfrentados pelo estado social.

Ao estar no desemprego, as pessoas adotam estratégias para preencher o tempo que têm disponível. O estudo empírico demonstrou que optam pela frequência em ações ou cursos de formação, assim como na prestação de cuidados familiares, baseando-se em princípios como a reciprocidade e a troca, podendo recorrer também ao trabalho informal. Na ausência de emprego formal e, perante as narrativas analisadas no estudo, foi possível verificar que as participantes se dedicaram à criação do seu próprio negócio. Contudo, deve ser referido que esta decisão de alteração do padrão profissional se move em parte por um desejo pessoal pré-existente e, de seguida, pela descoberta de aptidões provocadas por um novo contexto socioeconómico. Em suma, o desemprego afeta indivíduos e respetivas famílias que possuem diferentes recursos, resultando em experiências variadas para cada pessoa. Nesse sentido, não induz o mesmo tipo de comportamento em todas as

situações, dado que os recursos disponíveis e alternativas estratégicas também variam. De acordo com Caleiras (2015), o modo de intervenção do Estado na regulação do desemprego é fundamental, abrangendo tanto medidas passivas de proteção quanto políticas ativas de emprego. Nesse sentido, a forma como compreendemos e interpretamos os problemas sociais passa a ser um determinante da criação de respostas sociais inovadoras capazes de enfrentar problemas e gerar mudança (Murray et al., 2010). O empreendedorismo social emergiu em contextos de crises e de desafios sociais, económicos e ambientais, impulsionando iniciativas conduzidas por indivíduos ou pequenos grupos de cidadãos na procura por soluções alternativas inovadoras e criativas para suprir necessidades que não estava a ser abordadas pelo Estado ou Mercado (Almeida & Santos, 2017; Parente et al., 2011). Segundo as teorias do neoliberalismo, o empreendedorismo é considerado como uma alternativa ao desemprego mundial, cujo objetivo é combater o desemprego, sem promover a formalização das relações formais (Tavares, 2018). Para Parente et al., (2011), o facto de as instituições governamentais não apresentarem capacidade e adequação na resolução de novos problemas sociais, levou à procura por novas práticas alternativas por parte da sociedade civil, atendendo desta forma a problemas que nem o Estado nem o Mercado conseguiam responder.

O pensamento de Bill Drayton, nas décadas de 80, estabelece o empreendedorismo social como um “processo de encontrar e implementar soluções inovadoras e sustentáveis para problemas importantes e negligenciados da sociedade que se traduz em Inovação Social” (Santos, 2012, citado por Jacob & Rosário (2019, p.7). Essa definição ressalta a importância da criatividade e sustentabilidade na procura de respostas eficazes. Além de promover soluções inovadoras, a inovação também desempenha um papel fundamental na criação de emprego, com especial enfoque na economia social. Este setor demonstra potencial para responder de forma adequada aos problemas sociais. O estímulo à inovação social, no âmbito do emprego, está intrinsecamente ligado à capacidade das políticas públicas em incentivar tanto os atores individuais como os coletivos a constituírem redes que facilitem o acesso aos recursos necessários e fomentem a igualdade de oportunidades (Katarsis, 2009, citado por Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Coimbra, 2013). Foi neste seguimento de ideias que se começou a questionar a forma como as incubadoras sociais se apresentavam como ferramentas de facilitação ao mercado de trabalho, como forma de promover a inclusão laboral. Deste modo, e através dos resultados obtidos ao longo da investigação, é possível perceber que apesar de o tema ainda ser pouco desenvolvido,

sobretudo em Portugal, alguns estudos demonstram a importância das incubadoras sociais para a sustentabilidade do desenvolvimento económico (Sousa, 2013). As incubadoras sociais desempenham um papel crucial como impulsionadoras significativas do desenvolvimento económico e social, oferecendo uma variedade de funções e benefícios essenciais. Elas promovem a inovação e experimentação local, ao apresentarem-se como respostas que estimulam a criatividade e a experimentação dentro de um contexto comunitário. Através do fornecimento de recursos, orientação e um ambiente propício, as incubadoras sociais permitem que os participantes dos processos de incubação testem ideias inovadoras, contribuindo assim para soluções criativas para os desafios locais. As mesmas incentivam o empreendedorismo, não procurando apenas o lucro económico, mas também o seu impacto social positivo. Ao capacitar a comunidade local com ferramentas e conhecimentos necessários para abordar questões sociais, as incubadoras desempenham um papel vital na promoção do desenvolvimento sustentável. Ademais, as incubadoras atuam como parceiras para o desenvolvimento local, envolvendo-se no diagnóstico de problemas da região, na mobilização de inovação e experimentação, e na atração de investimentos. Ao estabelecer redes de parcerias e colaboração que conectam empreendedores, investidores e outros *stakeholders*, as incubadoras facilitam o acesso a recursos e promovem sinergias que impulsionam o desenvolvimento económico e social.

Na ótica de Filipe Almeida (2024), responsável nacional pelo Programa Portugal Inovação Social, as incubadoras desempenham um papel importante como laboratórios experimentais de Políticas Públicas. Elas podem servir como espaços onde políticas públicas, tanto em nível local quanto nacional, são testadas e melhoradas. As incubadoras oferecem uma oportunidade única para experimentar com políticas que visam apoiar o empreendedorismo, permitindo avaliar os seus impactos e ajustá-las conforme necessário para maximizar os seus benefícios para a comunidade e para a economia em geral. Essas políticas podem abranger desde iniciativas voltadas para o governo local até políticas de alcance nacional.

O Programa Portugal Inovação Social, tem vindo a apoiar respostas desta natureza, contando com a transferência de boas práticas entre regiões, ligação às políticas públicas e assegurar a unidade conceptual de uma agenda para a Inovação Social. O empreendedorismo social é frequentemente discutido como uma solução potencial para o desemprego, oferecendo várias vantagens tanto para as pessoas quanto para a economia, por gerar emprego, estimular a economia local, desenvolver habilidades assim como resolver problemas sociais e ambientes, contribuindo para objetivos mais amplos além de

gerar emprego e rendimento para as pessoas. As incubadoras sociais, focadas no desenvolvimento de empreendimentos com objetivos sociais, ambientais e comunitários, representam uma ferramenta poderosa para enfrentar diversos desafios sociais. A inclusão do empreendedorismo como parte das políticas públicas pode trazer benefícios significativos para a sociedade e para a economia. Todavia, a mesma apresenta limitações, pois o empreendedorismo não é uma solução universal para a problemática do desemprego. Existe o risco e incerteza na medida em que empreendedor implica riscos consideráveis e, nem todos os negócios sobrevivem a longo prazo, o acesso a financiamentos para obter apoio inicial é uma luta assim como nem todas as pessoas possuem um perfil empreendedor para começar ou apresentam uma rede de suporte para superar os desafios. Certamente, o empreendedorismo pode ser uma parte importante da solução para o desemprego. No entanto, é crucial que seja acompanhado de políticas de apoio, como acesso a financiamento, formação em empreendedorismo, e uma rede de segurança para aqueles que enfrentam desafios. Além disso, é importante considerar a sustentabilidade e o impacto a longo prazo dos negócios gerados pelo microempreendedorismo dentro do ecossistema económico mais amplo.

É importante reconhecer que elas não são uma solução única ou completa para esse problema complexo. No entanto, elas podem contribuir significativamente para mitigar o desemprego e promover o emprego sustentável de várias maneiras: 1) Estímulo ao empreendedorismo (fornecer suporte e recursos para os indivíduos), criando oportunidades de emprego; 2) Capacitação e Formação Profissional (ajudam as pessoas a adquirir e/ou reforçar novas habilidades e conhecimentos); 3) Criação de novos empregos; 4) Inovação e diversificação económica (que pode resultar na criação de empregos e na revitalização de áreas economicamente deprimidas); 5) Inclusão de grupos marginalizados (muitas incubadoras têm um foco na inclusão social e podem criar oportunidades de emprego para grupos mais desfavorecidos que enfrentam barreiras adicionais no mercado tradicional; 6) Colaboração com o Setor Público e Privado (podem alavancar recursos adicionais e criar parcerias estratégicas que impulsionam ainda mais a criação de empregos e o desenvolvimento económico).

Embora as incubadoras sociais tenham o potencial de desempenhar um papel significativo na redução do desemprego, é crucial reconhecer que são apenas uma parte da solução. É fundamental adotar uma abordagem multifacetada que inclua políticas públicas de emprego, investimentos em educação e capacitação, suporte à criação de novos negócios e medidas para promover o crescimento económico sustentável. Além

disso, é importante avaliar e ajustar continuamente as estratégias e políticas para garantir que estejam a abordar essas questões que estão subjacentes ao desemprego. Considerar as incubadoras sociais como parte das políticas públicas significa reconhecer e potencializar seu papel no enfrentamento de desafios sociais, económicos e ambientais. Isso não apenas ajuda a criar uma economia mais inclusiva e sustentável, mas também fortalece a sociedade ao abordar problemas sociais de maneira inovadora e eficaz.

Segundo perspectiva de Vignon (2009), os mecanismos de proteção social europeus correm o risco de evoluir para medidas mais passivas e apoio ao rendimento em detrimento das medidas ativas de emprego. É neste contexto que a inovação social é extremamente necessária. As inovações sociais enquanto práticas sociais inovadoras em rutura com a moldura política convencional, desempenham um papel decisivo, ajudando a manter o rumo da proteção social, num equilíbrio entre ações curativas e preventivas²⁰. Espera-se que a crise social e de emprego estimule ainda mais as práticas sociais inovadoras, não apenas a nível interior das políticas sociais, mas também para além das mesmas. O desemprego agrava com que o país se depara hoje deve obrigar a repensar no papel da formação, as condições para aquisição e /ou desenvolvimento de competências, o contributo dos serviços sociais na criação de emprego de qualidade baseado no envolvimento das pessoas, das autoridades locais e dos parceiros sociais.

Posto isto, e ao focar as limitações deste estudo, torna-se evidente que a subjetividade da investigadora pode constituir-se como uma fragilidade, apesar dos esforços contínuos para mitigá-la. Além disso, a situação de entrevistar empreendedores dificultou o planeamento da pesquisa, impossibilitando o contato com certas iniciativas e dificultando a realização de algumas entrevistas presenciais, uma vez que as pessoas já apresentam horários e rotinas de trabalho decorrentes dos seus negócios ou projetos pessoais a incubar. No entanto, isso não impediu a continuidade do estudo empírico, mesmo que conduzido de forma mais remota. É ainda focada a limitação de literatura existente sobre a temática, sobretudo literatura ao nível da língua portuguesa. No entanto, apesar das dificuldades acrescidas num tema ainda muito recente, salienta-se que a ausência de literatura torna este, um tema inovador e desafiante para a prática e

²⁰ A título ilustrativo segue o exemplo do subsídio de desemprego. Nos anos 70, desenvolveu-se o sistema de subsídios de desemprego de forma a responder a situações crescentes de desemprego de longa duração (+12 meses), significando isto que o contrato social não estava a resultar. Nesse sentido, criaram-se políticas ativas de emprego, complementando o apoio monetário com a formação orientada para a qualificação. Na atualidade, as políticas ativas de mercado de trabalho passam por um processo de modernização, tornando-as holísticas e individualizadas. Esta modernização, tem sido precedida pela inovação promovida por autoridades locais ou parceiros sociais em setores específicos (Vignon, 2009, p.29)

intervenção em Serviço Social. Como desafio e sugestão para futuras investigações, destaca-se a importância de continuar a explorar esta temática, que é relevante e muitas vezes negligenciada pelo meio acadêmico, especialmente na esfera social. Assim, é crucial obter um conhecimento mais aprofundado dos modelos das incubadoras sociais, enquanto estratégias inovadoras para o desenvolvimento, atuação e sustentabilidade de projetos, em diversas áreas.

Referências Bibliográficas

- Agência de Empreendedores Sociais. (n.d.). *Fábrica do Empreendedor – SEA – Agência de Empreendedores Sociais*. <https://www.seagency.org/fabrica-empreendedor/>
- Almeida, F. (2023, abril 14). *Chamusca: Rede de Incubadoras de Inovação Social está formalizada* [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=dfrFB0c3N4s>
- Almeida, J. G. (2017). *Práticas sociais face ao desemprego: um estudo sobre a criação do próprio emprego* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/79686>
- Almeida, F., & Santos, f. (2017). Portugal Inovação Social: Na Encruzilhada dos Tempos. *Cooperativismos e Economia Social*, 39(1), 443-446. <https://revistas.uvigo.es/index.php/CES/article/view/1380>
- Alves, N. (2015). A dinâmica da pobreza em Portugal. In F. Diogo, A. Castro, & P. Perista (Eds.), *Pobreza E exclusão social Em Portugal: Contextos, transformações e estudos* (1st ed., pp. 65-78). Edições Húmus, Lda.
- Alvord, S. H., Brown, D., & Letts, C. W. (2002). Social entrepreneurship and social transformation: an exploratory study. *The Hauser Center for Nonprofit Organizations and The Kennedy School of Government Harvard University*, (15). <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0021886304266847>
- Amut - Associação Mutualista de Gondomar. (2022, janeiro 15). *AMUT IESIM. AMUT*. <https://amut.pt/amutiesim-incubadora-de-empreendedorismo-social-da-idade-maior/>
- André, I., & Abreu, A. (2006). Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, 41(81). <https://doi.org/10.18055/Finis1465>
- Araújo, P., & Jordão, F. (2011). Os inempregáveis: estudos de caso sobre os impactos psicossociais do não-emprego em licenciados portugueses. *Análise Psicológica*, 2(29), 289-314. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56233>
- Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. (2012, outubro 23). *Perguntas frequentes*. Anprotec. Recuperado em junho 2023, em <https://anprotec.org.br/site/sobre/incubadoras-e-parques/perguntas-frequentes/>
- Augusta, F. B. (n.d.). *Human Power Hub*. Fundação Bracara Augusta. <https://fbracaraaugusta.org/projetos-fba/human-power-hub/>
- Azevedo, V., Carvalho, M., Fernandes-Costa, F., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., & Maia, Â. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceptuais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(14), 159-167. doi: 10.12707/RIV17018

- Baggio, A. F., & Baggio, D. K. (2014). Empreendedorismo: conceitos e definições. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 1(1), 25-38. <https://doi.org/10.18256/2359-3539/reit-imed.v1n1p25-38>
- Bardin, L. (2020). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). Edições 70.
- Bento, A. (2010). *Desemprego, Pobreza e Exclusão Social* [Trabalho de Fontes de Informação Sociológica, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2009022.pdf>
- Blackie, M. A., Adendorff, H., & Mouton, M. (2022). *Enhancing science education: Exploring knowledge practices with legitimation code theory* (1st ed.). Taylor & Francis.
- Bignetti, L. P. (2011, janeiro 14). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3-14. https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/1040/235 [<https://doi.org/10.4013/1040>]
- Caleiras, J. (2008). *Do desemprego à pobreza? Trajectórias, experiências e enfrentamentos*, e-cadernos CES [Online], 1-14. <https://doi.org/10.4000/eces.1472>
- Caleiras, J. (2015). *Para lá dos Números: As consequências pessoais do desemprego*. Edições Almedina.
- Capucha, L. (2005). *Os desafios da Pobreza* (1st ed.). Celta Editora.
- Capucha, L. (2015). Conhecimento para a ação: Avanços, lacunas e caminhos para o estudo da pobreza. In F. Diogo, A. Castro, & P. Perista (Eds.), *Pobreza E exclusão social Em Portugal: Contextos, transformações e estudos* (1st ed., pp. 49-63). Edições Húmus, Lda.
- Cardeira, F. (2021). *Intraempreendedorismo social: um estudo de caso na região Centro de Portugal* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/99332>
- Carmo, R. M., Caleiras, J., Roque, I., & Assis, R. V. (2021). *O trabalho aqui E agora: Crises, percursos e vulnerabilidades* (1st ed.). Tinta-da-China.
- Carmo, R. M., & D’Avelar, M. M. (2020). *A Miséria do tempo - Vidas Suspensas Pelo Desemprego* (1st ed.). Tinta-da-China.
- Carrasquinho, C. S. (2016). *Desemprego e Exclusão Social: Programa de Intervenção Psicossociológico* [Dissertação de Mestrado, Escola de Psicologia e Ciências da Vida - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Digital da Lusófona. <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/7141>

- Casulo - Incubadora de Inovação Social Loulé Algarve. (n.d.). *Casulo*. Casulo. Retrieved March 16, 2024, from <https://casuloloule.com/>
- Centeno, M. (2013). *O trabalho, Uma visão de Mercado* (1st ed.). Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Centro Municipal Cultural e Desenvolvimento de Idanha-a-Nova. (n.d.). *I-Danha - Incubadora de Inovação Social*. Centro Municipal Cultural E Desenvolvimento de Idanha-a-Nova. Retrieved March 16, 2024, from <http://www.cmcd.pt/inovacao-social/idanha-incubadora-de-inovacao-social/>
- Comissão Europeia (2017) Semestre Europeu – ficha temática. Políticas ativas do mercado de trabalho. https://ec.europa.eu/info/business-economy-euro/economic-and-fiscal-policycoordination/eu-economic-governance-monitoring-prevention-correction/europeansemester/thematic-factsheets_pt
- Costa, Alfredo Bruto da (1984), Conceito de Pobreza. *Estudos de Economia*, IV (3), 275-296. [Sistema Integrado de Bibliotecas, Repositório Universidade de Lisboa] <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/9738>
- Costa, A. B. (1998). *Exclusões sociais. Cadernos Democráticos- Coleção Fundação Mário Soares* (1st ed.). Edições Gradiva.
- Costa, A. B. (2008) *Um olhar sobre a pobreza: vulnerabilidade, exclusão social no Portugal Contemporâneo*. Lisboa, Gradiva.
- Costa, V. S. (2014, janeiro, 25). *O desafio da absorção do desemprego estrutural em Portugal* [Sessão de Conferência]. Conferência da ACEGE "Uma reflexão Cristã sobre o Trabalho e o Emprego em Portugal". <https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/documentos-relacionados/intervpub20140125.pdf>
- Coutinho, C. P. (2022). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª edição-Reimpressão). Edições Almedina, S.A.
- Diogo, V. (2010). *Dinâmicas de inovação social e suas implicações no desenvolvimento espacial: três iniciativas do terceiro setor no Norte de Portugal* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55994>
- Diogo, F. (2015). Pobreza, emprego e escolaridade: notas sobre o caso português. In F. Diogo, A. Castro, & P. Perista (Eds.), *Pobreza E exclusão social Em Portugal: Contextos, transformações e estudos* (1st ed., pp. 117-132). Edições Húmus, Lda.
- Diogo, F., Palos, A. C., Rodrigues, C. F., Pereira, E., Ribeiro, F. B., Branco, F., Trevisan, G., Fernandes, L., Silva, O., Perista, P., & Amaro, I. (2021). Perfis de indivíduos adultos em situação de pobreza. In *A pobreza em Portugal: trajetos e quotidianos* (1st ed., pp. 49-62). Fundação Francisco Manuel dos Santos. https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-07/a-pobreza-em-portugal-trajetos-e-quotidianos_0.pdf

- ECO Local. (2023, April 27). *Câmara e Politécnico de Portalegre inauguram incubadora de empresas culturais e criativas*. ECO. <https://eco.sapo.pt/2023/04/27/camara-e-politecnico-de-portalegre-inauguram-incubadora-de-empresas-culturais-e-criativas/>
- Ferreira, S. (2006, novembro 16). *Empreendedorismo social, profissionalização e emprego*. Repositório científico da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/101083>
- Ferreira, S. (2010). *As incubadoras sociais e a universidade: novas propostas para novos desafios*. Conferência: O que Pode a Universidade Fazer pelo Empreendedorismo Social?.Coimbra. https://www.researchgate.net/publication/344688841_As_incubadoras_sociais_e_a_universidade_novas_propostas_para_novos_desafios
- Fialho, A. M. (2013). *O desemprego de longa duração e o serviço público de emprego: o centro de emprego de Abrantes* [Dissertação de Mestrado, Lisbon School of Economics & Management]. Repositório da Universidade de Lisboa <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11208>
- Fortin, M. F. (2000). *O Processo de Investigação da conceptualização à realização* (1a ed.,). Lusociência.
- FFMS. (2022, outubro, 17). Pordata divulga dados que retratam a pobreza em Portugal e na Europa. *PORDATA - Estatísticas, Figuras e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-10/CI_09_Pordata_Dia%20Erradica%C3%A7%C3%A3o%20da%20Pobreza_17.10.22.pdf
- FFMS. (2023). Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional à procura de novo emprego (média anual): total e por grandes setores de atividade económica - Continente (%). *PORDATA - Estatísticas, Figuras e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. [https://www.pordata.pt/portugal/desempregados+inscritos+nos+centros+de+emprego+e+de+formacao+profissional+a+procura+de+novo+emprego+\(media+anual\)+total+e+por+grandes+setores+de+atividade+economica+++continente-320](https://www.pordata.pt/portugal/desempregados+inscritos+nos+centros+de+emprego+e+de+formacao+profissional+a+procura+de+novo+emprego+(media+anual)+total+e+por+grandes+setores+de+atividade+economica+++continente-320)
- FFMS. (2023). População desempregada: total e por tipo de desemprego (%). *PORDATA - Estatísticas, Figuras e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. <https://www.pordata.pt/portugal/populacao+desempregada+total+e+por+tipo+de+desemprego+-358>
- FFMS. (2023). População desempregada: total e por grupo etário (%). *PORDATA - Estatísticas, Figuras e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. <https://www.pordata.pt/portugal/populacao+desempregada+total+e+por+grupo+etario-40>
- FFMS. (2023). Taxa de desemprego: total e por sexo (%). *PORDATA - Estatísticas, Figuras e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. [https://www.pordata.pt/portugal/taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+\(percentagem\)-550](https://www.pordata.pt/portugal/taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+(percentagem)-550)

- Fundação Ageas. (n.d.). *Escola de Impacto*. Escola de Impacto. <https://www.escoladeimpacto.pt/>
- Fundação Eugénio de Almeida. (2023). *Centro de Inovação Social*. Www.fea.pt. <https://www.fea.pt/social/centro-de-inovacao-social>
- Gourinchas, P. O. (2022, abril 19). *A guerra obscurece as perspectivas económicas mundiais enquanto a inflação se acelera*. Fundo Monetário Internacional - Blog. <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2022/04/19/blog-weo-war-dims-global-economic-outlook-as-inflation-accelerates>
- Governo da República Portuguesa. (2022, fevereiro 9). *Taxa de desemprego é a mais baixa desde 2019 e atinge nível pré-pandemia*. Histórico XXIII Governo - República Portuguesa. Recuperado em julho 2023, em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=taxa-de-desemprego-e-a-mais-baixa-desde-2019-e-atinge-nivel-pre-pandemia>
- Governo da República Portuguesa. (2023, junho 14). *Portugal com risco de pobreza abaixo da média da UE*. XXIII Governo - República Portuguesa. Recuperado a julho 26, 2023, de <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=portugal-com-o-menor-risco-de-pobreza-desde-2015>
- Guerra, I. & Pinto, T. C. (2015). Da pobreza à vulnerabilidade: transformações identitárias e no agir coletivo. In F. Diogo, A. Castro, & P. Perista (Eds.), *Pobreza E exclusão social Em Portugal: Contextos, transformações E estudos* (1st ed., pp. 167-181). Edições Húmus, Lda.
- Hespanha, P., (Coord.) Caleiras, J., Pessoa, S., & Pacheco, V. (2007). A Escala Distrital: Desenho de investigação empírica. In *É o (des)emprego fonte de pobreza? O impacto do desemprego e do mau emprego na pobreza e exclusão social do Distrito de Coimbra* (1st ed., pp. 43-58). Penegráfica Artes Gráficas, Lda.
- Histórico XXII Governo - República Portuguesa. (2022, fevereiro 9). *Taxa de desemprego é a mais baixa desde 2019 e atinge nível pré-pandemia*. XXIII Governo - República Portuguesa. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=taxa-de-desemprego-e-a-mais-baixa-desde-2019-e-atinge-nivel-pre-pandemia>
- Hubert, A. (2010). Empowering people, driving change: Social innovation in the European Union. Disponível em <https://ec.europa.eu/migrant-integration/librarydoc/empoweringpeople-driving-change-social-innovation-in-the-european-union>
- Incubadora Social de Castelo Branco. (n.d.). *Social IN - Inovação e Inclusão*. www.socialin.amatolusitano-Ad.pt. <https://www.socialin.amatolusitano-ad.pt/>
- Instituto de Emprego e Formação Profissional. (2021, dezembro 15). *Iniciativa-piloto Incubadoras Sociais de Emprego*. IEFP, I.P. <https://www.iefp.pt/noticias?item=11188908>
- Instituto de Emprego e Formação Profissional & Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. (2020, outubro). *Informação Mensal do Mercado de Trabalho - Agosto 2020*. IEFP,

I.P. <https://www.iefp.pt/documents/10181/9766505/Informa%C3%A7%C3%A3o+Mensal+agosto+2020.pdf/5a20f7a4-a5b7-4a1b-b43e-44047521f8aa>

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território - Universidade de Lisboa (IGOT-UL). (2013). *Inovação Social no Terceiro Setor: O distrito de Évora*. file:///C:/Users/User/Downloads/INOVACAO_Publica%C3%A7%C3%A3o%20online.pdf. file:///C:/Users/User/Downloads/INOVACAO_Publica%C3%A7%C3%A3o%20online.pdf

Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2006). *Conceito - Subemprego visível*. Sistema de Metainformação. <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5080>

Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2006). *Conceito – População Ativa*. Sistema de Metainformação. <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5086>

Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2019). *Conceito – Desemprego*. Sistema de Metainformação. <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes?id=11104&lang=PT>

i3Social. (n.d.). *Incubadora Itinerante para a Inovação Social BSE*. I3social.pt. <https://i3social.pt/default.aspx>

Jacob, L., & Rosário, V., (2019). Conceitos de Empreendedorismo Social. In F. António, R. José, M. Judith, J. Lóide, A. Sara, & J. Soma (Eds.), *Manual de Empreendedorismo Social* (pp.7-10). Universidade katyavala bwila, Centro de investigação, desenvolvimento e inovação universitária – UKB. https://online.unl.pt/udi-africa/wp-content/uploads/2020/04/WP5.04.05_UKB_CIDIU_Manual_EmpreendedorismoSocial.v1.0.pdf

Lopes, A. (2015). "Pores que envelhecem ou velhos que empobrecem?" - Alguns apontamentos sobre o tema da pobreza na população idosa. In F. Diogo, A. Castro, & P. Perista (Eds.), *Pobreza E exclusão social Em Portugal: Contextos, transformações E estudos* (1st ed., pp. 149-164). Edições Húmus, Lda.

Loureiro, L. M. (2006). Adequação e rigor na investigação fenomenológica em enfermagem– crítica, estratégias e possibilidades. *Revista de Enfermagem Referência*, 2(2), 22-32. Recuperado de https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=enfermagem&id_artigo=21

Martinho, A. (2009, outubro). A Inovação Social, um instrumento contra as Repercussões Sociais da Recessão. *Cadernos Sociais e Trabalho: Inovação Social*, 12 (1), 17-25.

Martinho, A. L. & Quintão, C. (2019, julho). Crónicas da Iniciativa Portugal Inovação Social. Aprofundamento crítico do debate a propósito do fundo de inovação social. *Cooperativismo e Economia Social (CES)*, (40), 411-423. [DOI: <https://doi.org/10.35869/ces.v0i40.1416>]. <https://revistas.uvigo.es/index.php/CES/article/view/1416>

Morgado, C. I (2013). *O empreendedorismo social na realidade portuguesa: do conceito à prática* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior – Ciências Sociais]. Repositório Digital da UBI. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2755>

- Mulgan, G. (2010). Inovação Social. In C. Aurora, P. Alves, & S. T. Silva (Orgs). *Gestão de Organizações sem fins lucrativos - O desafio da inovação social* (1st ed., pp. 51-74). Vida Económica.
- Mulgan, G., Tucker, S., Ali, R., & Sanders, B. (2007, janeiro). *Social Innovation: What It Is, Why It Matters and How It Can Be Accelerated*. https://www.researchgate.net/publication/277873357_Social_Innovation_What_It_Is_Why_It_Matters_and_How_It_Can_Be_Accelerated
- Município de Penela. (2018, julho 3). *Microninho – Incubadora social com candidaturas abertas em permanência*. Câmara Municipal de Penela. <https://www.cm-penela.pt/noticia-6818>
- Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The Open Book of Social Innovation*. The Young Foundation
- Neves, A. (2009). A Inovação Social nas Políticas Públicas. In *Inovação Social* (1st ed., pp. 179-187). GEP / Centro de Informação e documentação
- Nobre, N. (2012, outubro). (Des)emprego e empreendedorismo: repensar as políticas públicas. *Configurações*, 10, 95-108. <https://journals.openedition.org/configuracoes/1410?lang=en>
- Nunes, V. (2021). *Nas encruzilhadas do (des)emprego: os impactos das políticas ativas de emprego na sociedade de risco*. Tese de Doutoramento, Programa de Doutoramento Interuniversitário da Universidade de Coimbra e Universidade Católica Portuguesa]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/36048>
- Parente, C., Costa, D., Santos, M., & Chaves, R., R. (2011, maio). Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. *Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho - Emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização*, Lisboa, Portugal, 14. https://www.researchgate.net/publication/277158961_Empreendedorismo_social_contributos_teoricos_para_a_sua_definicao
- Parente, C., Quintão, C. (2014). Uma abordagem eclética ao empreendedorismo social. In *Empreendedorismo Social em Portugal* (pp. 242-259). Universidade do Porto - Faculdade de Letras. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12386.pdf>
- Parente, C., Marcos, V., & Diogo, V. (2014). Sobre inovação e empreendedorismo social. In *Empreendedorismo Social em Portugal* (pp. 11-74). Universidade do Porto - Faculdade de Letras. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12386.pdf>
- Paugam, S. (2003) *A desqualificação social. Ensaio sobre a nova pobreza*. Coleção Educação e Trabalho Social 6. Porto: Porto Editora
- Pereira, S. I. (2017). *As Medidas Ativas de Emprego na perspetiva do Assistente Social* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC <https://estudogeral.ucp.pt/handle/10316/84307?locale=pt>
- Pereira, A. S. (2018). *Efeitos económicos e sociais do desemprego de longa duração na União Europeia* [Dissertação de Mestrado, Escola de Economia e Gestão da

Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho.
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/55355>

Portugal Inovação Social. (n.d.). *Escola de Impacto | Portugal Inovação Social*. Portugal Inovação Social. <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/escola-de-impacto/>

Portugal Inovação Social. (n.d.). *Fábrica de Inovação e Impacto Social do Alto Alentejo | Portugal Inovação Social*. Portugal Inovação Social. https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/fabrica-de-inovacao-e-impacto-social-do-alto-alentejo/?doing_wp_cron=1709760374.6880369186401367187500

Portugal Inovação Social. (n.d.). *FARO(L) | Portugal Inovação Social*. Portugal Inovação Social. https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/farol/?doing_wp_cron=1709821453.1544089317321777343750

Portugal Inovação Social. (n.d.). *I9social – Centro de Inovação Social | Portugal Inovação Social*. Portugal Inovação Social. https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/i9social-centro-de-inovacao-social/?doing_wp_cron=1709737220.7657470703125000000000

Portugal Inovação Social. (n.d.). *JOBS AIRPORT | Portugal Inovação Social*. Portugal Inovação Social. https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/jobs-airport/?doing_wp_cron=1709822421.4674589633941650390625

Portugal Inovação Social. (n.d.). *UpStart – Oficinas | Portugal Inovação Social*. https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/upstart-oficinas/?doing_wp_cron=1709810862.3448450565338134765625

Portugal Inovação Social (2023). Portugal Inovação Social. Retirado a 17 de abril de 2023 de <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/>

Portugal Inovação Social. (2019). *Leiria social innovation hub*. Portugal Inovação Social | Parcerias para o Impacto. https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/leiria-social-innovation-hub/?doing_wp_cron=1709721921.6616189479827880859375

Psintífica. (2023, fevereiro 24). *INCUBA JÁ*. Psintífica. <https://www.psintifica.org/incuba-ja/>

Quaresma, S. (2022, February 18). *Projeto COL.ECO em Coimbra para investir no comércio local - PT2020*. Portugal2020. <https://portugal2020.pt/projeto-col-eco-em-coimbra-para-investir-no-comercio-local/>

Recuperar Portugal. (2023, dezembro 10). *Transição digital*. <https://recuperarportugal.gov.pt/transicao-digital/>

Quintão, C. (2004). *Terceiro Sector, elementos para referenciação teórica e conceptual*. V Congresso Português de Sociologia – 12 a 15 de maio, Universidade do Minho-Braga, Sociedades Contemporâneas: Reflexibilidade e Ação; Atelier: Mercados,

Emprego e Trabalho. [Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Sociologia] <https://ciriec.autonoma.pt/publicacoes/terceiro-sector-elementos-para-referenciacao-teorica-e-conceptual/>

Sabariego, J., & Matos, A. R. (2017, outubro). *Entre a crise e a austeridade: Potencialidades e desafios das novas formas de ativismo dos recentes movimentos sociais globais em Espanha e Portugal*. Actas del II Congreso Internacional Move.net sobre Movimientos Sociales y TIC, Universidade de Sevilha. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/79788/1/Entre%20a%20crise%20e%20a%20austeridade.pdf>

Santos, F. (2021, novembro 25). *A Importância Da Continuidade Da Inovação Social no Portugal 2030*. Católica-Lisbon. <https://www.clsbe.lisboa.ucp.pt/news/importancia-da-continuidade-da-inovacao-social-no-portugal-2030>

Santis, I. (2022) *Inovação Social, Empreendedorismo Social e inclusão das populações de baixo rendimento: Estudo de casos da iniciativa Portugal Inovação Social*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia da Universidade do Porto] Repositório da Universidade do Porto. https://sigarra.up.pt/fep/en/TESES.TESE?p_aluno_id=106767&p_processo=21145&p_lang=0

Serra, H. (2018). Reconstruindo o discurso sobre inovação - O que há de novo na relação entre inovação e (de)emprego? In S. Maria, Ne. Paulo (Coords.), *Inovação, emprego e políticas públicas* (1st ed., pp. 281-296). Edições Sílabo, Lda.

Shift. (n.d.). *Incubação*. Shifthappens. <https://www.shifthappens.pt/incubao>

Silva, J. (2020, julho 22). *Pandemia atingiu Portugal quando economia E Mercado de trabalho chegavam aos níveis anteriores a crise de 2008*. Católica-Lisboa, Bysiness & Economics. <https://www.clsbe.lisboa.ucp.pt/pt-pt/noticias/pandemia-atingiu-portugal-quando-economia-e-mercado-de-trabalho-chegavam-aos-niveis-antecedentes-crise>

Silva, M. (2015). Desigualdade, Pobreza e Exclusão Social: Entre legitimações e realidades de ontem e hoje. In F. Diogo, A. Castro, & P. Perista (Eds.), *Pobreza e Exclusão Social Em Portugal: Contextos, transformações e estudos* (1st ed., pp. 29-47). Edições Húmus, Lda.

Simões, L. M. (2013). *Empreendedorismo social; Inovação social; Desenvolvimento local sustentável; Incubação social; Microempreendedorismo inclusivo* [Dissertação de Mestrado]. Repositório Científico da Universidade do Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/24552>

Sousa, A. M. (2013, outubro). *Incubadora de Desenvolvimento e Inovação Social* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira interior]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2746>

- Swedberg, R. (2006). Social entrepreneurship: the view of the young Schumpeter. In C. Steyaert & D. Hjorth (Eds.), *Entrepreneurship as social change: A third new movements in entrepreneurship book* (pp. 21-34). Edward Elgar Publishing. http://www.untag-smd.ac.id/files/Perpustakaan_Digital_1/ENTREPRENEURSHIP%20Entrepreneurship%20as%20Social%20Change.pdf
- Transmontano, M. M. (2014). *Empreendedorismo Social* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Economia e Gestão, em Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/7786>
- Tavares, M. A. (2018). O empreendedorismo à luz da tradição marxista. *Revista Em Pauta*, 16(41), 107-121. <https://doi.org/10.12957/rep.2018.36687>
- Vale, A. (2010) Um novo paradigma para a intervenção social. In Vale, A., Henriques, J. M. & Nunes, M.C. (2010). *Para uma nova Intervenção Social*. Gabinete de Gestão EQUAL.
- Vale, A. (2009, outubro). Um Novo Paradigma para a Intervenção Social. *Cadernos Sociais e Trabalho: Inovação Social*, 12 (1), 5-15.
- Vale, G. V. (2014). Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(6), 874-891. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>
- Vieira, N. S., Parente, C., & Barbosa, A. (2017). “Terceiro setor”, “economia social” e “economia solidária”: laboratório por excelência de inovação social. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático: processos sociais e questões epistemológicas, 100-121. <https://doi.org/10.21747/08723419/soctem2017a5>
- Vignon, J. (2009). Inovação Social, um Motor do Modelo Social Europeu. *Cadernos Sociais e Trabalho*, 12, 25-29.
- Vilelas, J. (2017). *Investigação: O Processo de Construção do Conhecimento* (2ª ed). Edições Sílabo
- Viveiros, J. F. (2016). *Empreendedorismo Social: Experiência, Inovação, Sustentabilidade e Impacto Social a partir de um Estudo de Caso: Parque Biológico da Serra da Lousã* [Dissertação de Mestrado]. Repositório da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/35338/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Joana%20Viveiros%20-%202016.pdf>
- ZAP. (2021, abril 12). *Maioria dos pobres em Portugal trabalha (OS "três D" da pobreza e 4 perfis que são uma "surpresa")*. ZAP Notícias - Atualidade, mundo, ciência, saúde, desporto. <https://zap.aeiou.pt/maioria-pobres-portugal-trabalha-394336>

LEGISLAÇÃO

Portaria n.º 205/2021, de 12 de outubro. Diário da República n.º 198/2021, Série I de 2021-10-12, páginas 28 - 35

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/205-2021-172684602>

Diário da República n.º 242/2014, 1º Suplemento, Série I de 2014-12-16, (2014).
Resolução do Conselho de Ministros n.º 73-B/2014, de 16 de dezembro.
<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-conselho-ministros/73-b-2014-65908879>

Anexos / Apêndices

ANEXO I - Dados estatísticos referentes ao desemprego em Portugal

APÊNDICE I - Consentimento Informado

APÊNDICE II - Guiões das entrevistas

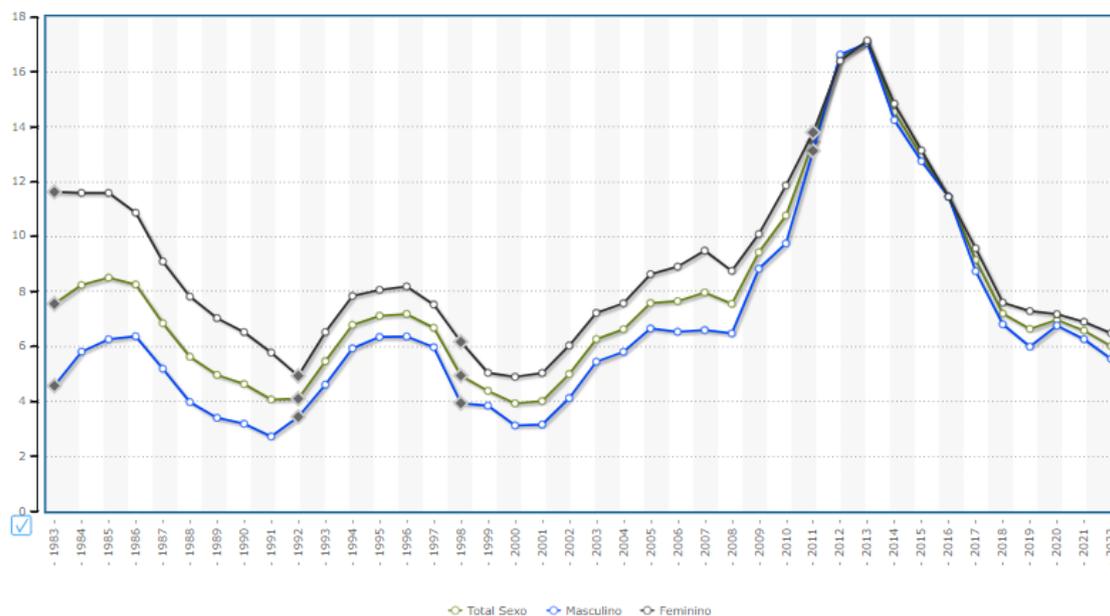
APÊNDICE III - Relações Catoriais

APÊNDICE IV - Mapeamento das Incubadoras Sociais em Portugal, financiadas pelo programa Portugal Inovação Social

APÊNDICE V - Análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas

ANEXO I

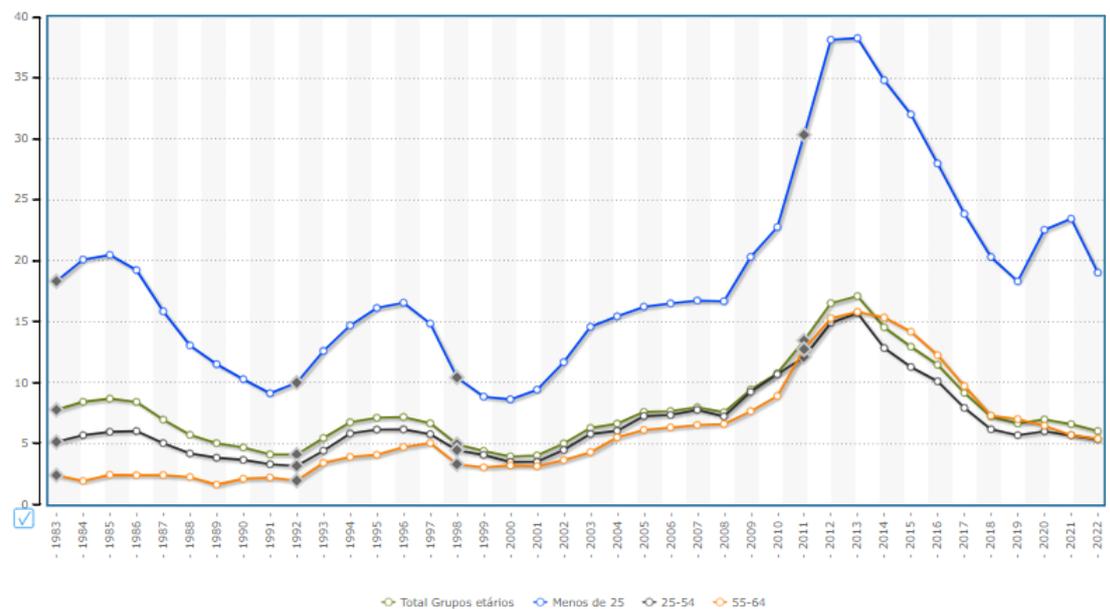
Figura 2.
Taxa de desemprego: total e por sexo (taxa %)



Nota: Este Figura mostra a evolução da taxa de desemprego ao longo do século XX e XXI (1983 a 2022) em Portugal. Copyright 2022 por Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Fonte: Pordata (2022) | Fonte de dados: INE - Inquérito ao Emprego.

Figura 3.
Taxa de desemprego: total e por grupo etário (taxa %)

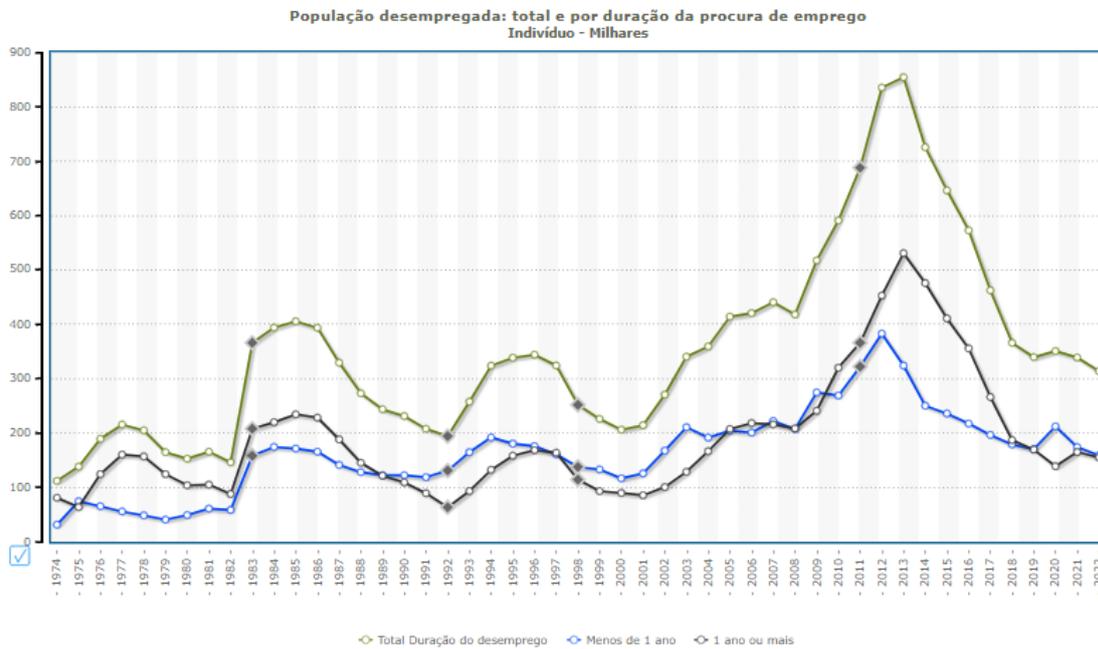


Nota: O Figura dá ênfase a três grupos etários (a) menores de 25 anos, (b) 25 a 54 anos; (c) 55 a 64 anos, desde 1983 a 2022. Copyright 2022 por Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Fonte: Pordata (2022) | Fonte de dados: INE – Inquérito ao Emprego

Figura 4.

Taxa de desemprego: contributo por duração (indivíduo-milhares)



Nota: Figura ilustrativo da população desempregada por total e por duração de desemprego, desde 1974 a 2022. Copyright 2022 por Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Fonte: Pordata (2022) | Fonte de dados: Eurostat | Institutos Nacionais de Estatística - Inquérito ao Emprego

APÊNDICE I

Consentimento Informado



FACULDADE
DE PSICOLOGIA E DE
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

Título provisório do estudo: A Inovação Social enquanto resposta à problemática do desemprego

Responsável pelo estudo: Raquel Filipa Leitão Carvalho. E-mail: rq.filipa@hotmail.com

Orientadora: Professora Doutora Cristina Vanessa Coimbra Nunes

Enquadramento: A entrevista realizada insere-se no âmbito do estudo acima referido conducente à elaboração da Dissertação de Mestrado em Serviço Social pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Explicação do estudo: Este estudo, a nível de objetivos gerais, procura identificar os elementos diferenciadores das incubadoras sociais que potenciam a capacidade de fomentar a empregabilidade da população desempregada, bem como um mapeamento e análise comparativa das incubadoras sociais em Portugal. Visa ainda, de uma forma específica: a) Identificar a estrutura física e modelo de funcionamento das incubadoras sociais do distrito de Coimbra; b) Analisar as estratégias e eixos de atuação direcionadas para a população desempregada das incubadoras sociais; c) Analisar as dinâmicas (formais e informais) de ligação ao território destas incubadoras; d) Caracterizar as equipas técnicas; e) Identificar os serviços disponibilizados; f) Caracterizar as pessoas participantes a nível sociodemográfico e sociofamiliar; g) Caracterizar as ideias de negócio ou projetos a desenvolver pelos/as participantes; h) Analisar as competências desenvolvidas com as pessoas participantes; i) Identificar os canais de comunicação destas incubadoras; j) Identificar as linhas de financiamento que apoiam as incubadoras em estudo; k) Analisar a autoperceção dos/as participantes inquiridos/as acerca do impacto do processo de incubação na sua inserção laboral; l) Analisar os impactos das ações das incubadoras, ao nível da real inserção no mercado de trabalho e diminuição do desemprego.

Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Eu, _____,
declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram explicadas pela pessoa responsável, acima mencionada, sabendo que a

minha participação é voluntária. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento no decorrer da entrevista, poder retirar o meu consentimento para continuar a participar nesta entrevista, sem que essa decisão reflita em qualquer prejuízo para mim. Fui ainda informado/a sobre a importância de registar a entrevista e autorizo a sua gravação em formato áudio ou digital para efeitos de inscrição dos depoimentos na produção da Dissertação de Mestrado e também para fins de publicações científicas, tendo-me sido garantido, pela responsável, o meu anonimato enquanto participante deste estudo. Foi-me dada também a garantia de que a destruição das gravações das entrevistas ocorrerá dois anos após a conclusão da Dissertação de Mestrado e da sua apresentação.

Assinatura de quem pede consentimento:

Assinatura _____ **de** _____ **quem** _____ **dá**
consentimento: _____
Nome: _____
Data: ____ / ____ / ____

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 2 PÁGINAS E FEITO EM DUPLICADO:
UMA VIA PARA A RESPONSÁVEL PELO ESTUDO E OUTRA PARA A PESSOA
QUE CONSENTE A ENTREVISTA.

APÊNDICE II

Guiões das entrevistas

a) Guião de entrevista semiestruturada dirigida aos membros das Equipas Técnicas das Incubadoras Sociais

Guião de Entrevista - Técnicos/as dos projetos
-Autoriza a realização da entrevista? -Podemos gravar a sua voz?
-Qual é a sua idade? -Qual é o seu estado civil? -Qual é o seu nível de escolaridade? -Qual é a sua residência atual?
-Já tinha trabalho alguma vez em projetos de intervenção/empreendedorismo social? -Qual foi a sua última profissão ou cargo?
-Considera que o desemprego afeta as dimensões relacionais, sociais e pessoais (e.g., autoimagem) das pessoas em situação de desemprego? Se sim, de que forma? -Na sua opinião, quais os sentimentos experienciados pelas pessoas em situação de desemprego?
-O que pensa sobre as ajudas existentes para a procura de emprego? -O que pensa sobre a informação disponibilizada por diversas entidades (Instituto de Emprego e Formação Profissional, Segurança Social, entre outras) sobre as condições do/a desempregado/a? -Acha que o facto de as pessoas se encontrarem em situação de desemprego leva-as a não participar socialmente (participação política, económica, civil...)?
-Considera o empreendedorismo uma solução/estratégia de enfrentamento para o desemprego? Se sim, de que forma?
-Como funciona o vosso programa de incubação? Quais as atividades que desenvolvem? Quais as fases de incubação? -Quais os requisitos para as pessoas aderirem ao programa? Como são identificadas estas pessoas? Como chegam até vós (estratégias de divulgação)? -Quantas pessoas participaram, incluindo os que estão ainda em processo de incubação, no programa?
- Caracterização dos participantes em processo de incubação: <ul style="list-style-type: none">• Género;• Idade;• Nacionalidade;• Habilitações literárias;• Duração de desemprego;• Tipo de empreendimento;• Situação sociofamiliar;• Agregado familiar;• A sua maioria estão inscritos(as) no Centro de Emprego?• Que tipos de empreendimentos são incubados no vosso programa? Poderá indicar alguns a título de exemplo?

-Que competências são trabalhadas no vosso programa de incubação e de que forma?
-Quais são para si as potencialidades e limites da própria incubação? -Sente este espaço como um ambiente protegido de co-construção e desenvolvimento de uma ideia de negócio? -Na sua opinião, quais as vantagens de ser um projeto/empreendimento social incubado? -De que forma o processo de incubação facilita o regresso dessas pessoas ao mercado de trabalho?
-Poderá falar-me um pouco sobre o(s) programa(s) que permitiu o financiamento (inicial deste projeto (e.g., qual o programa/linha de financiamento, o montante e percentagens, o período de financiamento)
-Poderá falar-me um pouco da vossa taxa de sucesso? -Até à presente data, quantos projetos conseguiram emancipar-se e terminar a incubação? Os que já conseguiram criar autoemprego e até postos de trabalho, sediaram-se em que regiões/localidades? -Sente que o vosso projeto poderia ser replicado noutras regiões do país? Porquê?
-Como avalia o vosso projeto? -A que tipo de avaliação está sujeita o vosso projeto? Falamos de uma intervenção interna ou externa? Ongoing ou ex-posto? Quais as técnicas ou instrumentos utilizados? -De uma maneira geral, numa próxima candidatura, considera que teriam de melhorar algo no projeto? Se sim, poderá indicar-me quais os aspetos a considerar?

b) Guião de entrevista semiestruturada dirigida a pessoas em situação de desemprego.

Guião de Entrevista – Participantes do processo de incubação
-Autoriza a realização da entrevista? -Podemos gravar a sua voz?
-Qual é a sua idade? -Qual é o seu estado civil? -Qual é o seu nível de escolaridade? -Qual é a sua residência atual? -Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar? -Tem dependentes no agregado familiar? (e.g., maiores ou menores de idade/estudantes/trabalhadores/trabalhadores-estudantes, desempregados, reformados, entre outros) -Teve uma ou várias profissões ao longo da vida? Se só teve uma, qual foi? Se teve várias, quais? -Qua foi a sua última profissão? -Como caracteriza a sua situação financeira atual?
-Antes de iniciar o processo de incubação foi a primeira vez que ficou desempregado(a) ou teve períodos alternados de emprego com desemprego? -Há quanto tempo estava desempregado(a)? -Já previa ficar desempregado(a) ou foi uma situação inesperada? -De uma maneira geral, o que é que se alterou na sua vida depois de estar desempregado(a)?
-Como se sentiu ao ficar desempregado(a)?

<p>-Como encarou a situação de desemprego? Na sua opinião, há aspetos positivos e negativos no facto de estar desempregado(a)? Se sim, quais?</p> <p>-Considera que o desemprego afetou as suas relações sociofamiliares? Se sim, porquê?</p> <p>-Na sua opinião, o desemprego afetou a sua autoimagem (perceção do self)? Se sim, de que forma?</p> <p>-Considerava a sua situação de desemprego (passada) como uma fatalidade que se iria manter ou, pelo contrário, considerava que se trataria de uma situação que irá conseguir ultrapassar? Porquê?</p>
<p>-É o único elemento do seu agregado familiar que se encontrava no desemprego?</p> <p>-Teve apoio (monetário; emocional) da sua família depois de ficar desempregado(a)?</p> <p>-Para além da sua família, recebeu ajuda de alguma outra pessoa das suas relações pessoais? Se sim, de quem?</p> <p>-Sentiu alguma pressão por parte das pessoas que lhe são mais próximas para arranjar trabalho? Se sim, pode especificar de que forma?</p>
<p>-No momento em que se encontrava desempregado(a) estava a receber algum subsídio? Se sim, qual?</p> <p>-Quando ficou desempregado(a), pediu alguma ajuda (financeira, alimentar, vestuário ou outras) a instituições particulares?</p> <p>-Estava inscrito(a) no Centro de Emprego? Há quanto tempo estava inscrito(a)?</p> <p>-Tinha procurado emprego nos últimos meses? De que forma?</p> <p>- Procurou emprego na mesma área profissional ou em áreas profissionais diferentes?</p> <p>-Teve algum tipo de ajuda na procura de emprego?</p> <p>-Foi-lhe proposta alguma medida de apoio à criação de emprego, programa ocupacional ou formação profissional? Se sim, qual?</p>
<p>-O que pensa sobre as ajudas existentes para a procura de emprego?</p> <p>-O que pensa sobre a informação disponibilizada por diversas entidades (Instituto de Emprego e Formação Profissional, Segurança Social, entre outras) sobre as condições do desempregado?</p> <p>-O facto de se encontrar, na altura, sem emprego leva-o(a) a não participar socialmente?</p>
<p>- O facto de ter estado desempregado(a) leva-o(a) a querer adquirir novos conhecimentos, investindo na sua formação e a nível de escolaridade?</p> <p>- A situação de desemprego foi percecionada como uma oportunidade para a mudança da área de trabalho?</p> <p>- Considerou o autoemprego como uma alternativa para a sua situação? Considera o empreendedorismo uma solução para o desemprego?</p>
<p>-O que o(a) motivou a ter um negócio e/ou projeto pessoal? (e.g., os pais já tiveram um negócio; querer ter alguma autonomia; concretização pessoal);</p> <p>-Pode falar um pouco sobre o seu projeto?</p> <p>a) Como surgiu este negócio e/ou projeto;</p> <p>b) O porquê desta localização;</p> <p>C) Espera colocar colaboradores na sua empresa;</p> <p>d) Projeta este negócio e/ou projeto para um período de curta ou longa duração;</p> <p>e) Teve apoios monetários (apoios do estado/pessoais/ financiamento coletivo, entre outros);</p> <p>f) Quais os obstáculos encontrados à implementação deste seu projeto pessoal.</p> <p>g) Sente que este seu negócio e/ou projeto traz algo novo à comunidade?</p>

-Como teve conhecimento desta incubadora no qual está ou estava inserido(a)?
-O que o(a) motivou a participar no programa de incubação?

-Como funciona o programa no qual se encontra(va)?
-Quais as competências que adquiriu?
-Quais as aprendizagens adquiridas?
-Quais são para si as vantagens e desvantagens do mesmo?
-Sentiu como um espaço protegido de co -construção e desenvolvimento de uma ideia de negócio?
-De que forma o processo de incubação facilitou o seu regresso ao mercado de trabalho?

-Antes de montar o seu negócio e/ou projeto, o que pensa(va) que iria mudar na sua vida?
-O que realmente mudou na sua vida após montar o seu negócio e/ou projeto? [Se aplicável].
-Sente que o processo de incubação mudou ou está a mudar a sua vida? Se sim, de que forma?
-Considera que um(a) desempregado(a) perspetiva a vida de forma diferente? Porquê?
-Como perspetiva a sua vida no futuro?
-De forma geral, sente que os resultados corresponderam às expectativas iniciais? [Se aplicável].

APÊNDICE III- Relações Categoriais

Caraterização entrevistados/as	Situação de desemprego (antes do processo de incubação)	Processo de incubação	Término do processo de incubação	Avaliação
Dados sociodemográficos dos entrevistados/as	Situação socioeconómica	Participação em programa de incubação	Autoperceção das mudanças de vida no futuro	Avaliação do projeto
	Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo	Motivações pessoais para o processo de mudança	Impacto da criação de negócio e/ou projeto pessoal	
	Sentimentos/attitudes experienciadas	Modelo de incubação	Perspetiva de vida perante situação de desemprego	
	Apoios	Funcionamento		
	Rede Formal	Competências/aprendizagens adquiridas		
	Rede Informal	Potencialidades/Limites da Incubação		
	Medidas de emprego	Mecanismo de facilitação ao mercado de trabalho		
	Posicionamento face às ajudas para a procura de emprego			
	Participação na vida social			

Legenda

- Domínios
- Categorias
- Subcategorias

APÊNDICE IV- Mapeamento das Incubadoras Sociais em Portugal, financiadas pelo programa Portugal Inovação Social

Tabela 15.

Incubadoras de Inovação Social do Programa Portugal Inovação Social

Nome	Entidade Implementadora	Natureza	Região	Localidade	Problema Social	Público-alvo	Metodologia e/ou procedimentos	Financiamento Total
Got Talent InEDV	Associação de Desenvolvimento Regional Integrado das Terras de Santa Maria	Instituição de Utilidade Pública	Norte	Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, São J. da Madeira, Espinho, V. de Cambra e Arouca	Baixo (re)conhecimento da inovação social	Cidadãos com “talentos” capazes de gerar iniciativas de inovação social, em especial os jovens qualificados (designados por Jovens Talentos)	1-Criação de Bussiness/Social Agency; 2-2INedv - INovation INdustry. Concurso de ideias para o desenvolvimento de solução inovadora para problemas identificada pela Bussiness/Social Agency; 3-Young solutions. Integração de ações sobre empreendedorismo e inovação social no	430.407 €

							plano curricular das escolas da região; 4-Centro de Atração de Investimento em Impacto; 5-Industry Road Trip. Ação simultânea de sensibilização/mobilização e de diagnóstico de desafios de sustentabilidade do tecido empresarial local.	
Microninho+ IN - Incubadora Social e de Inovação	Promovido por: (i) Associação de desenvolvimento social e cultural dos cinco lugares; (ii) Mar&Indústria; (iii) Associação das Colectividades do concelho da Figueira da Foz	(i) Associação de fins lucrativos, com estatuto de IPSS, (ii) utilidade Pública	Centro	Lousa e Condeixa-a-Nova	Exclusão social	Pessoas em situação de desemprego ou em trabalho precário.	1- Estratégias relacionadas com as lógicas do empreendedorismo social e da inovação social. 2- Apoio à criação de projetos de empreendedorismo ou de inovação social (independentemente da área de negócio ou intervenção), desde que sejam	144.392 €

							desenvolvidos no concelho da Figueira da Foz.	
AMUT'IESI M – Incubadora de Empreendedorismo Social da Idade Maior	AMUT - Associação Mutualista de Gondomar	Instituição Particular de Solidariedade Social Mutualista	Centro	Gondomar	Isolamento e exclusão social de seniores, adultos dependentes e seus cuidadores.	Pessoas individuais e coletivas que sejam titulares de ideias ou projetos focados na melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas, adultos dependentes e seus cuidadores.	1- Disponibilização de espaço de posto de trabalho em “open space”; 2- Possibilidade de receção de correspondência; 3-Apoio e orientação técnica pela equipa e parceiros que se venham a definir; 4- Acesso a rede de contactos (especialistas, mentores, investidores, público-alvo); 5-Ações de capacitação sobre temas de relevo e acesso a outras ações promovidas pela AMUT a um preço mais reduzido.	86.200 €

Leiria Social Innovation Hub	S/INF	S/INF	Centro	Leiria	Exclusão social	Estudantes	<p>1- Desenvolver condições de acesso a conhecimento, redes de parcerias e investidores sociais, de forma a potenciar a criação e replicação de novas soluções para os desafios sociais e ambientais que o país enfrenta.</p> <p>2-Tornar a região de Leiria uma referência para a criação de novas iniciativas de inovação e empreendedorismo social.</p>	301.379 €
Microninho	Associação de Desenvolvimento Social e Cultural dos Cinco Lugares	Associação sem fins lucrativos, com estatuto de IPSS, utilidade Pública	Centro	Penela Condeixa-a-Nova Vila Nova de Poiares Lousã.	Desemprego das populações desfavorecidas	Pessoas em situação de desemprego ou em trabalho precário.	<p>1- Criação de ideia de negócio inovadora;</p> <p>2-Criação de plano de negócio que vise o desenvolvimento sustentável;</p> <p>3-Ajustamento ao território;</p> <p>4-Captação de investimento e financiamento;</p>	414.759 €

							<p>5-Formação na área empresarial e de apoio a negócio;</p> <p>6-Apoio psicossocial ao agregado familiar;</p> <p>7-Acesso a tutoria especializada na área de negócio;</p> <p>8-Formalização e legalização da empresa;</p> <p>9-Apoio no regresso ao mercado de trabalho;</p> <p>10-Acompanhamento à empresa e ao agregado familiar, durante 12 meses;</p> <p>11-Criação de plano de marketing e comunicação;</p> <p>12-Criação da marca e respetiva imagem;</p> <p>13-Espaço físico de incubação ou coworking.</p>	
Casulo- Incubadora de Inovação	Associação Poeta Aleixo	IPSS	Algarve	concelho de Loulé e região Algarvia	Desemprego jovem	Jovens empreendedor es e	<p>1- Acompanhamento na definição da ideia;</p> <p>2-Pesquisa de fontes de</p>	354.627 €

Social Loulé e Algarve						instituições do concelho de Loulé e região Algarvia	3- financiamento; Capacitação e mentoria para submissão de candidaturas; 4- Disponibilização de espaço de incubação; 5-Acompanhamento da execução física e financeira do projeto.	
Hivework Social	Tempos Brilhantes	Associação sem fins lucrativos	Alentejo	Chamusca	Inclusão social e combater a pobreza	Desempregados (em situação precária ou de transição), seniores, comunidade e instituições do concelho da Chamusca	1- Realização de atividades intergeracionais; 2- Apoio à criação de estruturas como oficina e loja colaborativa; 3- Prestação de apoio técnico especializado.	136.938,98 €
I9social-Centro de Inovação Social	Escolíadas Associação Recreativa Cultural	-Associação juvenil sem fins lucrativos	Centro	Coimbra	S/INF	Empreendedores Sociais; Organizações Sociais; Setor Público; Empresas; Universidades.	1- Criação de um centro multidisciplinar de apoio a iniciativas de empreendedorismo e inovação social, que inclui diversas valências, como I&D, incubadora social ou capacitação;	204.758 €

							2- Desenvolvimento de uma plataforma digital de mapeamento denominada “Observatório para o Impacto”.	
Centro de Inovação social do Alentejo	Fundação Eugénio de Almeida	S/INF	Alentejo	Évora	Despovoamento do interior do país	Empreendedores Comunitários locais/nacionais	1- Criação de Comunidade; 2- Iniciativas de Capacitação; 3- Incubação Física e Virtual; 4- Programa de Aceleração de projetos de empreendedorismo social; 5- Realização anual do CIS EMPREENDE – concurso de ideias para novas soluções sociais.	293.830 €
IRIS	APCTP - Associação do Parque de Ciência e Tecnologia do Porto	S/INF	Norte	Porto	S/INF	Associados/as	1- Programas de incubação, ferramentas estratégicas, reuniões e networking; 2- Espaço de co-work para associados. 3- Trabalho em parceria com	699.720 €

							organizações vocacionadas para diferentes áreas, entre as quais a área jurídica, financeira, contabilidade, medição de impacto, marketing e comunicação, financiamento, fundraising, crowdfunding e voluntariado. 4- Programa de capacitação voltado para organizações e contexto escolar, dinamização de workshops.	
Incubadora de Inovação Social – Baixo Alentejo	Centro Social Nossa Senhora da Graça de Baleizão	IPSS	Alentejo	Região do Baixo Alentejo	Desemprego jovem	Jovens desempregados	1- Incubação; 2- Apoio profissional na realização de candidaturas; 3- Promoção da inovação, investindo na educação e capacitação dos jovens; 4- Apoio em comunicação para os	308.490 €

							<p>empreendedores sociais na divulgação e promoção dos seus projetos;</p> <p>5- Facilitação do acesso a recursos e oportunidades de <i>networking</i>, como conexões com investidores, organizações de financiamento, parceiros estratégicos;</p> <p>6- Colaboração com empreendedores e organizações locais, desenvolvendo soluções adaptadas aos desafios específicos da região.</p>	
Fábrica do empreendedor	SEACOOP - SOCIAL ENTREPRENEURS AGENCY, CRL	IPSS	Multiregião	Lisboa / Cascais (sedes)	Desemprego de longa duração e o acesso ao primeiro emprego dos jovens	Comunidades locais	<p>1- Apoio à criação e consolidação de microiniciativas empresariais, com tecnologia social ajustada a grupos específicos, potenciando o</p>	297.152 €

							<p>aparecimento de start-ups e dinamizando o tecido microeconómico existente, a partir dos recursos endógenos do território;</p> <p>2- Capacitação para o mercado de trabalho através da metodologia de Personal Branding;</p> <p>3- Incubação de microiniciativas empresariais e de alguns negócios informais em fase de formalização;</p> <p>4- Estratégia de animação territorial, através do reforço do trabalho em rede.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	---	--

Human Power – Centro de Inovação Social	BragaHabit, E.M.	Instituição de utilidade pública	Norte	Braga	Baixo (re)conhecimento da inovação social	Cidadãos bracarenses	1-Desenvolvimento do empreendedorismo social e da responsabilidade social; 2- Criação de espaços de co-working e um observatório de Impacto Social.	381.200 €
i-Danha Incubadora de Inovação Social	Município de Idanha-a-Nova	Instituição de utilidade pública	Centro	Idanha-a-Nova	Despovoamento no interior do país	Comunidade de Idanha-a-Nova	-Aproveitamento dos recursos do território; -Mobilização da Responsabilidade Social; -Criação de uma Rede de Ativadores; -Apoio ao Empreendedorismo Social; -Aceleração de Ideias de Projeto Inovadoras.	371.494 €
Fábrica de Inovação e Impacto Social do	Instituto Politécnico de Portalegre e Município de Portugal	Instituição de utilidade pública	Alentejo	Portalegre	Desemprego e despovoamento	Empresas/artesãos de base não tecnológica, “preferencialm	1- Incubação de projetos de inovação social;	141.424 €

Alto Alentejo					nto do interior	ente” relacionadas com as áreas das artes e indústrias criativas, nos domínios da cultura e do património.	2- Capacitação de municípios e entidades da economia social para a inovação social; 3- Promoção de uma cultura de empreendedorismo e inovação social.	
MICRONINHO ISI – Incubadora Social e de Inovação da Figueira da Foz	IEFP - incubadora de empresas da Figueira da Foz; Associação para o desenvolvimento empresarial; Associação das colectividades do concelho da Figueira da Foz; Associação de desenvolvimento social e cultural dos cinco lugares.	Organização de Serviços Sociais	Centro	Figueira da Foz	Exclusão social	Desempregados/as	Metodologia Microninho	345.146 €
Social IN: Inovação & Inclusão – Incubadora Social de	Amato lusitano associação de desenvolvimento	Associação privada sem fins lucrativos	Centro	Castelo Branco	Desemprego	Incubadoras de Inovação Social	1-Apoio a projetos de empreendedorismo social; 2- Foco em encontrar soluções inovadoras	348.987 €

Castelo Branco						<p>para os problemas sociais da comunidade;</p> <p>3- Potenciar a criação do autoemprego.</p> <p>4- Reunir empreendedores/as e investidores/as sociais que atuam no sistema de apoio ao empreendedorismo social, tendo como base o mentoring social;</p> <p>5- Envolver a população envelhecida e/ou desfavorecida da comunidade dos bairros alvo de iniciativa, em processos de co-criação com os empreendedores sociais;</p> <p>6- Dinamizar iniciativas e projetos que visem as condições de vida da população Alvo.</p>	
----------------	--	--	--	--	--	---	--

<p>Incubação e Apoio ao Empreendedorismo Regional</p>	<p>Associação Empresarial Penedo do Granada</p>	<p>Associação sem fins lucrativos</p>	<p>Centro</p>	<p>Pedrogão Grande</p>	<p>S/INF</p>	<p>Incubadoras de Inovação Social</p>	<p>1- Criação de espaço de incubação, com apoio formativo e acompanhamento por parte de consultores especializados, com enfoque na Floresta, transformação de Madeiras e Turismo. 2- Desenvolvimento das atividades económicas; 3- Assegurar aos seus associados uma crescente participação nas decisões e nos programas que se relacionem com as atividades desenvolvidas; 4- Organizar e manter serviços de interesse para os seus Associados, aos mais diversos níveis, incluindo formações qualificantes e promotoras do</p>	<p>72.548 €</p>
---	---	---------------------------------------	---------------	------------------------	--------------	---------------------------------------	---	-----------------

							desenvolvimento empresarial.	
Faro(1)	Globalmoza-Investment Solutions, lda.	S/INF	Lisboa, Porto, Espanha	S/INF	Exclusão social	Incubadoras de inovação social	Apoiar startups a nível global que lutem contra a escravatura: - Disponibilizar serviços de aceleração, mentoria, conferências, apoio financeiro e espaços de trabalho para que as startups sejam bem sucedidas.	565.250 €
Jobs airport	Lifeshaker Associação	-ONG de utilidade pública	Lisboa	Almada	Exclusão social	Incubadoras de inovação social	1- Criação do projeto “Jobs Airport” com vista a diminuir o desemprego jovem em zonas problemáticas do concelho de Almada 2- Espaço de incubação juvenil de Empreendedorismo Social, envolvendo e capacitando 300 jovens para contribuírem para o desenvolvimento económico e social das suas comunidades de origem.	170.000 €

Escola de Impacto - Empreended orismos e Inovação Social	Hubip - Hub de negócios de Impacto Português, lda.	IPSS	Lisboa	S/INF	Exclusão social	Incubadoras de Inovação Social	1- Instrução para a criação do próprio negócio; 2- Desenvolvimento de competências nas áreas de empreendedorismo, inovação social e requalificação digital.	150.000 €
Scmp – social impact hub	Santa Casa da Misericórdia do Porto	Instituição de caridade social e utilidade pública	Norte	Porto	Desemprego	Incubadoras de inovação social	Desenvolvimento do programa de Empreendedorismo e Inovação Social, denominado “Escola de Impacto”: 1- formação de competências pessoais e conteúdos adequados ao mercado de trabalho, através de Workshops, Incubação e Mentoria no espaço Impact Hub; 2- Desenvolvimento de uma ideia de negócio 3- Uso da experiência de cada participante como uma ferramenta	402.823 €

							suscetível de aumentar a sua empregabilidade.	
I3SOCIAL BSE – Incubadora Iterenante para a Inovação Social BSE	Associação Aldeia dos Girassois Make it better - associação para a inovação e economia social; Instituto Politécnico da Guarda; Universidade da Beira Interior.	S/INF	Centro	Região das Beiras e Serra da Estrela (BSE)	Baixo (re)conhecimento da inovação social	Incubadoras de Inovação Social	1- Capacitação das pessoas que queiram empreender; 2- Disponibilização de espaços de incubação onde as ideias possam passar a projetos; 3- Colaboração entre vários agentes com problemas comuns, para testar soluções .	710.578 €
INCUBA JÁ – Incubadora Juvenil de Águeda – Incubadora Juvenil de Águeda	PSIENTÍFICA – Associação para promoção Desenvolvimento Social	Instituição de utilidade pública	Centro	Águeda	Desemprego jovem	Incubadoras de Inovação Social	1-Criação de um centro de empreendedorismo e inovação social juvenil; 2- Desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos jovens, com base na Educação Não Formal como complemento à Educação formal; 3-Incubação de projetos sociais desenvolvidos pelos jovens;	100.748 €

							<p>4-Integração e/ou reintegração educativa e/ou profissional dos jovens;</p> <p>5-Desenvolvimento de uma rede de empreendedorismo juvenil, que apresente uma resposta concreta às necessidades dos jovens;</p> <p>6-Garantir a igualdade de oportunidades para que os jovens se tornem agentes empreendedores e poderem contribuir ativamente na construção da sociedade.</p>	
COL.ECO – Colaboração da Organização Local de Economia Eco Sustentavel	Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra	Pública	Centro	Coimbra	Desemprego	Incubadoras de Inovação Social	Capacitar pessoas que estejam em situação de desemprego e tenham uma ideia de negócio para investir no comércio de Coimbra e criar um negócio sustentável, de modo a	129.601 €

do Concelho de Coimbra							travar o ciclo económico de empobrecimento. Disponibilização de apoio de uma equipa profissional multidisciplinar e abertura de pequenos espaços de venda a retalho de novos empreendedores ou que se encontrem em situação de possível insolvência.	
Social innovation academy	Associação Rede do Progresso	Organização sem fins lucrativos	Lisboa	Loures	Exclusão social e desemprego	De inovação social	1-Promover a inovação e a criatividade em comunidade; 2- Capacitar os indivíduos, através de competências teóricas e práticas, e acompanhando empreendedores no processo de maturação das iniciativas criadas, que queiram contribuir para um futuro melhor.	255.000 €

Startlab – Incubadora de Negócios Locais	Seacoop - Social Entrepreneurs Agency	S/INF	Lisboa	S/INF	Desemprego	Incubadoras de Inovação Social	1- Apoio à criação e consolidação de microiniciativas empresariais; 2- Capacitação para o mercado de trabalho através da metodologia de Personal Branding; 3- Incubação de microiniciativas empresariais e de alguns negócios informais em fase de formalização; 4- Estratégia de animação territorial, através do reforço do trabalho em rede visando a rentabilização dos recursos endógenos e a co-construção de respostas locais.	71.739 €
Upstart – Oficinas	Fundação Aga Khan Portugal; Universidade de Évora.	Organização sem fins lucrativos	Lisboa	Área metropolitana de Lisboa	S/INF	Incubadoras de Inovação Social	Programa de Aceleração e Incubação:	430.902 €

							<ul style="list-style-type: none"> 1- Reforço de competências técnicas artesanais; 2- Gerar oportunidades de produção; 3- Fornecer mentoria customizada para o desenvolvimento de micro negócios; 4-Criação de um marketplace com produtos que valorizem técnicas, saberes artesanais e heranças culturais, enquanto fatores de inovação. 	
--	--	--	--	--	--	--	---	--

Fonte: Elaboração própria, com recurso ao site oficial do Portugal Inovação Social (agosto, 2023) e às páginas dos projetos supracitados.

APÊNDICE V - Análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas

Categoria	Subcategoria	Unidades de segmentos codificada
<p>Empreendedorismo enquanto ferramenta de Emprego</p>	<p>Autoemprego como alternativa à situação de desemprego</p>	<p>“(…) isso tem sido uma mensagem veiculada já há bastantes anos pelo Estado, ao nível das políticas públicas (…)” [TSC1].</p> <p>“E realmente pode ser uma resposta ou não. Só pode ser uma resposta, quando a pessoa ficar efetivamente melhor. Se se conseguir um projeto bem estruturado, se a coisa fizer sentido.” [TSC1].</p> <p>“(…) Porque o empreendedorismo compulsório, e há pessoas que não têm ou condições de vida, ou condições específicas pessoais, perfil para serem empreendedores ou microempresários... não têm.” [TSC1].</p> <p>“(…) e nunca deve ser uma coisa que é uma coisa que é imposta como "olha, esta é a tua única solução e tens mesmo que..." [TSC1].</p> <p>“(…) não queremos, nunca, nunca que ninguém saia daqui pior, ou em pior situação do que e entrou, e esta questão do empreendedorismo é complicada, porque as pessoas podem efetivamente cair numa situação em que ainda ficam pior do que começaram. E é muito comum, muito comum.” [TSC1].</p> <p>“(…) história do Microninho nasce exatamente daí, a Liliana conta muito esta história e nas crises, não é?” [TSM2].</p> <p>“(…) o empreendedorismo vem numa altura de pleno desemprego, vem exatamente como uma solução para as pessoas que estão desempregadas, nomeadamente desempregados de longa duração. E o caminho que foi criado, na altura, pensando numa faixa muito específica, que era os empregados de longa duração, pessoas com muito baixa, muito alta escolaridade, pessoas com mais de quarenta e cinco anos, os RSI'S , ok? E que.. E que em, realmente, se viu com muita dificuldade em reintegrar o mercado de trabalho (…)” [TSM2].</p> <p>“(…) nasce o empreendedorismo, exatamente como solução para essas pessoas.” [TSM2].</p>

	<p>“(…) O Microninho nasce para, como incubadora, a parte de empreender. A empregabilidade, depois, veio por acréscimo e aprendemos que muitas vezes essas pessoas podem realmente não ter perfil para empreender- algumas têm e para o microempreendedorismo, para fazer as suas as suas coisinhas, e com muito sucesso- mas, muitas delas, precisam é de realmente capacitação, de fortalecimento para conseguir regressar ao mercado de trabalho.” [TSM2].</p> <p>“É, depende... é mesmo isto, é olhar para as pessoas como pessoas, e com a sua singularidade, porque não ... mesma solução não serve a toda a gente.” [TSM2].</p> <p>“Eu acho que depende da pessoa. Há dez anos, eu talvez não teria considerado isso.” [PIM3].</p> <p>“(…) mas já tive bastante experiência. Fui coordenadora de um programa durante algum tempo e tinha a ideia do que implica de fazer um projeto assim, de ter um negócio, não sabia a parte de... empresarial. Isso, para mim era totalmente novo até a data... ainda é um pouco... é novo para mim, mas enquanto a gerir um projeto e trabalhar com outras pessoas e... essa parte da organização já sentia-me capaz de fazê-lo, então eu acho que por a minha formação e experiência anterior, era uma boa opção. Mas talvez para alguém que não se sente seguro com esses partes de...” [PIM3].</p> <p>“(…) considera que há um perfil para a pessoa ser empreendedora?” [Investigadora]. ” Sim, mas depende também do... sim, sim. Seguramente há um perfil porque na altura as pessoas eh...” [PIM3].</p> <p>”(...)se eu lhe pedir três características que acha (...) que uma pessoa com um perfil de empreendedor tem que ter (...)” [Investigadora].</p> <p>“Autonomia.” [PIM3].</p> <p>“Tem que ser organizada (...)” [PIM3].</p> <p>“(…) ser valente (...)” [PIM3].</p> <p>“(…) está numa situação em que dá para provar coisas novas.” [PIM3].</p> <p>“Para outras pessoas pode ser diferente...” [PIM3].</p>
--	---

		<p>“Sim, eu acho que sim, dependendo da, da área que a pessoa escolha. Sei lá também, porque isto depois também nos deu alguns prejuízos. E nós, se não fosse realmente a ajuda da minha sogra, tinha que desistir a meio (...)” [PIM4].</p> <p>“Acho que nós somos sempre empreendedores quando procuramos uma solução para uma coisa (...)” [PIC1].</p> <p>“(...) não significa que seja para criar o próprio emprego, ou para ser empresário ...” [PIC1].</p> <p>“O empreendedorismo é também uma solução para o desemprego.” [PIC1].</p> <p>“(...) é assim, nós podemos ter uma ideia e não saberemos concretizar. Nem todas as pessoas têm perfil para trabalhar sob autogestão. Podemos achar que sim, não é? Há pessoas que todos não conseguem! Têm que ser orientadas por alguém.” [PIC1].</p>
<p>Autoperceção das mudanças de vida no futuro</p>	<p>Perspetiva de vida perante situação de desemprego</p>	<p>“Claro que eu me sinto muito mais empoderada e sinto-me muito mais com muito mais ferramentas e não só com mais ferramentas, mas também ciente de que tenho ferramentas em mim que se calhar não estava ciente antes. Agora, epá também não vou mentir também ainda estou muito insegura, não é porque, porque é um bocado, são anos de não é de uma pessoa estar meio perdida e não ter algo fixo ou sentir que está a crescer neste.” [PIC2].</p> <p>“Eu acho que traz muita insegurança porque, porque não sabemos qual é o nosso futuro.” [PIC2].</p> <p>“(...) Uma pessoa que pensa Ah, eu vou criar um negócio e vou ter muito mais tempo para mim, vou ganhar mais dinheiro... não uma pessoa para ganhar mais dinheiro também não vai ter assim tanto tempo para ela, tem que tentar arranjar um equilíbrio (...) [PIM4].</p> <p>“(...) uma pessoa quando está desempregada nunca se sabe muito bem o que é que será o seu futuro. A menos que tenha ali alguma coisa já mesmo delineada. Eu acho que tive um bocado de sorte, porque coincidiu mais ou menos com o início do curso. Era um curso que eu realmente gostava de fazer, e tive sorte nisso. Comecei a dizer uma coisa que eu não gostava. Se eu tivesse que trabalhar, não tinha oportunidade para fazer.” [PIM4].</p> <p>“(...) uma pessoa, se não tiver logo ali alguma coisa que realmente gosta, que se interessa para tentar planejar o futuro melhor, mais estruturado, né? Acho que a pessoa acaba por ficar assim... um bocado desamparada sem saber o que fazer.” [PIM4].</p>

		<p>“(...) necessidade de tomar a iniciativa (...)” [PIC1].</p> <p>“Sabia que ia ser quase que um dia de cada vez, não é? Todos os dias são diferentes.” [PIC1].</p> <p>“Uma pessoa quando está desempregada, tem sempre... eu, pelo menos senti, isso, tem o receio da incerteza do futuro.” [PIC1].</p> <p>“Foi sempre o que eu senti, porque, enquanto houvesse, eu pensava "enquanto houver subsídio de desemprego, eu não vou sentir assim tanta diferença"... há diferenças! Não temos subsídio de férias, não temos subsídio de natal. Mas... quer dizer, há diferenças para levar ... para concretizar certas coisas.” [PIC1].</p>
Autoperceção das mudanças de vida no futuro	Impacto da criação de negócio e/ou projeto pessoal	<p>“(...) estou a notar que há interesse, que está a crescer, eu sinto que trabalharia com outras pessoas. “ [PIM3].</p> <p>“Atualmente tenho um grupo de formação financiada, que são dezassete e são... são quatro privados.” [PIM3].</p> <p>“Começamos a levar isto mais a sério, né? Abrir Atividade, etc. Mas, ao mesmo tempo, também tipo tenho que conseguir fazer as coisas bem, né? Porque se me ensinavam, se me deram as bases para as poder fazer aquilo, consigo pôr em prática, não deixar ficar () impercetível.” [PIM4].</p> <p>“(...) tenho que me empenhar e é o meu trabalho e é isso que eu tenho que me dedicar.” [PIM4].</p> <p>“(...) acho que mudou muito tipo a minha maneira de pensar e sinto-me muito mais capaz. Mas trago comigo também muitas, muitas preocupações.” [PIC2].</p>
Participação em programa de incubação	Motivações pessoais para o processo de mudança	<p>“(...) primeiro senti pronto das poucas pessoas na altura que que com quem tive contacto, que foi a Rute, acho que até foi a Ângela a Ângela Roque ah, que também estava, estava em processo de, de abrir o espaço, de procurar o espaço, e assim.” [PIC2].</p> <p>“(...) primeiro senti um bocado, essa, pronto, um bocado, esse acolhimento, essa essa parte humana. Ah, depois também, ah, achei interessante o facto de, de ser algo primeiro virado para a... para a sustentabilidade, que é que é algo que eu acho que é super, super importante nestes tempos, ou seja, não só, mas pronto todas</p>

		<p>as toda a sustentabilidade, né, não é a parte tanto ecológica, mas depois também a parte da, da promoção da baixa (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) e de sentir que que que ia também conhecer pessoas na mesma, que podiam ter projetos diferentes, mas que tavam um bocado no mesmo barco, no sentido em que tipo tavam a tentar arranjar uma alternativa.” [PIC2].</p> <p>“Porque fazia sentido ser na baixa, e estar ligado à Agência para a Promoção da Baixa. Porque é um... é supostamente... é uma entidade que visa promover a baixa, integrar, não é? E era isso que eu queria, portanto, os contactos que me foram proporcionados, o conhecimento, isso tudo.” [PIC1].</p> <p>“Eu acho que foi mais a procura de ligação ao território. Não é que o Provia ensine tudo, não é nada disso. Mas achei que essa parte ... eu tinha que começar por algum lado, que se calhar começar na baixa era o melhor, o que sempre foi um sítio, um sítio preferencial.” [PIC1].</p> <p>“(...) que podia, depois também aprender muito com isso e criar contatos, criar redes, ah, e e haver esse tipo de partilha. Ah, pronto e na altura foi, foi, foi o que me puxou mais, mais para para isso.” [PIC2].</p> <p>“Nunca fui aventureira. Mas procuro, tenho iniciativa, tento vencer os medos e seguir, e mexer-me e... Pronto e movimentar-me para conseguir fazer as coisas.” [PIC1].</p> <p>“O que me motivou foi, primeiro, o desemprego foi um empurrão, não é? Ah:::..., antes disso acho que não ia conseguir nunca fazer, porque não ia abandonar o certo, pelo o incerto. Depois foi o meu... minha experiência de contacto com o público, e eu gostar de ser comunicadora. Pronto... sou, sempre fui uma comunicadora, sempre... sempre há muitos anos, eu tenho trabalhado com, de certo modo, ligada a pessoas e:::... e foi isso, e era ter uma coisa pessoal.” [PIC1].</p> <p>“De imprimir o meu cunho pessoal a alguma coisa.” [PIC1].</p> <p>“(...) surgiu porque tenho ligações à aldeia, e acho que pensei que trazer cada vez mais ao conceito de recuperação das tradições (...) E a mercearia, pronto, é mesmo isso. É o recuperar, é fazer um comércio de</p>
--	--	---

		<p>proximidade, não é? Ser pessoal, conseguirmos estabelecer relações humanas e ligações. O local é porque eu gosto da baixa... ah:::..., também pelas pessoas, pela proximidade, acaba por ser tudo um bocadinho motivado pelo mesmo. Porque desde que vivo em Coimbra sempre trabalhei na baixa, e gosto de passear pela baixa, e acho que são sempre sítios enriquecedores, os centros históricos. O conceito também, lá está. É o imprimir, é eu ter a liberdade de colocar uma parte de mim naquilo que faço.” [PIC1].</p> <p>“(...) ter ligação à aldeia.” [PIC1].</p> <p>“Recuperar algumas coisas.” [PIC1].</p> <p>“(...) eu queria ter a possibilidade de tomar decisões que tinham impacto. De fazer o que eu queria fazer, e não ter que seguir sempre as regras, também.” [PIM3].</p> <p>“E já tinha ali aquela ideia, não é... não foi de repente, foi uma ideia...” [PIM3].</p> <p>“partiu inicialmente de pensar nas minhas habilidades, conhecimentos e o que era que eu podia fazer. Eu já investi muito tempo e dinheiro na minha formação, então eu queria seguir... trabalhar naquela área, porque foram muitos anos.” [PIM3].</p> <p>“(...) aqui não Lousã não há realmente formação de inglês (...)” [PIM3].</p> <p>“Já percebi que aqui na Lousã há muitos ingleses, e estão a chegar cada vez mais. E como eles não aprendem português, a maioria, pois os Lousanenses têm essa necessidade, de comunicar sobre... o projeto foi pensado inicialmente para os comerciantes e os empresários de cada zona, para eles conseguirem, de alguma forma...” [PIM3].</p> <p>“(...) eu sempre tenho essa vontade de querer dar alguma coisa para a comunidade.” [PIM3].</p> <p>“(...) eu pensei "tenho uma ideia, mas não tenho nenhuma ideia de como realizá-la. não tenho conhecimento empresarial, não conheço ninguém e... sim quero fazer isto. Vou precisar de uma ajuda." E quando vi a publicidade do que iam fazer, pensei "Ah, pois agora é o momento eh está aqui eh... essa possibilidade e vou tentar" [PIM3].</p> <p>“Ele é que quis comprar a máquina, sim. Comprou a máquina e eu não queria que ele comprasse a máquina. Atão eu tava desempregada e ele ia gastar cento e cinquenta euros, numa máquina, eu achava que era um</p>
--	--	--

		<p>brinquedo, né? Para ele, aquilo era um brinquedo, que ele viu umas coisinhas feitas assim em mdf (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) de vez em quando, falava no assunto e depois decidi que queria comprar a máquina, comprou a máquina. Depois, a máquina esteve ali dois meses parada, ele nem mexia, não sabia mexer naquilo.” [PIM4]. “(...) então ele lá teve a estudar porque eu disse-lhe o tu começa a fazer alguma coisa com aquilo, ou então vendes aquilo que aquilo ta ali a fazer ocupar espaço ocupa, ainda ocupava muito espaço. E nós não temos muito espaço e até lá tive no YouTube. E não sei o que lá consegui decifrar e começou a fazer assim umas coisitas.” [PIM4].</p> <p>“Comecei a achar piada aquilo depois ele levou para o trabalho e os colegas dele, que lhe pediam assim também umas coisinhas depois dizia ah, não consegues fazer isto assim e assado e mostravam outras coisas que ele tinha e foi um bocado assim que começamos a fazer.” [PIM4].</p> <p>“Disse como se fosse tipo, ah e tal uma ideia e tal de fazer, de fazer como se fosse um hobbie, e depois assim olha aqui tão giro, olha faz se assim, faz se assado.” [PIM4].</p> <p>“Foi introduzido, foi me introduzindo àquilo foi.” [PIM4].</p> <p>“A ideia inicial foi do (marido da participante) e depois entretanto, os amigos lá do trabalho etc começaram a fazer umas coisitas. Começamos a ter algumas encomendazinhas para fazer e ele tinha o trabalho dele, e eu estava em casa e podia fazê-las, né?” [PIM4].</p> <p>“Comecei a perceber que realmente ia haver um retorno.” [PIM4].</p> <p>“Sendo bem feito e etc e:::... é satisfatório. É um trabalho satisfatório, quase por fazer realmente artes manuais.” [PIM4].</p> <p>“(...) acabo por ter um bocadinho mais liberdade do que nos meus horários. Excepto nas alturas do Natal e e isso é pra trabalhar, trabalhar, trabalhar.” [PIM4].</p> <p>“(...) acabo por ter mais tempo livre pra mim (...)” [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“(...) eu achei que me podiam ajudar em várias as coisas. Primeiro, mas na questão das redes sociais, como tirar fotografias... e essas coisas todas. Eu, era um zero à esquerda.” [PIM4].</p> <p>“(...) como comunicar e depois a parte da organização da agenda.” [PIM4].</p> <p>“(...) porque era uma preocupação minha, era não tar a fazer descontos.” [PIM4].</p>
Apoios	Rede Formal	<p>“(...) alguma vez beneficiou de algum apoio, por estar em situação de emprego, algum subsídio ou nunca recorreu a esse tipo de apoio?” [Investigadora] “Não, porque eu ahn::... a maior parte do trabalho que fiz foi sem contrato.” [PIC2].</p> <p>“(...) estava escrita no Centro de Emprego antes de iniciar o processo de incubação, ou não?” [Investigadora].</p> <p>“Sim, sim.” [PIC2].</p> <p>“Alguma vez recorreu a esse tipo de apoio?” [Investigadora].” Não fiz, porque eu queria ultrapassar a situação antes de eu ter que fazer isso. Sabia que era uma possibilidade, mas fiquei sempre com aquela ideia de que não ia ser possível, não ia ser necessário.” [PIM3].</p> <p>“(...) quando ficou desempregada, inscreveu-se no centro de emprego?” [Investigadora].” “Não, não o fiz.” [PIM3].</p> <p>“(...) eu fiquei a receber do fundo de desemprego” [PIM4].</p> <p>“(...) quando ficou no momento desempregada (...) foi se inscrever no Centro de Emprego?” [Investigadora]. “Sim.” [PIM4].</p> <p>“O curso era financiado pelo Estado.” [PIM4].</p> <p>“No meu caso, eu estava a receber do Centro de emprego. Continuei a receber do Centro de Emprego e o IFP ainda dava um subsídio de transporte e dava-nos alimentação lá.” [PIM4].</p> <p>“Era presencial.” [PIM4].</p> <p>“Na altura não foi assim...tão preocupante. O subsídio de desemprego...” [PIC1].</p>

		<p>“No momento em que estava desempregada estava a receber subsídio (...)?” [Investigadora].” Sim.” [PIM4].</p> <p>“Estava inscrita no centro de emprego?” [Investigadora]. “Sim.” [PIC1].</p> <p>“Desde maio de dois mil e vinte e um.” [PIC1].</p> <p>“Foram formações de entidades exteriores?” [Investigadora]. “EFP.” [PIC1].</p> <p>“(…). Recebia um valor para alimentação.” [PIC1].</p>
Apoios	Rede Informal	<p>“Eu acho que acaba por ser reconfortante, tipo às vezes sentir que tipo que as nossas amizades também compreendem minimamente a situação e que e que dão esse apoiosinho pode ser pouco, mas acaba por ser bastante importante, nem que seja a nível de nos sentirmos compreendidos.” [PIC2].</p> <p>“(…) alguma pressão por parte das pessoas que lhe estão mais próximas a encontrar trabalho PIC2? “[Investigadora]. ” Sim, sim, sim. A nível ah:::..., a nível dos meus pais, até acaba por ser um, um, pouco ao contrário, na verdade, porque eles... eles são académicos e então há sempre aquela pressão de ah, estudar e para depois ah , para depois conseguir tipo uma melhor situação profissional e normalmente, até me desencoraja um bocado, porque eu às vezes penso não. Eu quero... quero ter a minha autonomia financeira agora!” [PIC2].</p> <p>“De alguma forma, senti pressão por parte das pessoas que lhe eram mais próximas em arranjar trabalho, ou seja, senti pressão daqueles que lhe são mais próximos em arranjar trabalho rapidamente?” [Investigadora]. “Não, era uma pressão interna.” [PIM3].</p> <p>“(…) todos apoiaram e sim, o meu marido em particular.” [PIM3].</p> <p>“(…) ele apoiava sempre e os meus pais também. A minha irmã...” [PIM3].</p> <p>“(…) em termos dos pais e a irmã e os amigos, este apoio emocional, o marido é que dava aqui algum apoio monetário. É isso?” [Investigadora]. “É.” [PIM3].</p> <p>“Mas o marido também ganha o ordenado mínimo.” [PIM4].</p>

		<p>“(Com uma) bebê nessa altura era...” [PIM4].</p> <p>“Ele trabalha no IPO, passou a fazer mais um extra para o IPO, o como se fosse um part-time.” [PIM4].</p> <p>“Ele é auxiliar da ação médica.” [PIM4].</p> <p>“Depois de sair do serviço durante uma semana, ahn:::..., fazer o serviço de taxista.” [PIM4].</p> <p>“(...) basicamente são motoristas que têm carros do IPO e que vão buscar e levar pacientes que vão fazer quimioterapia.” [PIM4].</p> <p>“(...) teve apoio aqui quando digo apoio é apoio emocional, mas até mesmo monetário, por exemplo, da família, depois de ficar desempregada?” [Investigadora].” Sim.” [PIM4].</p> <p>“Da família, entre aspas, é mais de uma pessoa em concreto que é a minha sogra.” [PIM4].</p> <p>“Assim monetariamente, foi mesmo só a minha sogra sim.” [PIM4].</p> <p>“(...) mais emocional, a minha família do meu lado também é, é tudo pobre. Então, por muito que queiram, também não podiam ajudar monetariamente.” [PIM4].</p> <p>“(...) PIM4 alguma vez se sentiu assim (...) pelas suas redes pelos que lhe estavam mais próximos, sentiu uma vez pressão por encontrar um trabalho, PIM4 sentiu essa essa pressão deles para encontrar trabalho?” [Investigadora].” Sim, quando o curso acabou (...)” [PIM4].</p> <p>“Era o único elemento do seu agregado familiar que se encontrava nesta situação?” [Investigadora]. “Sim.” [PIC1].</p> <p>“Teve algum apoio, aqui falamos de apoio monetário, emocional ou do outro, por parte da sua família, por exemplo? Estava nesta situação de desemprego, sentiu esse apoio?” [Investigadora]. “Apoio emocional, monetário não.” [PIC1].</p> <p>“(...) sentiu que houve um bocadinho, uma pressão de começar a arranjar trabalho?” [Investigadora]. “Não.” [PIC1].</p> <p>“Eu sentir apoio por parte de outras pessoas senti, das pessoas lamentarem, e, lá está, essa situação em que é uma idade complicada para ficar desempregada. Nesse sentido, senti apoio de amigos.” [PIC1].</p>
--	--	--

<p>Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo</p>	<p>Sentimentos/ atitudes experienciadas</p>	<p>“(…) ficamos com só um um rendimento, um rendimento sim.” [PIM3].</p> <p>“(…) conseguimos comprar o necessário e pagar as contas, e coisas assim (…)” [PIM3].</p> <p>“Mas já para ter, os miúdos, por exemplo, querem... precisam de roupa nova, de sapatos... era... tivemos que gerir.” [PIM3].</p> <p>“E já não comprava nada para mim. Realmente era só para eles e a casa (…)” [PIM3].</p> <p>“(…) era diferente (…)” [PIM3].</p> <p>“Foi um choque para mim, que acabasse desta forma tão brusca (…)” [PIM3].</p> <p>“Eu fiquei com muitas questões na cabeça (…)” [PIM3].</p> <p>“(…) senti...” [PIM3].</p> <p>“(…) com muitas preocupações e não sabia o que ia fazer, quais eram as minhas opções, mas também eu, até certo ponto, já estava farta de trabalhar na forma em que eu tinha estado a trabalhar, para uma instituição enorme (…)” [PIM3].</p> <p>“(…) eu percebi, com toda essa experiência, que eu era só um número (…)” [PIM3].</p> <p>“(…) como não estava a trabalhar, comecei a fazer mais coisas (…)” [PIM3].</p> <p>“Comecei a fazer tudo em casa, realmente, porque o meu marido estava a trabalhar, e depois eu ocupei-me, sim com outras coisas. Tarefas, com os miúdos, com, com o que havia lá em casa (…)” [PIM3].</p> <p>“(…) eu pensava " talvez em Portugal poderia ser uma opção, fazer um projeto desse tipo" mas sim, não era preciso porque eu tinha aqueles outros trabalhos e sim, não... sentei-me a pensar bem como fazê-lo, mas a ideia já estava lá.” [PIM3].</p>
<p>Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo</p>	<p>Aspetos positivos/ aspetos negativos</p>	<p>“(…) apesar de estar nessa situação que tinha mais tempo para encontrar o que ele realmente queria (…)” [PIC2].</p> <p>“(…) às vezes uma pessoa é demasiado consumida pelo trabalho.” [PIC2].</p> <p>“(…) eu acho que uma pessoa, ah estando desempregada, tipo claro que é vista sempre com outros olhos (…)” [PIC2].</p>

		<p>“Não que uma pessoa tipo seja só o trabalho não é mas mas acaba por ser algo bastante bastante importante (...)”. [PIC2].</p> <p>“(...) temos pessoas, pessoas que passaram aqui pelo... pelo... nessas nessas... nessas circunstâncias, e a parte de terem um negócio próprio acaba por ser muito bom alento para pensar em outras formas de... de... de... de... de terem um rendimento e fazerem uma coisa que gostam, ou seja....” [TSC1].</p> <p>“(...) esta questão de terem que mudar, mudar de rumo e mudar de área.” [TSM1].</p> <p>“Eu sabia que, de alguma forma, ia ultrapassar a situação, não sabia como (...)”. [PIM3].</p> <p>“(...) basicamente a falta de dinheiro (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) a questão mais econômica.” [PIM4].</p> <p>“Tivemos que começar a fazer melhor as contas, quando iam às compras e e passear menos, não é que a gente passe asse muito. mas dava para andar mos mais à vontade. Depois Com menos dinheiro e com a bebê, também já não ...” [PIM4].</p> <p>“Positivos, é a pessoa tem mais tempo em casa () eu, como tava a fazer o curso, acabava por ter um horário... ah, tipo, um horário de trabalho, não é?” [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“(...) tinha as suas vantagens, sim. Tinha os fins de semana em casa, os feriados.. A desvantagem é que o dinheiro é sempre menos, ou seja, temos mais tempo para gozar mas não temos muito dinheiro para usar nesses tempos.” [PIM4]</p> <p>“E passear sem gastar dinheiro (...)” [PIM4].</p> <p>“Neste caso, foi... foi o empurrão para uma coisa que eu queria fazer. E, ao mesmo tempo, sair de um trabalho que me estava a dar um ordenado, mas que já me estava a desgastar muito pessoalmente.” [PIC1].</p> <p>“Estava mais por casa, também, não gastava, não é? Obviamente não ganhava o que ganhava a trabalhar.” [PIC1].</p> <p>“(...) condicionante que a idade nos dá.” [PIC1].</p> <p>“(...) valoriza-se a experiência, mas também valoriza-se ser jovem.” [PIC1].</p>
<p>Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo</p>	<p>Relações sociofamiliares</p>	<p>“Eu acho que afeta sempre, ah:::..., obviamente que tendo tendo de depender, ah:::.... neste caso dos meus pais ah:::.... afeta. Se bem que eles são São eles nunca nunca me puseram desconfortável em relação a isso (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) mesmo que eles me ponham à vontade, pois também obviamente que que depois se preocupam, né? E depois sentimos ainda mais esse peso de já estamos tipo a pesar financeiramente depois também estamos a pesar.” [PIC2].</p> <p>“E isso afeta depois... afeta toda a parte também familiar e...” [TSM1].</p> <p>“Afetou a mim, mais que a relação com as outras pessoas.” [PIM3].</p> <p>“(...) relação com as outras pessoas, não. Não sinto que mudou. Com minhas colegas anteriores sim. Mudou porque antes tínhamos contato regularmente por causa do trabalho.” [PIM3].</p> <p>“(...) mas houve alguns meses em que ninguém quis falar com ninguém (...)”. [PIM3].</p> <p>“Eu sempre tive muito apoio da minha família.” [PIM4].</p>

		<p>“(...) considera que o desemprego Paula de alguma forma afetou aqui as suas relações sociofamiliares (...)”.</p> <p>[PIM4].</p> <p>“Não, acho que não.” [PIM4].</p>
<p>Impacto do desemprego no bem-estar subjetivo</p>	<p>Sentimentos/ atitudes experienciadas</p>	<p>“(...) sentimos ser um peso, nê, pra, pra para as outras pessoas.” [PIC2].</p> <p>“(...) acabo por sentir um pouco, um bocado inútil.” [PIC2].</p> <p>“(...) falta de autonomia financeira que que que é algo importante.” [PIC2].</p> <p>“(...) não sentir tipo que estou a contribuir para pronto para algo, para algo que fiz ou que sou capaz, ou assim (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) pra mim pesa mais, tipo, tou envelhecer e ainda estou tipo dependente.” [PIC2].</p> <p>“(...) eu tenho sempre um bocado de vergonha.” [PIC2].</p> <p>“(...) dependência financeira (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) falta de autonomia, sentimo-nos mais infantilizados (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) quanto mais dependente está, mais está próxima de uma certa infantilidade (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) não nos conseguirmos sentir pessoas completas de certa maneira.” [PIC2].</p> <p>“Sente de alguma forma que até tem que tem culpa também de estar nesta situação?” [Investigadora]</p> <p>“Sim, sim, sim, sim, sim.” [PIC2].</p> <p>“(...) as pessoas em situação de desemprego são muito mais do que essa situação. São um milhão de coisas, têm muitos dons, muitas competências, e... e quando se classifica, mesmo nestes projetos, quando tu identificas "ah, olha, temos aqui um público alvo, o público alvo é as pessoas desempregadas", e as pessoas desempregadas ficam com aquele selo dos coitadinhos desempregados que, na realidade, não faz sentido nenhum, porque... porque é uma situação... primeiro, que qualquer pessoa pode passar. É uma coisa que, e é muito fácil colocar-se nessa situação, especialmente quando na... na... na sociedade atual, quando se fica com uma certa idade, e que se começa a achar que... que as pessoas já não são adequadas. E no caso português</p>

		<p>também, porque há um... em termos de desemprego, há muito desemprego de jovens ahmm... e... e... e aquilo que se tem que pensar não é só o desemprego.” [TSC1].</p> <p>“(...) uma oportunidade, mas, na realidade, acaba por uma pessoa poder, em situações de desemprego, repensar ou ter um tempo para pensar como é que vê o seu futuro? Como é que vê o seu projeto de vida? Como é que pode conciliar algo que goste de fazer, com um rendimento que... que... que seja bom, que lhes permita ter uma boa vida? [TSC1]. “</p> <p>“(...) ficam com esse estigma, de que não estão a contribuir para a sociedade. E isso é um bocado absurdo.” [TSC1].</p> <p>“(...) grande desalento (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) Como nós temos aqui alguns casos, depois de trabalharem muito tempo num sítio, e acham que não sabem fazer outra coisa, que a sua identidade está muito ligada àquilo que era o seu trabalho e a sua função anterior.” [TSC1].</p> <p>(...) há estigma (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) culpa (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) mas eu acho que depende também muitíssimo das circunstâncias. Acho que isso aí é fulcral, porque a situação de desemprego é... abarca um conjunto de de pessoas, o mais heterogéneo possível, com os percursos mais heterogéneos, com as necessidades mais diferentes.” [TSC1].</p> <p>“(...) acho que é mais até como a sociedade os olha, que depois também faz as pessoas olharem para si de uma certa formas (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) alguma vergonha (...)” [TSM1].</p> <p>“(...) resistência em procurar... em procurar ajuda.” [TSM1].</p> <p>“(...) questão da vergonha, da... da tristeza, da raiva também, muitas vezes que trazem por terem perdido o trabalho, por... por estarem numa situação inesperada, muitas vezes a revolta contra o... e quando isto acontece, às vezes é muito difícil.” [TSM1].</p>
--	--	---

		<p>“É preciso muito trabalhar a revolta contra o país, a revolta contra as condições de trabalho, pronto, e muitas vezes trazem essa revolta. E, muitas vezes, essa própria revolta é um motivo, é um dos fatores que dificulta a própria reintegração no mercado de trabalho. Porque depois, em contexto de entrevista, acabam por manifestar muito essa revolta, mas são principalmente essa vergonha, a revolta, a tristeza, pronto, o medo... o medo, o medo de não conseguir dar a volta.” [TSM1].</p> <p>“Toda a vida tive trabalho, e para mim é uma parte importante da minha identidade... ser uma, a independência também. Eu não gosto de depender do meu marido financeiramente... sinto estranho.” [PIM3].</p> <p>“(...) triste, até zangada às vezes.” [PIM3].</p> <p>“(...) por outro lado eu sentia-me livre, porque já não tinha que pensar naquele outro trabalho, já podia fazer o que eu queria fazer.” [PIM3].</p> <p>“(...) Deprimida não senti, mas sim, entre... houve momentos em que sentia-me com saudades de lá, dos alunos, dos colegas (...)” [PIM3].</p> <p>“(...) e sim com raiva até certo ponto.” [PIM3].</p> <p>“(...) sentia que foi uma injustiça, a forma em que aconteceu.” [PIM3].</p> <p>“(...) há positivos e negativos, pode depender da pessoa.” [PIM3].</p> <p>“Afetou a mim.” [PIM3].</p> <p>“(...) eu não sentia bem depender financeiramente do meu marido. Isso para mim era... sim, é estranho.” [PIM3].</p> <p>”(...) talvez a segurança que eu sentia, já não tinha.”</p> <p>“(...) eu não dormia bem depois de ficar desempregada. Houve um tempo em que não conseguia dormir. Eu ficava à noite a pensar e acordava durante a noite e também a pensar a pensar, sim.” [PIM3].</p> <p>“Então eu sabia que havia formas de ultrapassar a situação, mas tinha aquela preocupação também de não saber como ia fazê-lo. Apesar de estar aqui há quatro anos, realmente não conhecia muitas pessoas, eh os</p>
--	--	--

		<p>sistemas também são novos para mim, Não sabia o que era possível e não o que não... comparar com o México, as regras aqui são muito mais restritas e sim toda essa parte...” [PIM3].</p> <p>“(...) eu tinha preocupações, as incertezas do que ia acontecer, como ia ser o futuro (...)”[PIM3].</p> <p>“(...) senti-me um bocado injustiçada.” [PIM4].</p> <p>“(...) fiquei chateada, claro, fiquei frustrada porque apesar de saber a pessoa que ele era, fiquei triste, podiam-me não fazer isso, não obrigar a sair de lá. eu gostava de trabalhar lá, gostava das colegas, fazia a minha parte do trabalho, e etc. e então::... é um bocado frustrada.” [PIM4].</p> <p>“A pessoa estando a trabalhar tem uma vida ativa e depois de repente fica em casa, sem fazer nada, pode sentir-se assim um bocado ahn::... imprestável.” [PIM4].</p> <p>“Perdida.” [PIC1].</p> <p>“O receio do futuro, pela minha idade.” [PIC1].</p> <p>“(...) estava muito desgastada com o trabalho e, de certo modo, essa parte deu-me alguma tranquilidade.” [PIC1].</p> <p>“O que sempre me assustou foi o medo de tudo.” [PIC1].</p> <p>“(...) incerteza.” [PIC1].</p> <p>“(...) o receio é sempre o incerto. É o receio do futuro, de vir a conseguir trabalho, trabalhar ou não (...)”[PIC1].</p>
<p>Situação socioeconómica</p>	<p>Situação perante desemprego</p>	<p>“(...) o meu trabalho, até o ano passado era online (...) “[PIM3].</p> <p>“(...) morava no México, eu estava lá durante doze anos, então a minha vida profissional realmente foi lá e eu, quando veio a Portugal eh, tive a possibilidade de continuar a trabalhar <i>online</i>, como era o programa <i>online</i> ... só que, depois da pandemia, voltaram todos ao trabalho presencial. E a regra era para todos. Não importava se era um programa presencial ou não. Todos tinham que voltar ao gabinete. A universidade de campus ia estar lá e, obviamente, eu estava aqui e não ia voltar para o México, então tive que desistir, tive que pedir a demissão e fiquei sem trabalho.” [PIM3].</p>

		<p>“(...) tive direito a subsídios, por exemplo, que lhe pudessem apoiar com esta situação de desemprego?”</p> <p>[Investigadora]. “Eh não, porque eu era trabalhadora independente e, ou seja, eu tinha o trabalho no México. Mas como não há acordo fiscal entre México e Portugal, aqui eu estava em caráter... independente.” [PIM3].</p> <p>“Antes de chegar na universidade também fui empregada da mesa (...)” [PIM3].</p> <p>“Foi a primeira vez que ficou desempregada, ou já tinha estado alguma vez nesta situação?” [Investigadora].</p> <p>“Não, foi a primeira vez. Eu tirei licença sem rendimentos durante um ano, eu sabia que ia voltar ao trabalho.” [PIM3].</p> <p>“(...) esperava, de alguma forma, que poderias ficar na situação de desemprego? [Investigadora]. “Sim, mas não queria. Sim, eu sabia que podia acontecer. Só que eu ficava sempre com a esperança de que, ao ser um programa <i>online</i>, ia me dar a possibilidade, porque tinha... eu trabalhava nesse programa durante doze anos, onze anos... e tivemos sempre ali a ideia de todos os docentes desse programa, termos a possibilidade de trabalhar <i>online</i>.” [PIM3].</p> <p>“(...) como eu já comecei o semestre, eu pensei que iam dar até o fim do semestre. Eh realmente, foi uma surpresa, porque foi de um dia para outro que... que já não. Sim, foi literalmente uma quinta-feira à noite, porque a diferença do horário... de horários eu já tinha trabalhado todo o dia, "amanhã já não”.” [PIM3].</p> <p>“(...) nunca tive propriamente ah num emprego estável, até porque a maior parte da ah do emprego que tive era um pouco precário.” [PIC2].</p> <p>“(...) se calhar, o mais estável foi até na para além do Reino Unido.” [PIC2].</p> <p>“(...) a situação do estágio que quer dizer, era estável no sentido em que em que era sustentável, pronto.” [PIC2].</p> <p>“A Inês considera que foi uma coisa que até já se fazia, saber que iria entrar novamente aqui em situação de desemprego ou, pelo contrário, foi algo que não estava mesmo á espera? [Investigadora]. “Não, foi foi mesmo explícito que eu ia só fazer aquelas férias, e fizemos só o contrato (...)” [PIC2].</p>
--	--	--

		<p>“(...) a nível mais de, de situação financeira, né tenho de, por exemplo, tenho que viver em casa dos meus pais ah:::... e depender deles.” [PIC2].</p> <p>“(...) eu tive desempregada, ah:::... em três anos. (...) A fazer uma formação, porque eu não fiz o décimo segundo.” [PIM4].</p> <p>“No IFP.” [PIM4].</p> <p>“(...) essa formação acabou em agosto de dois mil e:::... vinte... foi quando começou o Covid.” [PIM4].</p> <p>(...) estávamos a falar de um desemprego voluntário ou involuntário? [Investigadora]. “Involuntário.” [PIM4].</p> <p>“(...) já tinha tado desempregada.” [PIM4].</p> <p>“Mas já tinha sido... há muito tempo.” [PIM4].</p> <p>“Não sei dizer em que ano, mas sei lá, devia ter vinte, vinte e tal... mas também foi durante pouco tempo.” [PIM4].</p> <p>“(...) entretanto comecei a fazer o curso. (...) E o curso em si era ano e meio. Depois demorou mais um bocadinho por causa do Covid (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) técnico de mesa, mas para trabalhar em hotéis.” [PIM4].</p> <p>“Eu tava a trabalhar num restaurante. Entretanto, engravidei... (...) e o meu patrão era daquelas pessoas que não querem ah:::... pessoas grávidas a trabalhar e que não queria pessoas com filhos a trabalhar. Quando eu voltei ao trabalho, ele fez tudo o que pôde para... que eu me fosse embora. “ [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“Era para não ser ele a despedir. Entretanto, eu decidi despedir-me por justa causa. (...) foi por justa causa, mas acabou por não ser por justa causa porque fizemos um acordo que era para ter direito ao desemprego.” [PIM4].</p> <p>“Não foi porque eu quisesse. Eu gostava muito de lá trabalhar e trabalhar lá. Trabalhei lá sete anos...” [PIM4].</p> <p>Estive desempregada há vinte e um anos atrás, vinte e dois. E depois, então, eu voltei a trabalhar.” [PIC1].</p> <p>“(...) antes de entrar na incubação. Tive:::... um ano, um ano, não chegou a um ano e meio.” [PIC1].</p> <p>“Já se ouvia falar, mas era assim tão expectável.” [PIC1].</p> <p>“(...) não se contava (...)” [PIC1].</p> <p>“A rotina... financeiramente, um bocadinho também.” [PIC1].</p> <p>“Eu não cheguei a estar um ano, antes de entrar na incubação, porque eu fiquei desempregada em maio de dois mil e vinte e um, e entrei na incubação em março de vinte e dois.” [PIC1].</p> <p>“Este programa que tu frequentou, disse que era o Provia, certo?” [Investigadora]. “Sim.” [PIC1].</p>
<p>Dados sociodemográficos dos/as entrevistados/as</p>		<p>“Estou com vinte e nove anos.” [PIC2].</p> <p>“Solteira.” [PIC2].</p> <p>“(...) secundário.” [PIC2].</p> <p>“(...) tou inscrita numa licenciatura.” [PIC2].</p> <p>“Engenharia informática.” [PIC2].</p> <p>“(...) Coimbra.” [PIC2].</p> <p>“(...) somos três.” [PIC2].</p> <p>“(...) estou a viver com os meus pais.” [PIC2].</p> <p>“(...) a maior parte da minha experiência profissional foi em restauração.” [PIC2].</p> <p>“(...) também já trabalhei em loja.” [PIC2].</p>

		<p>“(...) eu não terminei a licenciatura. Eu fiz um curso de reconversão profissional que era um curso neste caso no ISEC.” [PIC2].</p> <p>“(...) era um curso intensivo de uns seis meses e que dava acesso a estágio de nove meses.” [PIC2].</p> <p>“(...) já trabalhei no, no Reino Unido (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) numa papelaria.” [PIC2].</p> <p>“(...) eu de momento estou, estou dependente financeiramente dos meus pais (...)” [PIC2].</p> <p>“Quarenta e sete.” [TSC1].</p> <p>“Solteira.” [TSC1].</p> <p>“Licenciatura.” [TSC1].</p> <p>“(...) Coimbra.” [TSC1].</p> <p>“Já, há mais de vinte anos.” [TSC1].</p> <p>“Não todos na parte da inclusão laboral. estive em vários projetos ligados com as questões da integração da população imigrante, muitas coisas relacionadas com as questões de igualdade de género, prevenção de violência no geral e prevenção de violência de namoro em particular. E também estive em vários projetos de intervenção comunitária, principalmente os mais ligados às questões- também estas- da sustentabilidade ambiental e da... da economia social solidária.” [TSC1].</p> <p>“(...) trabalhava na capacitação de mulheres, ahmm, mulheres desempregadas, a grande maioria desempregadas de longa duração, mas que era uma capacitação para o emprego, para a inclusão laboral, não para o desenvolvimento de projetos ou de negócios.” [TSC1].</p> <p>“(...) trinta e cinco.” [TSM1].</p> <p>“Casada.” [TSM1].</p> <p>“(...) mestrado integrado” [TSM1].</p> <p>“Psicologia.” [TSM1].</p> <p>“Lousã.” [TSM1].</p>
--	--	--

		<p>“(...) eu já estou cá a trabalhar desde dois mil e dezassete.” [TSM1].</p> <p>“(...) Sobre o Microninho, eu queria fazer... fiquei muito, muito entusiasmada, porque achei que realmente era um trabalho muito diferente.” [TSM1].</p> <p>“(...) trinta e nove” [PIM3].</p> <p>“união de facto.” [PIM3].</p> <p>“(...) dois filhos...” [PIM3].</p> <p>“Têm sete e nove anos.” [PIM3].</p> <p>“(...) Mestrado.” [PIM3].</p> <p>“(...) educação digital.” [PIM3].</p> <p>“(...) eu trabalhei muitos anos nessa área da Educação digital e achei importante fazer um mestrado.” [PIM3].</p> <p>“A Licenciatura é em estudos hispânicos, mas é português também.” [PIM3].</p> <p>“(...) cheguei a estar a trabalhar numa Faculdade de Letras.” [PIM3].</p> <p>“(...) tive a oportunidade de trabalhar numa licenciatura <i>online</i> e comecei a ter interesse pela área... “[PIM3].</p> <p>“(...) foram tirados na Escócia” [PIM3].</p> <p>“Britânica.” [PIM3].</p> <p>“(...) Trinta e seis.” [PIM4].</p> <p>“(...) união de facto.” [PIM4].</p> <p>“(...) equivalência de Décimo segundo.” [PIM4].</p> <p>“(...) Condeixa.” [PIM4].</p> <p>“Tenho uma filha.” [PIM4].</p> <p>“E um marido (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) tem cinco.” [PIM4].</p> <p>“Era empregada de mesa.” [PIM4].</p> <p>“(...) eu sempre trabalhei em restaurante.” [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“Empregada de mesa, empregada de balcão, desde, desde os dezoito anos, foi quando comecei a trabalhar.” [PIM4].</p> <p>“Cinquenta e três.” [PIC1].</p> <p>“Casada.” [PIC1].</p> <p>“Tenho frequência universitária, mas não acabei.” [PIC1].</p> <p>“Coimbra.” [PIC1].</p> <p>“Quatro.” [PIC1].</p> <p>“Duas raparigas, duas raparigas a estudar, uma delas é... já trabalha...” [PIC1].</p> <p>“Foi sempre na parte de escritório, mas também já fiz vendas.” [PIC1].</p> <p>“BackOffice e vendas.” [PIC1].</p> <p>“Fazia apoio, antes de ficar desempregada, apoio ao cliente em telecomunicações e vendas.” [PIC1].</p>
Autoperceção das mudanças de vida no futuro	Avaliação dos negócios incubados	<p>“Há trinta e três por cento que nós assumimos, que são cinco de quinze, que nós assumimos que... como indicador de sucesso, que já estão. Apesar de nós continuamos a apoiar essas pessoas , mas já estão consolidados ou já saíram daqui, já têm os seus próprios espaços . Continuamos a apoiar de diversas formas, mas já estão com a vida bastante organizada e depois há mais umas cinco pessoas que estão mesmo em vias de (...)”. [TS1].</p> <p>“E Estas pessoas, estes indicadores de sucesso, estes trinta e três por cento, sediaram-se até que projetos?” [TS1].</p> <p>“Tudo em Coimbra.” [TS1].</p>
Avaliação do projeto Financiado		<p>“Sente que o projeto poderia ser replicado, o COLECO, este modelo de incubação, sente que ele poderia ser replicado em outras regiões do país?” [Investigadora]“Sim, acho que sim, faz todo o sentido.” [TSC1].</p> <p>“Existe uma entidade que... que está a ser paga, não é, para fazer avaliação do impacto, e que já começou o ano passado, e que irá continuar durante este prazo e depois faz toda a Avaliação <i>on going</i> , mas depois também vai fazer a avaliação final.” [TSC1].</p>

		<p>“(...) temos reuniões semanais todas as segundas-feiras de manhã e vai sendo feito sempre a avaliação daquilo que vai sendo feito, o planeamento. E também fazemos um bocadinho aquela volta aos participantes a ver o que é que é necessário para cada um, o que é que faz sentido (...)”[TSC1].</p> <p>“(...) nós fazemos é reuniões de equipa com toda a gente e faz essa avaliação.” [TSC1].</p> <p>“Nós não fazemos <i>focus group</i> , mas o que é verdade é que as reuniões gerais costumam envolver a grande maioria dos participantes na incubação e nessas reuniões gerais existe sempre O primeiro ponto, é sempre o ponto do (...) balanço.” [TSC1].</p> <p>“De equipa são semanais e as gerais são mensais.” [TSC1].</p> <p>“(...) o Microninho, ah, já fez um <i>scaling up</i>, que é o... é a Figueira da Foz, não é, pronto. Neste momento, também sabemos, também sabemos que não... que não existem candidaturas abertas.” [TSM1].</p> <p>“(...) existem muita, muita gente que concorda que, com o modelo e tudo mais, mas não podemos esquecer que este modelo trabalha de forma completamente gratuita para as pessoas, pronto, nós... o documento está integrado dentro de uma associação sem fins lucrativos.” [TSM1].</p> <p>“A grande... isto era tornar-se realmente uma política pública, não é? E seria... seria por aí.” [TSM1].</p> <p>“(...) os nossos investidores sociais. Acho que é... acho que continuam, continuam interessados no Microninho. Claro que sozinhos não conseguem, não conseguem suportar. A questão é, eu acho que honestamente, apesar de haver outras incubadoras, e não e não.... o Microninho foi a primeira, não é? E nós temos o gosto de conhecer. E fazemos encontro de incubadoras. O Microninho tem uma, outra vez que o Microninho está- se sempre a ajustar.” [TSM1].</p> <p>“Na inovação social, nenhum modelo é fechado, e este é um outro grande desafio. Nós temos que ir... é um outro grande desafio e temos que estar sempre alerta, mas na minha ótica, e tudo aquilo que fazemos devia ser, na minha ótica, sei garantidamente que falo pela... pela Liliana, que ela, aliás, ela não está hoje a dar esta entrevista porque está de licença, mas era essa política pública, todo este sistema de acompanhamento, às pessoas, pronto, seria por aí. Agora, não depende só de nós...”[TSM1].</p>
--	--	---

		<p>“(...) a nossa taxa de sucesso atual é... nós, é de oitenta e quatro vírgula sessenta e sete por cento. ou seja, cento e vinte e sete famílias, com o problema resolvido.” [TSM1].</p> <p>“(...) é um problema resolvido. Ou através da empregabilidade, através do empreendedorismo...” [TSM1].</p> <p>“Quando eu falo em política pública, neste sentido, o Microninho tem uma outra vantagem, vou me lembrando de... nós corremos sempre o risco de, não é, é como quando olhamos para um filho (?), mas é, mas é este justamente ao território. E é outro desafio, não é? Eu sei que trabalhar aqui é diferente quando vou para Condeixa (...)”[TSM1].</p> <p>“(...) é este ajustamento àquilo que são as necessidades do território, é este envolvimento com o território.” [TSM1].</p> <p>“Neste momento somos nós que fazemos, fazemos de satisfação no final e após.” [TSM1].</p> <p>“Não temos nenhuma entidade externa a fazer a fazer avaliação no caso no caso do Microninho.” [TSM1].</p> <p>“Os questionários de Satisfação após a nossa intervenção, não é, quando damos a pessoa, a família como autonomizada, e depois passado x tempo da sua... no fundo da incubação, ou do apoio que demos.” [TSM1].</p> <p>“(...) há sempre aspetos a melhorar. Eh, há aqui, vamos ver, no... Nós verificamos que, neste momento. A questão não é o desemprego. Existem pessoas desempregadas, como vai haver sempre, mas não é um problema social prominente. Ah, é esta questão se calhar da adaptação socioprofissional no mercado, de várias faixas etárias, vários níveis de qualidade. Nós temos jovens licenciados que, em termos de competências pessoais e sociais têm, têm muito para trabalhar e que depois baixa resistência à frustração, vá... com expectativas, muito, muito desajustadas. Portanto, uma das coisas a melhorar é responder... é responder exatamente àquilo que são as necessidades atuais, não é? “ [TSM1].</p>
<p>Modelo de Incubação > Equipa Técnica</p>		<p>“(...) gestora social, que faz todo o apoio psicossocia (...)”. [TSC1].</p> <p>“(...) temos a pessoa que faz a parte da comunicação, apoio, principalmente o apoio aos participantes em tudo aquilo que é a componente de comunicação (...)”. [TSC1].</p>

		<p>“(...) e que foi a pessoa responsável também pela criação do site.” [TSC1].</p> <p>“Temos uma pessoa que é o apoio da formação e dos participantes ao nível individual para a capacitação coletiva (...)”. [TSC1].</p> <p>“Depois temos da equipa da visão Estratégica Financeira (...)”. [TSC1].</p> <p>“(...) depois, em termos de apoios, também mais pontuais, temos uma advogada (...)”. [TSC1].</p> <p>“(...) que trabalha várias questões que nós temos, jurídicas (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) e uma contabilista certificada (...)”. [TSC1].</p> <p>“(...) que trata de todas as questões dos participantes (...)”. [TSC1].</p> <p>“(...) uma de coordenação, não é, que é a Liliana, não é, que é fundadora e faz a coordenação toda, geral, de... de terreno, e toda a outra parte, não é?” [TSM1].</p> <p>“(...) psicóloga, é um técnico, um técnico da área social, Okay? Assistente social, educador social, depois um técnico de empreendedorismo da área da gestão e outro da área do design. Pronto. Esta é... esta é a equipa, a equipa base (...). [TSM1]</p>
Modelo de Incubação	Participantes no processo de incubação	<p>“Talvez em termos de idade, nós estamos a falar de pessoas mais ou menos por volta de que idades?” [Investigadora]. “(...) médias será a volta dos quarenta.” [TSC1].</p> <p>“Mais mulheres. Quase noventa por cento.” [TSC1].</p> <p>“Há um fator que é importante, que é efetivamente há mais mulheres desempregadas do que homens. Efetivamente as mulheres desempregadas têm um perfil diferente, porque, apesar das mulheres terem muito melhores notas estatisticamente, na... na... na universidade. As mulheres qualificadas- e nós temos preferencialmente, isso aí é que acho que é bastante distintivo deste, deste programa - pessoas com qualificações de qualificação superior, praticamente grande parte, a maioria, temos uma percentagem elevadíssima de pessoas a fazer doutoramento, ou... ou até com doutoramentos concluídos. E que não é por isso que não têm dificuldades em arranjar trabalho, especialmente quando são estes hiatos de bolsas e de investigação ou até pessoas que estão na investigação, mas gostavam de ter trabalho, um trabalho, porque a investigação, a maior parte das vezes, não é remunerada, infelizmente.” [TSC1].</p>

		<p>“Hum... e as mulheres, por norma, aderem melhor a este tipo de propostas.” [TSC1].</p> <p>“(...) projetos, que são mais centrados no cuidado, na questão do cuidado do planeta, a própria questão colaborativa...” [TSC1].</p> <p>“(...) há muitas pessoas que fazem produtos artesanais.” [TSC1].</p> <p>“O artesanato é principal.” [TSC1].</p> <p>“A duração do desemprego, sabes precisar mais ou menos, será curta ou longa, ou, ou não consegues precisar?” [Investigadora]. “Deve ser metade. Depende um bocadinho. Há pessoas que tiveram em... eu.. eu, depois eu envio esses dados. Assim, com os números, há pessoas que estiveram inativas muito tempo, por diversas condições de vida, cuidados de filhos, tudo. Outras, condições que ficaram muito tempo sem qualquer rendimento.” [TSC1].</p> <p>“Ao nível dos serviços, uma cooperativa de história pública que é... que se dedica à divulgação, tem dois participantes que se dedica à divulgação da história e fazem várias coisas, desde a proposta é: fazem guias turísticos, fazem serviço educativo específico, podem fazer conteúdos históricos de acesso para diferentes idades, e têm feito muitos testes até de visitas aqui no espaço e está a correr muito bem.” (...) “Temos também de música, o serviço que é de... de aulas de música [TSC1].</p> <p>“Um que é de alimentação (...)” [TSC1].</p> <p>“Temos alguns que estão em desenvolvimento, um outro de turismo que ainda está em <i>design</i>, porque é da terceira edição, que é uma mistura de guia turístico com questões da cidade mais culturais, juntando elementos culturais, elementos diferentes, degustação, um serviço de turismo diferente e também com música.” [TSC1].</p> <p>“(...) temos a mercearia que já abriu aqui na rua, que também tem. Tem, serviços e tem produtos, porque também se fornece ali alimentos, petiscos, etcetera. mas também tem a componente de mercearia tradicional e a granel.” [TSC1].</p> <p>“(...) editora (...)” [TSC1].</p>
--	--	--

		<p>“(...) temos vários perfis, e agora trabalhamos com uma ampla variedade de pessoas, com várias características, em termos sociodemográficos (...)” [TSM1].</p> <p>“(...) desde o início mesmo, dois mil e onze, e com os... pilotos e tudo mais, da fundação EDP, temos aqui à volta de setecentos e sessenta e seis agregados, pronto, isto setecentos e sessenta e seis agregados.” [TSM1].</p> <p>“Estamos a falar de agregados.” [TSM1].</p> <p>“(...) um agregado é um plano, mas nós devemos ter duas ou três pessoas para integrar o mercado de trabalho. Uma para empreender e outra para regressar ao trabalho, portanto são agregados.” [TSM1].</p> <p>“(...) oitenta e seis micronegócios.” [TSM1].</p> <p>“(...) Nós temos... temos desde áreas como mais especializadas, como arquitetura, design e pessoas que abrem restaurantes, pessoas da área do turismo, como temos cabeleireiras, como temos... Ah, formação, como temos de artesanato, temos muitas áreas. Sim, sim, depende.” [TSM1].</p> <p>“(...) temos barbeiros ...” [TSM1].</p> <p>“(...) mais de uma forma geral, de uma forma geral, mais serviços.” [TSM1].</p> <p>“A média, a média das idades deve rondar ali, entre os trinta, trinta e oito, quarenta e cinco, por aí. Claro que temos... temos pessoas muito mais novas também, cada vez mais a empreender, mas sim. E também temos muito mais velhas...” [TSM1].</p> <p>“Maioria portuguesa, Sim. Se bem que no uso desde principalmente... desde a pandemia, houve uma crescente de emigrantes, temos muitos brasileiros e também temos apoiado algumas alguns ucranianos, russos também, mas não é assim muito.” [TSM1].</p> <p>“Na maioria, é ali é ali o décimo segundo... o décimo segundo, sim.” [TSM1].</p> <p>“(...) a maioria é de curta duração, sim, mas com uma diferença de dez por cento em relação, em relação à de longa duração, está bem? Mas eu ia a dizer que noto que, desde a pandemia, houve um aumento grande de desempregados de curta duração.” [TSM1].</p>
--	--	---

		<p>“(...) muitas famílias monoparentais cada vez mais, em termos crescentes, o que representa uma grande dificuldade na integração no mercado de trabalho, mesmo tendo competências, mas devido aos horários, devido à restrição de horários, devido à não à existência, às vezes, de respostas ajustadas no território, condições, creches noturnas ou de flexibilidade de horário, ou há ver aqui... existem alguns sítios que têm já esta sensibilidade, pronto.” [TSM1].</p> <p>“(...) em termos socio familiares não temos muitas famílias numerosas, mas eu acho que tem a ver com o contexto atual sócio demográfico. Vamos tendo, sim, vamos tendo muitas pessoas com mais de quarenta e cinco anos.” [TSM1].</p> <p>“Tenho desempregados fora, de forma voluntária, empregados precários que querem mudar de área, ou os desempregados de forma voluntária e que precisam mesmo de ajuda. Mas a maioria é involuntário, sim.” [TSM1].</p>
Modelo de Incubação	Mecanismo de facilitação ao mercado de trabalho	<p>“O impulso e também os conhecimentos que eram precisos para fazê-lo.” [PIM3].</p> <p>“Facilitou porque sei lá... Foi no Micronhinho que eu fui la abrir atividade (...)”. [PIM4].</p> <p>“Ao abrir atividade automaticamente uma pessoa já se sente assim... mais trabalho a sério... a sério tem que ser (...)”. [PIM4].</p>
Modelo de Incubação	Potencialidades/Limites da Incubação	<p>“(...) às vezes o envolvimento da família é um desafio para nós.” [TSM2].</p> <p>“E para esse envolvimento, claro que, tentamos sempre... há famílias que é de facto difícil e famílias que de facto não se envolvem, e só que muitas vezes depois não percebemos que isso é um problema, porque depois a pessoa mais à frente pode vir a desistir (...)” [TSM2].</p> <p>“(...) e o fato da pessoa... do resto do agregado se envolver, também faz com que eles próprios também fiquem mais seguros.” [TSM2].</p> <p>“(...) o não envolvimento da, da família pode ser aqui... pode ser um entrave.” [TSM2].</p> <p>“(...) acompanhamento multidisciplinar e personalizado, e do ajustamento ao território. Ah, toda a parte da capacitação a nível individual, a nível familiar.” [TSM2].</p>

		<p>“(...) eu acho que aqui o modelo, o trabalhar-se, a família trabalhar-se um plano de vida é uma... é aqui um fator muito diferenciador, trabalha-se um plano de vida daquela família e a família como unidade de base. E isso é claramente uma grande potencialidade!” [TSM2].</p> <p>“Ah, depois lá está, toda a parte do território e toda a parte do ajustamento ao território.” [TSM2].</p> <p>“(...) há um acompanhamento, a proximidade com as pessoas (...)” [TSM2].</p> <p>“(...) as limitações são... é o facto de ser um projeto limitado. O financiamento acaba por ser aqui uma grande limitação (...)” [TSM2].</p> <p>“A própria questão da família pode ser vista como uma, uma, uma limitação ou como um grande desafio, um grande desafio à própria intervenção. Não é uma limitação, acho que é sempre uma potencialidade, em termos do ponto de vista sistémico, e do ponto de vista daquilo que se quer para a comunidade, para o desenvolvimento do território, trabalhar a família faz todo o sentido. Então se estamos a falar de empreendedorismo, faz todo o sentido fortalecer toda aquela família. Mas, do ponto de vista de intervenção, é um desafio muito, muito grande trabalhar. portanto, acaba por ser uma potencialidade.” [TSM2].</p> <p>“(...) outro desafio é, muitas vezes- agora, cada vez menos, ainda bem- mas sentimos muito este desafio é a própria articulação com o exterior, a própria articulação com o exterior, de conseguir um... mostrar-lhes, a validade... acho que cada vez mais ele, ele, as pessoas já vêm , mas ao princípio era mostrar a validade deste modelo. É completamente ... completamente um bocadinho recente, então as pessoas ficam sempre, pronto. E depois trabalhar empreendedorismo, (?) fala daqui um bocadinho trabalhar em empreendedorismo social, ok? E trabalhar isso de uma forma multidisciplinar em termos de equipa técnica, não é? Eu sou da área mais social, não é? A minha, a minha colega educadora social e a Marta, que é assistente social, e depois vamos lidar com pessoas da mesma equipa que são da área da gestão, da área financeira que vêm números. Ah, e pessoas da área do design e tudo mais, e em termos em termos de equipa técnica, é também um... não é uma limitação, não pode ser porque... é uma limitação, mas é um desafio.“ [TSM2].</p>
--	--	--

		<p>“(…) é protegido no âmbito do empreendedorismo, é protegido no âmbito da empregabilidade, por exemplo, que nós fazemos psicotécnicos, exatamente para a pessoa treinar aquilo que vai passar lá fora, muitas vezes em... e os treinos de entrevista, e tudo mais.” [TSM2].</p> <p>“E mesmo a ideia das capacitações em grupo é, no fundo, de criar sinergias entre eles (...)” [TSM2].</p> <p>“O envolvimento maior, isto é uma dificuldade. Isto é uma dificuldade que é com as empresas. Vamos cada vez mais, mas de articular... de vender candidatos às empresas e tudo mais, e acho que vai havendo cada vez mais abertura, mas seria muito mais esta... aumentar, conseguir aumentar as sinergias e conseguir aqui não, não tanto pela questão do desemprego, pronto e..., mas aumentar essa parte das competências socioprofissionais do lado, tanto do lado da empregabilidade, como do empreendedorismo.” [TSM2].</p> <p>“(…) recebi todo o apoio, os conhecimentos que eu precisava, que eu não tinha antes, e também foi o impulso porque eles estão ali a acompanhar. Então eu tenho que cumprir com certas atividades para tal data, fazer aquilo. E acho que para mim isso ajudou muito, porque eu sozinha talvez não conseguia fazê-lo. E depois a parte de... sim, de todos os conhecimentos que eu não tinha isso... ia ser muito mais difícil, sem esses...” [PIM3].</p> <p>“Desvantagem não... eh, houve algumas partes da formação que pensei que ia aprender mais, mas aprendi. Poderia ser... isso também varia muito, de acordo com as pessoas que estão a participar, porque eu sei que tenho conhecimentos prévios que talvez outras pessoas não tenham...” [PIM3].</p> <p>“eu sinto-me à vontade aqui e as pessoas estão aqui para apoiar.” [PIM3].</p> <p>“também através de ... dos contatos que eu fiz com outras entidades, ajudaram a desenvolver o projeto, e isso era só por causa deste espaço, se não, não teria conseguido isso.” [PIM3].</p> <p>“(…) temos alguém que nos está a apoiar, acredita no nosso projeto (...)” [PIM4].</p> <p>“(…) e também nos ensinarem a fazer as coisas melhor. A dizer o que tem que fazer...” [PIM4].</p> <p>“desvantagens... e não vejo propriamente desvantagens, não é? Estão a ajudar, estão a ensinar coisas que nós não sabemos fazer, não há desvantagem, eu acho...” [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“(...) sente que houve aqui algum momento que achou que se poderia ter feito de outra forma ou eles terem melhorado alguma coisa? [Investigadora] “Não, propriamente, sei lá... a parte das redes sociais.” [PIM4].</p> <p>“Sente que poderia haver aqui um maior reforço nesta, nesta parte da questão digital? [Investigadora]. Perceber como funcionam realmente as redes sociais para vender, sim. Agora já há vários cursos online, grátis e tal, mas só com os cursos grátis sobre as redes sociais, né, para aprender a lidar com as redes sociais, a vender. São cursos grátis, por exemplo, de três aulas.” [PIM4].</p> <p>“Portanto, sente-o como o espaço que é protegido? Que vos dá, este, seja um espaço de apoio para vocês criarem, desenvolverem estas ideias... sentiu dessa forma?” [Investigadora] “Sim, sim, sem dúvida.” [PIM4].</p> <p>“Estabelecer contactos, conhecer pessoas...” [PIC1].</p> <p>“(...) criar as ligações, as redes, as parcerias, não é? Ter a noção da importância disso, principalmente. E até interligar os projetos, interligar as pessoas e fazê-las trabalhar em conjunto (...)” [PIC1].</p> <p>“(...) tem qualquer tipo de desvantagem. São dadas oportunidades de mostrar, mostrar as ideias, mostrar produtos, aperfeiçoar estratégias, portanto, não...” [PIC1].</p> <p>“(...) Temos apoio de outras pessoas. Nós estamos... quando temos dificuldade, sabemos que podemos contar com as pessoas, com a ajuda profissional.” [PIC1].</p> <p>” (...) eu acho que sozinha, se calhar ter-me-ia ido abaixo e daí recuava em algumas situações. Aqui, houve sempre um impulso por trás.” [PIC1].</p> <p>“Ajudou muito, pelas pessoas que surgiram, e pessoas que não foram só a nível profissional e que passam, não?! Trouxe outro impulso para aquilo que eu queria fazer, mais vontade. Estou convencida que sozinha não tinha sido a mesma coisa, até por todo o entusiasmo e todo o apoio psicológico que as pessoas deram, isso mudou de certeza absoluta. Deu a oportunidade de conhecer outras pessoas.” [PIC1].</p>
Modelo de incubação	Competências/aprendizagens adquiridas	“(...) espírito mais de colaboração e de redes e de empoderamento coletivo.” [PIC2] .

		<p>“(...) as questões financeiras, tipo sei lá, mais facilmente consigo ler, tipo o regulamento de um apoio, agora, do que se calhar no início, que para mim era tudo chinês.” [PIC2].</p> <p>“(...) capacidade de se pensar o projeto a longo prazo, esta parte estratégica (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) Flexibilidade (...)” [TSC1].</p> <p>“(...) competências sociais e pessoais, não é, como a capacidade de tomada de decisão, resistência à frustração, a gestão das emoções e toda essa parte. A questão de conseguir medir os riscos, a impulsividade, a autoconfiança, toda essa parte e depois, em termos de empreendedorismo, desde conhecer bem os fatores de risco do negócio, a gestão de stock, gestão de clientes, atendimento, ou seja, prestarem atendimento, gestão de como fazer um orçamento, gestão de horários, em explicar a diferença dos tipos de empresa...” [TSM1].</p> <p>“Como eu disse, eu não sabia nada do setor empresarial. Então, com essa parte de como é que funciona o negócio? Como cresce, como fazer o marketing, por exemplo... Pensar na parte financeira, com... eu sou muito mau para por preços no serviço . Eu sempre quero vender mais barato, certo? Mas ajudaram muito nessa parte.” [PIM3].</p> <p>“Também a legislação, o que é preciso para abrir um negócio, os contatos (...)” [PIM3].</p> <p>“aprendi a tirar melhor as fotografias para perceber como fazer melhor ali um contexto das coisas.” [PIM4].</p> <p>“E a parte de contabilidade (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) a gestão do tempo. Acho que faço melhor a gestão do tempo, sim, agora.” [PIM4].</p> <p>“(...) mais noção de um pouco de tudo que é preciso, né? Porque é preciso saber de... de finanças, né? Saber tratar, saber fazer as contas, saber... ah:::.. Sei lá, passar as faturas, saber um bocadinho disso tudo! É preciso saber um bocadinho de vendas, né? é preciso isso tudo. é preciso saber apresentar os produtos. Tudo isso é um, um todo, né? São coisinhas que fazem o todo, e é isto que vai fazer que o negócio cresça, né, e siga para a frente.” [PIM4].</p> <p>“(...) sentido de responsabilidade (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) estabelecer mesmo redes e ligações, e procurar, por exemplo, neste caso, procurar fornecedores, pronto.” [PIC1].</p>
--	--	--

		<p>“(...) o saber trabalhar em equipa, e saber aperfeiçoar isso.” [PIC1].</p> <p>“Desenvolver ideias em conjunto.” [PIC1].</p> <p>“Reforcei o espírito de equipa. Reforcei a necessidade de tomar a iniciativa, de levar coisas para a frente. Anh::...e adquiri conhecimentos. Adquiri conhecimentos de coisas e pessoas, de procedimentos e de experiências.” [PIC1].</p>
Modelo de Incubação	Funcionamento	<p>“(...) o COLECO é um projeto que é... que é ...que é promovido pela agência para a promoção da baixa de Coimbra, que foi pensado como um pouco uma continuidade de um projeto já existente na baixa, pensado também já nessa altura pelo, pelo OCIS , pelo Observatório da Faculdade de Psicologia e que com a professora Clara Cruz Santos pensou numa... numa... numa espécie de uma resposta que pudesse cumprir os objetivos. De apoiar pessoas que estão em situação de desemprego e, ao mesmo tempo, dinamizar aqui a Baixa de Coimbra com soluções de empreendedorismo, um bocadinho diferentes das outras respostas. Diferentes de um IPN, diferentes da... de.. um Provia do IEFP. Uma coisa diferente, que permitisse ter, por um lado, um... um programa de incubação virado para esta questão de negócios que são ecológicos e sustentáveis, que tivesse uma componente forte da questão colaborativa e que, ao mesmo tempo, permitisse às pessoas ter esta formação, mas depois terem uma experiência na prática, num espaço colaborativo, onde existe um espaço de loja, onde podem experimentar vender os seus produtos ou serviços, podem... aí podem perceber se o negócio pode funcionar ou não, e terem uma equipa multidisciplinar pode apoiar em vários pontos deste... deste processo, dizendo "Ah, ok, aqui agora a parte jurídica diz que... não é... é melhor constituir uma associação ou uma cooperativa do que uma empresa, ou a parte da contabilista até diz outra coisa, e... e dá um novo enfoque à pessoa, da gestão estratégica e financeira.” [TSC1].</p> <p>“O programa da... da formação coletiva tem... tem cinquenta horas. Foram feitas três edições, envolveram-se nessas três edições, vinte e duas pessoas que terminaram esse processo coletivo. Há três componentes da... da... dessa formação. É exatamente a componente da colaboração, que é muito importante, e da construção de redes, e que também apoia muito na capacitação, para aquilo que são consideradas, digamos, <i>soft skills</i>, de comunicação, de estar, de pensar o seu projeto, de como é que se posiciona etecetera.” [TSC1].</p>

		<p>“Depois tem uma parte de comunicação, que vai desde pensar a imagem corporativa, ou como é que se vão posicionar nas redes sociais, ou como é que podem fazer um site, ou como é que é mais interessante, em que pontos é que se... que se devem mostrar ou comunicar, e de que forma? E depois uma outra componente, que é a parte da visão estratégica e financeira, que é onde basicamente as pessoas pensarem onde é que se querem ver daqui a um ano, a cinco anos, a dez anos e fazer toda a parte da previsão económica de como é que isso pode funcionar.” [TSC1].</p> <p>“E dessa parte também, quais são os pontos fortes e fracos? Fazer as fofas, as SWOT's dos negócios, como componente, também, dos planos de negócios. Fazerem um bocadinho a análise de mercado, fazerem um bocado também um trabalho que já foi necessário que foi feito, que é fazer aquele plano de negócios base, que depois é necessário quando as pessoas precisam, ou de financiamento, ou de resgatar os vários subsídios de desemprego que ainda têm à frente no pedido do centro de emprego. Ou quando têm de apresentar o projeto a parceiros ou outros investidores, terem assim, o básico, daquilo que é o projeto. E isso é componente a componente coletiva. Depois ao nível da componente individual, existe, existe esse acompanhamento. Nós costumamos fazer todas as semanas... Há uma hora aberta para toda a equipa funcionar, em termos, portanto, de o apoio psicossocial, a comunicação, a visão estratégica, financeira às várias pessoas e darem a visão do projeto e de apoiarem neste seguimento, ahmm com atendimentos, e depois têm um atendimento individual, porque se a pessoa tem uma dúvida e não sabe se vai fazer uma associação na hora, uma cooperativa na hora, ou... ou se mais vale só fazer, por exemplo, imaginem até tem sido a coisa mais escolhida que é... que é: agora abrirem atividade para testarem se funciona ou não, e depois verem se... se... se vale a pena ou não constituírem a empresa, porque as empresas têm custos associados, grandes, não é? Irem fazendo esses testes, e ir seguindo passo a passo com esta equipa. Isto na parte da incubação, que depois também tem a parte da loja colaborativa, onde as pessoas podem fazer a mostra do... dos seus, dos seus produtos e serviços, principalmente aqueles que já podem fazer legalmente.” [TSC1].</p>
--	--	--

		<p>“Iniciou no finzinho de janeiro de nove de dezembro, de vinte, vinte e um. Mas efetivamente só começou mesmo a isso, foi o oficial. Depois teve que se adaptar ao espaço e fazer obras, só começou mesmo no início, e preparar tudo, não é? E efetivamente as atividades com os beneficiários só iniciaram mesmo no início de abril, e termina a dia trinta e um de maio.” [TSC1].</p> <p>“(…) tinham uma ideia que colocaram nessa candidatura, uma ideia de negócio e os nossos pré-requisitos era que a pessoa tivesse uma ideia de negócio que se enquadrasse no projeto, isto é, que tivesse ou pretendesse ter princípios ecológicos e sustentáveis, porque é uma das condições do projeto e pronto.” [TSC1].</p> <p>“(…) não tínhamos condições nem de idade, () só desempregado, em situação de desemprego ou subemprego.” [TSC1].</p> <p>“Nós temos apoio social, temos em alguns casos, onde houve necessidade desse tipo de intervenção.” [TSC1].</p> <p>“Haviam pessoas que estavam efetivamente inscritas no desemprego e outras, pessoas que trouxeram a declaração como não tinham tido rendimentos de... nos últimos tempos, ou esses rendimentos eram... eram pequeninos, muito reduzidos, abaixo daquilo que é considerado por mês, menos de quatrocentos e trinta euros por mês.” [TSC1].</p> <p>“(…) perfil empreendedor, a avaliação das competências empreendedoras, até para percebermos se, durante o processo de incubação, temos que fazer aqui algum treino, competências, capacitação, fortalecimento... depois, colaborar com toda a parte da ideia também. Ah, e vou acompanhando todo, todo o processo. De empregabilidade... de empregabilidade, o que faço são os despistes de orientações vocacionais, e depois, a partir daí, acabar por orientar a equipa, vamos ver se essa pessoa ainda precisa de ser estabilizada, ou precisamos aqui de... aqui outras áreas em que se pode apostar, ou pode ir fazer formação, pronto, dentro, dentro da... de empregabilidade, Será mais isso.” [TSM1].</p> <p>“(…) nós avaliamos principalmente... principalmente a questão da propensão ao risco. “ [TSM1].</p>
--	--	--

		<p>“(...) o nosso princípio máximo é nunca deixar nenhuma família numa situação pior do que aquela que se encontravam.” [TSM1].</p> <p>“(...) uma das coisas principais é perceber a propensão que aquela pessoa tem ao risco? Qual é qual é a história que ela, que ela tem em termos profissionais, em termos pessoais? E tentar perceber se... se ela tem a capacidade, até, para a capacidade de decisão, Resistência à frustração, toda uma série de características de personalidade, também, e de experiências que possam garantir "ok, esta pessoa vai conseguir assegurar este negócio". Esta pessoa "ok, pode, mas vemos aqui alguns traços de insegurança que precisamos de fortalecer e capacitar alguma, alguma impulsividade". Então, temos que... tem que ser trabalhado. Tem muito a ver com isso.” [TSM1].</p> <p>“Não foram muitas, muitas vezes, nós optamos por tentar fortalecer e capacitar, mas já, algumas vezes, nós aconselhamos a pessoa ou encaminhamos mais para a parte da empregabilidade. Já aconteceu nós termos que dizer que aquele projeto não seria viável e naquelas condições...” [TSM1].</p> <p>“Em situação de desemprego ou precariedade. E têm que ser residentes nos concelhos de atuação... nos concelhos de atuação, neste caso. Ou quererem vir trabalhar ou empreender num destes concelhos.” [TSM1].</p> <p>“(...) nós tentamos sempre que os nossos projetos de empreendedorismo, qualquer um, qualquer um tem uma componente social, uma componente de inovação, uma componente de "OK, bom para mim, bom para a comunidade, bom para o mundo (...)”</p> <p>“(...) despiste de competências, como no treino de entrevista... esta capacitação e fortalecimento em termos socio profissionais, ou seja, o microninho não vai substituir o que já existe, vai tentar colmatar (...)” [TSM1].</p> <p>“(...) mapa de redes (...)” [TSM1].</p> <p>“(...) as pessoas fazem, preenchem a nossa inscrição. E primeiro de tudo, há uma entrevista de avaliação. Nesta entrevista vamos conhecer toda, vamos conhecer a pessoa, e vamos conhecer todo o contexto do agregado. Depois de conhecer e perceber se a pessoa preenche, preenche os critérios, se há residentes, ou se quer empreender, se não tem condições socioeconómicas para empreender sozinha, se está numa situação de</p>
--	--	---

		<p>desemprego ou precariedade. Para encher todos esses critérios, vamos criar um plano e é esta a nossa meta. É um plano de vida para aquela família. Posto isto, as fases, as fases depois existem... existe uma, existe toda uma parte de capacitação individual, não é, que é o tal perfil de empreendedor, primeiro de tudo. Há a parte da ideação e depois a parte toda de... do empreendedorismo não é, que é o maior projeto toda a parte, toda a parte, o plano mais... toda a parte do plano de negócios e plano de marketing e plano financeiro, até a pessoa reunir condições para abrir. Paralelamente- isto é individual- paralelamente, existe capacitações em grupo, em que juntamos vários empreendedores, até numa lógica de criar sinergias entre eles, capacitações em grupo, quer no âmbito do empreendedorismo, quer no âmbito do agregado, pronto. Individualmente, também... também existem capacitações de agregado e acompanhamento ao agregado em termos individuais.” [TSM1].</p> <p>“(...) as pessoas inscrevem-se ou são reencaminhadas pelos nossos parceiros, pelo próprio, pela própria Câmara, pelo próprio, às vezes gabinete... pelo próprio GIP, pela... vêm-nos pelo próprio IEF, vêm-nos encaminhadas, muitas vezes.” [TSM1].</p> <p>“O plano está preparado na lógica para três meses.” [TSM1].</p> <p>“(...) por vezes, naturalmente, que se estende, okay, mas esta parte das capacitações, da criação e tudo mais, o plano está preparado para três meses. Vai sendo reavaliado, muitas vezes tivemos de estender (...)” [TSM1].</p> <p>“(...) isto, para dizer o quê? Que é três meses, mas não significa a pessoa... que ao final de três meses, abandonamos a pessoa.” [TSM1].</p> <p>“(...) há aqui todo um, aqui todo um ajustamento. Também depende do envolvimento da pessoa que está ali, quando a pessoa não quer também acaba por não fazer sentido.” [TSM1].</p> <p>“O que fazemos é tentar juntar grupos que estejam ali nas mesmas... nas mesmas fases.” [TSM1].</p> <p>“Essa entrevista é feita com a gestora de cá, que é a nossa colega, que é educadora social, que faz toda a avaliação dos critérios e que depois é discutida em equipa.” [TSM1].</p>
--	--	--

		<p>“(...) depois, uma outra pequena parte, mais da avaliação emocional e tudo mais... depois há, ou seja, essa primeira entrevista, para avaliar o quê? o prisma todo, em termos da família e o... e se a pessoa preenche ou não preenche critério. e depois entro eu e vai entrando o resto da equipa.” [TSM1].</p> <p>“A idade é dos dezoito anos para cima.” [TSM1].</p> <p>“ O projeto pode ser qualquer área, qualquer área. Nós tentamos é que depois, no processo todo de ideação e incubação, é que ele tenha as componentes de sustentabilidade, a todos os níveis. Sustentabilidade ambiental, sustentabilidade social, sustentabilidade financeira...” [TSM1].</p> <p>“(...) estar numa situação de desemprego ou precariedade, ter mais de dezoito anos, sim, e residir nos nossos concelhos. Esse é...esse é muito importante. Ou quer ser empreender, não necessariamente ter um projeto.” [TSM1].</p> <p>“(...) as pessoas chegam ao pé de nós indecisas, não sabem muito bem se querem empreender ou se querem regressar ao mercado de trabalho, pedem-nos ajuda até para decidir esse plano mesmo.” [TSM1].</p> <p>“(...) depois, dentro disso que a pessoa sabe fazer, vai se enquadrar num projeto que seja sustentável, que tenha também uma componente de inovação. E temos também projetos de inovação social.” [TSM1].</p> <p>“depois também tentamos ajustar ao território e às necessidades do território. A pessoa vem com uma ideia e nós vamos tentar ajustar aquela ideia àquilo que são as necessidades do território, okay? Aquilo que são os produtos endógenos, temos toda a componente também de promoção do desenvolvimento local. Tentamos ajustar que eles depois também não entrem em concorrência entre eles e tentamos aqui ajustar, pronto. E se a pessoa vem com uma ideia de fazer um produto, ok, mas se esse produto não é propriamente daqui, então, vamos pegar nos produtos daqui e vamos transformar.” [TSM1].</p> <p>” (...) Tentamos sempre que elas possam empreender com o mínimo de investimento possível, para que fiquem com o mínimo de endividamento possível e, dependendo da situação, tentamos recorrer às medidas existentes e consoante a tipologia do projeto.” [TSM1].</p>
--	--	---

		<p>“(...) eles têm que estar inscritos. Eles, se não tiverem, nós mandamos para lá. Eles têm que estar inscritos.” [TSM1].</p> <p>“(...) eles muitas vezes podem recorrer ao pedido de antecipação. Pronto, nós avaliamos sempre a situação familiar e perceber, não é? Porque às vezes pode pedir, ou pode até pedir o parcial, não é.... avaliamos. Imaginemos que se a pessoa é monoparental, vai pedir a antecipação toda e depois, não é, há sempre ali um período.... como é que vai fazer? Temos que avaliar sempre, mas sim, mas é um recurso que usam bastante, em termos gerais.” [TSM1].</p> <p>“(...) nós temos sempre duas vertentes: individual e em grupo. Existe uma vertente mais geral, que é em grupo e que vamos trabalhando também, até, a família. No caso do empreendedorismo, a família é extremamente importante, porque há toda uma mudança. Há todo um risco associado a todo.... há toda uma necessidade de compreensão e de cedência, e de gestão, trabalho, família, Etecetera” [TSM1].</p> <p>“Há sempre uma geral, que toda a gente tem acesso, e depois depende das necessidades daquela pessoa.” [TSM1].</p> <p>“(...) são muitas vezes em formato de <i>workshop</i> (...)” [TSM1].</p> <p>“(...) é todo este contexto de... incubação, de preparação, de treino, que eles têm aqui connosco.” [TSM1].</p> <p>“(...) ensiná-los a transformar a crise numa oportunidade, e ter esta, estas ferramentas para que, no futuro, não precisem de nós e, no futuro, voem sozinhos.” [TSM1].</p> <p>“No primeiro dia, foi uma entrevista sobre mim, analisar as fortalezas e... e áreas de oportunidade, e também o meu perfil como empreendedora, também vimos... eu, para participar, tinha que entregar já um... como um resumo do projeto. Então começámos a trabalhar, a aprofundar nas ideias que eu tinha, e havia ali como um mapa dos... dos passos para que... para fazer um plano de negócio... trabalhámos no documento com.... com todos os elementos que... que são necessários considerar antes de lançar...” [PIM3].</p>
--	--	--

		<p>“Ao início foram três dias seguidos, que na verdade eu senti que foi demasiado, a informação foi tanto, que há coisas que talvez não consegui captar, porque era muita coisa, muita coisa nova e também eu terminava aqui, em casa seguia trabalhando, para poder no dia seguinte, mostrar os avanços... “[PIM3].</p> <p>“(...) eu acho que a ideia do Workshop era ter várias pessoas, mas eu fui a única, então foi quase tudo individual. Foi muito bom porque eu tive um apoio ali, personalizado. Mas também, às vezes, a partilha e entre outras pessoas ajuda também a desenvolver. E a pressão. A única pessoa, senti que realmente, tive que cumprir, não é? mas não, eu considero-me é.... Eu tive muita sorte, porque foi um acompanhamento muito individual.” [PIM3].</p> <p>“(...) então a primeira vez que eu lá, fui falar com a Sara...” [PIM4].</p> <p>“(...) e a Sara fez a avaliação dela para ver se eu tinha direito ou não ao apoio (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) ela também tentou conhecer o que é que seria o negócio. Qual era a ideia, não é? “[PIM4].</p> <p>“(...) pronto, tentou perceber um bocadinho isso pra perceber também qual era a parte que eu precisaria mais de ajuda, não é? E falamos um bocado... sei lá... sobre qual era a direção que eu queria que o negócio fosse.” [PIM4].</p> <p>” Pronto e depois cada um tinha a sua área, né? A Cláudia conversava mais com a Cláudia. Era mais a parte de vendas, as técnicas de vendas e essas coisinhas era a parte de organizar a agenda... e essas coisas... vou tentar fazer, calcular as contas, os preços...” [PIM4].</p> <p>“e o André era a parte visual nas redes sociais e ajudar a preparar isso tudo.” [PIM4].</p> <p>“Cada atendimento tinha anh... um tema ou dois em específico, que nós tínhamos datar mais nesse atendimento (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) é dividida por sessões e.... e uma sessão muito importante é nós conseguirmos criar ligação no grupo. Ao criarmos ligação no grupo, quebramos o gelo e acabamos por criar relacionamento, ligações, cumplicidade, que é muito bom em termos de partilha. Partilha de experiências, partilha daquilo que se quer fazer. A tal capacitação também, perceber, exatamente, eh:::... enfim, se a pessoa... se é mesmo aquilo que se quer ou não. Em termos de comunicação, também ter.... ter umas bases ou um apoio para divulgação</p>
--	--	--

		<p>inicial da... do projeto e o criar redes, parceria, estabelecer redes, que essa parte é a mais importante e sabemos a importância disso.” [PIC1].</p> <p>“são divididas em individuais e coletivas.” [PIC1].</p> <p>“(...) formação teórica e prática (...)” [PIC1].</p>
Modelo de Incubação	Meios de divulgação/comunicação do projeto	<p>“(...) comunicação Social foi bastante aberta, foram enviadas a todos os órgãos de comunicação social e também para a Câmara, que é um investidor social. A Câmara divulgou nas suas próprias redes, Os meios de comunicação social também divulgaram, "estão abertas as candidaturas". [TSC1].</p> <p>“Existia um Google <i>Form</i> , basicamente, que tinha, tinha essas várias características.” [TSC1].</p> <p>(...) saiu no Diário de Coimbra, Diário das Beiras, Notícias de Coimbra ...” [TSC1].</p> <p>“Também lançámos nas redes sociais da APBC e afins, Mas e até muita gente viu no... no... no jornal.” [TSC1].</p> <p>“(...) nós vamos fazendo divulgação e tudo mais nas nossas páginas, nas redes sociais. Também enviamos notas à imprensa,(...)” [TSM2].</p> <p>“Acho que foi no Facebook.” [PIM3].</p> <p>“(...) porque fazem divulgação (...)” [PIM3].</p> <p>“(...) e também conheço outras pessoas aqui na Lousã que tiveram o apoio do Microninho, mas inicialmente foi através das redes sociais.” [PIM3].</p>
Participação em programa de incubação	Conhecimento da incubadora	<p>“Eu fui já nem sei se fui ao, IEFEP e disseram-me ok, já nem sei, eu fui a montes de sítios e foi quando, quando fui à à Câmara, ao espaço emprego, acho que é assim que se chama.” [PIC2].</p> <p>“(...) na Inquisição que eles me deram o contacto de o contacto de da Rua de Castelo. Ah, porque porque eu fui lá e eles, ah, ok, isso ainda está muito no início.” [PIC2].</p> <p>“(...) e na altura não acho que ainda estava tinham terminado as inscrições para a segunda para a segunda fase, mas a Rute disse ok, mas se esperarem um bocado vamos abrir outra.” [PIC2].</p> <p>“Através do Centro de Emprego, do estágio da Provia.” [PIC1].</p>

		<p>“Eu até conheci antes, porque eu vi nas notícias locais que havia uma um projeto, que era uma incubadora de empresas, e que estavam a abrir uma loja colaborativa e eu candidatei-me a essa loja (...)”. [PIC1].</p> <p>“Depois fui chamada para o COLECO, mas através do Centro de emprego.” [PIC1].</p>
Participação em programa de incubação	Apoios diretos na implementação do projeto	<p>“(...)nós estamos a ver se conseguimos nos candidatar ao a apoios. Neste caso, neste momento estamos a pensar em candidatar-mos ao apoio, empreende vinte e um.” [PIC2].</p> <p>“A antecipação de um ano do subsídio de desemprego, apenas. E dinheiro meu.” [PIC1].</p>
Participação em programa de incubação	Projeto/Negócio incubado	<p>“(...) que me levou um bocado a pensar, em criar o meu próprio emprego foi foi essa questão de de eu gostar de restauração, eu gosto realmente de trabalhar em restauração. Foi quando me senti melhor, a nível de mais energia (...)”. [PIC2].</p> <p>“(...) e eu realmente sentia que eu eu nunca me imaginei de na área da restauração, porque porque realmente vi que era muito precário, mas depois comecei a pensar então e se se eu tivesse o meu próprio espaço, se eu se em vez de estar a ser explorada, tipo ao menos exploro a mim mesma se for preciso. Mas mas é diferente.” [PIC2].</p> <p>“Seria mais a parte da baixa (...). [PIC2]</p> <p>“(...) na incubação, na COL.ECO acho, acho que isso ainda me ainda me trouxe mais à baixa, porque porque quanto mais tempo passava na baixa, mais mais me sentia apegada à baixa e pronto (...)”. [PIC2].</p> <p>“(...) porque depois também esta questão de faltar, dinamização (...)”. [PIC2].</p> <p>“E eu acho que o que é preciso é mais tipo malta começar o seu próprio negócio no sentido de de agregar a malta da:::... a malta da baixa, a malta de Coimbra, tipo haver mais este espírito de comunidade (...)”. [PIC2].</p> <p>“E acho que a baixa, é incrível para isso, porque é uma zona muito pedonal.” [PIC2].</p> <p>“(...) é uma zona histórica (...)”. [PIC2].</p> <p>“(...) uma certa cena de bairro, que acho, acho que é importante (...)”. [PIC2].</p> <p>“(...) a minha ideia passava muito por por um um espaço tipo tipo tasco.” [PIC2].</p> <p>“Porque eu gosto muito, muito de tascos. Ah:::... mas mas nem sempre são os ambientes mais inclusivos (...)”. [PIC2].</p>

		<p>“(…) a minha ideia era muito trazer o tasco para a contemporaneidade, mas não tirando as coisas que eu, ao menos que eu gosto no tasco um bocado, aquela aquela, aquele ambiente mais familiar, a parte mais tradicional que os anos de história que sentimos quando quando vamos ao tasco (…)”. [PIC2].</p> <p>“(…) queria muito pegar nisso nessa parte, mas torná-lo num ambiente mais inclusivo.” [PIC2].</p> <p>“(…) há muita malta que precisa desta parte de comunidade e é por isso que eu também queria um ambiente mais diurno e não tão noturno, não desvalorizando o ambiente noturno e os bares os bares gays, os bares, que acho que são são importantes e têm o seu lugar, mas eu queria mais apostar na parte diurna de de comunidade de uma pessoa sentir não é menos engato, em engato é fixe, mas também é fixe uma pessoa sentir pertença. E acho que isso às vezes é difícil quando quando quando uma pessoa se sente diferente não é, assim de repente um um miúdo sai do armário. De repente, sente-se um bocado sozinho no mundo e eu acho que é bom ver esses espaços em que ele sente que pertence.” [PIC2].</p> <p>“(…) eu entretanto, juntei-me juntei-me uma a uma rapariga que também queria abrir um espaço e que também partilha de bastante bastante das das minhas preocupações.” [PIC2].</p> <p>“(…) consultoria da língua inglesa.” [PIM3].</p> <p>“É um apoio da língua (…)”. [PIM3].</p> <p>“Tenho pensado em três áreas principais. A primeira é formação e assessoria, que é o que dizem, explicações...” [PIM3].</p> <p>“(…) a minha experiência com adultos e jovens adultos (...)”. [PIM3].</p> <p>“Já comecei a ter clientes que têm sessões individuais e estou também a dar formação financiada, que é com grupos de dezesseis, dezessete.” [PIM3]</p> <p>“Eu sei que <i>online</i> dá a possibilidade de ter trabalho no mundo inteiro, sim, e eu tenho muita experiência de trabalhar nessa modalidade. Mas também reconheço que há pessoas que querem ter uma formação presencial, e é diferente o trato. Eu tenho agora, por exemplo, uma cliente... eu, às vezes, vou quando ela tem disponibilidade, eu vou à casa dela para a sessão de formação. Mas há semanas em que tem muito trabalho, está muito ocupada, e fazemos <i>online</i>.” [PIM3].</p>
--	--	---

		<p>“Embora tenha em casa um pequeno espaço, que poderia ser utilizado. Até agora não usei, sempre fui até ao cliente, mas ou no grupo dos formandos... da formação financeira é... é um espaço público.” [PIM3].</p> <p>“(...) conceito é fazer presentes personalizados.” [PIM4].</p> <p>“Prendas personalizadas para cada pessoa (...)”. [PIM4].</p> <p>“E para além de fazermos os presentes personalizados, também podemos fazer brindes empresariais para as empresas, por exemplo, oferecerem aos funcionários oferecerem aos clientes.” [PIM4].</p> <p>“(...) é sempre tudo personalizado.” [PIM4].</p> <p>“Ao gosto da pessoa e para o efeito que a pessoa quer e tentamos sempre fazer diferente uns dos outros, não, não tentamos fazer igual.” [PIM4].</p> <p>“(...) é um produto personalizável (...)”. [PIM4].</p> <p>“(...) é tentar incentivar as pessoas a oferecerem mais presentes assim pessoais.” [PIM4].</p> <p>“(...) por exemplo. Uma fotografia gravada em madeira.” [PIM4].</p> <p>“É Madeira, é limparos da madeira, mdf (...)”. [PIM4].</p> <p>“E acrílico.” [PIM4].</p> <p>“Tem livros transparentes de cores.” [PIM4].</p> <p>“Nós compramos os nossos materiais, madeiras e mdf.” [PIM4].</p> <p>“Os acrílicos, ah é um vendedor do Porto.” [PIM4].</p> <p>“Também temos aqui um em Coimbra, mas é três vezes mais caro.” [PIM4].</p> <p>“(...) vocês fazem produção em casa. É isso?” [Investigadora]. “Sim.” [PIM4].</p>
--	--	--

		<p>“Elemento diferente é quase tudo realmente personalizado.” [PIM4].</p> <p>“Forma, tamanho, cor, o que a pessoa que r, a pessoa imagina uma coisa às vezes eu até peço para fazer um desenho no papel, para entender como é que a pessoa quer e consigo fazer (...)”. [PIM4]</p> <p>“(…) mando já embrulhado (...)”. [PIM4].</p> <p>“(…) de forma a pessoa poder entregar diretamente.” [PIM4].</p> <p>“O papel, é o papel vegetal para embrulhar.” [PIM4]</p> <p>“Este projeto é idealizado para um curto período de tempo, ou um longo período de tempo?” [Investigadora]</p> <p>“Longo.” [PIC1].</p> <p>“Não perspetivo que venha a ser uma coisa de grande dimensão, até pela natureza do negócio. Mas sim, tem que ter mais colaboradores. Claro, seria impossível não ser dessa forma.” [PIC1].</p> <p>“São produtos de qualidade que... que não são industrializados, são... são produtos... é aquela coisa de chegar a um dia o pão, chegar a um dia o queijo, as coisas serem procuradas. As pessoas saberem o que encontram.” [PIC1].</p> <p>“Ser um ponto de referência para aquilo que gostam.” [PIC1]</p>
<p>Participação em programa de incubação</p>	<p>Dificuldades e/ou obstáculos da mudança</p>	<p>“(…) na fase em que estamos, ah é mesmo falta de opção a nível de espaços. Ah:::... porque ou é tudo muito, muito caro.” [PIC2].</p> <p>“(…) e há poucos há muito poucos ah:::... na baixa e e e é uma é uma pena, porque a baixa está tão deserta e há tantas coisas fechadas, mas depois também não há muito.” [PIC2].</p> <p>“A Câmara também não dá propriamente apoios financeiros dá apoio mais a nível de ah, a nível de impostos e assim ah, mas não dá propriamente apoio (...)” [PIC2].</p> <p>“O principal era não ter conhecimentos de... das regras da () e não... ter poucos contactos aqui em Portugal.” [PIM3].</p>

		<p>“(…) através do Micro Ninho, eles ajudaram a ter contato, por exemplo, com a Câmara Municipal, com a Associação Empresarial…” [PIM3].</p> <p>“Pedimos um empréstimozito e compramos esta máquina, agora já é maior.” [PIM4].</p> <p>“(…) nunca tivemos propriamente uma formação nisso.” [PIM4].</p> <p>“Havia formações para (…) esta área e eu tentei inscrever-me, mas era só para pessoas que estivessem a receber o desemprego ou alguma coisa assim.” [PIM4].</p> <p>“Tem que investir um bocadinho mais.” [PIM4].</p> <p>“Então tem que ser um bocadinho é quase chapa ganha, chapa gasta.” [PIM4].</p> <p>“Nós tentamos concorrer ao microcrédito.” [PIM4].</p> <p>“Tem a facilidade de nos ajudar a com isso do microcrédito, mas não foi aceito.” [PIM4].</p> <p>“(…) mas depois os bancos, não se mostraram interessados, porque, porque nós já tínhamos comprado uma máquina antes.” [PIM4].</p> <p>“Então o valor que nós queríamos do microcrédito era mínimo. Era dois mil e qualquer coisa nós só podíamos comprar um computador bom.” [PIM4].</p> <p>“(…) era computador, era uma impressora e era o ecrã para o computador para ter um computador fixo.” [PIM4].</p> <p>“Então nós queríamos mesmo era comprar só o computador e tal e não podíamos estar a fazer mais empréstimos.” [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“Nas redes sociais, é onde nós estamos a vender as nossas coisas, não é. É só online é só no <i>instagram</i> e no <i>facebook</i>. E a minha dificuldade sempre foi e ainda é um bocado isso. Eu nunca fui muito de Facebook nem Instagram. Punha uma foto de vez em quando, só porque sim, pronto ah:::... e então tinha muita dificuldade. Ainda tenho um bocado em em fazer publicações bastantes em perceber como funciona realmente as diferenças nos <i>posts</i>, nos <i>reals</i> nos <i>stories</i> (...)” [PIM4].</p> <p>“Então estou a tentar ainda trabalhar nessa parte.” [PIM4].</p> <p>“Para conseguir realmente atingir mais pessoas e as pessoas mais interessadas neste tipo de produtos.” [PIM4].</p> <p>“Tivemos que fazer um empréstimo para comprar a máquina.” [PIM4].</p> <p>“Não dá para conseguir chegar até ao final do mês com o dinheiro guardado que se faz.” [PIM4].</p> <p>“(...) vai se fazendo e vai se gastando.” [PIM4].</p> <p>“As dificuldades que se encontram principalmente a nível financeiro.” [PIC1].</p> <p>“É menos confortável do que estar a receber um ordenado certo todos os meses, mesmo que seja pouco, do que saberes que tens contas para pagar todos os dias, e que não vais conseguir tirar um ordenado tão cedo e há uma alteração muito grande na vida, até em casa, porque a nível financeiro deixa de haver, pelo menos até ao princípio, deixa de haver um valor.” [PIC1].</p> <p>“É um risco muito grande.” [PIC1].</p> <p>“Eu sabia que não era fácil.” [PIC1].</p> <p>“A parte numérica é a pior.” [PIC1].</p> <p>“Os grandes obstáculos.... ah, falta de dinheiro «risos».” [PIC1].</p> <p>“Falta de dinheiro, as burocracias... para não falar desta situação agora, que já é burocracia, falta de colaboração camarária. Pronto, e também as rendas muito altas, que ai entram os senhorios (...)” [PIC1].</p>
--	--	--

	<p>Estratégias adaptativas</p>	<p>“(...) tenho, tenho procurado mais dentro da área informática.” [PIC2]</p> <p>“Existiam vários grupos de pessoas desempregadas, que se juntavam para conversar e que acabava até por ser uma coisa até interessante, porque as pessoas acabavam por perceber essa coisa óbvia, não é, que elas eram muito mais do que a sua condição de... de pessoas desempregadas, e que eram muito mais do que isso. E acabavam também por encontrar algum conforto em estarem com pessoas super... que tinham muitos dons, como elas, e que também estavam desempregadas e então as pessoas também pensavam: "olha, isso não é um problema só meu, não é?" também reconheciam- se uns aos outros naquela condição, e pronto. E isso... isso, com a pandemia, deixou de quase tudo de existir. Mesmo aqueles grupos que existiam informalmente deixaram de existir, mesmo em plataformas () deixaram de existir.” [TSC1].</p> <p>“(...) são uma resposta exatamente para apoiar nisso, para encaminhar para formação. E podem, para além das formações que são do próprio IEF, que no caso de Coimbra são... são principalmente na zona da Pedrulha.. Há , há muita formação, então esta do... do Provia para o empreendedorismo, eles já vão, sei lá em quantas em quantas edições.” [TSC1]</p> <p>“(...) também a pensar em como ia eh... ter algum projeto para mim.” [PIM3].</p> <p>“(...) eu preciso de ter alguma coisa pra mim. Por muito que goste de fazer... atender a família, não posso fazer só isso. Não me senti completa com isso.” [PIM3].</p> <p>“Surgiu esse projeto da Microninho, publicou que iam fazer uma formação de... para pessoas interessadas. Eu pensei "Ah, pois tenho uma ideia, mas não sei como realizá-la... então vou ver se dão a oportunidade de eu fazer essa formação. Se não tiver essa oportunidade, a minha ideia é ir ao centro de Desemprego e ver. Falar com eles e pedir apoio.” [PIM3].</p> <p>“(...) eu estava a ver nos sites de emprego, que há muito aqui, e em todos os lados, mas não nunca... Cheguei a ver um trabalho que era para mim. (...) havia alguns que não era da minha área.” [PIM3].</p> <p>“(...) eu estava a ver nos sites de emprego, que há muito aqui, e em todos os lados, mas não nunca... Cheguei a ver um trabalho que era para mim. (...) havia alguns que não era da minha área. Eu pensei "ah, pois se não há outras opções, eu podia fazer aquilo." Mas eram coisas assim... era limpeza, trabalho em hotelaria, que</p>
--	---------------------------------------	---

		<p>é... eu tive a experiência de isso na minha adolescência, mas não tinha feito depois. E depois os salários são baixos, mas é um rendimento, e pensei "se não... se não aparece outra coisa..." Poderia fazer aquilo, entretanto." [PIM3].</p> <p>“É a parte da formação sim, é... eu também... eu estava a ver quais eram os percursos de formação, que havia, e eu já tinha feito... em dois mil e vinte e dois, antes de acontecer tudo isso de desemprego, eu tinha feito o curso inicial da formação inicial pedagógica para formadoras.” [PIM3].</p> <p>“Ainda estou na mesma área, mais ou menos, mas sim, o tipo de trabalho alterou (...)” [PIM3]</p> <p>“(...) surgiu a oportunidade de ir fazer um curso de algo que eu gostava. Eu sempre gostei muito do mundo de hotelaria... (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) eu tava a pensar e tava contente de fazer o curso que era o curso que eu gostava muito de fazer ah... para conseguir arranjar trabalho em hotel (...)” [PIM4].</p> <p>“Estava a tentar planejar o futuro em volta disso.” [PIM4].</p> <p>“Se não fosse o curso, eu ia pensar em outra coisa.” [PIM4].</p> <p>“Passei a ter uma ocupação que era diferente.” [PIM4].</p> <p>“(...) acabamos por conhecer outras pessoas, algumas mais ou menos na situação, como nós quer dizer, todas eram desempregadas. Tínhamos muito em comum. Ah, pronto e acabamos por criar amizades e para além do conhecimento.” [PIM4].</p> <p>“Mas nós também não achamos que somos, pra eu não achar que era a única pessoa no mundo que era, estava a ser injetada por um patrão só por decidir ter um filho.” [PIM4].</p> <p>“Eu mandava currículos online na altura por causa, também tinha que ser tudo também online. Cheguei a fazer uma visita ou duas presencial, mas não sei se foi antes se foi depois, foi antes de certeza (discurso impercetível) mandar currículos e etc.” [PIM4].</p> <p>“Ah, eu cheguei a mandar currículos também para outros tipos de trabalho.” [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“(...) eu assim que fiquei desempregada, passado pouco tempo, eu comecei a procurar formação. Procurei sempre trabalho e comecei a procurar formação, porque achei que uma solução que eu tinha era arranjar o meu próprio trabalho.” [PIC1].</p> <p>“(...) eu é que sempre quis, que nunca quis ficar parada.” [PIC1].</p> <p>“Tinhas estado a procurar, nos últimos meses, trabalho?” [Investigadora]. “Sim.” [PIC1].</p> <p>“Sempre de uma forma ativa?” [Investigadora]. “Ativa.” [PIC1].</p> <p>“(...) procurava sempre dentro da mesma área, ou tu começaste a explorar outro tipo de áreas também profissionais?” [Investigadora]. “De preferência na mesma, não na mesma área de vendas ou apoio ao cliente, quis sempre desligar-me dessa... de <i>call center</i>. só mesmo por muita... por último recurso, mas sempre na área administrativa. O atendimento ao público, mas sem ser telefone.” [PIC1].</p> <p>“O que foi proposto, nem foi bem proposto, fui eu procurei sempre, a formação.” [PIC1].</p> <p>“Eu tentei explorar outras áreas a nível de informática e línguas, mas direcionei logo para uma formação... média. Ah::::... de empreendedorismo e gestão de projeto. Era aquilo que eu queria, e achava que fazia sentido para o que eu estou agora a fazer.” [PIC1].</p> <p>“(...) estas formações eram do IEFP? Foram formações de entidades exteriores?[Investigadora] “IEFP.” [PIC1].</p> <p>“Recebia um valor para alimentação.” [PIC1].</p> <p>“(...) E depois também há um aspeto emocional, porque vimos que há muita gente de todas as idades na nossa situação e também, ou porque estão desempregados, ou porque estão a iniciar a vida de trabalho e têm que procurar, de alguma forma, de se orientar que não apenas a formação académica.” [PIC1].</p> <p>“Houve muita gente que foi com essa ideia, mas apenas por formação, e depois até tiveram alguma ideia de negócio, ou não.... ou arranjaram. já vi quem estivesse a trabalhar em coisas que não têm nada a ver com aquilo.” [PIC1].</p>
--	--	---

		<p>“Ou seja, então aqui eu pergunto, esta situação então de desemprego foi percebida por ti claramente como uma oportunidade para tu mudares esta questão profissional?” [Investigadora]. “Foi, mas também foi uma solução para ultrapassar o desemprego.” [PIC1].</p> <p>“Concretizar um projeto, mas também foi uma solução para sair do desemprego.” [PIC1].</p> <p>“Foi uma necessidade.” [PIC1].</p> <p>“Eu continuei sempre a procurar trabalho, até porque se calhar se encontrasse um trabalho que eu achasse, pronto, que... que me iria dar um ordenado e que iria ter algum tipo de continuidade, se calhar não sei se teria desistido da ideia... mas acho que fiz... Fiz as coisas a par uma da outra. Nunca desisti de procurar trabalho.” [PIC1].</p> <p>“O Provia dá muita orientação, dá o conhecimento geral sobre aquilo que é uma empresa, sobre o como gerir, como planear, como concretizar e dá também o conhecimento das dificuldades e nomeadamente, em termos financeiros.” [PIC1].</p>
<p>Medidas de Emprego</p>	<p>Posicionamento face às ajudas para a procura de emprego</p>	<p>“(...) o centro de emprego acaba por também não divulgar assim tantas, tantas, oportunidades.” [PIC2].</p> <p>“(...) quer dizer por acaso divulgou uma interessante, que era, que era um curso online ahn:::... gratuito da <i>Google</i> e isso até me deu jeito, mas na minha área não costumam divulgar muita coisa. (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) o centro de emprego, acho que nunca, nunca me ajudou muito. Ahn:::... acho que das únicas vezes que me chamavam era para coisas aleatórias tipo fui fui uma para me recrutarem para o exército. Portanto, nunca senti muito esse apoio na no sentido centro de emprego.” [PIC2].</p> <p>“Porque depois uma pessoa enterra-se, quanto mais quanto mais está numa situação precária, mais se senti inútil, mais se sente a carga da autoimagem, mais se sente inseguro e, e, e, menos vai estar capaz, de, de conseguir sair dessa situação, vai se enterrando, enterrando e enterrando, pronto. (...)” [PIC2].</p> <p>“(...) lembra-te de pessoas que não sabem ligar um computador, a quem lhes foi fornecida formação online sobre o computador.” [TSC1].</p> <p>“O tipo... o tipo de formação é que nem sempre é adequada.” [TSC1].</p>

		<p>“(...) os gabinetes de inserção profissional, que é uma resposta que o... que os IEFPS, e bem, têm tido ao longo dos anos, já tem há muito tempo... não sei há exatamente quanto, mas pelo menos há uns quinze anos que têm, que partem de um bom pressuposto que é, são associações que têm uma implementação local, e que fazem esse apoio às pessoas que estão em situação de desemprego, ahn:::..., para a inserção laboral de uma forma muito mais próxima (...)” [TSC1].</p> <p>“O que fazem é aquelas coisas esquisitas, que até são um bocadito embaraçosas, a maior parte das vezes, para as pessoas, que é aquelas chamadas do IEFP, que fazem não sei quantas pessoas diferentes irem, e depois está desde o senhor do Bangladesh, que não fala uma palavra de português... há a pessoa que, que, que que teve vinte e cinco ou trinta anos a trabalhar numa empresa, e depois acabaram por decidir que ela estava mais velha, ou miúdo de dezoito anos que ainda que...” [TSC1].</p> <p>“Muito diferentes, de pessoas que estão em posições, em situações muito diferentes e que, na realidade, nem sequer têm bem as mesmas perguntas para fazer, ou para colocar, que acabam por se sentir até... sei lá, constrangidas nesses... nesses ambientes.” [TSC1].</p> <p>“Depois há também a situação de, de, de algumas pessoas, que nem sequer nunca chegam a essas... a esse...” (...)” esse apoio, nem ao IEFP” (...)” eles são muito criteriosos com quem está a receber apoios, sejam subsídios de desemprego... a maior parte das vezes tem a ver com o RSI, ou, ou outro tipo de... abonos, cabazes, Etecetera.” [TSC1].</p> <p>“Há muitas, há muitas pessoas que passam pelos pingos da chuva” (...)” aqui também temos algumas pessoas que são imigrantes, e a maior parte delas não conhece de todo essas respostas.” [TSC1].</p> <p>“(...) quando as pessoas estão a receber subsídio de desemprego, geralmente o IEFP é muito célere, ou a arranjar ou formação do provia... (...)” [TSC1].</p> <p>“há um abuso completo dos contratos de emprego e inserção, completo! As pessoas estão em situação de desemprego, estão numa situação frágil, então dizem "Ah, não, perde outra coisa se não for trabalhar para o lar das nove às cinco, a receber quinhentos euros- recebem menos do que o salário mínimo- e depois acabam esses contratos de emprego e inserção, vão sair. São trabalhos duríssimos, e que as entidades... eu</p>
--	--	--

		<p>acho que isso é um problema do IIEFP, as entidades têm de ter um... os mínimos de quotas de pessoas a contratar, a seguir a fazerem esses... esses contratos, porque elas não podem estar a viver disso.” [TSC1].</p> <p>“(...) para algumas pessoas, provavelmente é bastante eficaz, especialmente se... se estiver em áreas que são mais depositadas. Ahn:::..., eu imagino que uma pessoa que seja boa... imagina, se... se era uma boa ajudante de cozinha ou uma coisa assim do gênero, muito facilmente consegue arranjar através do IIEFP um trabalho como ajudante de cozinha, porque existem muitas ofertas, e como também há falta no mercado, se uma pessoa trabalhou sempre na agricultura e está disponível e disposta às condições que são oferecidas no trabalho da agricultura, as pessoas arranjam emprego. Há outras áreas que também têm alguma facilidade, especialmente mais ligadas às questões da...de determinadas áreas, tipo engenharia, partes mais económicas, contabilidade, etcetera. Uma pessoa, mesmo não tendo... não sendo uma pessoa que... que não, que na altura que tirou os cursos não era, como é que eu ia dizer, não era... não era usual procurar coisas pela internet, Etcetera, e indo ao Centro de emprego lá explica como é que pode procurar emprego pela internet, como é que pode fazer um currículo e adaptar aquilo que... que são os conhecimentos que têm, ao mercado que existe. Porque existem... existem... existem... existem necessidades de pessoas para a contabilidade, pessoas, pessoas para a parte da engenharia, mesmo que a pessoa tenha cinquenta e cinco anos, ou coisa que o valha, e se calhar quando fez o curso ou quando trabalhou não tinha essas essas... essas ferramentas”. [TSC1].</p> <p>“(...) eles vêm muitas vezes incomodados com isso. Noto que está inquieta, "mas eu... a minha experiência é completamente diferente e estão a mandar fazer isto. Nem olharam para o meu currículo!" E isso cria alguma revolta. E depois em termos de oferta formativa, a oferta formativa que, muitas vezes, repetitiva e que não é ajustada àquilo que é as necessidades do próprio território, mas também sei que isso, às vezes, tem muitas justificações por... e que são válidas.” [TSM1].</p> <p>“(...) há formações, e nós já fizemos grupos de discussões em que o próprio IIEFP nos falou destas questões, e há formações que até se consegue abrir, mas depois não têm candidatos. Portanto, às vezes... às vezes há um outro lado que às vezes também não... não se vê, pronto.” [TSM1].</p>
--	--	---

		<p>“(...) as generalizações são, são perigosas e são injustas. E eu acho que os serviços têm procurado melhorar e evoluir muitos deles em diversas áreas, nesta questão da aproximação às pessoas e do ajustamento. Seria injusto se eu não... se eu não admitisse isso. Claro que eu sinto que, muitas vezes, as pessoas vêm uhn::...depois temos dois lados da mesma moeda: muitas vezes as pessoas vêm já um pouco incrédulas e bem revoltadas, que as coisas não são ajustadas e que estão e que estão fartos. Mesmo os que estão cansados e que... e da pressão e tudo mais, e que não querem fazer formação, e que estão, não é... e que estão fartos de formação, e que só lhe dão formação e que não dão trabalho, pronto... e depois temos, temos alguns vestígios de desempregados que já fizeram um imenso em curso de formação e que... e que isso acaba por contribuir para a diminuição da taxa de desemprego, Mas essas pessoas continuam com a sua situação não resolvida, e muitas vezes chegam " não, mas eu quero, eu quero mesmo É trabalho!" Pronto... Mas depois temos um outro lado das pessoas que já estão, de alguma maneira, já estão habituadas a este sistema, e quando lhes oferecemos algo muito mais personalizado e muito mais ajustado, ficam... não estão à espera, ficam na dúvida, têm alguma resistência. (...)” [TSM1].</p> <p>“Eu sabia que o centro de emprego que faz isso, que é..., mas outra entidade, realmente não, não conhecia.” [PIM3]</p> <p>(...) na altura, como não tinha muito conhecimento, procurou saber junto de alguém como é que funcionava?” [Investigadora] Não, não.” [PIM3]</p> <p>“O Centro de emprego, tem acho que eles até trabalham bem porque eles realmente têm muitas opções de trabalho para oferecer às pessoas. Muitas vezes não mandam é as pessoas ir aos sítios. Ahn:::..., eu digo isto porque na primeira vez que eu estive desempregada, agora que eu me estava a lembrar, eu trabalhava há pouco tempo em restaurante.” [PIM4].</p> <p>“Mandava-me sempre ou para lares que era para tomar conta de idosos.” [PIM4].</p> <p>“(...) Ou seja, eles não selecionam as pessoas que têm que mandar prá, prá oportunidades de trabalho certas.” [PIM4].</p>
--	--	---

		<p>“Ou seja, que eles não têm, não direcionam, tendo em conta o currículo e as habilitações, os conhecimentos que a pessoa traz (...)” [PIM4].</p> <p>“(...) Uma pessoa imagine, uma pessoa que está há dez anos a trabalhar num lar” (...) “Fica desempregada, se calhar o melhor é mandá-la para uma oportunidade de trabalho também, seja no lar ou alguma coisa parecida do que ela costuma fazer.” [PIM4].</p> <p>” (...) eu acho que eles não fazem o perfil da pessoa e ver quais são os trabalhos que têm disponíveis para a pessoa poder ir participar.” (...) “E acho que eles não fazem esse cruzamento de dados.” [PIM4].</p> <p>“(...) sente que esta que a informação que eles disponibilizam em termos do que há em termos de oferta de formações, sente que isto chega às pessoas que estão na situação de desemprego?” [Investigadora] (...) “Se chega às pessoas?” [PIM4]. “Sim.” [Investigadora] “Eu acho que sim.” [PIM4].</p> <p>“Porque realmente a gente, se for ao centro de emprego e procurar até ver o que que há pa trabalho ou pa formações que eles têm disponível (...)” [PIM4].</p> <p>“Não sei se chega muito bem a toda a gente, talvez (...)” [PIM4].</p> <p>“Eu não sei o que isso é, porque não tive.” [PIC1].</p> <p>“(...) nunca me foi proporcionado. Disseram que eu tinha que fazer uma procura ativa de emprego semanalmente, mas nunca me foi proporcionado qualquer tipo de esclarecimento ou de ajuda para como o fazer.” [PIC1].</p> <p>“(...) não houve nenhum tipo de orientação...” [PIC1].</p> <p>“(...) quando me chamaram para ir a uma entrevista de emprego, nem sequer tinha nada a ver com aquilo que eu poderia fazer, me propunha a fazer, ou não fazia sentido...” [PIC1].</p> <p>“(...) por exemplo, chamaram-me para uma IPSS para fazer tudo, dentro do que é a nível de idosos ou de crianças, independentemente da formação que a pessoa tem. E quando cheguei lá disseram-me, como é lógico, que tinha que haver uma formação adequada para cuidados paliativos, ou para lidar com crianças...” [PIC1].</p>
--	--	---

		<p>“(…) não houve esse cuidado.” [PIC1].</p>
Medidas de Emprego	Estratégias de adequação ao mercado de trabalho	<p>“Eu acho que seria, seria, necessário mais, mais divulgação (…) acho que se houvesse um acompanhamento mais... (...). Mais próximo, mais individual, porque, porque, eu acho que esta situação não é só, sei lá. Se temos a lidar com seres humanos nê, temos a lidar com pessoas, não são máquinas que não estão a trabalhar e depois é só aliar, ou seja, eu acho que eu acho que também destas questões que nós estivemos a falar, as questões psicológicas, a maneira como afeta psicologicamente.” [PIC2].</p> <p>"Acho que falta muito essa, essa parte mais individual, porque isto não é só um problema social (...)." [PIC2].</p> <p>“(…) acho que podem ser mais personalizadas, mais ajustadas àquilo que as pessoas precisam, mais ajustadas às pessoas e mais ajustadas ao território, isto é, mais ajustadas... ok, eu agora se ficar desempregada e receber se calhar uma oferta para ir para um supermercado, não faz... não faz muito sentido, não é?! [TSM1].</p> <p>“Mas o que eu acho que é a questão da proximidade com as pessoas, do ajustar àquilo que as pessoas precisam, de personalizar as ofertas, de ter aqui todo... um trabalho mais próximo e personalizado, daquilo que é não só o perfil e o percurso profissional da pessoa, mas também as competências socioprofissionais, que neste momento é um dos grandes desafios (...)" [TSM1].</p>
Medidas de Emprego	Participação na vida social	<p>“(…) as próprias relações acabam por ser diferentes.” [PIM2].</p> <p>“Quem são as tuas relações, é o resto da malta que tá completamente perdida, deprimida, desempregada. E isto depois cria, né, cria uma bolha em que depois tu deprime e depois deprimos os outros e os outros deprimem a ti, e ficas meio analista, porque não há essa esse contexto.” [PIM2].</p> <p>“Eu acho que depende do trabalho, há, há trabalhos pronto, mas idealmente um contexto de trabalho em que realmente que nós gostamos, do que fazemos, sentimos que estamos a criar um impacto positivo na sociedade.” [PIM2].</p> <p>“Temos um objetivo comum de trabalhar para um para um certo objetivo, isso é super importante e alimenta muito a pessoa.” [PIM2].</p>

		<p>“Porque... porque senão lá está as próprias relações depois acabam por ser outras.” [PIM2].</p> <p>“Depende muito, porque há pessoas bastante privilegiadas em termos económicos que, quando ficam desempregadas, ficam com uma... e nós tivemos isto aqui no programa. Pessoas que estavam em situação de desemprego, com uma participação política, pública, académica incrível!” [TS1C].</p> <p>“Porque o facto de estarem desempregadas, a receber um subsídio de desemprego digno, lhes permitia estarem a contribuir de outra forma e a escreverem artigos e a participar em grupos de investigação e a participarem em outras coisas no seu bar, na sua comunidade, várias coisas, essas pessoas que conseguem ter estar desempregadas e receberem um... um rendimento decente durante o seu período de desemprego, acho que não se aplica, sinceramente.” [TS1C].</p> <p>“Claro que há sempre assim um bocado, aquela coisa da vergonha e do estigma. Mas acho que não é assim tanto, especialmente porque geralmente são pessoas que, como já eram muito ativas, as pessoas que eram muito ativas, mantêm-se ativas e continuam a fazer... a fazer muitas coisas e a trabalhar.” [TS1C].</p> <p>“Agora, as pessoas que têm muito pouco rendimentos, depois também condiciona muito se uma pessoa não tem dinheiro para pagar o autocarro ou... ou... ou ir a um sítio e tem de ir almoçar, ou outra coisa qualquer. Tudo isso condiciona muito as pessoas em... e especialmente, aquelas pessoas que estão desempregadas pelas condições - aquelas que são estruturais- porque têm um problema de saúde, porque cuidam de alguém que tem um problema de saúde, etcetera. Essas pessoas estão limitadas mesmo também pela condição.” [TS1C].</p> <p>“(...) Depende (...) os nossos desempregados são pessoas muito ocupadas, muitas delas acabam por se ocupar muito de outras funções, nomeadamente relacionadas com a família, e com a procura de trabalho e tudo mais.” [TSM1].</p> <p>“Muitas vezes também desenvolvem aqui a crença de que, não tendo dinheiro, não têm como como participar.” [TSM1].</p> <p>“(...) a crença de que o facto de não estar a trabalhar é muitas vezes ali um fator de exclusão.” [TSM1].</p>
--	--	---

		<p>“(…) muitas vezes se calhar também é associada à tal vergonha social de... e acaba por também provocar ali uma autoexclusão.” [TSM1].</p> <p>“(…) não é só dos desempregados, porque depois os... quem Trabalha também dizem que não têm tempo, e que não sei o quê, e que já contribuem da sua da sua forma... portanto, as relações são perigosas, porque depois também existem, e também já tivemos aí algumas pessoas que o facto de estarem desempregadas faz com que, de alguma maneira as motive a envolverem-se, a compensar de outra forma.” [TSM1].</p> <p>“Já não participava socialmente desde antes, então não houve ali grande mudança com o meu trabalho, era <i>online</i>. E com a pandemia, essa atividade que eu fazia eh... deixaram de, de existir. Não tinha assim muita participação. Tinha alguns amigos e seguia vê-los. Mas fora disso...” [PIM3].</p> <p>“Acho que não. É se calhar um bocadinho, mas lá está como comecei logo a fazer o curso e etc.” [PIM4].</p> <p>“Já me sentia minimamente proativa.” [PIM4].</p> <p>“Não tava só á espera de receber o desemprego e só, pronto era.” [PIM4].</p> <p>“Qualquer coisa em vista para o futuro.” [PIM4].</p> <p>“O facto na altura estares sem trabalho, consideras que levou a não participar socialmente?” [Investigadora]. ” Eu (aí) não senti diferença...” [PIM4].</p>
--	--	---